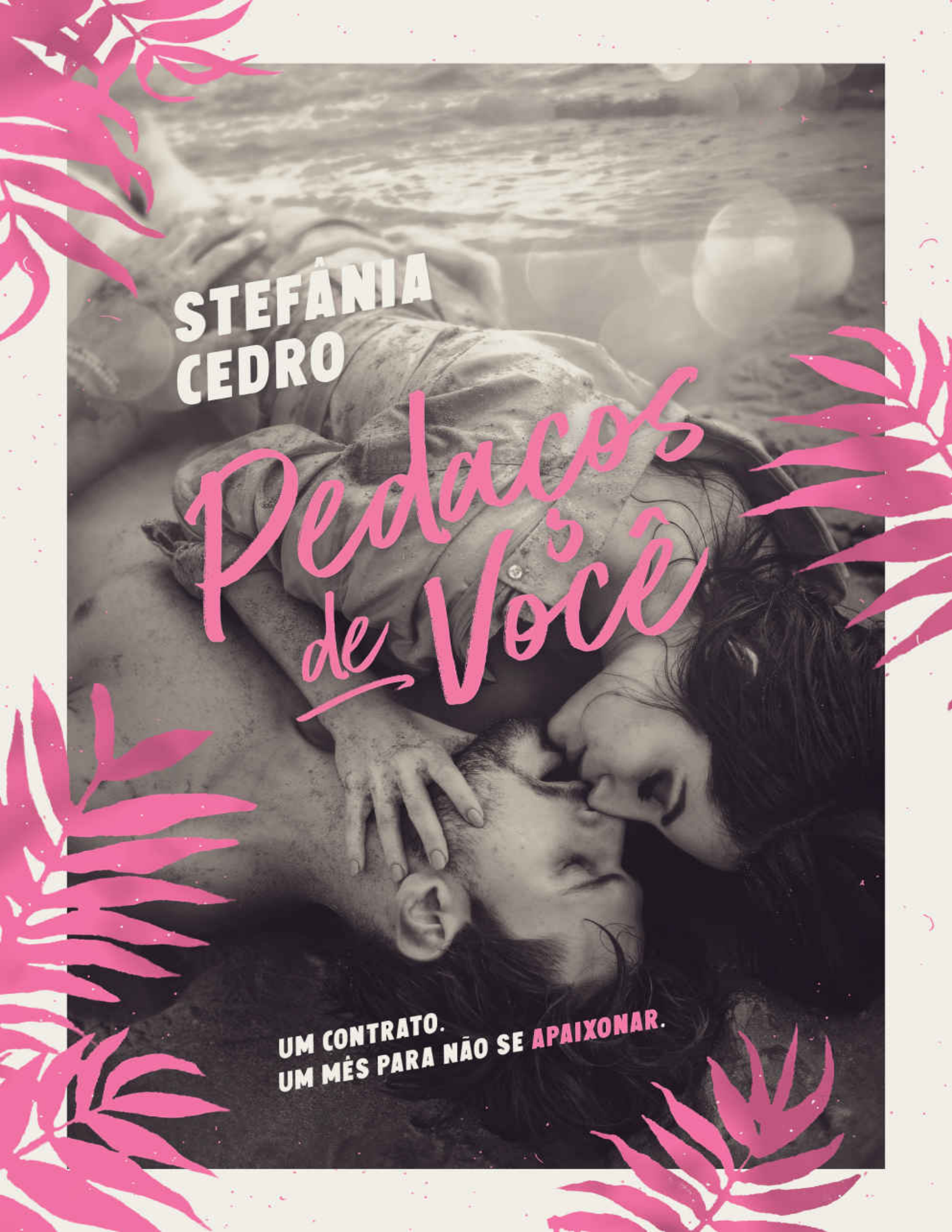




**STEFÂNIA
CEDRO**

Pedacos de Você

**UM CONTRATO.
UM MÊS PARA NÃO SE APAIXONAR.**



Pedaços de você

Copyright © 2022 Stefânia Cedro

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, digitalizada ou distribuída de qualquer forma, seja impressa ou eletrônica, sem autorização.

1ª edição 2022

Capa: Marcus Pallas

Diagramação: April Kroes

Revisão: Cínthia Zagatto

SUMÁRIO

[Sumário](#)

[Nota da autora](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

[Nota da autora](#)

[Agradecimentos](#)

Para meu pai, meus avós e, minha madrinha, tia Dadá
os pedaços que faltam em mim.

NOTA DA AUTORA

Antes de você começar a leitura, preciso te avisar que o livro pode conter alguns gatilhos. Ele não foi escrito com o intuito de ser pesado, mas contém temas sensíveis, como luto, dependência emocional, relacionamento abusivo, abuso sexual e crises de pânico. Apesar de nenhum deles ter descrição gráfica, se em algum momento a leitura se tornar desconfortável, pare imediatamente.

O livro também contém cenas de sexo, então fique atento à idade indicativa.

Por fim, obrigada por ter escolhido meu livro. Espero que se apaixone e se divirta tanto quanto eu fiz enquanto escrevia estas páginas.



CAPÍTULO 1

Isabella

Olhei do endereço, anotado em um pedaço de papel toalha rasgado, para a casa estonteante à minha frente. Já havia trabalhado para algumas pessoas que eu considerava ricas, mas poderia apostar todo o dinheiro que tinha na carteira — um total de três e noventa, do troco do táxi — que, comparadas com quem eu estava prestes a ver, eram todas tão pobres quanto eu.

A agência havia falado que o novo cliente pedira especialmente por mim, depois de uma recomendação. Tinha estranhado me mandarem ir de táxi, exigência inédita em três anos de trabalho, mas não iria reclamar de trocar um ônibus lotado, no calor escaldante de quase quarenta graus, pelo conforto do ar-condicionado. Quando o carro parou em frente ao endereço, o mistério começou a fazer um pouco mais de sentido.

Do local em que eu estava, não era possível ver muita coisa; o imponente portão de ferro preto cumpria bem a função de esconder o que havia atrás dele. Porém, uma entrada como aquela, somada aos muros gigantescos de pedra, que pareciam se estender para além do alcance da visão, e às palmeiras com

suas copas aparentes acima de tudo, era indicativo suficiente da grandiosidade do que estava guardado. Prova disso era a guarita na entrada, sendo que um interfone poderia servir muito bem. A não ser que fosse algum tipo de condomínio.

Caminhei até o homem sentado dentro da cabine e falei que estavam esperando por mim, exatamente como fora instruída a fazer — que não comunicasse a ninguém, além da pessoa que iria me entrevistar, que eu era babá.

Tudo isso era novo para mim e, a princípio, achei bem bizarro. Pensei, inclusive, em recusar diante da falta de informações, mas outras garotas me tranquilizaram no nosso grupo do *WhatsApp*. Algumas já haviam passado por contratos parecidos; uma delas até trabalhara para alguns famosos e não podia nem contar os nomes. A possibilidade me deixara mais tranquila e um pouco eufórica também.

E se fosse alguém de que eu gostasse? Alguém de que era fã? Poderia desmaiar na frente da pessoa, nesse caso. Não tinha emocional para esse tipo de coisa, mas era uma pena saber que Arthur Martino não tinha filhos — adoraria admirar pessoalmente aquele pedaço de paraíso cantando “*Não faz assim, menina*” no meu ouvido. Talvez abrisse mão dos princípios de nunca me envolver com clientes.

Era ilusão demais achar que alguém famoso no nível dele poderia morar ou ter uma casa na cidade, mas não deixaria a esperança morrer.

O vigia me fez perguntas e pediu que confirmasse alguns dados, para ter certeza de quem eu era. Explicou que era um procedimento padrão, para garantir que não era nenhuma repórter com informação vazada — o que fez

meus pensamentos, mais uma vez, entrarem em combustão. Quem era a pessoa que aparentemente tinha muita grana e cuja vida interessava tanto para a mídia, a ponto de alguém fazer loucuras que pudessem o levar à cadeia?

— Seja bem-vinda, Srta. Isabella — falou. O grande portão fez um ruído ao começar a abrir, cada aba para um lado. — Sandro vai te conduzir até lá.

Um homem com um grande bigode branco e um sorriso simpático, bem a cara do bom velhinho, estava sentado dentro de um carrinho de golfe, daqueles que eu só vira antes na televisão. Ele estava parado no início de um longo caminho de pedras, cercado pelo gramado tão verde que, por um momento, achei ser artificial. Parecia mais a entrada de algum resort do que de uma casa.

Para mim, que mal conseguia pagar metade dos setecentos reais do aluguel de uma quitinete de quarenta metros quadrados, era impensável o valor daquele imóvel.

Sandro me ajudou a sentar no banco do meio do carrinho, tão grande que acomodava seis assentos, sendo dois deles na parte de trás, virados de costas para mim. O estofado era tão branco que poderia jurar que ninguém nunca se sentara ali ou que, pelo menos, uma pessoa estava sendo paga exclusivamente para fazer a limpeza a cada ida e vinda pela propriedade.

O sol estava bem quente, então era um alívio saber que não precisaria caminhar todo o trecho até a casa — além de ter um breve momento de riqueza, aproveitando as pequenas coisas que eu poderia nunca mais ter a oportunidade de fazer na vida, como me sentir uma artista sendo conduzida pelos sets de filmagem em Hollywood. Nem se trabalhasse vinte e quatro horas por dia, algo assim estaria ao meu alcance; ao menos, não como babá. Talvez, se um dia fosse aceita para participar do BBB e conseguisse levar o prêmio, pudesse

acontecer. Ou, quem sabe, se uma das minhas histórias estourasse e eu ficasse milionária.

A casa era quase toda de vidro, o que explicava o porquê dos muros altos; sem eles, os moradores não teriam privacidade alguma nos cômodos da frente, onde era possível ver tudo. Era a casa dos meus sonhos! Na verdade, passou a ser no momento em que coloquei os olhos nela, porque era tão fora da minha realidade que nunca sequer imaginara algo assim.

Parei em frente à porta de madeira, que devia ter três vezes o meu tamanho, e toquei a campainha, como Sandro aconselhou. O toque ecoou alto; um som normal de interfone não chegaria nem na metade da construção.

A porta deslizou sem fazer nenhum barulho, nada de dobradiças rangendo. Um homem muito bonito apareceu do outro lado, à entrada, coisa que eu não deveria reparar em alguém que poderia ser meu futuro patrão, mas era um tipo de beleza gritante. Não tinha como não notar aquele sorriso que era capaz de refletir o próprio sol. Pelo menos, não era ninguém conhecido.

O ar-condicionado me recebeu assim que entrei, e tudo em que consegui pensar foi o valor da conta de luz para climatizar uma casa tão grande. As pessoas normais costumavam refrigerar um cômodo, como um quarto, um escritório, mas uma casa inteira? Era um absurdo de desperdício. Ainda mais quando o homem adiante era a única pessoa à vista.

— Oi, sou Isabella — falei e estendi a mão para ele, tentando me livrar dos pensamentos sobre sua beleza e o valor de tudo aquilo.

Essa mania de pensar sempre em números e gastos, mesmo quando não precisava, era irritante.

Ele apertou minha mão e me analisou de cima a baixo. Questionei-me sobre a roupa escolhida: a saia que tinha ganhado de uma antiga patroa exigira alguns ajustes, mas o resultado havia ficado bom, e a única blusa social que tinha e guardava para entrevistas. Ela sempre me parecera perfeita, mas, sendo alvo do olhar do homem impecavelmente vestido, parecia gritar “velharia”. No mesmo instante, senti que deveria ter me esforçado mais, porém não era como se tivesse uma variedade de roupas à disposição. Me virava com o que dava.

— Henrique — falou ao soltar minha mão. — Sou o advogado da família. Vamos conversar primeiro, pra que eu possa analisar se você possui os requisitos que eles precisam.

Concordei com a cabeça e sorri, aliviada ao saber que ele não seria meu patrão. Após acabar de ler um livro com o clichê da babá e o pai gostoso da criança, ficar fantasiando sobre o tema era a última coisa de que eu precisava. E, convenhamos, histórias assim só davam certo na ficção.

Henrique me conduziu até o escritório, logo ao lado da porta de entrada, o que frustrou minha curiosidade de ver os móveis e todos os detalhes da casa mais de perto; porém se tudo desse certo, e tinha que dar, eu teria muito tempo para fuxicar cada canto ao ser contratada.

A casa era aberta, com poucas divisões entre os cômodos, e, apesar de ser maravilhosa, só conseguia pensar no trabalho que devia dar para manter tudo brilhando como estava. Era função diária para mais de uma pessoa; ninguém daria conta de tudo sozinho. Se eu e minha tia sofríamos com nossa quitinete, imaginava como seria em uma casa com mais de dez vezes o tamanho dela.

Sentei-me numa das cadeiras à frente da mesa, e ele se acomodou do outro lado, retirando alguns papéis de uma das gavetas.

Já fizera várias entrevistas de emprego e algumas bem medonhas, como com um homem de mais de trinta anos que queria uma babá porque gostava de se fingir de bebê. O pagamento era bem gordo, mas, entre as tarefas, havia coisas como trocar fraldas, e a ideia de limpar bunda de homem enquanto olhava o negócio mole dele no meio das pernas me dava vontade de vomitar. Nada contra quem curtia, mas nenhum dinheiro seria o suficiente para mim. Depois disso, sempre carregava a certeza de que nada superaria tamanha esquisitice, mas talvez estivesse sendo otimista demais.

O advogado fez diversas perguntas sobre meus trabalhos anteriores e a disponibilidade para viajar com a criança, caso fosse necessário — o que me deixou muito animada. Eu nunca tinha saído da cidade, ou, melhor, da região, porque não contava as idas às cidades vizinhas como viagem.

Foi quase uma hora de conversa, abordando cada detalhe da minha vida, inclusive a parte amorosa, que era quase inexistente — não por falta de vontade ou tentativa. Eu procurava, testara *Tinder*, *Bumble*, *Badoo*, *Happn*, *OkCupid*, balada, igreja e todos os outros recursos de que já ouvira falar; até em encontro duplo tinha aceitado sair com uma colega, mas o *match* nunca fechava e eu sempre terminava a noite frustrada.

Às vezes, pensava se talvez devesse aceitar os conselhos de Alice, minha prima, e parar de ler romances que me faziam criar expectativas irreais de relacionamentos. Porém sempre caía no dilema de preferir ficar com os livros a aceitar um namoro meia-boca com homens que não me deixavam satisfeita.

— Você se encaixa no que precisamos, Isabella — disse Henrique e colocou uma folha na minha frente. — Antes de te passar para a segunda entrevista, preciso que assine esse termo de confidencialidade, mesmo que não fique com a vaga. Pode ler, se quiser. Vou te dar alguns minutos de privacidade.

Não hesitei em pegar o papel, mesmo o advogado dizendo que era apenas um termo de confidencialidade. Não iria me enganar por todo o luxo; vai que ali estivesse escrito que permitiria que ele fizesse coisas horríveis comigo e não poderia processá-lo. Não dava para confiar. Depois de Christian Grey e o cara que queria ser bebê, não tinha como não desconfiar dos fetiches daqueles ricos. Eles podiam fazer o que quisessem, eu só não queria estar envolvida.

Para a minha felicidade, o contrato não parecia ter nada que eu não estivesse disposta a fazer. Só não poderia falar sobre o que fora conversado ali, ou com quem. E, bom, para mim isso seria indiferente. Ninguém que eu conhecia sabia quem era Henrique, e aquela nem entraria no top de entrevistas bizarras para valer a menção.

Estava assinando o termo quando o advogado retornou ao escritório, pediu que eu o acompanhasse e me levou para a escada que dava no segundo andar. A área tinha mais divisões do que a parte de baixo: uma sala e um longo corredor, cheio de portas, onde eu achava que deviam ficar os quartos. No entanto, ele me levou para uma porta dupla, à direita, e deu duas batidas.

Meu peito palpitou com a ansiedade de descobrir quem era o homem que precisava de tanta discrição. Não entendia por que estava tão nervosa; era só uma entrevista, como qualquer outra, e o fato de o cara ter muito mais dinheiro do que qualquer um que eu conhecesse não mudava nada. Ou, pelo menos, era disso que tentava me convencer.

A agência colocara ênfase no “cliente importante” e no “não o decepcione se quiser manter seu emprego”, então saber que meu trabalho dependia do que aconteceria ali me deixava um pouco mais nervosa do que o normal. Lembrava bem como era difícil conseguir bons clientes por conta própria e não queria ser obrigada a sorrir e agradecer para pais sem noção, que viravam a noite fora, sendo que o combinado era apenas até as dez. Claro que eu tinha a opção de sair no horário certo, mas quem em sã consciência abandonaria uma criança sozinha?

Coloquei um sorriso no rosto quando a porta começou a se mover, e, precisava confessar, foi um pouco decepcionante não encontrar nenhuma familiaridade no rosto do cliente. Tive que me conter para não deixar o sorriso vacilar.

Vinha rezando para que não fosse ninguém de que eu era fã, mas, lá no fundinho, minha fanfiqueira interior já planejava o romance proibido entre um galã da Globo e sua nova babá — mesmo sabendo que toda história aconteceria só na minha cabeça, embora nunca tivesse tido um patrão que mexesse com minha imaginação e colocasse minha palavra à prova. E, pelo que tudo indicava, continuaria sem ter, porque eu estava longe de me sentir atraída por homens com estilo idade da pedra e uns vinte anos a mais do que eu.

— Sou Isabella, é um prazer te conhecer — falei, estendendo a mão gelada, mesmo com o calor que fazia do lado de fora.

Ele me observou de volta, parecendo mais cansado do que deveria estar para o horário. Eu não duvidaria se me falassem que estivera dormindo até dois

minutos atrás. As olheiras eram gigantes — ou era o que eu achava, já que tanta barba e cabelo me impediam de enxergar seu rosto direito.

— É um prazer — respondeu e envolveu a mão grande e quente em torno da minha.

Não falou mais nada. Não se apresentou, não me disse seu nome.

Será que ele achava que Henrique havia me falado? E, se fosse o caso, será que eu deveria perguntar?

Ele me deu passagem para entrar no escritório, e tudo que consegui pensar ao colocar os pés lá dentro foi “uau”. Não existia uma palavra que contemplasse com exatidão a beleza do cômodo. Sempre pensei não ser o tipo de pessoa que conseguiria trabalhar trancada dentro de uma sala o dia inteiro, mas naquela eu poderia até morar e não teria nenhum problema se não precisasse sair para fazer nada.

Assim como no escritório de Henrique, as paredes de vidro deixavam uma verdadeira pintura como vista, só que ainda mais bonita. No lugar do proprietário, também escolheria o cômodo para passar a maior parte do dia. Era difícil desviar os olhos. O restante do ambiente era decorado com móveis de madeira e bambu, a exemplo de toda a casa. Apostava que, se alguém visse uma foto do lugar, chutaria que fazia parte de algum spa.

Acomodei-me na poltrona de frente para a mesa, e o homem se sentou na cadeira do outro lado.

— Então, Isabella, como Henrique falou com você, estou precisando de uma babá com disponibilidade para fazer uma viagem. Ficaremos um mês fora. Você tem algum problema com isso?

Seu sotaque era diferente. O som da letra “s” saiu chiado e menos arrastado que o dos mineiros. Se fosse para adivinhar, chutaria que era carioca. Alice costumava dizer que o sotaque deles fazia com que parecessem marrentos, e achei que ela tinha um pouco de razão.

— Eu não sabia que seria tanto tempo. — Minha voz saiu um pouco mais desanimada do que gostaria. Não tinha como eu ficar fora por todo aquele período, não com minha tia na situação em que estava. Um final de semana ou até mais alguns dias, eu poderia dar um jeito, mas um mês era muito, muito mais do que um favor a pedir para qualquer pessoa.

Ele não respondeu, desviou a atenção para o computador por alguns segundos. Eu achava um máximo a velocidade com que as pessoas conseguiam digitar. Nunca havia tido um computador e, nas poucas vezes que precisava usar a *LAN house*, fosse para atualizar o currículo ou fazer os antigos trabalhos da escola, levava uma hora por linha redigida. Não entendia por que os teclados não eram feitos na ordem alfabética — seria muito mais fácil encontrar as letras do que naquela confusão sem sentido.

— A agência me passou que você cobra cem reais pela diária dos seus serviços, estou certo? — perguntou, ainda olhando para a tela do computador.

Concordei com a cabeça, pouco antes de perceber que ele não estava me vendo para notar o sinal. Confirmei também em voz alta.

— Se você concordar com isso, estou disposto a pagar dez vezes esse valor.

Não era boa em matemática, mas na tabuada do dez me garantia o suficiente para entender a quantia que ele estava me oferecendo para cuidar do filho dele, enquanto ainda me levava para viajar. Por alguns segundos, me

questionei se não era ele quem tinha problemas com cálculos, porque não podia estar certo.

— Você quer me pagar mil reais por dia?

Devia ser alguma pegadinha. Sabia bem que os ricos eram muito mais mãos de vaca do que os pobres. Ele não me ofereceria tanto dinheiro, sabendo que eu poderia ter aceitado cem. Se bem que, por mil, eu poderia até repensar o quesito “tempo fora” e pagar alguém para ficar com minha tia.

— Quero te pagar mil reais para que vá comigo e com meu filho para uma ilha paradisíaca no litoral de Angra dos Reis. Sempre vamos para lá nas férias, mas esse ano tenho alguns assuntos para resolver e preciso de alguém para ficar com ele enquanto trabalho.

Meu cérebro tinha dado bug na parte da ilha paradisíaca. Praia, qualquer uma delas, estava no topo da lista dos cinco lugares que gostaria de conhecer antes de morrer — sonho de mineira que nunca havia visto o mar. Meu coração assinaria o contrato até com sangue, mas minha cabeça sabia desde muito antes o quanto podia ser estúpido agir pela emoção. Principalmente quando uma proposta parecia boa demais para ser verdade.

Será que o filho dele era tão insuportável a ponto de precisar de uma oferta tão generosa? Nunca havia cuidado de nenhuma criança assim, mas algumas colegas relatavam problemas parecidos. Eu não estava lá para ser a Supernanny e educar filho para os outros.

— É só isso? — perguntei sem disfarçar a incredulidade. — Você vai me pagar mil reais por dia, para cuidar do seu filho por um mês nessa ilha? Por que eu sinto que está faltando alguma informação nessa oferta?

Ele coçou a barba, que parecia não ver uma lâmina de barbear ou mesmo uma tesoura havia bastante tempo. Não era o tipo grande e bem cuidada, daquelas que os homens passavam anos cultivando. Era simplesmente desleixada, o que não condizia com toda a aparência dele — em especial com o terno, que eu poderia apostar meu dedo mindinho que fora feito sob medida e não existia nenhum outro igual no mundo.

— Você está certa, Isabella — respondeu e girou a aliança dourada no dedo da mão direita. — Tem mais uma coisa.

Claro que sim. Não faria sentido tanto dinheiro se não tivesse mais um termo para mostrar que não valia a pena. E eu não estava nem um pouco ansiosa para descobrir, pois não queria recusar a oferta.

Antes que falasse mais, uma criança saiu correndo pelo jardim, com boias nos braços, e pulou na piscina. Uma mulher mais velha, talvez a avó, corria atrás do menino, falando algo que eu não conseguia ouvir de lá.

— É o seu filho? — perguntei, querendo enrolar um pouco até me preparar para a verdade.

O homem olhou para trás, mostrando o primeiro sorriso desde que eu chegara, e concordou.

— Ele é lindo.

— Puxou a mãe, não tem nada meu ali.

Estava longe demais para falar se realmente não se parecia em nada com ele, mas o tempo para jogar conversa fora havia passado. Precisava descobrir o restante da proposta.

— O que mais eu teria que fazer nesse trabalho?

O semblante dele voltou a ficar sério quando desviei sua atenção do filho dando braçadas na água.

— Desde que Thomas nasceu, eu e a mãe dele concordamos que nunca contrataríamos alguém para cuidar dele. Eu cresci com babás e não queria que meu filho tivesse comigo a relação que tive com meu pai.

Concordei com a cabeça, sem entender ainda aonde ele queria chegar. Conhecia bem aquele tipo de situação, que não era só horrível para as crianças, mas também para as babás, que acabavam se apegando demais para depois ter que ir embora fingindo que fora só mais um trabalho.

— E, bom, por conta de toda essa história, minha família não aceita que eu contrate alguém para cuidar dele.

— Entendi — falei, mesmo sendo mentira. Não fazia sentido.

Família antibabás? Talvez fosse um bom tema para o próximo livro. O romance proibido entre o CEO e sua babá secreta. Não, isso não ficou bom. A babá secreta é do filho, e não dele. Será que ele era um CEO?

Foco, Isabella!

Ele se ajeitou na cadeira, olhando-me com toda a intensidade dos seus olhos castanhos.

— Por isso, eu precisaria que você fingisse estar envolvida comigo durante essa viagem.

— Como é? — Aproximei-me mais da mesa, pois tinha certeza de que havia entendido errado.

— Você só precisaria comparecer comigo a algumas confraternizações.

A resposta veio tão rápido à minha boca, que nem tive tempo de pensar antes de falar. Estava possessa. Ele podia ter dinheiro, mas não significava que

poderia comprar o que quisesse. Eu não estava à venda, não importava o quanto estivesse disposto a oferecer.

— Eu sou uma babá, não uma puta — quase gritei, batendo forte a mão na mesa. — Você ligou para o serviço errado. Sua mulher está de acordo com isso? Ela fica tão feliz em sair por aí gastando seu dinheiro, enquanto você paga alguém para ser sua companhia numa viagem? Por que ela não vai com você e cuida do menino?

Levantei-me da cadeira, querendo fugir dali e nunca mais ver a cara daquele sujeito. Estava quase na porta, quando veio a resposta:

— Eu daria toda a fortuna que tenho se isso a trouxesse de volta para ir comigo.

Ah, droga! Era a minha cara dar uma manota assim, mas não era como se ele pudesse me culpar, quando ainda usava uma aliança no dedo. Porém devia ser porque ainda não estava pronto para seguir em frente, e eu acabara de jogar em sua cara algo que com certeza ainda doía.

Parei de costas para ele e olhei para o chão. Por que não podia ter sido só mais uma entrevista normal, com uma proposta de emprego normal, com um contrato normal, sem termos absurdos? Por quê?

Estava quase certa de que havia acabado de assinar minha demissão da agência, mas, apesar de ainda estar revoltada com a condição, fiquei com pena dele. Eu era mole demais e não conseguiria virar as costas sem pedir desculpas.

— Sinto muito — falei e virei para ele, com medo do olhar que encontraria. — Não tinha como eu saber. Ninguém me deu essa informação, e você está com a aliança no dedo. Se puder esquecer tudo que falei, ficarei muito grata.

Ele não parecia ofendido ou abalado, como achei que estaria. Seu olhar continuava o mesmo, apático — o que não fazia sentido, pois poderia jurar que as olheiras fundas e todo o desleixo na aparência eram frutos da perda.

— Só pense na minha proposta, Isabella. Eu não posso pedir isso para qualquer pessoa que eu não saiba como vai cuidar do meu filho. Uma babá, que já sabe lidar com crianças, é a escolha perfeita — falou, andando até a parte da frente da grande mesa do escritório, onde apoiou o quadril. — Prometo que nossa relação será profissional, e ninguém nunca precisará saber desse acordo. O que irei te pagar vai diretamente para você, não terá o desconto da agência. Eu que peço desculpas se falei da forma errada e a fiz pensar que precisaria ter algum envolvimento íntimo comigo.

Neguei com a cabeça, embora um pouco menos irritada.

— Eu não sou a babá que você procura... Aliás, você não me falou seu nome.

Ele arqueou uma sobrancelha e cruzou os braços em frente ao peito.

— Talvez eu te conte, depois que você aceitar o trabalho. Não posso correr o risco de ter meu nome nos tabloides.

Eu nem sabia o que aquela palavra significava, mas poderia jurar que tinha algo a ver com fofocas.

Era o tipo de problema que gostaria de ter: pessoas me *stalkeando* para saber mais sobre mim, enquanto eu estivesse me lixando para elas e gastando todo meu dinheiro em Kinder Ovo. O máximo que alguém encontraria, hoje em dia, seriam minhas fotos de péssima qualidade no Instagram.

— Eu assinei um termo de confidencialidade.

— Sim, mas isso não impede ninguém de espalhar um boato.

Pelo que parecia, ele me achava mesmo alguém horrível.

— Não sou esse tipo de pessoa. E, mesmo se fosse, o valor da multa não está nem perto do que eu poderia pagar para não ser presa, se é que isso leva alguém para a prisão.

A questão me deixou curiosa. Precisaria pesquisar na internet depois e torcer para encontrar a resposta. Não era como se pudesse ligar para minha advogada particular. Não tinha um Henrique para chamar de meu.

Ele não respondeu, apenas pegou um papel retangular sobre a mesa e caminhou até mim.

— Esse é o número em que você deve ligar para vir assinar o contrato, depois que pensar melhor — falou e me estendeu o cartão de visitas.

— Eu não vou aceitar — respondi, mas peguei o que ele me oferecia.

— Tudo bem, pode jogar fora quando chegar em casa.

O cartão preto tinha apenas um número em alto relevo, mais nada, nem mesmo seu nome. Ele não estava blefando sobre não querer que eu soubesse quem era.

Ao que abri a porta do escritório, Henrique já estava lá, à minha espera, para me levar embora. Em vez de ser conduzida até o táxi, fui levada em casa por Sandro, o motorista particular com cara de Papai Noel.

Tentei sondá-lo sobre o nome do patrão, sem que ele percebesse que era isso que eu queria, mas, pelo que parecia, os funcionários estavam muito bem treinados.



CAPÍTULO 2

Isabella

Escutei a voz da mulher do Google assim que coloquei a chave na porta de casa. Estava ensinando minha tia a ler, mas, como ela não tinha muita paciência, roubava ao copiar as palavras no tradutor on-line para que ele reproduzisse para ela, em vez de se esforçar. A mulher podia não ter estudos, mas era mais esperta do que muita gente metida a intelectual que eu conhecia.

Fechei a porta atrás de mim e ouvi a voz robótica narrar uma frase que eu conhecia bem, pois tinha escrito pouco antes de sair de casa.

— Ele leva minhas mãos até a protuberância em sua calça e sussurra em meu ouvido: “Consegue sentir isso aqui? É o que você faz comigo”.

Corri até minha tia e arranquei de suas mãos a caderneta onde anotava cenas das histórias que publicava. Eu ainda não estava nem um pouco satisfeita com aquela e com a palavra “protuberância”, mas nem mesmo no papel eu conseguia nomear o órgão masculino sem sentir uma vergonha alheia me consumir.

Não que eu tivesse vergonha do órgão, mas, sim, dos nomes que conhecia e nunca pareciam bons o suficiente a ponto de me dar tesão em vez de uma crise de risos.

Tia Raquel olhou para mim e apontou para o caderno.

— Então é isso que você passa a noite inteira escrevendo?

— Claro que não, tia. Isso aqui é de uma amiga.

— Às vezes eu me pergunto se cé acha que eu nasci ontem. — Levantou da cadeira com um pouco de dificuldade e levou a mão às costas. — Já te vi escrevendo nesse caderno, Isabella.

Claro que ela já tinha visto. Eu passava a noite inteira pendurada naquilo, mas por sorte havia ganhado vários cadernos como aquele de uma antiga patroa, que estava se livrando dos brindes feitos para um evento.

— Eu tenho um igual a esse, tia — falei e tirei outro do meio das minhas coisas. — É de uma colega do trabalho que quer se tornar escritora, mas a família dela não aceita.

Guardei o caderno de rascunhos junto com o segundo, dentro da bolsa, de onde ele não sairia mais.

— Claro que não aceita, é o próprio pecado em palavras — falou. — Devolve isso para ela. Não quero esse tipo de coisa aqui em casa, não quero você lendo essas besteiras.

Concordei, imaginando como seria se ela encontrasse o aplicativo do Kindle no meu celular ou visse os livros que deixava escondidos no apartamento da Alice. Minha prima sempre ria, dizendo que nossa tia parecia uma senhorinha nascida no século passado, e não uma mulher na flor dos seus quarenta e seis anos, quando falava aquelas coisas.

Tia Raquel havia me criado nas regras firmes da igreja e, sempre que podia, me fazia jurar que só entregaria minha virgindade ao homem que promettesse me amar para o resto da vida. Claro que essa promessa teria que ser feita diante de Deus e de toda a comunidade, que compareceria só pelo rango depois.

Eu não poderia dizer que não entendia sua insistência. Minha mãe havia engravidado fora do casamento, de um homem desconhecido, e morrido durante o parto. A irmã dela, que nada tinha a ver com a situação, ainda arcava com as consequências. Apesar de deixar claro que eu era o maior presente de sua vida, com certeza não queria outro presente como esse.

Graças a tudo isso, o maior temor da minha vida era engravidar. Pirava com qualquer menstruação atrasada, pensando se tinha sentado em algum vaso sanitário público sem perceber e um espermatozoide voara para dentro da minha vagina. Eu sabia que isso era impossível, mas ouvir alguém falando como se engravidar fosse a coisa mais fácil do mundo, mesmo quando eu não era sexualmente ativa, me deixava nervosa.

Talvez esse fosse um dos motivos por eu ainda ser virgem, porém já não era tão mal informada quanto costumava ser quando mais nova. Entendia mais sobre o meu corpo desde que me consultara às escondidas com a ginecologista, depois do primeiro surto.

Tia Raquel não pareceu estar muito convencida, mas acabou deixando para lá quando sentamos para estudar um pouco. Todas as noites, dava aulas para ela da melhor maneira que conseguia. Eu mesma não tinha terminado os estudos, mas escrever era algo que fazia bem. Sabendo que ler sempre fora o

sonho dela, ensiná-la era o mínimo que podia fazer para agradecer por tudo que já fizera por mim.



CAPÍTULO 3

Isabella

Eu não havia sido demitida, mas também não conseguia serviços desde que recusara a oferta. A agência me repreendera e não estava nem um pouco feliz comigo, principalmente porque a primeira recusa em todos os anos de trabalho tinha que ser logo com o único cliente que pediram para que eu aceitasse. Talvez entendessem se soubessem o teor da proposta, mas eu não podia falar sobre o assunto, graças à assinatura dos malditos papéis de confidencialidade.

Estava feliz por não ter sido mandada embora, mas a falta de contratos me deixava preocupada. Não era como se eu tivesse uma poupança para me sustentar enquanto o trabalho não aparecia. Fazia alguns outros bicos quando estava de folga, mas aquele era o meu ganha-pão principal. Em momentos assim, repensava se valia a pena continuar em uma agência, mas, no fim das contas, independente dos apertos que passava com eles, ainda era menos pior do que os problemas de ser babá autônoma — pelo menos a minha experiência não fora nada boa.

Naquela sexta, trabalharia de garçomete num jantar servido pelo bufê em que Alice era auxiliar de cozinha. Ela era uma deusa dos alimentos, e eu ousava dizer que cozinhasse melhor do que a chefe de cozinha. Tudo que fazia era como um pedaço do céu derretendo na boca. Eu torcia para que um dia conseguisse fazer a faculdade de gastronomia e ganhasse o mundo com comidas maravilhosas. Ela merecia aquilo mais do que qualquer pessoa e tinha chegado tão perto! Não fosse o traste do pai de sua filha, já poderia estar se formando.

O trabalho era um pouco chato, mas, por cento e cinquenta reais, eu o faria até pelada se fosse preciso. Tudo bem, talvez não, porém era um trabalho fácil, relativamente rápido e que pagava mais do que cuidar de crianças. Só não era melhor do que os quatro dígitos oferecidos pelo milionário, mas eu teria que conviver com minha decisão.

A celebração da noite era pelo aniversário de alguém bem importante, de acordo com as instruções da organizadora, mas eu nunca tinha visto a pessoa na vida. Em uma rápida pesquisa no Instagram, encontrei a conta com alguns milhares de seguidores onde ela compartilhava a vida com o marido. Assisti a alguns vídeos, depois de terminar tudo que precisava fazer, e achei que pareciam um casal que se completava. Perfis como aquele me faziam ter vontade de namorar, mas só de pensar em ter que responder alguém, todos os dias, no *WhatsApp* já me dava preguiça.

A organizadora falou que os convidados estavam chegando, e me posicionei ao lado do outro garçom enquanto uma moça servia taças de champanhe para que distribuíssemos. A garrafa era bonita, com detalhes dourados em relevo — nada parecida com a sidra de maçã-verde que

estourávamos lá em casa, nas viradas de ano, e que também era o mais próximo que eu já chegara de bebidas do tipo.

— É meu aniversário, ele não faria isso comigo — falou uma mulher, após aceitar a taça que ofereci. — Eu entendo que ele não queira frequentar eventos, apesar de achar que já está mais do que na hora de superar esse luto. Um ano sofrendo por aquela vaca.

Era bizarra a forma com que as pessoas queriam colocar prazo para a superação da dor do outro. Tive que morder a língua para não defender um rapaz que eu nem conhecia. A vida de alguém que adorava tagarelar o que pensava sobre tudo era uma desgraça naquele tipo de serviço, em que precisávamos fingir ser robôs que nem sequer escutavam.

— Se ele te ouvisse falando isso, aí que não viria mesmo — rebateu o homem, que pegou a segunda taça na bandeja sem dizer um mísero “obrigado”. — Marina não era uma pessoa ruim só porque vocês duas não se davam bem.

A mulher lançou um olhar ferrenho ao marido, que levantou a mão livre em sinal de rendição. E, como se estivesse sentindo que sua presença era requisitada, o último convidado foi anunciado pelo porteiro do prédio, logo depois.

Voltei até a cozinha, para pegar champanhe para o recém-chegado, enquanto o outro garçom ia em busca dos petiscos, ou fosse lá o nome que davam para aquelas torradinhas e pães com mais opções de pastas e cremes do que existia em um supermercado.

Ao que voltei à sala, o colega tão aguardado estava de costas para mim, cumprimentando os demais.

— Aceita uma taça de champanhe? — perguntei e, quando ele se virou em minha direção, tive que segurar firme a bandeja para não a deixar cair.

Era ele, o cara da proposta que havia atormentado meus pensamentos na última semana. A barba e o cabelo pareciam um pouco mais organizados, mas ainda precisavam de um corte urgente. Não era possível que, com todo aquele dinheiro, não tivesse como pagar um barbeiro para resolver a situação. Eu nunca entenderia a excentricidade de quem nadava em dinheiro.

Não morava em uma cidade grande, onde era quase impossível encontrar com algum conhecido na rua, sem intenção, mas nunca havia visto aquele homem em todos os meus vinte e dois anos de vida. Qual era a probabilidade de ir trabalhar exatamente em uma festa em que ele estaria? Será que era o destino querendo falar algo para mim?

Fechei os olhos e respirei fundo na tentativa de me livrar dos pensamentos. Não era nenhum destino querendo me passar qualquer mensagem subliminar de que deveria aceitar a oferta, era só uma infeliz coincidência ferrando com a minha vida.

Ele olhou para mim por um breve segundo, antes de pegar a taça na bandeja, agradecer e voltar-se para os amigos. Não pestanejou nem mesmo um milímetro. Não houve um pingo de reconhecimento em sua expressão.

Eu estava bem maquiada e com o cabelo preso em um coque, diferente da aparência do outro dia, mas não estava tão mudada a ponto de não ser reconhecida. Porém, levando em conta que ele devia ter entrevistado outras milhares de babás, não era de se estranhar que não se lembrasse da minha cara.

Queria poder dizer que era um alívio não ser reconhecida, mas, se admitisse a verdade, lá no fundo estava um pouco revoltada por ele não se lembrar de mim. Como alguém tinha coragem de fazer uma proposta absurda a outra pessoa e esquecer a cara dela na semana seguinte? A não ser que aquele tipo de coisa rolasse normalmente no mundo dele. Se fosse o caso, eu deveria ficar feliz, mas não estava e isso me incomodava.

— Matteo — alguém chamou.

Não prestei atenção no resto da frase, apenas nas seis letras que ficaram pairando na minha mente enquanto o homem, que até então não tinha nome, ganhava um. E combinava com ele. Era diferente. Eu, pelo menos, nunca havia conhecido alguém que se chamasse assim. Agora já somava mais uma coisa para me ajudar nas buscas sobre quem era ele.

A noite seguiu tranquila, com tudo saindo conforme o planejado. Sem o choque inicial de ver o homem misterioso por lá, percebi o alívio que era não ter sido reconhecida. Seria bem desconfortável passar a noite com ele me espiando de rabo de olho, com medo de que eu abrisse a boca sobre sua proposta. Duvidava que gostaria que aquelas pessoas soubessem.

Pela dinâmica que acompanhei durante o jantar, os dois casais à mesa estavam tentando juntar os dois amigos solteiros, Matteo e uma mulher que parecia bonita demais para o desleixo dele, mas nenhuma das partes parecia interessada. Passaram boa parte do jantar conversando sobre negócios e política, o que frustrou a anfitriã a ponto de ela vetar o assunto, mas os convidados apenas a ignoraram e seguiram como preferiam.

Pelo jeito, ela estava disposta a fazer com que o amigo viúvo superasse o luto à base da força mesmo. Parecia não saber ouvir um “não” como resposta, e

eu precisei me esforçar para não revirar os olhos sempre que ela tentava forçar algo entre ele e a mulher, que já soava até desconfortável.

Eu estava recolhendo as taças quando pisei em algo escorregadio, que me tirou o equilíbrio, fazendo com que a bandeja virasse em cima de mim e me sujasse toda de restos de vinho. As taças, que eu antes equilibrava com cuidado, se espatifaram no chão com um barulho nada bonito, seguidas da bandeja, que tintilou pelo que pareceu horas, enquanto minha bunda seguia para o mesmo fim.

— Meu Deus! — gritou alguém que não consegui identificar pela voz estridente. Achei que estivesse preocupada com meu bem-estar, até ela voltar a falar mais perto de mim: — Você quebrou minhas taças de cristal!

A mulher urrando era a dona da festa e a pessoa que pagaria meu precioso salário.

O que eu fiz?

A cerimonialista veio falando que ela não deveria se preocupar, pois a empresa arcaria com todos os custos daquele acidente. Enquanto isso acontecia, outra funcionária da equipe já limpava a bagunça, como se estivessem esperando por situações como aquela. E eu continuava no chão, me perguntando quando um buraco se abriria e me engoliria para longe dali.

— O valor dessas taças é maior do que paguei para você por tudo isso aqui — esclareceu a aniversariante, colocando os dedos em pinça sobre o nariz, como se estivesse segurando as lágrimas.

Meu corpo inteiro gelou com a notícia. Se a estimativa que eu e Alice havíamos feito mais cedo sobre o custo do jantar estivesse correta, eu não teria como pagar por aquilo nem mesmo se trabalhasse de graça para o bufê por um

ano inteiro. Nem sabia que existiam taças com preços tão altos, mesmo de cristal. Só esperava que fosse mentira.

Eu não era uma pessoa desastrada, do tipo que estava sempre quebrando coisas. Tinha cuidado com tudo em que ia mexer. Por que aquilo precisava acontecer logo quando estava carregando coisas tão valiosas que nunca usaria no meu dia a dia? Por que não podia ser uma bandeja de copos de requeijão? Minha tia ficaria puta comigo, mas nada que uns trinta reais não resolvessem.

Em meio a confusão e gritaria, Matteo foi o único que saiu de seu lugar e estendeu a mão para me ajudar a levantar. Depois de me puxar para cima, perguntou se eu havia me machucado, e quase chorei com o gesto. Não por ter vindo dele, mas porque me senti um lixo, já que todos estavam mais preocupados com objetos — bem caros, mas objetos — do que comigo.

— Estou bem — respondi, olhando para baixo e analisando o estrago que o vinho fizera no uniforme da empresa. Mais uma coisa que provavelmente iria para a minha conta.

— Pelo menos alguém está bem aqui! — A mulher ainda estava berrando.

Aquele seria o momento perfeito para o segundo meteoro cair na Terra e nos dizimar, mas, como as chances disso acontecer eram mínimas, eu precisava enfrentar a batalha, mesmo que significasse abaixar a cabeça e engolir alguns sapos. Infelizmente, ser humilhado fazia parte do pacote do pobre que precisava trabalhar para conseguir comer, e nosso orgulho que se explodisse.

— Eu posso trabalhar para você para pagar por essas taças. Sou boa em muitas coisas e também aprendo rápido, posso te pagar cada centavo. A culpa é toda minha, eu devia ter prestado mais atenção.

Todo mundo se calou quando comecei a falar, controlando a voz para não deixar transparecer minha raiva.

Ela me olhou de cima a baixo e riu.

— Você não serviu para carregar uma simples bandeja e quer que eu acredite que pode trabalhar para mim? — perguntou. — Não preciso de alguém como você nos meus negócios, aposto que nem tem formação. Tenho pena de quem tiver que trabalhar com tamanha incompetência.

Abaixei a cabeça, me segurando para não a mandar tomar bem no meio de um tal orifício. Já tinha passado por situações complicadas com patrões, mas nunca antes havia sentido tanta vontade de gastar meu réu primário.

Eu podia não ser estudada e viajada, mas preferiria continuar toda a vida dessa forma a ser uma megera. Será que os seguidores dela conheciam aquele lado “fofo”? Agora começava a me perguntar o quanto de sua perfeição toda não devia ser montada.

Se havia uma coisa que me despertava um ódio tremendo era quando me diminuía. Como se eu, minha tia ou qualquer outra pessoa que não conseguia estudar tivéssemos desistido por vontade própria. Como se eu tivesse largado a escola aos quinze anos e me tornado babá só porque eu queria, e não porque precisava escolher entre estudar ou comer.

Em outra situação, eu provavelmente a enfrentaria, mas não queria piorar as coisas para a empresa que havia me dado uma oportunidade. Mesmo que fosse provável que nunca mais me chamassem para nada, eu não podia fazer aquilo.

A mulher escandalosa começou a falar mais alguma coisa para mim, mas foi cortada por um grito que ninguém estava esperando. Todos saltaram em

seus lugares quando a voz de Matteo preencheu o cômodo, junto com um tapa forte que ele deu na mesa.

— Chega, Verônica!

Ela se calou no mesmo segundo e olhou para ele, que prosseguia:

— Qual o valor das taças?

A aniversariante olhou dele para mim e balançou a cabeça.

— Eu não quero o seu dinheiro, Matteo, não foi você que quebrou as taças. Seria injusto aceitar um pagamento do seu bolso.

— Injusto é você humilhar alguém que escorregou e, por uma infelicidade do destino, estava com suas taças nas mãos. Injusto é você desmerecer o trabalho de alguém que passou a noite inteira te servindo e vai receber uma miséria por isso — ele replicou, sereno, não parecendo ser a mesma pessoa que havia gritado poucos segundos atrás. — Então, me diga, qual o valor dessas taças?

Verônica pegou o prato mais perto de seu alcance e o arremessou na parede, fazendo-o espatifar no silêncio em que a sala imergia depois do sermão do convidado.

— Vai se foder, Matteo. Vai embora da minha casa — gritou e apontou para a porta de saída.

Ele tirou o celular do bolso e mexeu por alguns segundos.

— Acabei de te transferir um valor que deve cobrir os custos.

— Eu não preciso da merda do seu dinheiro!

Matteo a ignorou e saiu andando sob o olhar de todos, quase como um super-herói escapando de alguma explosão sem nenhum arranhão. Quando já estava quase na porta, virou-se outra vez:

— Você — apontou para mim —, vem comigo!

A intensidade da sua voz, combinada ao olhar que me lançou, fez uma corrente de eletricidade se espalhar por todo meu corpo. Não gostava de parecer a mocinha indefesa que precisava de alguém para salvá-la e tinha aprendido muito cedo a lutar por mim mesma, mas tentei relevar tudo isso, só pelo gostinho de vitória ao ver a cara de Verônica quase estatelada no chão, de tanta raiva.

Olhei para os lados, em busca de um sinal divino que me dissesse o que fazer, e ele veio da boca da minha prima à porta da cozinha, falando um “vai, agora!” sem som. Eu não queria ficar sozinha com ele, mas queria menos ainda permanecer naquele lugar. Não estava nem um pouco a fim de ver a dona da casa crescer para cima de mim novamente, depois que ele se retirasse, e ser obrigada a escutar calada.

Dei mais uma olhada para Alice e segui Matteo porta afora.

Quando entramos no elevador, senti o peso do silêncio pairar em cada milímetro quadrado. Queria ser o tipo de pessoa que não se incomodava com essas coisas e continuaria quieta por todo o percurso até a rua, onde cada um seguiria seu destino após no máximo um “adeus”, mas eu não era assim e minha língua já estava coçando.

— Obrigada por me defender, mas eu não quero ficar devendo nada a ninguém. Quanto preciso te pagar por isso?

Ele, que até então não tinha olhado para o meu lado nem uma vez desde deixarmos o apartamento, fixou o olhar no meu e cruzou os braços. Tinha olhos bonitos, apesar das olheiras ainda estarem presentes em seu semblante, e

devia ser um tiozão apresentável quando superasse o *cosplay* de Jason Momoa sem pente em casa.

— Aquilo que você presenciou foi culpa minha. — Passou as mãos pelo rosto. — Mimei demais minha irmã e agora não sei o que fazer. Essa não foi a primeira vez que tive que intervir em uma de suas pirraças.

Irmã. Saber que tinham um vínculo maior do que uma amizade tornava a briga um pouco menos estranha. Um amigo, apesar de agir certo, teria criado um climão eterno entre eles, mas irmãos sempre acabavam encontrando um espacinho para o perdão. Ou pelo menos era o que Alice dizia, depois de trocar farpas com meus primos. Eu não tinha irmãos para confirmar a teoria.

— Nada daquilo teria acontecido se eu não tivesse quebrado as taças — falei.

Tentava não o encarar demais. Era estranho estar trancada em um espaço tão pequeno com o homem que propusera um relacionamento comigo e não me reconheceria, uma semana depois. Chegava a ser claustrofóbico, mesmo que fosse um dos maiores elevadores em que eu já tinha andado na vida.

— As taças foram só a desculpa que ela arrumou dessa vez. Pode acreditar em mim, eu a conheço desde que era apenas um bebê. — Seu olhar voltou para o meu. — Ela estava frustrada porque a tentativa de me juntar com a amiga não saiu como o planejado e só precisava arrumar algo para poder estourar.

Queria perguntar por que ele pelo menos não fingia interesse na mulher, sabendo como a irmã se sentia, mas as portas do elevador se abriram na entrada luxuosa do prédio e me levaram à razão. Aquela seria uma pergunta

íntima demais para pessoas que tinham acabado de se conhecer. Ou, melhor, que ele achava que haviam acabado de se conhecer.

— Você aceita uma carona? — perguntou ao chegarmos à rua.

Olhei o horário no celular. Já passava da meia-noite. Eu não conhecia aquela região, o Uber não entrava no meu bairro, e um táxi custaria meus dois rins e, talvez, uma córnea — tirando o fato de que eu não havia recebido nada pela noite. Se tivesse que pagar o transporte, seria como pagar para trabalhar. Não poderia me dar ao luxo.

— Não quero incomodar — respondi, com toda educação que tia Raquel me dera. Ela ficaria orgulhosa.

— Não é incômodo. Deixa eu me redimir pela falta de educação da minha irmã.

Não sabia se era uma boa ideia. Ao final, cheguei à conclusão de que não, mas minha boca discordou da minha mente:

— Tudo bem. Já que insiste.

Andamos um pouco até um carro maravilhoso apitar, mostrando que havia sido destravado. Não sabia qual era a marca ou o nome, nunca fora boa com essas coisas, mas era lindo e preto.

— Não sei se é seguro ir até a minha casa num carro desses — brinquei.
— Acho que nunca viram nada assim por lá.

Pela primeira vez na noite, eu o ouvi rir ao abrir a porta do motorista. Após entrar no carro, compartilhei a localização em tempo real com Alice, porque não queria virar estatística por aí nas mãos de um milionário. Eu não o conhecia o suficiente para confiar de olhos fechados.

A viagem foi repleta de conversas aleatórias, pelo simples fato de eu não conseguir calar a boca.

— Obrigada por tudo isso — agradei quando chegamos ao bairro.

— Não foi nada, Isabella.

Demorei alguns segundos para perceber que ele falara meu nome e tive certeza de que não havia dado a ele aquela informação em nenhum momento da noite. Se ele sabia, só poderia significar uma coisa.

— Você sabia quem eu era esse tempo todo?

Ele arqueou uma sobrancelha e olhou para mim por um breve momento, desviando a atenção da rua.

— Eu não saio fazendo aquela proposta para qualquer pessoa que aparece na minha porta, Isabella, e isso foi semana passada. Minha memória tem seus problemas, mas nem tanto.

Concordei com a cabeça, olhando para o sinal fechado, o último que faltava para virar a rua da minha casa. A forma como sua voz grave pronunciava meu nome me fazia sentir algo esquisito, que ainda não conseguia definir. Virei-me para ele e perguntei:

— Você fez tudo isso hoje pensando em me fazer mudar de ideia?

— Claro, inclusive usei meus poderes mentais para te derrubar no chão — respondeu, debochado. — Faria aquilo independente da pessoa que estivesse em seu lugar, mas ser você me deu uma desculpa para tentar de novo.

Não saberia dizer se o que ele estava falando era verdade. Parecia ser alguém muito melhor do que a irmã, mas eu sabia bem que as pessoas eram ótimas em fingir, quando tinham algo a ganhar com a situação.

— Eu sinto muito, Matteo. — Abri minha bolsa e comecei a procurar pela chave só para me ocupar com alguma coisa.

— Parece que alguém descobriu meu nome.

Sorri para ele.

— O destino me ajudou um pouquinho.

— Será que agora fica mais fácil aceitar minha proposta?

— Minha resposta continua a mesma. Não acho que consigo fazer o que você precisa. Sei que posso cuidar do seu filho melhor do que qualquer outra pessoa, mas não consigo fingir na frente de alguém que nós dois temos uma intimidade que não existe. Tenho certeza de que alguma das outras garotas servirá melhor para o trabalho.

— Outras garotas? Não fiz essa proposta para mais ninguém.

Estava prestes a chamá-lo de mentiroso, mas ele completou antes que eu tivesse a oportunidade:

— Entrevistei, sim, porém não cheguei a fazer a proposta para mais nenhuma. Quero alguém que eu tenha certeza de que vai cumprir como um trabalho, e não como um jogo de sedução, esperando conseguir me conquistar no final. Só em você eu percebi esse profissionalismo, tanto que negou logo de cara, como qualquer profissional faria. Eu não quero arrumar uma nova namorada, não quero ocupar o lugar da minha esposa. Já amei e fui amado mais do que muita gente tem a sorte de ser e não acredito que isso aconteça duas vezes em uma vida. Tudo que eu quero é alguém em quem eu possa confiar para cuidar bem do meu filho, alguém que me dê a mão ao entrar nas festas e sorria para mim, vez ou outra.

O sinal abriu, e ele arrancou com o carro.

— Eu não sei, Matteo.

Meu coração estava disparado dentro do peito. Não sabia por que tinha respondido com uma incerteza em vez de um “não”. Eu não iria aceitar, já estava decidida.

— Só pense, Isabella. Nós vamos viajar daqui a três semanas.

— Se eu negar, será que você poderia falar para a agência que foi você que não me quis? Estou sem trabalhar desde que conversamos e acho que negar sua oferta tem alguma coisa a ver com o gelo que estão me dando.

— Prometo que não tenho nada a ver com isso, mas falarei com eles, mesmo assim.

Apesar de ter certeza de que não aceitaria a proposta, não conseguia parar de pensar no tanto que o dinheiro faria diferença na minha vida, mas também não conseguia desligar o sensor que apitava dentro de mim, toda vez que eu cogitava aceitar.

O carro estava quase chegando onde morava, quando vi um homem com uma mulher no colo, bem em frente ao salão de cabeleireiro que ficava embaixo da minha casa. Apertei os olhos para enxergar melhor e reconheci minha tia nos braços do arqui-inimigo dela, nosso vizinho Luiz.



CAPÍTULO 4

Isabella

Desci do carro antes mesmo de Matteo parar por completo. A adrenalina tomava conta do meu corpo, e corri até minha tia, perguntando o que estava acontecendo. Luiz explicou que ela havia começado a gritar por ajuda alguns minutos antes e que achava que ela tinha caído, pois a encontrara no chão. Enquanto ele falava comigo, tia Raquel gemia de dor.

Sabia bem que o ódio que minha tia nutria por ele era recíproco, mas não acreditava que aquele senhor fosse capaz de fazer algo para machucá-la. As brigas dos dois nunca passavam de provocações e, apesar dos pesares, eu o conhecia desde sempre. Luiz não faria nada do tipo.

Absorvi tudo que ele falou, temendo que ela tivesse caído e piorado ainda mais sua situação. Eu não havia percebido qualquer indício de que ela teria uma crise naquele dia, mas tive quase certeza de que era o que estava acontecendo. Não precisava me desesperar. Eu a levaria para o hospital, eles lhe dariam os medicamentos para dor e tudo estaria bem novamente. Aquilo já havia acontecido outras vezes, e era só seguir o protocolo de sempre.

Respirei fundo, contando de um a três em silêncio para não deixar o medo me consumir, pois não tinha tempo para isso. Matteo havia saído do carro, atrás de mim, e ouvia com atenção.

— Já chamei ajuda, mas eles estão demorando tanto — Luiz reclamou.

Era estranho perceber que ele parecia preocupado com ela. Da forma que os dois se tratavam, era de se esperar que ele comemorasse. Tia Raquel ficaria em choque quando descobrisse que fora ele quem a socorrera. Ou bem puta, porque ele poderia esfregar a ajuda na cara dela para sempre.

— Eu posso levar vocês — Matteo interveio.

Queria dispensá-lo e dizer que ficaríamos bem, mas eu não conseguia ser a garota orgulhosa da maior parte do tempo quando o assunto era a saúde da minha tia. Da última vez, a ambulância demorara quase uma hora para chegar. Não estava disposta a deixá-la sentir dor por tanto tempo, se houvesse uma segunda opção.

Abri a porta traseira do carro, entrei e falei para Luiz colocá-la em meu colo. O homem seguiu meu comando e sentou no banco do carona, logo depois.

— Você não precisa nos acompanhar, eu cuido dela — disse para ele.

Queria falar que não o queria lá. Tinha certeza de que seria o pedido da minha tia, se pudesse falar por si mesma. Ele já havia feito mais que a obrigação, não precisava estender o cuidado até o hospital, e sua companhia só serviria para deixar todo mundo ainda mais desconfortável.

Luiz abriu a porta e cogitou sair do carro, mas, ao final, voltou a fechar e a se acomodar no banco.

— Eu me sinto na obrigação de acompanhar, se não for incômodo — respondeu e prendeu o cinto de segurança.

Matteo me olhou pelo retrovisor, provavelmente querendo saber se eu concordava, e fui obrigada a afirmar a contragosto. Não havia tempo para ficar discutindo, e eu já nem tinha forças para isso naquela noite. Se ele quisesse ir junto, teria que lidar com a fúria de dona Raquel da Silva depois. Talvez fosse até divertido acompanhar — com certeza seria o ponto alto do meu dia.

— Luiz — minha tia sussurrou, sem abrir os olhos, assim que o carro começou a se mover.

O homem no banco do carona virou para trás e olhou de mim para ela:

— A Isabella tá aí *pro cê*, querida — respondeu e depois virou-se outra vez para mim. — Ela deve tá mal mesmo, chamando meu nome sem me xingar.

Tia Raquel abriu um pouco os olhos e me encarou, antes de virar a cabeça para onde Luiz estava.

— Eu te falei pra não chamar ela, traste.

Os dois começaram a se alfinetar, e eu tive que me segurar para não rir.

Era a forma carinhosa com que eles se tratavam desde que eu me conhecia por gente. Minha tia odiava ser chamada de “querida”. Luiz sabia disso e insistia no termo sempre que se dirigia a ela, só para irritá-la. Assim como ela sempre o chamava de “traste”, a exemplo do que a mulher dele gritara para a rua inteira ouvir depois de abandoná-lo ao descobrir uma traição que ele jurava de pés juntos, todos os dias, nunca ter acontecido. Nunca soubemos a verdade, mas sabíamos o quanto ele odiava aquela palavra.

Eu teria até dó, se ele não tivesse criado Rebeca, a menina que espalhou para o colégio inteiro que eu estava grávida, só porque tinha ficado com o menino de que ela gostava, sendo que eu nem sabia disso e ela ainda se dizia minha amiga. Talvez tivesse sido um livramento, porque, ao contrário do vinho, a

idade só a deixava pior. Às vezes, eu me via pensando se não pegava pesado com ela, afinal, éramos adolescentes, mas era só nos encontrarmos que eu jogava a sororidade no ralo. Queria ser legal, mas ela dificultava muito a tentativa. Precisava me conformar que existia uma exceção à minha regra.

— Não é esse o caminho — falei quando Matteo virou para a rua errada.

— Agora vai precisar dar uma volta imensa.

Ele desviou o olhar da direção por um breve segundo e me encarou.

— Existe outro caminho mais rápido para o hospital?

Foi quando a ficha caiu: eu não havia falado para ele o lugar onde deveria nos levar. Estávamos indo ao hospital particular, aquele em que eu nunca tinha nem entrado, porque só a consulta era quase o valor do nosso aluguel.

— Ah, droga. Não é esse hospital, Matteo, é no pronto atendimento. — Joguei a cabeça para trás e suspirei em frustração. Sabia que não podia reclamar, porque o cara já estava ajudando de boa vontade, mas agora levaríamos pelo menos dez minutos para chegar.

Ele coçou a nuca com uma das mãos e explicou:

— É que mandei uma mensagem para um amigo. Ele está esperando sua tia no hospital.

Respira, Isabella, foi o que falei dentro da cabeça, mas minha língua foi mais rápida do que a razão.

— E você resolveu fazer isso sem nem perguntar?

Era inacreditável. Como ele se achava no direito de fazer algo assim, sem questionar a pessoa que teria que pagar a conta? Eu havia acabado de chegar em casa, depois de trabalhar a noite inteira sem ganhar um mísero real, saíra de lá devendo taças que custavam mais do que eu ganhava em um mês de

trabalho e, com certeza, nunca mais seria chamada por aquela empresa. Como ele esperava que eu pagasse uma consulta em um hospital particular?

— Pensei que você gostaria que sua tia tivesse o melhor atendimento — respondeu pausadamente, como se não tivesse certeza do que dizer. Ele me olhou pelo espelho retrovisor, e seu cenho estava franzido. — Não é isso que você quer?

Olhei para minha tia e respirei fundo.

— Claro que é isso que eu quero, Matteo — ri sem nenhum humor —, mas não é isso que eu posso pagar.

— Eu ajudo — Luiz falou.

Ele estava sentado no banco logo à minha frente. Eu não conseguia ver seu rosto para saber se era algum tipo de brincadeira, mas esperava que não fosse. Meu estado de espírito não estava muito bom.

— Olha, não quero parecer grossa, mas nós mal nos falamos. Por que você ofereceria dinheiro a mim?

Luiz virou-se para trás.

— Isabella, também não quero parecer grosso, mas eu não estou oferecendo dinheiro a você. — Ele coçou a barba. — Estou oferecendo à Raquel.

Com certeza, ela também não concordaria com aquilo, se estivesse consciente o bastante para poder ela mesma responder. Se eu era orgulhosa, tinha a quem puxar.

— Por quê?

A oferta não fazia sentido nenhum, a não ser que ele quisesse usar aquilo contra minha tia, em algum momento.

— Porque eu quero — Luiz respondeu como uma criança mimada, o que não era de se estranhar, já que soava como Rebeca.

No entanto, não tive tempo de responder, pois chegamos ao hospital e logo já estavam colocando minha tia numa maca e a levando porta adentro. Deixaram que eu a acompanhasse depois do primeiro atendimento. Aos poucos, ela foi voltando a si, e passamos um bom tempo indo de um lado ao outro para que ela fizesse todos os exames necessários.

Tudo para que, no final, o médico dissesse o que já sabíamos: a única forma de reverter o quadro era fazendo a cirurgia. E mais uma vez eu recebia a notícia de que o problema dela tinha uma cura, porém não podíamos pagá-la. Era a pior sensação do mundo saber que a dor dela poderia ser aliviada para sempre, mas eu não conseguia o maldito dinheiro para fazer acontecer.

Naquele momento, a proposta de Matteo pareceu tentadora. Um mês e eu juntaria tudo de que precisava. Não era como se eu já não tivesse me agarrado com alguns por bem menos, e ele nem queria pegação, só mãos dadas e sorrisos por trinta mil reais no final da viagem.

Para com isso, Isabella, você não vai, gritei comigo mesma em pensamento.

O caminho mais fácil era o caminho que levava ao erro. A história era sempre a mesma: alguém falava que faria algo só uma vez, depois viravam duas, três, quatro vezes e, quando se dava conta, já estava tão atolada na lama que não havia como fugir. Eu não queria ser essa pessoa. Nós daríamos um jeito.

Saímos de lá, horas depois, para encontrar Matteo sentado em uma posição estranha, cochilando com a cabeça jogada para trás em um banco da

recepção. Por que ele havia ficado esperando? Não tinha nada mais para fazer?

— Querida, está melhor? — Luiz apareceu, vindo em nossa direção.

Olhei para minha tia, que franziu o cenho ao vê-lo. Provavelmente não se lembrava da discussão que tivera com ele no carro.

Matteo acordou, assustado, e se ajustou no banco em questão de segundos, coçando os olhos e bocejando.

— Mas que merda você tá fazendo aqui? — tia Raquel falou para Luiz, já vestindo sua cara de cínica, que guardava tão bem para usar com ele.

— Vai me dizer que esqueceu que fui eu quem te resgatou de uma morte horrível e lenta?

Os dois começaram a ladainha, e eu desisti de prestar atenção. Se ela já estava bem para brigar, era porque a dor já estava mais do que suportável. Eu não precisava me preocupar tanto. Depois da bateria de remédios, apagaria até o almoço do dia seguinte, assim que chegássemos em casa.

— Eu vou pagar tudo isso enquanto vocês conversam — falei e recebi um fuzilar de olhos da minha tia.

Ela já havia me enchido o saco por tê-la levado até lá, e eu tentara explicar que tinha sido uma carona, que o motorista rico achava que aquele era o único hospital da cidade e até mesmo que Luiz se oferecera para ajudar a pagar — algo que ela achava absurdo e me fizera prometer que não aceitaria, enquanto me xingava por não o ter expulsado do carro.

Deixei os três para trás e me dirigi até onde me informaram ser o balcão de pagamento. Eu tinha quatrocentos reais na conta e talvez mais duzentos no cartão de crédito. Sabia que só na consulta iria mais da metade, mas esperava que os exames e os medicamentos estivessem inclusos no valor.

— Isabella — Matteo chamou, mas continuei andando.

Já era bem tarde, e o hospital estava vazio a ponto de eu conseguir escutar seu sapato batendo no piso e se aproximando de mim.

— Não se preocupe com a conta. Eu trouxe vocês aqui, eu pago.

— Eu posso pagar minhas próprias contas, Matteo — respondi, sem olhar para trás. — Me virei muito bem sem nenhum milionário nos últimos vinte e dois anos. Já basta a fortuna que você gastou naquele jantar. Não quero seu dinheiro.

Ainda assim, ele conseguiu me alcançar e parou à minha frente, impedindo-me de continuar. O nó de sua gravata estava desfeito, seu cabelo mais bagunçado do que o normal, e os olhos um pouco vermelhos. Uma marca se formava na lateral esquerda do rosto, onde ele tinha apoiado a mão enquanto dormia.

— Não estou querendo pagar suas contas, estou arcando com as minhas responsabilidades — falou com calma. — Você queria ir a outro lugar, onde não teria gastos, e eu as trouxe até aqui.

— Não posso discordar disso, mas foi minha tia que foi atendida, e ela é minha responsabilidade, não sua. Então, se me dá licença, vou pagar a conta. — Desviei dele e continuei andando.

— Não seja tão cabeça-dura, Isabella. — Ele começou a caminhar ao meu lado. — O erro foi meu. Eu só queria ajudar, e pra mim isso nunca foi problema. Achei que você ficaria feliz se ela fosse atendida o mais rápido possível e agi da maneira que faria com qualquer outra pessoa. Achei que estava fazendo o certo. Nem passou pela minha cabeça a questão financeira.

Devia ser incrível não ter que se preocupar com o dinheiro e tomar decisões daquela forma. Eu poderia até acreditar que tudo havia sido feito na melhor das intenções, mas isso não mudava o fato de que eu precisaria custear sua bondade. Mesmo não tendo sido proposital, continuaria me ferrando, porque meu orgulho me impedia de aceitar que ele gastasse mais um centavo comigo. Ainda mais por ter certeza de que ele só estava fazendo aquilo para tentar me fazer mudar de ideia sobre a proposta. Coisa que não aconteceria.

— O que ela tem? — perguntou quando não dei ideia para o que ele falou.

— Escoliose idiopática.

— Isso é grave?

— A coluna dela é torta, algo que ela sempre teve, mas não sabia. Só descobriu quando os sintomas apareceram, há alguns anos. Ela convive diariamente com as dores, mas às vezes chega num ponto insuportável, que só a medicação na veia é capaz de ajudar.

Já havia feito tantas pesquisas sobre aquilo que me tornara quase especialista na doença. Talvez conseguisse até operá-la na cozinha de casa, depois de tantos vídeos. Assistia na tentativa de me preparar para o dia em que fosse ela. Queria, mais do que tudo na vida, conseguir uma cirurgia para tia Raquel, mas, ao mesmo tempo, morria de medo de vê-la entrar numa sala daquelas e não sair mais. Minha mãe tinha morrido daquela forma, e um parto era algo muito mais comum e natural do que uma cirurgia na coluna, com vários riscos. Era difícil não temer.

— E não existe nenhum tratamento ou cura?

Olhei para a cara dele, e ele se desculpou pela intromissão, falando que eu não precisava responder se não quisesse, pois só estava curioso. Eu não me

importava de dizer, mas era estranho. Ele parecia genuinamente interessado. Não tinha o costume de abrir aquela parte da minha vida para muita gente, e, quando o fazia, as pessoas sempre respondiam de formas genéricas e me olhavam com pena, bem diferente do que ele vinha fazendo.

— Ela já tentou alguns tratamentos, mas nenhum deles surtiu efeito — respondi quando chegamos ao local onde eu deveria pagar. Informei o nome da minha tia, antes de terminar de responder. — Ela precisa de uma intervenção cirúrgica, mas o governo só cobre parte dessa cirurgia, e não temos o dinheiro para a outra parte.

Falar sobre aquilo sempre me dava um nó na garganta e a vontade de chorar. Ficava puta da vida de pensar no quão ridículo era um sistema em que a vida dela valia menos do que a daqueles que tinham o maldito dinheiro, mas nunca seriam metade da pessoa incrível que ela era.

— Isabella — Matteo chamou e, daquela vez, olhei para ele. — Qual o valor da cirurgia?

— Não... — comecei a falar, mas me calei quando o homem que estava me atendendo colocou em minha frente a notinha com o valor dos procedimentos.

Aproximei o papel do rosto e, por um segundo, achei que estivesse ficando míope. Não podia estar certo.

Eu precisava pagar mil trezentos e quarenta e cinco reais. Nós não havíamos ficado ali por mais de duas horas! Como era possível que cobrassem tudo aquilo por uma consulta, alguns exames e um remédio para dor?

Matteo colocou o cartão dele em cima da bancada e pediu para o homem passar no débito. De imediato, eu coloquei a mão por cima, impedindo que o

atendente seguisse com a transação.

— Que parte do “não” você não compreendeu? — perguntei, sem entender minha própria resistência, porque eu sabia que não tinha como pagar. Se ele não estivesse ali, eu teria que sair correndo com tia Raquel na cadeira de rodas, enquanto os seguranças nos perseguiriam.

Sabia que estava sendo teimosa, mas era difícil aceitar tanta coisa de uma mesma pessoa, em uma única noite.

— Você pode ficar com a notinha e ir me pagando, se quiser, mas não vamos discutir isso agora, Isabella. Sua tia deve estar cansada, querendo ir para casa.

Queria poder bater o pé e falar que eu iria pagar, mas faria isso com que dinheiro? Era mais do que o dobro do que eu tinha disponível, e, mesmo que tivesse o suficiente, eu ficaria zerada pelo resto do mês.

Tirei minha mão de cima da dele e deixei que fizesse o pagamento, mas peguei a notinha e guardei na bolsa. Eu devolveria cada centavo daquela consulta. Não sabia como, mas devolveria.

— Eu vou te pagar por isso.

— Isabella, não quero que você pense que estou te desmerecendo com o que vou dizer agora, porque não é minha intenção, mas esse dinheiro não vai fazer falta para mim.

— Eu vou te pagar.

Matteo concordou com a cabeça.

— E você não me respondeu o valor da cirurgia.

— Nem vou — rebati, virando-me para ele. — Muito obrigada pelo socorro, mas você pode ir. Eu e minha tia chamamos um táxi ou algo assim.

Meu orgulho não abria mão de pelo menos aquele gasto desnecessário, para não precisar adicionar mais uma carona à lista de coisas que estava devendo a ele.

— Eu só quero ajudar, Isabella.

— Você nem me conhece. Por que iria querer me ajudar? — perguntei, um pouco alto demais, fazendo com que algumas pessoas nos olhassem.

Foi mais forte do que eu. Era algo que não entrava na minha cabeça. Sabia bem que não existiam pessoas que ajudavam simplesmente por ajudar; sempre tinha mais e, se a intenção dele era me dobrar, aquilo não iria acontecer.

— Não sei também, mas posso ajudar. Tenho o que sua tia precisa para ser curada.

— Não quero ser seu projeto de caridade, Matteo.

— Então, não aceite minha caridade — falou, olhando bem nos meus olhos. — Aceite minha proposta e receba por ela.

— Eu não sou a pessoa que você precisa — repeti. — Com certeza, tentaria te conquistar. Não é isso que falou que não quer que aconteça? Pois esse é o motivo de não aceitar sua proposta: vou querer você e ficar no seu pé para o resto da vida.

Ele riu e disfarçou com uma tosse quando foi alvo do olhar de uma médica que passava ao nosso lado. Tinha um dos sorrisos mais bonitos que eu já vira e deveria se utilizar mais daquilo. Ficava até bonito, ou melhor, ficava apresentável. Bonito era uma palavra forte demais.

— Pela maneira que você passou o dia me tratando, eu diria que a possibilidade de acontecer algo assim é nula. Não vou cair nessa.

Ninguém poderia dizer que eu não havia tentado me livrar da proposta, mas o homem era insistente. E, convenhamos, ele estava certo. Eu não me apaixonaria por ele. Podia ser rico e talvez até bonito, de alguma forma peculiar, mas era muito mais velho do que eu e nada parecido com o tipo de homem do qual eu costumava gostar.

— Vou fazer outra proposta, Isabella — falou, se aproximando e diminuindo o volume da voz. — Caso vá comigo, além do que combinamos, vou pagar a cirurgia da sua tia.

Minha boca se abriu para falar “não”, mas ele não saiu. Não poderia negar tão rápido quanto das outras vezes. Ele conseguira me balançar.

— Isabella — chamou tia Raquel, a pouca distância de nós.

Virei-me para encontrar Luiz empurrando a cadeira de rodas em que a colocaram. Ela olhou de mim para Matteo e, antes que eu tivesse a chance de intervir, ele se aproximou e a cumprimentou, dizendo que havia sido o motorista que a levava até lá.

Ela o estudou de cima a baixo e me encarou. Eu logo soube que teria que enfrentar o questionário quando chegássemos em casa, ou na manhã seguinte, quando acordasse. Se tudo desse certo, ela apagaria dali a pouco, antes de conseguir começar o interrogatório.

Matteo me perguntou novamente sobre a carona, e eu neguei. Deixando-me ganhar pela primeira vez na noite, ele foi embora sem insistir.



CAPÍTULO 5

Isabella

Quando acordei, tia Raquel já não estava na cama. Não a encontrei pela casa e, ao olhar pela janela, a vi lá embaixo, colocando o lixo na rua. Nem mesmo uma crise como a da noite anterior fazia a mulher sossegar. Servi uma xícara do café que ela já tinha deixado pronto e a esperei voltar. Ela levou um susto com meu grito:

— Bonito, dona Raquel! Carregando peso, com tudo que o médico falou ontem.

Ela levou a mão ao peito e bateu a porta atrás de si. Escutei o resmungo de um homem em sincronia com o baque e reconheci a voz de Luiz do outro lado:

— Quer me matar, menina?

— Você acabou de bater a porta na cara do Luiz, mesmo depois do que ele fez para você?

Ela olhou para a porta e, em seguida, para mim.

— Ele fez porque quis. Não pedi nada.

Pelo que parecia, a trégua da noite anterior acabara e, apesar de eu ser grata pela ajuda, não me importava nem um pouco que continuassem com a briga. Até porque tudo começara por tia Raquel me defender, enquanto ele passava a mão na cabeça da filha, que, em suas palavras, estava apenas agindo como uma adolescente que tinha acabado de ser abandonada pela mãe. Porém essa fase parecia que não passaria nunca. Ela nem sequer tinha se dado ao trabalho de se desculpar comigo pelo problemão que me causara com a fofoca.

Na época, minha tia só faltava me colocar para rezar ajoelhada no milho, achando ser eu quem estava mentindo. Por sorte, já não estávamos mais na era vitoriana, e eu não precisara esperar minha menstruação descer para provar que era mentira. Um teste de farmácia com um risquinho mostrara a verdade. E, por muito pouco, tia Raquel não saíra no tapa com Luiz ao vê-lo defender Rebeca sem exigir que ela desmentisse tudo.

Havia passado o resto do ano como a piranha da turma, o menino nunca mais olhara na minha cara, e os dois começaram a namorar. Eu já tinha perdido todas as amizades, porque ninguém queria pegar a fama para si, e foi assim que meus dias no colégio se tornaram um verdadeiro inferno. Mesmo sem nenhuma gravidez, a fofoca era a de que eu abortara e o pai era um dos professores — sendo que o mais novo devia estar na casa dos quarenta, e eu tinha apenas quatorze.

Talvez isso tivesse facilitado a decisão de largar meus estudos ao descobrir que tia Raquel precisava de mim.

A campainha tocou, mas nem precisamos nos levantar para atender. Alice apareceu à porta e entrou. Estava toda arrumada e com um vestido que eu

nunca tinha visto. Devia ser novo. Eu achava fofo como ela sempre usava as melhores roupas para ir encontrar a filha.

Era tão comum encontrá-la invadindo nossa casa, que nem parecia que, pouco mais de seis anos atrás, ela era uma completa desconhecida. Ainda me lembrava de como minha tia passara mal ao descobrir que o irmão, Diego, que fugira com o circo quando era adolescente, estava vivo e tinha uma família enorme, que morava em um sítio a poucas horas de viagem. Não tínhamos muito contato com eles, mas Alice se mudara para a cidade e se tornara parte de nossas vidas.

— Que bom que você chegou, Alice. — Tia Raquel puxou a cadeira ao seu lado e deu dois tapinhas. — Talvez você possa me contar quem era o rapaz que trouxe Isabella em casa ontem, já que estavam trabalhando juntas e disseram que voltariam juntas.

— Eu já te falei!

Tinha detalhado toda a história, ainda na noite anterior, mas era claro que ela não estava acreditando. Quando envolvia homem, a desconfiança sempre aumentava.

Alice franziu o cenho e me olhou, confusa. Ela não sabia que eu pegara carona com ele.

— O cara que me defendeu.

Ela arregalou os olhos e levou a mão à boca.

— Ele te deu carona? Achei que você tinha vindo de táxi, safada. Por que não me contou nada?

— Foi só uma carona, Alice.

— Tia, o cara é, tipo, milionário e bonitão — explicou. — Já tô criando a fanfic.

Revirei os olhos para ela, sabendo que aquilo era uma indireta para que eu criasse mesmo uma história. Se ela tivesse ideia de que o buraco era bem mais embaixo, já estaria pirando.

— Depois do Rodrigo, você não deveria considerar isso coisa boa — tia Raquel rebateu.

Rodrigo nunca foi milionário, mas ela tinha um ponto. Não existia ninguém tão babaca quanto o ex-marido de Alice, prova de que dinheiro e beleza não tornavam ninguém bom.

— Falando no diabo, vim te implorar para ir buscar Yasmin comigo. — Ela bateu os cílios para mim e sorriu. — A mãe dele está na cidade e, se eu tiver que enfrentar sozinha os dois juntos, tenho medo de ser presa por homicídio. Não quero que isso aconteça na frente da minha filha.

Diferente de tia Raquel, Alice estava superempolgada com a carona e me fez um inquérito sobre cada detalhe da noite. Quando chegamos à casa de Rodrigo, ela estava frustrada por saber que tinha sido só uma carona, mas garantia que o fato de ele ter esperado o atendimento demonstrava estar interessado em algo mais. Só não contei que eu sabia exatamente qual era o interesse dele e que estava bem longe do que ela imaginava.

Alice tocou a campainha pela terceira vez. Já estávamos em pé, ao lado de fora, havia quase dez minutos e ninguém tinha gritado ao menos um “já vai”, mesmo que o porteiro do condomínio tivesse informado que todos estavam em casa. Rodrigo fazia de propósito, para irritar minha prima, mas eu estava lá para

impedir que ela avançasse em cima dele e arrumasse mais um problema para conseguir a guarda da filha.

Quando a porta enfim se abriu, encontramos uma Yasmin chorosa, com os braços enrolados no pescoço do pai. Seu rostinho estava escondido no peito dele, e nossa única visão era de seus cachos escuros.

— Desculpa a demora — o homem falou.

Alice se aproximou dos dois e tirou uma mecha de cabelo do rosto da menina para conseguir vê-la direito.

— O que aconteceu, minha princesa? — perguntou com tom de voz manso, exclusivo para conversar com a garotinha.

Yasmin, em vez de responder, empurrou a mão dela para longe e agarrou ainda mais forte a blusa do pai.

— Minha filha, não faz isso com a mamãe — Rodrigo pediu, acariciando os cabelos dela. Sua voz era como a de um robô, sem nenhuma emoção.

— Eu não quero ir com ela! — Yasmin gritou. — Eu quero que ela vá embora.

Fiquei sem reação. Aquilo não era nem um pouco normal. A menina costumava amar os finais de semana que passava com a mãe e sempre ia empolgada. Alguma coisa tinha acontecido para mudar seu jeito de agir, e minha prima sabia que tinha a ver com Rodrigo. Seu olhar já o estava fuzilando, apesar de eu ver que ela também se controlava para que ele não percebesse.

— Se você não quiser ir com a mamãe, tudo bem — Alice falou, mesmo que eu soubesse que era a mentira mais deslavada do mundo.

Yasmin tirou a cara do peito do pai e olhou para nós duas pela primeira vez. Quando o cabelo se soltou de sua orelha, deixou um pequeno brinco em

formato de lua à mostra. A mãe dela pousou o olhar no mesmo local que eu e estendeu a mão para tocar a joia, virando a orelha da menina, que resmungou.

— Isso aqui é um brinco de verdade. — O sorriso mais forçado do mundo estampou seu rosto.

— Ela não ficou linda de brinco, Isabella? — Rodrigo falou, recebendo de mim um grande dedo do meio mental, porque infelizmente não poderia dá-lo na frente de Yasmin.

— Você ficou maravilhosa — Alice cortou minha resposta, antes mesmo de eu pensar em dizer. Então, olhou para Rodrigo e completou: — Mas achei que deixaríamos para ela fazer isso quando fosse mais velha e pudesse decidir se queria ou não.

— Foi ela que pediu — ele respondeu, como se estivesse tudo bem não ter comunicado à mãe da menina.

— E você nem pensou em me ligar para avisar?

— Lá vem você com esse drama. Foi só um furo na orelha, não precisa dar show.

Em momentos assim, eu tinha uma grande vontade de dar uma surra bem dada no desgraçado. Ele ainda deu uma risadinha no final da frase; queria vê-lo rir daquela forma sem os dentes na boca. Porque, se eu comesse, só iria parar de bater depois de arrancar cada um deles.

Alice respirou fundo, sabendo que, por mais que quisesse acabar com o infeliz, não era o momento. Ela poderia fazer aquilo depois do fim do processo, depois que já tivesse a guarda da filha e não precisasse ficar dando satisfações para o traste do ex. Era triste saber que, por conta da Yasmin, ela seria obrigada a conviver com alguém como ele para o resto da vida.

— Foi só uma pergunta, Rodrigo. Sou a mãe dela e preciso ser informada.
Ele concordou com a cabeça.

— Na próxima, eu te aviso. Não achei que seria importante para você.

Era difícil ter que segurar a língua, sempre que estava com ele. Se tivesse falado tudo que passava em minha cabeça, todas as vezes que nossos caminhos se cruzavam, ele já teria dado um jeito de pedir até uma ordem de restrição contra mim.

— Yasmin, por que você não quer ir para a casa da mamãe? — perguntei.

— Eu quero ficar com o papai.

Consegui ver a frustração estampada no rosto de Alice. Até onde eu sabia, aquilo nunca havia acontecido. E, pela maneira com que Rodrigo tentava mascarar o sorriso, eu poderia jurar que a decisão tinha dedo dele.

— E se a mamãe prometer comprar sorvete para você e te levar naqueles brinquedos que você gosta?

— Alice, vai chantagear a menina agora? — Rodrigo perguntou, quando a filha pareceu interessada na proposta. — Depois ela começa a fazer as coisas que pedimos só na troca, e você não sabe por quê. Já conversamos sobre isso. Ela vai se quiser, e não porque vai receber algo com isso.

Aquilo, vindo do cara que chantageava Alice todos os dias com a própria filha, era bem bizarro. Ser correto só quando convinha era fácil demais. Minha prima era proibida de se envolver com outro homem, porque o otário não conseguia aceitar o fim do relacionamento e ameaçava contar para o juiz sobre um cara com quem ela tinha ficado por uma noite, depois que eles terminaram, e Rodrigo descobrira ser traficante. Ela nem sabia se aquilo poderia realmente

atrapalhar, mas preferia não colocar em risco a guarda da menina. Não importava se tivesse que ficar longe de qualquer pessoa para o resto da vida.

— Yas, você não me mostrou sua casa da Barbie ainda — falei, percebendo que ele tinha pisado feio no calo de Alice e que as coisas poderiam esquentar. — Será que eu posso ver rapidinho?

A menina estendeu os bracinhos para mim, e eu a peguei, mas coloquei no chão, pedindo que me levasse até o quarto dela. A casa era enorme. Eu me lembrava bem de quando Alice havia se mudado para aquele lugar, achando que seu conto de fadas estava ganhando vida, logo depois de descobrir a gravidez e Rodrigo a pedir em casamento.

Ele era filho do advogado com maior nome na cidade e, depois de se formar, acabara absorvendo a fama do pai, mesmo sem ter trabalhado em grandes casos. Alice não havia se importado em largar o emprego para cuidar da filha; ainda não pensava em como estava ficando à mercê de Rodrigo ao fazer aquilo. Quando as coisas começaram a dar errado e ela resolveu terminar tudo, estava sem casa, sem trabalho e sem ter como sustentar Yasmin. Entendendo bem sobre as leis, Rodrigo conseguira a guarda da menina.

— Olha como ela é *mais maior* que eu — Yasmin falou, empolgada.

Para mim, não havia coisa mais fofa no mundo do que os erros de português de uma criança. Sabia que o certo seria corrigir, mas eu não conseguia fazer isso quando os achava tão lindos.

— Será que me cabe aí dentro? — perguntei, sentando em frente à casinha. — Posso dormir nessa cama aqui?

Ela riu e colocou a mão na boquinha.

— Não, tia, é só da *Bábi*.

— Poxa, acho que cabe, sim — falei, virando minha cabeça e fingindo que iria deitá-la na cama da casinha.

Yasmin me puxou pelo pescoço e falou que eu não podia entrar lá. Eu a peguei no colo e comecei a fazer cócegas em sua barriga, mas, diferente das outras vezes, ela afastou minha mão e reclamou:

— Meu cabelo vai ficar bagunçado, tia.

— Ah, me desculpa — falei, ajeitando o que havia saído do lugar. — Aonde você vai, toda linda desse jeito?

— No aniversário da Malu — respondeu e saiu desfilando pelo quarto, para pegar mais Barbies.

A pulga logo pulou atrás da minha orelha. Tirei o celular do bolso e pesquisei o Instagram da irmã de Rodrigo, a mãe da Malu. Sem nenhuma surpresa, Yasmin não havia se confundido. Os stories dela estavam lotados de fotos e vídeos com os preparativos da festa.

— Yas, é por isso que você não quer ir para a casa da mamãe? — perguntei e a puxei pela mãozinha, para que ela olhasse nos meus olhos. — Você quer ir na festa da Malu?

Ela arregalou os olhos, provavelmente percebendo que me contara algo que não deveria. Rodrigo conseguia ficar pior a cada segundo. Ela concordou com a cabeça, meio a contragosto, e olhou para o chão.

— E se a mamãe for te buscar depois da festa?

Ela sorriu.

— O papai deixa?

Eu queria responder: “Seu pai não tem que deixar merda nenhuma. Hoje era o dia de Alice ficar com você e, em vez de simplesmente pedir para trocar,

ele fez com que você fizesse sua mãe se sentir um lixo por não querer ficar com ela sem nenhum motivo aparente”, mas me contive com:

— Claro, meu amor.

Segurei a mãozinha dela e voltei cantando alto pelo corredor, para avisar que estávamos chegando. Alice e Rodrigo estavam de frente, um para o outro, na sala. Ela estava com os olhos vermelhos e devia ter chorado; ele, impenetrável, como sempre.

— Alice, a Yasmin quer que você busque ela mais tarde, depois da festa da Malu — falei o final da frase pausadamente.

Ao compreender o que havia acontecido, Alice nem se virou na direção de Rodrigo. Talvez pudesse ser capaz de fazer um raio cair bem em cima da cabeça dele se o olhasse. Ela abaixou, perguntou se era aquilo que a filha queria e, logo depois da confirmação, pediu um abraço e um beijo. Daquela vez, a menina foi feliz para os braços da mãe, que a encheu de carinho.

— Até mais tarde, meu dengo.

Saímos de lá, sem trocar mais nenhuma palavra com Rodrigo. Alice sabia que não adiantaria brigar com ele naquele momento. Teria que aceitar um dia quase inteiro perdido.

— Encontrei um advogado, e ele acha que pode conseguir a guarda de volta para mim — ela falou quando chegamos ao ponto de ônibus. — Foram quinhentos reais só para conseguir falar com ele, mas acho que talvez tenha valido a pena.

Fiquei empolgada com a notícia. A maioria dos advogados da cidade corria quando descobria que o pai da criança era Rodrigo Áquila. Aquele nome colocava um peso bem grande no meio judiciário por lá, ainda mais diante de

um caso tão pessoal quanto a guarda da filha de um deles. Era praticamente impossível alguém topar.

— E quando vão começar?

— Esse é o problema. Ele disse que precisava de dez mil adiantado.

Olhei para ela, à procura do sorriso que falaria que era brincadeira, mas ele não apareceu.

— Dez mil?

— Eu sei. É muito dinheiro, mas eu vou dar um jeito. Nem que demore um pouquinho.

Eu sabia bem que aquele pouquinho tempo poderia se tornar anos. Quando conseguisse, era provável que o valor já tivesse dobrado ou Yasmin fosse maior de idade.

Mais uma vez, a proposta de Matteo me invadiu com tudo. Em um mês, eu resolveria a situação de todo mundo. Precisava conversar sobre aquilo com Alice e sabia que podia confiar que ela manteria o segredo.

Olhei para os lados, só para confirmar que não havia mais ninguém nos observando, e falei:

— E se eu tivesse como conseguir esse dinheiro em um mês?

Alice se virou para mim com uma expressão engraçada no rosto.

— Você não vai vender drogas e nem sua virgindade por mim.

Não consegui conter a gargalhada.

— Você tem certeza de que me conhece?

— E existe outra forma de conseguir tudo isso em um mês? Porque, se você sabe e nunca compartilhou comigo, eu vou ficar bem chateada.

Então, sem contar que era Matteo o autor da proposta, desabafei sobre tudo que acontecera na última semana e como o homem se oferecera para bancar a cirurgia da nossa tia.

Alice me encheu de perguntas e, ao final, completou:

— E por que você ainda não aceitou essa merda? Ele é muito feio? Muito velho? Vão achar que você é uma *sugar baby*? — Ela levou a mão à boca e segurou a risada.

— Bom, de acordo com você, ele é milionário e bonito.

Alice apertou minha perna e me olhou como se eu tivesse três olhos:

— É o cara de ontem?! Por que você não aceitou ainda?

— Porque seria errado, uai.

Ela havia colocado mais uma neura na minha cabeça. Caso aceitasse, todo mundo poderia me ver como uma interesseira. Ele não era feio, mas, como falei, estava longe do que eu costumava gostar. E, sim, era velho demais.

— Eu não vejo dessa forma. É um trabalho.

Nós descemos do ônibus. O ponto ficava exatamente no meio do caminho entre as nossas casas.

— Mas eu teria que fingir que namoro com ele.

— Atores fingem isso a todo momento, e não deixa de ser um trabalho.

— Eu não sou atriz, Alice.

— Se você já decidiu, por que me perguntou? Está falando sobre isso porque quer aceitar. Se não quisesse, já teria esquecido.

— Não posso deixar a tia Raquel sozinha todo esse tempo.

— Eu fico com ela, não é como se tivesse minha filha para cuidar. Vai ser até uma distração para mim.

— Vou precisar passar o Natal longe de vocês.

— Uma vez na vida não vai matar ninguém.

— Eu...

— Você está inventando desculpas! Acho que deveria tentar. Você nunca fez nada louco e impulsivo, Isabella.

— Porque o resultado pode ser desastroso.

— Mas também pode ser incrível. Vou te apoiar no que decidir, mas acho que deveria tentar e não digo isso só pelo dinheiro. Você precisa agir com um pouco de inconsequência, alguma vez na vida, parece que já nasceu com setenta anos. A gente precisa de algumas aventuras. Essa pode ser sua chance de viver uma, em uma maldita ilha paradisíaca!

Meu coração disparou no peito só de pensar em aceitar. Ela estava certa: eu queria aceitar, queria pegar aquele atalho que me ajudaria a arrumar todas as coisas que precisava. Seria tão mais fácil não ter o peso das dores de tia Raquel nas minhas costas, ter Yasmin por perto para agarrar sempre que quisesse e devolver o sorriso ao rosto de Alice.

Me despedi da minha prima com um beijinho na bochecha. Logo que virei a esquina, tirei o celular do bolso e disquei o número que tinha deixado salvo, por medo de perder o cartão, mesmo afirmando ter certeza de que não aceitaria. Estava óbvio que eu só vinha me enganando, desde o início.

— Mudou de ideia? — perguntou a voz grave do outro lado da linha, sem ao menos dizer um “olá”.

Respondi da mesma forma:

— Mudei.



CAPÍTULO 6

Isabella

Reli o contrato para ter certeza de que não deixara passar nada e fiz questão de pedir que adicionassem uma cláusula detalhada de todas as coisas que poderíamos fazer em público, como beijos na bochecha e mãos somente na cintura e nas costas, com proibição de qualquer exploração de outras áreas.

— Só ainda não estou certa disso aqui — falei e apontei para o papel, mostrando a Matteo. — Não sei se ficaria confortável com você comprando roupas para mim.

Estávamos na sala de sua casa, e o advogado presente era o homem que me atendera no outro dia, Henrique. Ele estava sentado numa poltrona, enquanto eu e Matteo dividíamos o sofá. Fazia mais de uma hora que eu questionava cada linha do documento, até porque não entendia a maioria delas, com todos aqueles termos que nunca havia visto na vida, mas os dois vinham sendo bem pacientes e me explicavam tudo.

Apesar de ter ficado com as mãos coçando para pegar meu celular e fazer uma busca no pai Google para ter certeza, acabara decidindo por acreditar

neles. Se fora burrice, tinha certeza de que em breve descobriria.

— Só quero evitar que você seja obrigada a gastar seu dinheiro para se vestir. Vamos frequentar festas, almoços e cafés, além da praia, e sei que roupa feminina não é barata, principalmente quando vocês não gostam de repeti-las.

Coitada de mim. Se eu não repetisse roupa, teria que andar pelada durante quase o ano inteiro. Aquele era um problema que eu não tinha. Quando comprava uma roupa de que gostava, usava até acabar; não estava nem ligando para a quantidade de vezes. Porém ele tinha um ponto, porque eu não estava acostumada com o mundo dele. Se tivesse duas roupas mais chiques seria muito, e provavelmente nenhuma delas serviria para o tipo de lugar que frequentaríamos por lá.

Estava prestes a concordar, mas fui interrompida por um barulho alto, seguido de um choro infantil.

Matteo não hesitou em levantar e sair correndo, sem falar nada. Fiquei em dúvida sobre dever ir atrás, pois não queria parecer intrometida, mas sabia que poderia ajudar caso a criança tivesse se machucado. Havia feito todo o treinamento de primeiros socorros antes de começar a trabalhar na agência. Por fim, acabei levantando e seguindo o dono da casa até a área externa, de onde parecia vir o choro.

Encontramos o menino já sendo socorrido por uma mulher mais velha, que parecia bem preocupada em verificar cada canto de seu corpo. Ele estava com o joelho sangrando, mas nenhum outro ferimento grave à vista, apesar das lágrimas e gritos altos fazerem parecer algo bem pior.

— O que aconteceu? — Matteo perguntou.

A mulher apontou para um skate perto da porta de vidro de onde havíamos saído. Entendi que devia ter sido da colisão que viera o barulho que nos assustara, e não do tombo.

— Um minuto que o deixei aqui para desligar o forno, ele conseguiu pegar um dos skates — falou, aflita, talvez com medo da reação do patrão ao encontrar o filho, que estava sob sua responsabilidade, machucado.

Um piscar de olhos era suficiente para uma criança aprontar, nem precisava de um minuto inteiro. Era incrível a capacidade que elas tinham de fazer coisas erradas de maneira tão rápida, que só conseguíamos perceber quando já era tarde demais. E por isso era uma responsabilidade muito grande ser babá. Ninguém perdoava alguém, em especial se estivesse sendo pago, por se distrair por um segundo. E, tendo passado por inúmeras situações do tipo, ainda mais diante de um machucado bobo como aquele, eu já estava pronta para defender a mulher.

Porém Matteo não a questionou, apenas se ajoelhou em frente ao filho e apertou cada pedacinho do corpo dele à procura de mais machucados.

— Eu falei que ia te ensinar, filho. Por que não me esperou? — perguntou, segurando o rosto dele entre as mãos.

O pequeno tinha o cabelo escorrido e de alguns tons mais claros que o do pai, assim como os olhos, que eram de um castanho quase mel, diferente do castanho intenso dos de Matteo. Aquelas deviam ser as características da mãe. Os dois não tinham muito em comum fisicamente, mas era fácil perceber a relação de pai e filho entre eles pelo carinho que trocavam nos olhares e toques.

O homem pegou o menino ainda choroso no colo, depois de explicar o porquê de aquilo ter sido errado, e beijou o topo de sua cabeça.

— Você se importa de terminar de resolver as coisas com Henrique? — perguntou, virando-se para mim.

— Não, podemos fazer isso sem você.

Ele concordou com a cabeça, parecendo um pouco fora do ar.

— Preciso levar ele ao hospital. Só para garantir.

Pelo que eu podia ver, aquele estava longe de ser um caso de hospital, mas já havia lidado bastante com pais de primeira viagem para entender a preocupação dele. Chegava a ser engraçado ver um homem tão sério perdendo a pose por conta de um joelho ralado.

Como tinha certeza de que não era nada grave, resolvi intervir antes que ele gastasse mais uma fortuna sem necessidade.

— Se quiser, posso dar uma olhada nele para ver se precisa de tudo isso.

Matteo olhou para o filho, que ainda soluçava em seu colo. Percebi que estava prestes a negar, então resolvi dar a cartada do meu conhecimento para ganhar um pouco mais de credibilidade, mesmo imaginando que ele devia ter visto aquilo em meu currículo. Podia não ter o ensino médio completo, mas havia aprendido bastante com outras coisas.

— Eu tenho curso de primeiros socorros.

Ele ainda parecia um pouco desconfiado, quando a mulher entrou na conversa:

— Menino, deixa a moça olhar o Thomas.

Levei alguns segundos para perceber que o “menino” ali era referente ao pai e não ao filho. Ela continuou:

— Se eu tivesse levado você ao hospital a cada tombinho desses, teria falido o seu pai.

A senhora riu e estendeu a mão para mim, se apresentando como Teresa, a pessoa que fazia a casa funcionar. E, pela maneira com que ela tratava o patrão, poderia dizer que fazia aquilo havia bastante tempo, talvez até mais do que ele tinha de idade.

— Sou Isabella, ba...

— Uma amiga — Matteo me cortou.

Olhei para ele, assustada, com medo de ter dado bola fora antes mesmo de chutar para o gol, mas ele não parecia bravo. Na verdade, parecia um pouco envergonhado enquanto a governanta o analisava. Pelo jeito, não queria mesmo que ninguém soubesse que havia contratado uma babá, mesmo que Teresa parecesse fazer parte desse trabalho também.

Seguimos até a cozinha, em busca de gelo para o machucado de Thomas. Como todos os cômodos da casa, ela era maior e mais bonita do que qualquer outra que eu já tinha visto: toda branca, com detalhes em cobre. Até mesmo a geladeira parecia ter sido feita sob medida para o ambiente, o que eu não duvidava.

Era tudo tão brilhante e limpo, que deveria ser um pecado usar a área para fazer comida. Aquilo era uma obra de arte a ser admirada. Para limpar tudo depois de um almoço, eu precisaria de alguns dias — horas provavelmente não seriam suficientes, ainda mais se tivesse fritura envolvida.

Matteo colocou o filho sentado na ilha da cozinha e fez um sinal para que eu me aproximasse.

— Thomas, essa aqui é uma amiga do papai.

O menino me olhou como se tivesse acabado de notar minha presença e abriu um sorriso.

— Você sabia que amanhã é meu parabéns? Tem que trazer presente.

— Amanhã não é seu parabéns. — Matteo riu.

O filho fechou a carinha e cruzou os braços. Crianças naquela idade estavam aprendendo a demonstrar o que sentiam através de suas feições. As reações eram sempre exageradas demais para a situação, o que tornava tudo muito fofo e engraçado. Ele devia ter quase a mesma idade de Yasmin, uma das fases com que eu mais gostava de trabalhar.

— Papai, você falou que ia ter parabéns de novo.

— E vai ter, quando você fizer cinco anos, daqui a um ano — respondeu o homem, ainda com o sorriso no rosto.

Matteo ficava muito mais descontraído na presença do filho, parecia mais leve e os lábios se erguiam com facilidade. Totalmente diferente do homem sério que estivera comigo até alguns minutos atrás.

— Quantos dias é um ano?

— Trezentos e sessenta e cinco.

Thomas ficou pensativo e depois perguntou:

— É semana que vem?

Não consegui conter a risada. Em menos de cinco minutos, já tinha dado para perceber que o menino gostava de conversar. Pelo menos não teríamos problemas de comunicação.

— Não, meu filho, é ano que vem, depois do Natal. Vamos deixar a amiga do papai dar uma olhadinha em você?

O garotinho franziu o cenho e olhou para mim.

— Ela já tá me olhando, papai.

— Você tem toda razão — respondi e me aproximei dele. — Seu pai não sabe de nada. Eu sou Isabella, mas pode me chamar de Bella.

— Minha vó tem uma cachorra que se chama Bella.

Matteo afundou o rosto nas mãos enquanto Teresa soltava uma gargalhada alta de dentro do que parecia ser a despensa. Se tinha uma coisa que eu achava a cara da riqueza era aquele negócio de despensa. A pessoa precisava ter muita comida estocada para precisar de uma área além da cozinha para guardá-la. Dois armários e uma geladeira sempre foram suficientes para o que eu e tia Raquel conseguíamos comprar no mês.

— Sinto muito, Isabella — Matteo disse e me tocou no braço. Seus dedos estavam gelados por conta do gelo e causaram um arrepio em minha pele.

— Não tem problema. Já conheci muitas gatas e cachorras chamadas Bella, isso não me incomoda. Acho até divertido, para falar a verdade. — Peguei o gelo envolto em um tecido que o homem estendeu para mim e coloquei no joelho de Thomas, mesmo sabendo que o machucado precisava apenas de uma limpeza. — E como é essa Bella da sua avó? Você gosta muito dela?

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Ela não gosta de mim, fica querendo me morder.

Durante todo o tempo em que eu movi seus bracinhos e perninhas para ver se estava tudo certo, ele contou sobre a tal cachorrinha, que descobri ser uma pinscher muito invocada, que não gostava de crianças.

Quando constatei que não havia nada além do joelho ralado, limpei o machucado e coloquei um band-aid. Matteo fez Thomas prometer que não andaria mais de skate sozinho e explicou que, caso fizesse, ficaria de castigo.

Ele escutou o pai com atenção antes de sair correndo, já nem se lembrando da dor de alguns minutos atrás.

— Obrigado por isso — falou, quando ficamos a sós na cozinha.

Ele estava do outro lado da ilha, lavando a vasilha de onde havia tirado o gelo.

— Não precisa agradecer, você está me contratando para isso.

Ele concordou com a cabeça.

— Thomas gostou de você. Tinha tempo que não o via tão falante assim, desde que a mãe...

Matteo fez uma pausa. Era possível ver como a perda ainda o afetava. Não tinha achado muito em minhas pesquisas além de que ela havia morrido em um acidente de carro, pouco mais de um ano antes. Ele devia ter amado muito aquela mulher. Ela era uma das sortudas.

Observei quando ele apoiou as mãos na ilha, com os braços afastados, e olhou para baixo.

— Eu também gostei dele — falei, para preencher o silêncio.

Matteo ergueu a cabeça e encontrou meu olhar.

— Ele não saiu muito durante esse último ano, e eu tinha medo disso o ter afetado de alguma forma, porque ele sempre foi um menino falante e, desde que tudo aconteceu, estava mais calado, na dele, mas com você pareceu ser o menino de sempre. Não é qualquer um que consegue isso.

Não era a primeira vez que eu ouvia algo assim. Apesar de não ter nenhuma vontade de ser mãe, lidar com crianças sempre fora algo fácil para mim. Eu as adorava e elas pareciam perceber, o que tornava tudo recíproco.

— Vou te contar meu segredo — falei e olhei para os lados, como se verificasse que ninguém estava escutando. — Sou a Nanny McPhee. — Coloquei o dedo nos lábios e fiz um “shhhh”.

Matteo riu e deu a volta na ilha, ficando mais próximo de mim. Tinha soltado um pouco o nó da gravata e arregaçado as mangas da camisa social. O paletó havia se perdido em algum lugar do trajeto até a cozinha, o que facilitava a visão do tecido que abraçava diretamente seu corpo. Aquela era a última coisa em que eu precisava prestar atenção, mas notei como todos os ternos vinham escondendo bem o seu recheio.

— Thomas adora esse filme e, se eu fosse você, me preocuparia com isso. Talvez ele tente aprontar alguma coisa.

— Babá encantada, Matteo. — Esforcei-me em manter o tom leve. — Isso não vai acontecer.

Teresa voltou à cozinha para pegar alguma coisa e olhou de mim para Matteo, que voltou a ficar sério e se recompôs, logo antes de perguntar se podíamos terminar o que estávamos fazendo. Parecia tomar cuidado com as palavras que usava.

Eu ainda não tinha entendido o jogo. Teria que perguntar. Ele dava a entender que queria já começar a fingir que tínhamos algo, mas ficava sem graça sob os olhares de Teresa, que provavelmente vinha criando suspeitas.



CAPÍTULO 7

Isabella

Olhei para a loja em que Matteo havia me mandado encontrá-lo. Só de bater o olho, eu já sabia que era um lugar onde eu nunca entraria em circunstâncias normais. A vitrine não exibia preços de nada, e isso já era o suficiente para me assustar.

O celular vibrou, e vi uma mensagem dele informando que se atrasaria um pouco. Também me incentivava a entrar e dar uma olhada nas roupas, procurar algo de que eu gostasse.

Sua primeira sugestão havia sido a de me entregar um cartão sem limites, para que eu ficasse à vontade, mas não me sentiria nem um pouco confortável com aquilo. Queria que ele visse e desse ok em todas as escolhas, até para saber o exato valor de cada peça.

Pensei em continuar à espera, do lado de fora, mas o sol estava escaldante sobre minha cabeça. Então entrei na loja, fingindo costume, e andei até uma das araras que, assim como a vitrine, não tinham etiquetas com preço.

Foi quando reparei no corte minúsculo de tudo. Até mesmo as peças de tamanho G pareciam feitas para crianças, e não para mulheres adultas.

— Isabella.

Ah, droga.

Fechei os olhos e orei silenciosamente para que estivesse errada. Aquela voz esganiçada não podia ser da pessoa que eu estava pensando, mesmo sabendo que eu nunca a confundiria.

Assim que me virei, dei de cara com Rebeca, que sustentava um sorriso dos mais falsos que eu já tivera o desprazer de ver. Com tantas lojas na cidade, Matteo tinha que me mandar logo para aquela em que ela trabalhava?

— Oi, Rebeca — respondi, tentando soar calma e feliz, tudo que eu não estava.

— O que você faz aqui?

Eu não tive a chance de responder, porque o vestido que eu havia acabado de tirar da arara para ver escorregou do cabide até ficar todo embolado no chão. Na mesma hora, a mulher já estava ao meu lado, recolhendo a peça e tomando o cabide da minha mão.

— Cuidado com isso. — Colocou o cabide no lugar. — Eu sei que é legal fuxicar, mas esse vestido é um modelo exclusivo e custa cinquenta e três mil reais. Tenho certeza de que você não quer estragar.

Ela tinha mesmo dito que aquele monte de panos custava o valor de um carro zero? Eu só podia ter entrado no lugar errado. Não podia ser verdade. Devia estar me zoando, só para me ver longe dali o mais rápido possível. E, se essa era sua intenção, eu a faria passar um pouco mais de raiva.

— Quero experimentar.

Rebeca mordeu os lábios e deu uma risadinha.

— Nós duas sabemos que você não vai levar essa peça. Se estragar, sou eu que vou me ferrar por ter permitido que experimentasse. Por favor, só estou tentando trabalhar. Não quero ser grossa, mas é cansativa a quantidade de pessoas que aparecem aqui só para colocar essas roupas no corpo e ficar tirando selfies no provador.

Eu jurava que tentava gostar dela, mas aí coisas daquele tipo aconteciam. Ela se achava a *socialite* por trabalhar naquela loja, em que gastava todo o dinheiro comprando roupas de coleções passadas, porque era o que conseguia bancar. E lá no bairro ainda se fazia de dondoca, enquanto morava com o pai no barraco ao lado do meu.

— Eu quero experimentar — repeti.

Ela olhou para trás, onde as outras vendedoras nos observavam com atenção, e respirou fundo, como se exigisse muito de sua paciência ter que lidar comigo.

— Isabella, eu sei que não somos amigas, mas esse aqui é meu trabalho. Vou te pedir com educação que se retire da loja. Estamos esperando um cliente especial e não podemos ter um barraco aqui dentro.

Tive que segurar a risada. Ela estava me chamando de barraqueira? A menina que tinha arrumado confusão com todas as outras da escola por achar que todo mundo queria o namorado sem graça dela? Só podia ser uma pegadinha.

— Eu vou levar esse vestido.

— Nós não trabalhamos com parcelamento, e duvido que seu cartão tenha limite para isso.

Rebeca tinha levantado um pouco o tom de voz, e uma moça atrás do caixa chamou sua atenção antes de apontar discretamente para entrada da loja, onde encontrei Matteo e mais uma mulher que eu não conhecia. Na mesma hora, os sorrisos de todas as atendentes se arreganharam como lobos prestes a atacar a presa.

O homem veio caminhando em nossa direção, e Rebeca ajeitou a postura ao passar a mão pelo cabelo.

— Que prazer te ver novamente, Matteo — falou. — Se quiser, já estou livre para te atender. Ela está indo embora. — Então me lançou um olhar que eu só poderia traduzir como “vaza daqui, agora”.

Matteo não entendeu nada. Olhou para mim com o cenho franzido:

— Por que você vai embora? Não gostou das roupas daqui?

Rebeca nem me deixou abrir a boca. Se colocou entre nós dois e fez um sinal com a mão nas costas, apontando a porta, de modo que só eu conseguisse ver.

— Ela adorou as roupas, só não cabem no orçamento. Se é que me entende. — Ela encostou no braço dele e sorriu, jogando um flerte descarado. Então, estendeu a outra mão para a mulher que o acompanhava: — Você deve ser a amiga que precisa da nossa ajuda. Pode ficar à vontade.

Matteo afastou a mão de Rebeca de seu braço e olhou para mim.

— Na verdade. — Ele buscou minha cintura e me puxou para ficar mais próxima dele. — Essa aqui é quem você precisa mimar, Rebeca.

Queria ser uma pessoa melhor e dizer que não senti nenhum prazer em ver a cor sumir do rosto dela, mas seria mentira. Estourei fogos de artifícios

internos quando vi minha vizinha engolir em seco e recolocar no rosto o sorriso falso, que eu conhecia bem.

— Eu... eu... sinto muito.

— Será que posso experimentar o vestido, agora, e saber o valor real dele?

— Sem valores — Matteo orientou antes que ela tivesse a chance de responder. — Só escolha o que gosta.

— Mas...

— Isabella. — Seu tom de voz grave fez com que eu parasse de falar na mesma hora. Então ele sorriu e colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. — Deixa eu te mimar um pouquinho.

Depois daquilo, eu não sabia se estava sentindo direito as pernas. Ele tinha falado que iríamos começar o fingimento desde antes da viagem para “pegarmos o ritmo” um do outro, mas eu definitivamente não estava esperando que ele fosse tão bom naquilo, a ponto de enganar até a mim.

— Tudo bem — respondi, desconcertada sem nem precisar simular, apesar de que, se ele perguntasse, eu diria que era uma ótima atriz.

Matteo chamou a mulher que entrara com ele na loja e a apresentou como uma consultora de imagem. Ela iria me ajudar a encontrar meu estilo pessoal. Quase perguntei se ele achava que me vestia tão mal para precisar de alguém para escolher roupas por mim, mas, no final, entendi que a função dela não era escolher nada, e sim me ajudar a encontrar as peças que mais valorizariam minha beleza, dentro do que me agradava. Descobri que meu corpo tinha o formato de ampulheta e quais cores combinavam melhor com meu tom de pele. Foi incrível.

Rebeca foi de oito a oitenta em um piscar de olhos. Estava me tratando como se eu fosse sua melhor amiga desde a infância, enquanto Matteo bancava o namorado fofo, me elogiando a cada *look* que mostrava para ele. Só as roupas íntimas e de banho eu fingi querer guardar para revelar em outra ocasião.

Saí do provador com o vestido branco que havia escolhido para a festa de ano-novo, e ele franziu o cenho, diferente da aprovação instantânea que dera para os demais.

— Acho que está faltando alguma coisa.

Ele me rodeou, analisando tudo, e senti meu corpo queimar com a forma como seu olhar passeava por mim. Estava aflita, esperando seu veredito, quando ele tirou uma caixinha retangular de trás das costas e abriu, revelando um colar. A fina corrente dourada sustentava duas pérolas de tamanhos diferentes. Era delicada e o tipo de acessório que eu usaria.

Aquele homem sabia bem como bancar o cara perfeito, roubando cenas icônicas de filmes dos anos noventa.

— É lindo, Matteo.

Ele tirou o colar da caixa e perguntou se podia colocar. Ergui meu cabelo, e ele foi para trás de mim. Olhei, pelo reflexo do espelho, suas mãos se arrastarem de propósito por minha pele, até o fecho se encontrar, e percebi que já não usava a aliança. Ele se aproximou para enxergar melhor, e, assim que senti sua respiração na nuca, todo o meu corpo se arrepiou.

O que foi que aconteceu aqui, Paizinho do céu?

Quando se afastou, fui obrigada a me recompor e fingir que aquilo não tinha sido estranho. Um estranho muito bom, mas estranho. Definitivamente

precisaria pensar sobre o porquê de estar reagindo daquela forma a ele, ou não sobreviveria por um mês no fingimento.

— Então, vocês estão juntos? — Rebeca perguntou, quando ficamos a sós no provador.

A fofoqueira que habitava nela não conseguira aguentar muito. Eu seria imatura de responder “não te interessa”? Porque era a minha vontade. Só não o fiz por medo de ter mais gente escutando, inclusive Matteo. Não queria que ele pensasse que eu era mal-educada demais para apresentar como namorada para outras pessoas. Então, falei o que havíamos combinado:

— Somos só amigos.

— E eu sou a rainha Elizabeth — falou rindo. — O jeito que ele está te tratando não tem nada de amizade.

Claro que eu sabia daquilo. Matteo queria que as pessoas já comesçassem a fazer suposições, antes de fingirmos de fato o namoro. Ele sabia que todos desconfiariam se simplesmente surgisse nas festas de final de ano com uma mulher que ninguém nunca tinha visto.

— É complicado.

— Eu imagino — respondeu. — Ele venerava a Marina, ela era uma pessoa incrível. O acidente foi a coisa mais triste. Lembro de ver Matteo chorando no velório, agarrado ao filho. Ele estava desmoronando. Eles foram o amor da vida um do outro, e ela era única. Não acredito que ele consiga amar alguém como a amou.

Fiquei um pouco sem reação com o comentário. Primeiro por imaginar a dor que Matteo sentia por perder alguém que amava tanto. Eu mesma não sabia se suportaria e agradecia, todos os dias, por ter tido a sorte de viver vinte e dois

anos sem passar por aquela dor. Apesar de ter perdido minha mãe, eu havia acabado de nascer, não era algo que lembrava de ter sentido. Segundo porque, se eu e ele estivéssemos mesmo juntos, seria um comentário insensível para caramba. Imagina como eu não me sentiria se ouvisse que o amor da vida do cara que eu amava sempre seria outra pessoa?

A história deles tivera um fim horrível, era triste, mas não seria nem um pouco saudável que ele nunca mais se abrisse a outros relacionamentos.

— Depois de tudo que ele sofreu, espero que tenha uma segunda chance.
— Peguei as roupas que estava usando ao chegar e comecei a vestir com pressa. — Ninguém merece passar uma vida inteira sofrendo por alguém que não vai voltar. Eu não sei o que você vê de bonito nisso, pois pra mim é só triste.

Ela ficou me encarando em silêncio enquanto eu terminava de me vestir.

Abri o tecido do vestiário e encontrei Matteo olhando para Rebeca de uma forma que nunca queria que olhasse para mim. Ela correu, assim que percebeu que ele havia escutado nossa conversa.

— Fico impressionado com o quanto ela gosta de se meter onde não foi chamada. Pelo menos, agora, não preciso mais fingir que gosto dela só pra minha mulher não dizer que é implicância minha.

Eu nem poderia tentar defendê-la, porque havia convivido com aquilo praticamente a vida toda. Porém estava chocada com a descoberta de que Rebeca tinha amigas — e amigas que pareciam ser boas pessoas. Como conseguiam aturá-la?

Matteo foi até o caixa pagar pelo mundo de coisas que me obrigara a comprar e me manteve longe, para que não ouvisse o valor total. Eu precisava confessar que já não estava tão incomodada quanto deveria. Tinha amado a

experiência de bater o olho e falar “quero”, sem precisar abrir o aplicativo do cartão de crédito para saber se poderia querer de verdade.

Levei minhas compras para o apartamento de Alice, que não estava em casa quando cheguei, e dei graças a Deus por isso. Podia imaginar o escândalo que faria ao ver tudo aquilo e sabia que ela não conseguiria resistir a pesquisar os valores — algo que eu também estava curiosa para fazer, mas iria me comportar. Dependendo do que encontrasse, em vez de usar, talvez trancasse todas as roupas em um cofre.



CAPÍTULO 8

Isabella

Estava me sentindo a própria estrela de Hollywood, pronta para desfilarm pelo tapete vermelho, com um longo vestido preto que não deixava muita coisa para a imaginação, graças àquela fenda lateral e o decote bem cavado.

As compras não haviam ficado só nas roupas: foram bolsas, malas para a viagem, maquiagens, chapéus e várias outras coisas que eu nunca havia usado. Só faltou tocar *Pretty Woman* para completar a cena perfeita do meu momento Julia Roberts em *Uma linda mulher*, mas sem a parte de ir para a cama com o cara que estava me bancando.

O único ponto ruim de tudo aquilo era ter tanta peça de roupa perfeita e ser obrigada a usar as antigas para que minha tia não desconfiasse. Havia falado a ela sobre a proposta de emprego que pagaria muito bem e como precisaria viajar com eles, porém deixara de fora a parte de fingir estar em um relacionamento com o pai do menino. Ainda assim, tia Raquel estava um pouco desconfiada — afinal, a esmola era grande, e olha que eu nem tinha detalhado o quanto.

Após eu explicar quem era o homem e que iríamos para uma praia no Rio de Janeiro, cujo local exato eu desconhecia, mas garantir que a deixaria informada assim que chegasse lá, com muito custo, ela acabara concordando. Seu conselho era apenas que eu não deixasse ninguém abusar das horas trabalhadas e que aproveitasse as folgas para curtir a praia, já que sempre quis conhecê-la.

Alice lhe faria companhia durante o período, só para garantir que ela teria alguém por perto caso precisasse. Eu não conseguiria ir com a consciência tranquila se não tivesse certeza de que nossa tia não ficaria sozinha.

— Seu carro chegou, madame — falou minha prima, dando leves batidas à porta e me arrancando do transe.

Vinha usando seu apartamento para esconder todas as coisas e, para todos os efeitos, naquele dia, eu estaria trabalhando. O que não era mentira, só não era o tipo de trabalho que tia Raquel pensava.

Olhei-me uma última vez no espelho. A cabeleireira e a maquiadora tinham saído de lá mais de meia hora atrás, porém eu ainda não conseguia parar de me admirar. Me sentia uma deusa. Precisava de uma maquiagem permanente como aquela.

Só percebi que me arrumar por lá não havia sido uma ideia tão boa quando terminei de descer os seis lances de escada em cima do salto agulha, que eu já estava me arrependendo de ter escolhido.

Saí do prédio, e um deus grego descido do Olimpo segurava a porta traseira do carro. Meu coração chegou até a errar uma batida. Era exatamente meu número. Eu nunca tinha sido uma grande admiradora de homens em

ternos, mas isso parecia estar mudando, ainda mais vendo o quão bem Matteo ficava neles.

Meu Deus, Isabella! Olha o homem à sua frente! Por que, no mundo, você colocaria seu atual patrão como modelo de beleza quando ele nem te atrai?

Cheguei a olhar para os lados, em busca de outro carro, mas Matteo devia ter mandado alguém me buscar em seu lugar e se esquecera de me avisar.

— Oi — cumprimentei o desconhecido. — Sou Isabella!

Vi suas sobrancelhas se unirem na testa e ele morder parte do lábio inferior, antes de uma leve risada sair de sua boca. E, bom, se eu já o tinha comparado a um deus, nem sabia qual tipo de comparação usar quando o sorriso ganhava espaço, deixando mais evidente um pequeno furinho no queixo.

O rapaz me estendeu a mão, sobre a qual eu coloquei a minha, então ele levou as costas dela para mais perto e a beijou. Sua boca em minha pele fez meu rosto aquecer, algo que não acontecia com muita frequência.

— Oi, Isabella.

Reconheci a voz, assim que as palavras saíram de sua boca, e minha vontade foi a de sair correndo de lá. Aquela não era uma pessoa aleatória, era Matteo com a barba feita e o cabelo cortado. Ele devia ser pelo menos dez anos mais novo do que eu havia achado a princípio e era, definitivamente, atraente demais para que pensassem que eu estaria com ele apenas por interesse.

Engoli em seco, sentindo o coração começar a bater mais forte.

Merda!

O maldito não tinha nem um Instagram para ter me preparado para aquilo.

— Matteo... — Escondi o rosto nas mãos. — Que vergonha!

— Fiquei tão diferente assim?

Ele ainda sustentava o sorriso no rosto quando voltei a olhá-lo.

— Um pouco? — arrisquei, com medo de dizer algo errado.

Não pegaria muito bem falar tudo que havia passado pela minha cabeça.

— Vou te dar uma colher de chá, porque até meu filho se assustou.

Ele abriu mais a porta do carro e fez sinal para que eu entrasse. Sentei-me, logo depois de cumprimentar o motorista, que estava achando graça por eu não ter reconhecido Matteo. Então, completou contando sobre como aquilo tinha sido chocante para todo mundo e comentando que eu devia ter mexido com o patrão, para que ele resolvesse largar o *cosplay* do primo Itt e virar gente de novo. Não consegui conter a risada, imaginando o personagem cabeludo da família Addams.

— Sandro, eu pago seu salário. Não acredito que vocês estavam me chamando assim pelas minhas costas.

Por um momento, fiquei com receio de que o homem acabasse perdendo o emprego devido ao comentário, mas então o motorista começou a rir e disse que preferiria perder o patrão do que a piada. Matteo olhou para mim e resmungou:

— É um absurdo isso. Ninguém me respeita mais.

Naquele clima leve de brincadeira, fomos até o local do jantar. Em certo momento do caminho, Matteo entrelaçou nossos dedos e colocou nossas mãos unidas sobre sua coxa. Senti a frequência das batidas no meu peito aumentar, e então ele fez um leve sinal para Sandro, que logo nos observou pelo retrovisor e deu um pequeno sorriso. Ele parecia feliz com aquilo, e eu me senti um pouco mal de estar enganando um senhor que parecia apenas desejar o bem de seu chefe.

Matteo era um ator muito melhor do que eu, pois os olhares que havia me lançado em alguns momentos me fizeram sentir um arrepio estranho na espinha, como se ele estivesse mesmo me desejando.

Para a minha sorte, ou azar, não precisaria de atuação nenhuma para fingir reações, já que meu corpo estava me traindo e fazendo tudo aquilo de uma forma que fugia do meu controle.

Sandro encostou o carro em frente ao lugar em que estava acontecendo o evento. Vários fotógrafos circulavam a entrada, e uma fila de pessoas esperava na lateral. Sabia que seria uma ocasião importante, mas não estava esperando tanto. Um alerta soou em minha cabeça, com medo de ir parar em algum site de fofoca que tia Raquel acompanhava, só que já não existia nada que eu pudesse fazer que não fosse encarar o buraco em que havia me enfiado.

Um homem de uniforme abriu a porta do meu lado e me ajudou a descer. Vários flashes piscaram em minha direção, e me senti a própria Beyoncé.

Contornando o carro, Matteo me enlaçou pela cintura e nos conduziu até a porta. Todos pararam o que estavam fazendo para fotografar nossa caminhada. Minhas mãos estavam suando, e eu estava morrendo de medo de errar um passo e cair no chão.

O toque dele em mim e toda a confusão de pessoas quase me deixaram maluca. Não consegui prestar atenção em mais nada além da maneira como ele colocava mais pressão ou menos para fazer com que eu o acompanhasse para todos os lados. Posamos para algumas fotos e, quando estávamos quase na entrada, Matteo chegou a boca perto do meu ouvido e sussurrou:

— Eles estão loucos para saber quem é você.

Mordi o lábio para segurar a risada. No dia seguinte, eu provavelmente seria a morena misteriosa.

Ao entrar no salão, ele soltou um “isso não foi tão difícil” antes de libertar minha cintura.

— Diga por você — respondi, tentando aliviar um pouco a tensão que sentia. — Minhas mãos estão tremendo.

— Vou te ajudar com isso, então. — Ele sorriu e a envolveu com a sua, entrelaçando nossos dedos.

Não lembrava se alguma vez já tinha andado por aí de mãos dadas com alguém, pelo menos não uma pessoa adulta, do sexo oposto, com quem eu estivesse envolvida. Nunca havia ficado com alguém por tempo suficiente para isso. Eram apenas mãos, mas, naquele momento em que vários olhos nos fitavam enquanto atravessávamos o salão, pareciam ser a coisa mais indecente que faria na vida.

— Você veio — disse uma mulher, pulando no pescoço de Matteo — e fez a barba! Está finalmente parecendo você de novo.

Logo que ela o soltou, a reconheci do outro dia em seu apartamento. Era a irmã dele, a qual eu esperava nunca mais ver na vida. Havia esquecido por completo que eles eram parentes.

E se ela me reconhecesse? Tinha certeza de que não ficaria muito feliz.

Só ao se afastar dele, ela se deu conta de nossas mãos entrelaçadas. Verônica olhou dele para mim, depois de novo para o irmão.

— Tem alguma coisa que quer me contar? — Ela franziu o cenho e colocou a mão na cintura.

Matteo olhou para mim e me apresentou à irmã, como se eu não tivesse tido uma péssima experiência com ela. Foi um pouco revoltante ver a maneira como ela me abraçou e disse que já me amava, só por ter conseguido fazê-lo aparecer em algum evento.

Tive vontade de gritar algumas verdades na cara dela, mas duvidava que meu namorado de mentira gostaria que outras pessoas soubessem que estava acompanhado por uma garçonete. Não havíamos conversado sobre aquilo, então fiquei quieta, na minha, apenas sorrindo e fingindo apreciar a companhia dela.

Quando Verônica saiu, respirei tão fundo que Matteo pareceu sentir meu desconforto, pois perguntou se eu estava bem.

— Estou. Só fiquei com uma dúvida. — Virei-me para ficar de frente para ele e de costas para as pessoas que lotavam o salão. — Você quer que eu diga que sou o quê?

Ele olhou para os lados e coçou o queixo.

— Como assim, Isabella?

— Minha profissão. Devo dizer que trabalho com o quê?

— Fale a verdade. Não quero que monte uma personagem, só seja você.

— Você não acha que as pessoas podem falar que só estou com você por interesse?

— Assim você me magoa — respondeu ele, com um sorriso divertido no rosto. — Sou feio a ponto de só quererem ficar comigo pelo meu dinheiro?

Engoli em seco a resposta que chegou até a pontinha da minha língua, mas felizmente não saiu. Dizer que ele era um dos homens mais bonitos que meus olhos já haviam visto, com certeza, seria uma grande bola fora.

— Claro que não, primo Itt.

Ele riu, e foi difícil não acompanhar.



CAPÍTULO 9

Matteo

— É impressão minha ou eu a conheço de algum lugar? — Verônica perguntou, sinalizando para Isabella, que ria largo de algo que Henrique havia dito.

Minha irmã era muito boa em guardar fisionomias, mas eu não achava que fosse reconhecer Isabella. Ela estava bem diferente, sem o coque com a redinha e o uniforme nada atraente. Ainda me sentia culpado por ter mexido os pauzinhos para que ela trabalhasse naquela noite — se não fosse por mim, ela não precisaria ter ouvido nada daquilo. Mas também não havia perdoado Verônica pela cena toda, embora ela nunca se importasse em pedir perdão e apenas continuasse vivendo a vida, como se nada tivesse acontecido, até que eu deixasse para lá — o que só provava o ponto de ela ser como era por minha culpa.

— Não é impressão.

— Eu sabia — falou, sorridente —, mas não consigo me lembrar de onde. Ela trabalha com você? Não me diga que o senhor Integridade está pegando

uma funcionária.

Às vezes eu ficava em dúvida se ela realmente me conhecia para falar algo do tipo. Ainda mais depois de tudo que tinha acontecido com Marina.

— Sério, Verônica?

Seu sorriso morreu no mesmo segundo, ao perceber a merda que havia falado.

— Você sabe que não foi isso que quis dizer. — Ela segurou meu rosto entre as mãos. — Ficar com uma funcionária, agora que você está solteiro, não é a mesma coisa do que na época em que era casado. Eu não estou zombando do que aconteceu.

Segurei os pulsos dela e afastei do meu rosto. Não teríamos aquela conversa. Chegava a ser cômica a forma com que ela sempre falava que eu estava solteiro, como se eu e Marina tivéssemos nos separado e cada um seguido sua vida.

— Não, não foi lá que vocês se conheceram — respondi, olhando para Isabella, que vinha em nossa direção ainda conversando com Henrique.

O sorriso em seu rosto era contagiante, como o de uma criança experimentando coisas que nunca tinha feito antes. Observá-la me carregava para um tempo em que as coisas eram mais simples, quando sorrir era fácil e o peso da vida, bem mais leve. Perder alguém mudava algo dentro da gente. Minhas três perdas acumuladas estavam ali como prova, cada uma tendo levado mais um pedaço de mim.

Notei que, na idade dela, eu já não carregava mais aquele tipo de sorriso. Queria ter tido um pouco mais de tempo sem o medo constante de perder alguém.

— Ela não era nenhuma das amigas da Marina, né? — perguntou Verônica, torcendo o nariz e fazendo sinal de vômito.

— O que elas te fizeram para não gostar delas?

Minha irmã revirou os olhos.

— Ela é uma delas, não é? — Respirou fundo, dramática, sem responder à pergunta. — Ainda se diziam amigas. Eu não gostaria de ver meu marido saindo com minhas amigas depois que estivesse morta. Além de que todas as dela eram interesseiras.

Eu amava minha irmã, de todo o coração, mas onde tinha errado para que ela fosse tão diferente de mim? Será que podia culpar a criação do meu pai, antes da minha? Provavelmente não. Ele era muito mais firme do que eu. Aquele resultado estava na minha conta, e eu não tinha certeza se era tarde demais para reverter.

Mal sabia ela que Marina não precisaria se preocupar comigo me esfregando com alguma amiga ou qualquer outra pessoa, porque isso não aconteceria com ninguém.

— Sorte a sua estar viva, então. Falando no seu marido, cadê ele?

— Foi escalado no serviço — respondeu, coçando o nariz. — Algum colega ficou doente, e ele teve que cobrir. Ele ficou superchateado por não poder vir, mas não conseguiu ninguém para ficar no lugar dele.

Isabella veio para o meu lado e colocou sua taça na mesa, sem beber uma única gota. Ela tinha feito aquilo a noite inteira. Aceitava a bebida quando o garçom passava, mas não colocava na boca.

— Isabella, estávamos falando de você — minha irmã disse, voltando ao assunto. — Eu te conheço de algum lugar.

A moça olhou para Verônica e passou a língua rapidamente pelo lábio inferior, antes de se virar para mim com uma cara de quem pedia socorro.

— Você foi quase o nosso cupido, irmã.

— Podemos fazer isso em outro lugar? — Isabella perguntou.

Verônica olhou de mim para ela, por alguns segundos, e percebi o momento exato em que lembrou de onde a conhecia. Bem quando virou as costas e saiu andando.

Fui atrás dela, deixando Isabella com Henrique novamente. A alcancei já perto do banheiro, onde acreditava ser o destino final. Segurei seu braço e a virei para mim.

— O que você quer? Me humilhar? — perguntou em um tom de voz ameno, para que ninguém percebesse o que estava acontecendo. — Parece que você faz de propósito, que gosta de me ver na merda, sempre se envolvendo com pessoas que só existem para fazer um inferno na minha vida.

Ela puxou o braço, e eu soltei.

— O mundo não gira em torno do seu umbigo, Verônica. Depois de tudo que você falou para ela, acha que isso é humilhação?

— Você é inacreditável! — Seus olhos começaram a lacrimejar. — Nunca fica do meu lado, prefere qualquer pessoa que não seja eu. É sempre assim.

— Isso não é verdade.

— Não? — confirmou, enxugando a lágrima que havia escapado. — Pense bem em todas as vezes que você ficou do lado da Marina, mesmo sabendo que ela estava errada. Sempre perdi você para ela e, agora, quando enfim estava ganhando meu espaço de volta, você arruma outra pessoa pra primeira posição.

Verônica sabia ser bem dramática quando queria. Aquilo não era verdade. Eu ficava contra ela, na maioria das vezes, porque quase sempre estava errada. Não tinha como presenciar algo como o que ela havia feito com Isabella e passar a mão em sua cabeça. Porém as palavras me pesaram um pouco, mesmo que eu não acreditasse que fizesse aquilo.

— Você nunca me perdeu para ninguém. A relação que eu tenho com qualquer outra pessoa nunca vai interferir no que eu tenho com você. — Dei um passo para a frente, querendo abraçá-la, mas ela se afastou.

— Eu queria acreditar nisso. — Sua voz soou tão quebrada que partiu meu coração saber que parte do motivo era minha culpa. — Só queria meu irmão mais velho hoje. Fiquei tão feliz em te ver bonito de novo. Achei que talvez agora você voltaria a estar presente pra mim, mas, na primeira oportunidade que teve, trouxe a garçonete para esfregar meu erro na minha cara. Você acha que me orgulho daquilo, Matteo?

Eu não tinha ideia de que ela se sentia daquela forma, o que me deixou mal. Mesmo sabendo que ela estava errada na maneira de agir, sabia também que ela não era uma pessoa ruim. Verônica só precisava de uma direção, e talvez eu não tivesse sido o melhor irmão para ajudar com isso.

— Nica — chamei pelo apelido, para tentar amolecer seu coração. — Não a trouxe aqui pra te humilhar. Eu gosto dela. Nós conversamos e nos demos bem. Juro que não tem nada com querer te dar algum tipo de lição.

Ela cruzou os braços e olhou por cima do meu ombro, para onde eu imaginava estar Isabella.

— Se você não se orgulha daquilo, por que não vai até ela e pede desculpas?

— Porque eu nunca perdoaria alguém que tivesse me falado as coisas que falei para ela.

— Só que ela não é você.

Ainda não conhecia Isabella o suficiente para afirmar que ela perdoaria as palavras de Verônica, porém não podia deixar de incentivar minha irmã a fazer o certo. Mesmo que a resposta fosse “não”, ela precisava aprender que não podia falar aquele tipo de coisa e fingir que nada tinha acontecido, só porque a pessoa não era de seu círculo social.

Verônica abaixou a cabeça e colocou as mãos atrás da nuca, soltando um grande suspiro.

— Eu fico feliz por você, Matteo. — Ela me lançou um sorriso forçado. — Só não consigo fazer isso hoje. Você sabe que não sou boa nessas coisas, e já não está sendo um bom dia.

— Nica, o que está acontecendo?

Eu sabia que minha irmã tinha uma tendência ao drama, mas saber não fazia com que eu ficasse menos preocupado ao vê-la falar daquela forma. Ela podia ter muitos problemas, mas ainda era a menininha que se esgueirava para minha cama e se enrolava em mim para chorar, quieta, depois de nosso pai morrer. Ela tinha apenas cinco anos, pouco mais do que Thomas, e já havia perdido as pessoas que deveriam protegê-la. Nós tivemos muito apoio — nosso pai garantira tudo antes de partir — e ganhamos uma segunda família, mas a verdade era que, no final das contas, nos tornamos nós dois contra o mundo.

Verônica negou com a cabeça:

— É só minha TPM. Você sabe como fico nesse período.

Sim, eu sabia, mas algo me dizia que não era aquilo, ou, pelo menos, não era só aquilo. Porém, mesmo que não fosse, se ela havia falado daquela forma, era porque não queria me dizer, então eu lhe daria o espaço que parecia desejar. Ela falou que precisava ir ao banheiro e se afastou de mim.

Voltei para a mesa, pensando em todas as brigas que ela tivera com Marina. As duas não haviam sido melhores amigas, mas se davam bem, apesar das pequenas desavenças que aconteciam entre pessoas que dividiam a mesma casa. Não me lembrava de nenhuma grande briga para ela ter mencionado a forma como eu sempre ficava do lado da minha mulher, mas sabia bem que, quando não doía na gente, era mais fácil esquecer. Precisaria ficar mais atento àquelas coisas.

Isabella me observou com atenção — sentia seu olhar mesmo quando ainda estava de costas, conversando com Verônica — e perguntou se estava tudo bem, assim que cheguei ao seu lado. Confirmei com a cabeça.

Ela tinha sido gentil com minha irmã por toda a noite, apesar de tentar evitá-la sempre que podia. Só naquele gesto, mostrava ser alguém muito melhor do que eu. Se tivesse ouvido tantas coisas referentes a mim, não desistiria até a pessoa se arrepender amargamente de cada palavra.

Isabella colocou-se na minha frente e ajustou minha gravata. Suas unhas roçaram de leve em meu pescoço quando arrumou o colarinho da camisa, e coloquei a mão sobre a dela, impedindo que continuasse. Ela franziu o cenho, talvez sem entender o que tinha acontecido.

Como eu poderia explicar, sem soar estranho, que aquele ponto que havia tocado era uma das partes mais sensíveis em mim e só aquilo tinha bastado

para que eu sentisse uma pequena eletricidade percorrer minhas terminações nervosas? Algo que eu não experimentava havia mais de um ano.

— Sua mão está gelada — comentei, tentando explicar a reação.

Ela pediu desculpas e as afastou de mim, depois falou que o tanto de abraços que eu havia distribuído tirara minha gravata do lugar e olhar para aquilo torto estava a tirando do sério.

Engoli em seco e dei um sorriso que não chegou a mostrar os dentes. Claro que eu já havia reparado que ela era bonita, porém a via como uma menina, assim como minhas irmãs. Mesmo que Verônica já fosse casada e Cecília não tivesse nem um pinga de inocência no corpo, sempre seriam minhas meninas, que eu protegeria do mundo. Porém a forma com que Isabella me olhara mais cedo, ao sair do prédio, despertara algo em mim que não dava as caras havia muito tempo, e por um instante eu gostei da adrenalina que me causava. Devia ser a bebida que estava fazendo aquilo comigo. Não havia outra explicação.

Era como um peso puxando meu coração para baixo sentir aquilo com outra mulher que não fosse Marina. Como se meu corpo traidor ainda não tivesse entendido que eu não pretendia ter mais ninguém. Respirei fundo e fechei os olhos, deixando a lembrança dela me acalmar.



CAPÍTULO 10

Isabella

Estava me mantendo sóbria desde o início da noite. Não queria ficar alterada e acabar falando besteira. Era quase meu teste para saber se daria conta da viagem e, por já ter feito planos para o dinheiro, não tinha como voltar atrás. Minha tia e Alice estavam dependendo de mim. Além de que nunca me perdoaria se ferrasse com minha chance de ver o mar pela primeira vez. Só por isso eu tentara tratar Verônica bem, mesmo que ela não merecesse.

Já Matteo havia passado a noite acompanhando seus amigos no uísque. Apesar de ele não parecer alterado, eu imaginava que devia ter sido a bebida que o deixava mais sorridente e brincalhão. Quase como se, por um período, o peso que ele parecia carregar nos ombros estivesse mais leve.

Antes de voltarmos para o carro, ele sussurrou no meu ouvido que teríamos que fazer um pequeno teatro para Sandro acreditar que estávamos envolvidos. Meus pensamentos, que não estavam nada castos, foram direto para uma imagem que deixou minhas pernas bambas: a de Matteo me

prensando contra o banco com seu corpo. Só não sabia se ficaria confortável com alguém assistindo. Provavelmente não.

Entrei no carro, e ele veio logo atrás. Assim que começamos a andar, Matteo virou-se para mim. Meu coração acelerou quando seu olhar desceu para os meus lábios e ele acariciou meu rosto, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha e dizendo:

— Você não tem ideia das coisas que queria fazer com você agora.

Engoli em seco. Aquilo, por acaso, era parte do teatro? Porque achei que tinha acabado de perder minha virgindade só com a imaginação.

Ele puxou meu rosto para mais próximo do dele, e pude sentir sua respiração em meus lábios. Fechei os olhos, querendo que ele prosseguisse, mesmo tendo plena certeza de que não deveria querer aquilo, mas, em vez de me beijar, Matteo levou a boca até minha orelha.

— Eu não vou te tocar — sussurrou, e tive que controlar a decepção. — Me afaste e diga que não estamos sozinhos.

Ao fazer o que ele pedia, minha mão que segurava o banco escorregou, e eu tombei para trás. O corpo dele foi a primeira coisa ao meu alcance e, na tentativa de me firmar, acabei puxando-o para cima de mim. Bati as costas na porta, que, para a minha sorte, já estava bem perto, e o rosto de Matteo parou a milímetros do meu.

Passei a língua pelos lábios e, num movimento para tentar me ajeitar, nossas bocas se tocaram. Foi sem querer, mas ele fechou os olhos e respirou fundo. Quando os reabriu, senti todo o controle esvair de seu corpo. Enquanto uma das mãos apertava minha cintura, levando-me para ele, a outra entrou no meio do meu cabelo, e então sua boca desceu sobre a minha.

Ao fundo, uma campainha tocou. Franzi o cenho no meio do beijo, sem entender de onde vinha aquele som, e, ao forçar meus olhos a se abrirem, encontrei o quarto vazio da casa de Alice. A campainha tocou novamente, e levantei resmungando.

Era o terceiro dia seguido que eu tinha aquele sonho. Por que diabos Matteo tinha que inventar uma encenação para me deixar fantasiando com o que teria acontecido se não fosse apenas uma brincadeira? Diferente das diversas realidades alternativas que minha cabeça criava, nada de mais havia acontecido. Depois de me mandar empurrá-lo, com a voz autoritária de quem adorava dar ordens, tudo seguira como o planejado. O sabor de seus lábios era algo que pertencia apenas à minha fantasia.

E, para minha maior frustração, alguém sempre me acordava quando o negócio começava a evoluir. Olhando pelo lado bom, a situação me rendera as melhores cenas que já tinha escrito para um livro.

A campainha tocou pela terceira vez, e olhei pelo olho mágico, xingando em silêncio ao encontrar Rodrigo. Era tudo o que eu não precisava, naquela manhã. Encontrar com o babaca iria acabar com meu dia feliz da viagem.

— O que você quer? — gritei, sem nem tocar na chave.

— Vim trazer Yasmin para ver a mãe.

Abri a porta no instante em que o nome dela foi citado. A puxei para o meu colo e a enchi de beijos.

— Alice não está aqui, né? — ele perguntou. — Típico dela. Combinei de nos encontrar, e ela não mostra o mínimo de interesse em ver a filha. Eu te avisei, Yasmin.

O rostinho da menina perdeu a expressão feliz na mesma hora. O babaca sabia muito bem que Alice não estaria lá. Ela nunca descumpriria uma promessa feita à filha.

— Você acha mesmo que a mamãe não ia querer te ver? — perguntei para ela. — A mamãe ficou tão feliz que resolveu até ir comprar um presentinho para você. Deixa eu avisar que você já chegou.

— Não precisa — Rodrigo disse. — Estou com um pouco de pressa.

Olhei para ele com minha melhor cara de desprezo. Ele com certeza tinha tentado ferrar Alice, provavelmente esperando não encontrar ninguém em casa. Caso contrário, não teria insistido tanto na campainha.

Peguei o celular e enviei várias mensagens para ela, avisando para vir voando e trazer um presente. Alice já estava com tia Raquel. Havia se mudado para lá na noite anterior, enquanto eu ficara no apartamento para arrumar tudo para a viagem.

Em menos de cinco minutos, ela chegou com um slime nas mãos, e Yasmin correu para seu colo. As duas foram até o quarto, e eu fui até Rodrigo, que estava sentado à mesa da cozinha, com cara de poucos amigos. Me acomodei de frente para ele e falei:

— Que você é um desgraçado, todo mundo já sabe, mas, se preza qualquer tantinho pelo bem da sua filha, para de tentar colocar ela contra a mãe. A briga de vocês dois não tem nada a ver com a Yasmin. Ela é tão pequena! Para de tentar colocar um ódio que não pertence a crianças no coração dela. Seja um ser humano decente pelo menos para a sua filha...

Meu celular tocou, interrompendo o discurso, e vi a mensagem de Matteo brilhar na tela, avisando que me buscaria em meia hora. Eu precisaria voar para

ficar pronta a tempo.

Levantei da cadeira, apoiei as mãos abertas na mesa e olhei bem nos olhos de Rodrigo.

— Não faça essa menina crescer com as suas frustrações.

Dei as costas para ele e fui me arrumar.



CAPÍTULO 11

Matteo

Meu celular tocou novamente. Devia ser a quinta chamada em menos de dez minutos. Apertei o botão vermelho, recusando, embora soubesse que Henrique não desistiria e voltaria a ligar. Havia conversado com ele pela manhã, para saber se poderia ser processado pelas coisas que iria fazer — não que mudaria meus planos caso a resposta fosse positiva, mas conseguiria me preparar. Porém fui ingênuo de acreditar que meu amigo não se intrometeria no assunto. Ele, mais do que ninguém, deveria entender por que eu precisava daquilo.

Henrique estava comigo quando havia recebido a notícia e por todo o tempo que se seguira, em que eu apenas vinha existindo. Era o que eu fazia desde que ela se fora, só ficara melhor em disfarçar. Vivia um constante vazio, mesmo que por fora não aparentasse, até porque me esforçava ao máximo para convencer a todos de que estava melhor, de que estava superando, seguindo em frente. Mas, quando deitava a cabeça no travesseiro, todas as noites, não

conseguia não ter raiva por terem tirado Marina de mim tão cedo. Tínhamos uma vida inteira pela frente. Não era justo.

Se não fosse por Thomas, não sabia o que teria sido de mim. Ele era o motivo de não me deixar ceder. Por ele, levantava todos os dias e fazia o que tinha que ser feito. Meu peito chegava a doer toda vez que o olhava. Ele era tudo na minha vida, e não existia nada no mundo que eu não fosse capaz de fazer para ver o sorriso em seu rostinho. Desde a morte da mãe, dizer “não” a ele era a coisa mais difícil, ainda mais quando ele tentava não chorar pelo que queria, mas então seu nariz começava a ficar vermelho antes mesmo de as lágrimas caírem, assim como acontecia com Marina.

Sempre sabia que ela tinha chorado ou estava prestes a fazer aquilo, com base na ponta de seu nariz. Ele a denunciava em qualquer situação. Ela tentava disfarçar, dizia que estava ficando gripada, mas eu sabia a verdade, mesmo que às vezes fingisse acreditar em sua mentira só para deixá-la mais confortável. Se ela ainda não queria conversar comigo sobre o que a deixava triste, eu esperava até que estivesse pronta. Podia demorar, mas ela sempre vinha para um desabafo.

Sentia falta daqueles momentos, quando ela se deitava ao meu lado e enfiava o rosto no meu pescoço, então derramava tudo que vinha a deixando para baixo, sem me olhar nos olhos. Como se tivesse receio de que eu fosse julgá-la por seus motivos, que ela considerava bobos depois que a crise passava, mas eu nunca fazia isso. Eu a abraçava, e ficávamos horas conversando na mesma posição, até que um dos dois pegasse no sono. Trocaria tudo que tinha se pudesse ter uma última noite como aquela.

Isabella saiu do prédio no momento em que o celular apitou, agora com uma mensagem. Abri a conversa na tela, e Sandro desceu para ajudá-la com as malas.

Henrique:
Foi um acidente.

Era só o que tinha no balão. Nenhum dos inúmeros argumentos que ele listara ao telefone, nem mesmo o apelo ao meu emocional, sobre eu não ser aquela pessoa que estava querendo me tornar. Apenas aquelas palavras em que eu não acreditava. Não sabia como ele conseguia pensar assim, depois de tudo que havia lhe contado.

Na época, eu estava devastado demais para prestar atenção nos detalhes, mas, depois de ouvir a conversa de Clara e Francisco, eu queria respostas e só me via frustrado em todas as tentativas pelas pessoas que considerava da família.

Francisco Martino era sócio do meu pai, seu braço direito, e havia acolhido a mim e a Verônica após aquela doença maldita o levar. Ele cuidara das empresas e nos obrigara a continuar os estudos para que tivéssemos nossos lugares lá dentro. Não precisáramos brigar por nossas vagas e sabíamos que nunca seríamos demitidos, mas isso não impedia Francisco de ser o patrão mais exigente de que já se ouviu falar. E, se atualmente eu era alguém disciplinado e preparado para cuidar da empresa, devia tudo a ele.

Assim como Clara, sua esposa, que inclusive nos chamava de filhos e, mesmo sendo nova demais para ser mãe de um adolescente, na época, conseguira cumprir bem o papel com o qual havia se comprometido. Era um

baque bem grande descobrir que o lado materno só existia quando convinha. Tanto quanto era inaceitável saber que eles estavam mentindo para mim.

Marina era sobrinha e afilhada deles — havíamos nos conhecido em sua casa. Ainda lembrava bem o dia em que a vira pela primeira vez. Ela tinha acabado de voltar para o Brasil, depois de passar as férias fazendo um mochilão pela Europa, junto com um grupo de amigos. Apaixonei-me logo de cara, apesar de ter negado. Desde que coloquei meus olhos nela, sabia que estava perdido, mas foi uma longa batalha até conquistá-la. Fiquei um bom tempo assistindo aos seus romances e beijos com outros caras, até o dia em que criei coragem e falei que, naquela noite, os beijos dela seriam meus. Ela sorriu para mim e tomou a iniciativa. Desde então, nunca mais nos separamos.

Isabella entrou no carro e nos cumprimentou com um sorriso.

— Tô muito animado — respondeu Thomas à pergunta dela sobre o voo. — Andar de avião é radical. A gente vai lá no alto, e tudo fica igual formiguinha.

A cadeirinha dele estava no meio do assento traseiro. Eu havia colocado ali como uma estratégia para não tocar em Isabella durante o trajeto, como fizera na outra noite. Não queria ser obrigado a trocar carícias mais vezes do que o necessário, primeiro porque era o que havíamos combinado e segundo porque não sabia se poderia confiar muito em mim perto dela. Marina tinha morrido apenas um ano atrás. Eu não deveria ficar pensando em estar com outra pessoa, principalmente aquela pessoa.

— Eu estou com medo, Thomas, nunca andei de avião — ela contou ao meu filho.

— Você não pode deixar o medo te *imitar* — ele respondeu, com toda a sabedoria de seus quatro anos de idade.

Disfarcei o riso com uma tosse. Não queria deixá-lo sem graça com o erro, mas havia sido engraçada a forma tão séria com que ele dissera aquilo, como se estivesse dando um grande conselho. Podia ser uma frase estranha para uma criança, mas eu sabia de onde vinha, pois era eu quem a usava, quase todos os dias, às vezes mais como um lembrete para mim do que um incentivo para ele.

— Limitar, Thomas — corrigi, acariciando a mãozinha dele. — Não pode deixar o medo te limitar.

A compreensão tomou o rosto de Isabella, e ela sorriu. O mesmo sorriso fácil de sempre. O desenho de seus lábios ficava ainda mais bonito daquela forma; eles ficavam ainda mais beijáveis.

Engoli em seco e voltei a encarar a janela. Não deveria estar reparando em sua boca.

Os dois continuaram conversando, animados. Meu filho não parava de falar por um único segundo. Era engraçado, de um jeito fofo, como as palavras se embaralhavam em sua língua por querer falar muita coisa em um espaço pequeno de tempo.

— Você pode me ajudar a procurar minha mãe — Thomas disse, fazendo com que eu me virasse para ele.

Isabella, que até então falava tanto quanto o necessário para acompanhá-lo, travou e me espiou, provavelmente se perguntando sobre o que ele estava falando.

— Como assim, filho? — eu mesmo perguntei.

— A gente vai voar lá no céu, pra onde a mamãe foi. Ela deve tá com saudades de mim também — ele pronunciou as palavras com um sorriso tão

largo no rosto, que eu não consegui continuar olhando em seus olhos.

Virei-me para a janela, respirando fundo para não me deixar desmoronar. Como poderia explicar, para uma criança tão empolgada com a perspectiva de rever a mãe, que ela não voltaria? Que não importava quão alto ele subisse, ainda não seria o suficiente para alcançar o lugar em que ela estava?

Senti as lágrimas virem e fechei os olhos, me concentrando para fazê-las irem embora. Não iria chorar na frente de Thomas e, muito menos, na de Isabella. Não precisava de mais uma pessoa com pena daquela situação de merda.

— Filho — falei, segurando sua mãozinha entre as minhas —, a mamãe está lá no céu, sempre te olhando, mas você não vai conseguir ver, porque anjos são invisíveis. Você já viu algum anjo?

Ele negou com a cabeça, e o sorrisinho, que estava em seu rosto desde cedo, sumiu aos poucos.

— Será que ela não pode aparecer rapidinho, só pra mim? Eu não vou contar pra ninguém. — Sua voz soou alguns tons mais aguda.

O que mais me doía ao ouvir suas palavras era compreender tão bem o sentimento. Eu também era uma criança quando perdi minha própria mãe, compartilhava da dor de não entender muito bem o que estava acontecendo, o porquê de a pessoa que eu tanto amava ter ido para o céu, sendo que ainda precisava dela. Na época, achava que era uma escolha e me ressentira dela por escolher ir. Por isso, fizera questão de explicar ao meu filho que ela não queria nos deixar, que ela o amava mais do que tudo e que sempre estaria olhando por ele, lá do céu. Só não esperava que ele fosse interpretar de maneira tão literal.

— Ela não consegue, *mon petit* — respondi, chamando-o como ela fazia.

Não havia usado mais nenhum dos apelidos em francês desde sua morte. Aquela era a língua pela qual ela sempre fora apaixonada, e falar me doía, mas senti que era uma lembrança da qual Thomas precisava. Porém, junto dela, também veio a do meu apelido, *mon beau*. Marina sempre me chamava daquela forma quando queria me convencer de alguma coisa e, para a surpresa de ninguém, sempre conseguia.

Aproveitando a deixa, Isabella voltou a perguntar sobre o avião, e a animação voltou à voz de Thomas como se nunca tivesse a deixado.

Meu celular apitou novamente, e abri a nova mensagem.

Henrique:
Você vai bagunçar
a vida da garota
em troca de nada.

Apertei o botão lateral e deixei o celular desligar. Não havia nada que Henrique pudesse dizer que me fizesse mudar de ideia.



Thomas estava assistindo a um desenho muito chato na televisão. Parecia que as animações de hoje eram feitas para competir pelo prêmio de qual tirava os pais das crianças do sério primeiro — seria a única explicação para fazerem coisas tão irritantes. Não costumava deixar que ele ficasse muito tempo em frente à tela, porém, dentro de um avião, não tinha muito o que fazer, e a viagem seria curta o suficiente para não ultrapassar o limite que costumava permitir em dias normais.

Isabella parecia bem mais tranquila com o avião já no ar. Havia ficado um pouco tensa na decolagem, mas a cor já voltava ao seu rosto. Estava sentada em uma poltrona perto de Thomas, com um livro nas mãos, enquanto eu tentava resolver a planilha aberta em meu computador, mas era bem difícil me concentrar quando ela me lançava alguns olhares disfarçados por cima da capa de tecido que protegia suas páginas. E cada olhar vinha recheado com as lembranças da festa e de como meu corpo reagira junto ao dela.

Desde a morte de Marina, não tinha vontade de estar com nenhuma outra mulher. Com ela fora minha última noite de sexo, e eu estava bem com aquilo. Quando dissera para Isabella que não pretendia me envolver com mais ninguém daquela forma, eu falava sério. Não queria uma substituta — sabia muito bem que ninguém conseguiria ocupar o lugar que era dela. Porém, pela primeira vez desde a perda, eu tivera vontade de voltar ao jogo com alguém: de beijar, tocar e fazer coisas que eu não deveria desejar fazer com a mulher que supostamente era minha funcionária, mesmo a verdade estando longe disso.

Depois da encenação, eu fora obrigado a disfarçar o volume nas calças, como um maldito adolescente tendo ereções com um mísero contato físico. Tinha certeza de que era apenas o álcool misturado à carência do meu corpo, depois de tanto tempo sem qualquer alívio, mas os motivos não tornavam a situação menos constrangedora.

Não era nem uma simples questão ética. Eu estava proibido de tocá-la nos lugares que queria. Assinara um contrato para garantir aquilo.

Durante o banho, naquela noite, quando meu corpo exigira um alívio, não era Marina quem eu desejava poder foder, era Isabella. Era a mão dela que eu

queria em mim, era sua boca, eram seus gemidos. Era ela que eu queria estar apertando contra a parede, enquanto gozava nos azulejos.

Parecia que, depois de um ano sem sexo, meu corpo estava me punindo pelo período de seca e mandando toda a porra do tesão que sumira nos últimos meses aparecer no pior momento. Poderia ao menos ter esperado mais um mês, ou escolhido qualquer outra pessoa, mas era como se minha cabeça estivesse a fim de um desafio do qual eu não estava disposto a participar.

Tinha prometido a mim que não colocaria nenhuma gota de bebida alcoólica na boca durante a viagem, para impossibilitar aquilo de se repetir.

Isabella foi a primeira a pular para fora do avião, com Thomas no colo, quando pousamos. Podia jurar ter visto o tom castanho de sua pele ficar um pouco esverdeado com o anúncio do pouso e não estava nada ansioso para contar a ela que pegaríamos um helicóptero para chegar até a ilha. Havia a opção de ir de barco, porém era mais demorada e sempre deixava Thomas enjoado.

Saí atrás dos dois. O carro que nos levaria até o heliporto já estava nos esperando. Isabella colocava Thomas lá dentro quando percebi o livro cair aberto no chão. Abaixei-me para pegar para ela e não pretendia ler nada, mas as palavras piscaram como um letreiro neon na minha cara.

Na parte de cima, estava escrito *Contrato fechado – A babá e o CEO* e, logo abaixo, a primeira frase era: *“Eu quero te chupar”, falo descendo sua calça, sem desviar de seu olhar sedento.*

O livro foi arrancado das minhas mãos antes que eu conseguisse ler mais.

Ela vinha me olhando por conta daquilo? Havia me imaginado naquele cenário?

Eu deveria ter deixado o livro no chão. Minha mente se inundou com a cena acontecendo. Ela de joelhos no chão, pronunciando aquelas palavras.

Putá que pariu.

— Você não deveria ter lido isso — reclamou, olhando para a página aberta. — Claro que tinha que ter visto logo no meio de uma cena de sexo. É tipo quando minha tia entra no quarto e eu estou assistindo alguma coisa totalmente inocente, tipo um filme infantil, e começa uma cena de sexo. Você já deve ter passado por isso.

Era óbvio que nenhum filme infantil tinha cenas assim, mas concordei com a cabeça, tentando não rir da forma com que ela pronunciara as palavras — rápido demais e explicando além da conta para quem fingia estar tranquila.

— Sim, foi terrível a vez que a Galinha Pintadinha tirou a saia e o Galo, o paletó.

Ela tentou ficar séria, mas a risada que irrompeu de seus lábios era do tipo impossível de não acompanhar. Eu só não sabia se ríamos da piada ou da situação em que estávamos nos metendo.

Depois que consegui pensar direito, percebi que não deveria ter levado aquilo na brincadeira e precisaria corrigir o erro, antes que as coisas fossem para um caminho que eu não queria.



CAPÍTULO 12

Isabella

Meus olhos estavam apertados, e eu não ousaria abri-los antes de saber que estava em terra firme. Ainda podia usar aquilo como desculpa para não precisar olhar na cara de Matteo depois de ele ter lido um trecho do meu livro. Eu iria matar Alice! Ela tinha jurado de pés juntos que não tinha nenhuma putaria ao colocá-lo na minha bolsa pela manhã, dizendo que era para me distrair durante a viagem. Claro que eu desconfiara do título, mas achava que minha prima querida respeitaria meu trabalho, sem incentivar ideias loucas de que algo daquele tipo aconteceria entre mim e Matteo.

O helicóptero balançou, e eu agarrei com força a poltrona, pedindo para Deus não me deixar morrer antes que tivesse pelo menos a oportunidade de ver a praia. Não imaginava que minha primeira experiência seria tão traumática. Abri os olhos quando Thomas falou sobre ela, mas, vendo de cima, a única coisa que consegui pensar foi no helicóptero mergulhando naquela imensidão. Não consegui nem absorver a beleza da vista antes de voltar a fechar os olhos. Tinha descoberto, durante o dia, um inédito pavor de altura.

Senti o mundo parar de rodar, mas mantive os olhos prensados.

— Chegamos — falou Matteo.

Levantei, com as pernas bambas e a vista meio turva devido à pressão que fazia com as pálpebras, para que não abrissem. Matteo foi o primeiro a descer e pegou o filho no colo, depois estendeu a mão para mim. Como ainda estava um pouco zozna, aceitei a gentileza, mesmo que tentasse evitar o máximo possível qualquer tipo de contato físico com ele.

Sua mão segurou firme a minha, e eu pulei para fora daquele negócio.

— Prefiro voltar nadando do que nisso aqui — falei quando meus pés finalmente tocaram o chão. — E olha que nem sei nadar.

Ele riu, e o vento soprou forte meu cabelo. Foi quando a vista do local em que estávamos preencheu minha visão. No mesmo instante, todo o desespero ficou para trás. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

A imensidão do mar era tudo que conseguia ver. Não havia mais nada além dos tons de azul se misturando, até não se saber mais o que era mar e o que era céu. A vegetação cobria a ilha, dando espaço apenas para algumas construções, que pareciam parte dela. Estávamos no ponto mais alto, onde era possível vê-la como um todo. Dali, viam-se vários bangalôs espalhados nas extremidades, exceto na parte onde uma praia de areia branca se estendia.

Fomos informados de que tínhamos sido os primeiros a chegar, portanto, ainda não havia ninguém na ilha além dos funcionários.

Descemos por dentro da casa onde ficava o heliponto, que parecia ser a maior do lugar, e tudo estava decorado com objetos natalinos em tons de bege e dourado. Na parte externa, uma piscina se estendia por um espaço enorme. Havia *lounges* suspensos no meio da água, com camas, sofás e mesas, todos

com dossel. Só de olhar o vento soprando de leve e balançando o tecido claro, já me sentia mais relaxada. Depois do nervoso de voar pela primeira vez, tudo que eu queria era um lugar como aquele.

Porém, para a minha infelicidade, Thomas me puxou pela mão para um caminho de pedras, onde fomos engolidos pela sombra das árvores. Matteo vinha logo atrás, seguido de dois homens carregando nossas malas. Eu tinha falado que podia levar minha própria bagagem, pois não queria dar trabalho, mas ninguém me deixara fazer aquilo.

Não foi preciso andar muito para chegar ao bangalô de madeira.

Se um dia eu já houvesse pensado em casamento, aquele seria o lugar que eu teria imaginado para a lua de mel. Era romântico e aconchegante. A parte da frente, que dava para o caminho do qual vínhamos, era toda fechada para oferecer privacidade a quem estivesse lá dentro, porém a parte do fundo, virada para o mar, era inteira de vidro. Portas enormes se abriam em um deque com uma piscina e uma praia particular: um pequeno pedaço de areia, tão branca que poderia facilmente ser confundida com neve, cercado dos dois lados por plantas. Era uma parte do paraíso na Terra.

No canto da sala, uma enorme árvore de Natal ocupava o cômodo. Era maior do que eu e, ao chegar perto, encontrei um punhado de bolas com fotografias dentro. Algumas tinham apenas Matteo e uma mulher espetacular com gorrinhos de Papai Noel, em outras, Thomas estava com os dois. Aquela devia ser Marina. Ela era linda. A forma como se olhavam em algumas fotos parecia íntima demais para que outras pessoas vissem.

Escutei Matteo dizer aos homens que podiam deixar as malas ali, e logo eles saíram.

— Pai, a gente pode ir na praia? — Thomas perguntou, já arrancando os sapatos dos pés.

Matteo disse que sim e se aproximou de mim, observando meu rosto. Provavelmente me achava uma tonta por estar babando por coisas que eram tão comuns a ele.

Eu não havia conseguido olhá-lo direito desde que ele vira o conteúdo do livro que eu lia. Sem saber quanto ele tinha conseguido avançar, só restava esperar que não tivesse encontrado o título e achado que eu o imaginava comigo. Era exatamente o que eu vinha fazendo, mas ele precisava acreditar que jamais o veria assim.

Nunca havia precisado me privar dos meus desejos, quando colocava os olhos em alguém que queria. Jogava com tudo para conseguir pelo menos alguns beijos ou, quem sabe, uma tentativa de sexo frustrada, que sempre acabava comigo tendo uma crise nervosa de risos ou com o cara fazendo alguma coisa que cortasse minha vontade na mesma hora. Eu tinha fé de que, um dia, ainda conseguiria e esperava que esse dia não demorasse muito a chegar, porque meu corpo já estava um pouco desesperado.

— Você vem com a gente, Isabella? — Matteo perguntou.

Ele abriu as portas de vidro e foi carregado por Thomas, que estava muito empolgado.

Segui os dois para fora, tirei as sandálias e as deixei no canto do deque. Meus pés afundaram na areia macia e, naquele momento, independente de quanto trabalho eu teria por lá, o contrato começava a valer a pena. Thomas já estava mergulhando com Matteo, mas eu não me atrevi a molhar mais do que o calcanhar. Apesar do calor, não queria morrer afogada no primeiro dia.

O mar ali era calmo — apenas pequenas ondas subiam e voltavam pela faixa de areia — e aproveitei para me sentar, deixando os pés no ponto em que a água alcançava e observando os dois brincarem. Não demorou muito até que Matteo se cansasse e saísse com o filho de lá. Ele sentou ao meu lado e deixou Thomas brincando na areia, rolando por ela como se seu objetivo fosse fazer um empanado humano.

Eu tentava manter o olhar fixo no horizonte, mas não estava sendo uma tarefa fácil. O homem havia tirado a camisa antes de pular na água e, apenas de bermuda, não deixava nada para a imaginação. Vestido, era impossível pensar que, por baixo das roupas, existia um corpo como o que eu estava vendo. Tudo tinha o tamanho e o formato perfeitos para que eu desenhasse com a língua cada contorno e músculo.

Isabella! Para com isso, agora!

— O livro que você estava lendo — falou baixo, como se para evitar que Thomas o escutasse. — Eu não sou um CEO que vai descobrir o amor pela primeira vez através de um contrato. Não pense nem por um segundo que eu entraria nesse jogo. Deixei bem claro que não iria...

Se havia alguma dúvida de que ele tinha visto o título do livro, ela acabava de ser sanada. E eu estava na merda.

— Pode parar por aí — falei. Meu coração batia quase dentro da boca, mas tentei parecer o mais firme possível, como se estivesse pronta para aquela conversa. — Eu fiz com que colocássemos cláusulas bem específicas no contrato, Matteo. Talvez você tenha mulheres se jogando aos seus pés, o tempo todo, e isso possa ter deixado seu ego enorme, mas eu não tenho qualquer interesse além do que você me prometeu. Meu livro é o tipo de leitura que eu

gosto de fazer. Já li milhares desses antes de você e continuarei lendo depois. Não escolhi o livro pela trama do cara rico se apaixonando pela menina pobre. Na verdade, nem escolhi esse livro. Só não queria que você visse porque não é o tipo de história que você espalha ao mundo que está lendo, pois a maioria das pessoas tem um preconceito enorme. Como você, achando que estou lendo porque quero te conquistar. É só uma leitura. Se eu quisesse que você me olhasse de outra forma, não precisaria de um livro.

Quando terminei meu discurso, ele engoliu em seco, fazendo seu pomo de adão subir e descer. E eu não sabia por que cargas d'água estava reparando naquilo, quando tinha acabado de passar um sermão afirmando que não o queria. Era como se gostasse de me torturar.

Eu podia até estar pensando nele daquela forma, mas uma coisa que eu sabia ser, melhor do que ninguém, era teimosa. Negaria até meu último suspiro, se fosse preciso.

— Fico feliz de saber que estamos acordados quanto a isso — respondeu e se levantou, sem um mísero pedido de desculpas.

Então, chamou Thomas para subir e tomar um banho, antes que as outras pessoas chegassem.

Entrei logo depois deles, e Matteo me mostrou o quarto em que eu ficaria, o único no primeiro andar. Não era muito grande, mas, assim como o restante da construção, era aconchegante. A cama parecia um amontoado de nuvens, com tantos edredons e lençóis brancos. Assim que Matteo fechou a porta para ir se acomodar com o filho no andar superior e me dar privacidade, eu me joguei entre as cobertas e foi bem difícil levantar depois.

Estava terminando de pendurar minhas roupas, quando a campainha tocou e, com um grito, Matteo pediu que atendesse para ele. Estava dando banho em Thomas, depois de recusar que eu o fizesse. Tinha me contratado para ser babá, mas ainda não me deixava fazer nada.

A campainha tocou mais uma vez, enquanto me aproximava, e gritei um “já vai”. Não havia se passado nem um minuto desde o último toque. A pessoa estava impaciente.

Abri a porta e dei de cara com a mulher mais chique que já havia visto. Nada parecia fora do lugar, nem mesmo um único fio de cabelo, o que era bizarro sob o vento forte que soprava pela ilha. Ao seu lado, uma cachorrinha, que eu achava ser uma pinscher, desfilava com um lacinho rosa na cabeça.

Ela levantou os óculos de sol, e suas sobrancelhas se uniram sem deixar nenhum vinco entre elas.

— Quem é você? O Matteo está? — perguntou e já foi se adiantando, sem que eu a convidasse.

Levando em consideração que ela havia tocado a campainha, era eu quem deveria fazer aquela pergunta, mas a mulher empurrou mais a porta e entrou na sala como se eu fosse a intrusa. Antes que eu tivesse a chance de responder, ela já estava seguindo em direção à escada que dava para o andar superior.

— Ele está dando banho em Thomas — falei, na esperança de que parasse de avançar e me desse atenção. — Se quiser esperar aqui, tenho certeza de que não vai demorar.

A mulher nem se incomodou de me olhar, antes de dizer:

— Não posso esperar, tenho um compromisso. Vou só dar um oi.

— Senhora — insisti, apressando os passos para ficar ao seu lado —, eu não posso deixar você subir.

Só então, ela parou de andar e me olhou com um sorriso nos lábios:

— Querida, pode ficar tranquila. Matteo não vai se importar.

Tentei segurar seu braço, mas a cachorrinha rosnou e latiu para mim em protesto. Apesar do tamanho dela, eu não iria correr o risco de ser mordida.

Sem dizer mais nada, a recém-chegada subiu a escada e abriu a porta do quarto principal, entrando comigo em seu encalço. Matteo, que estava de costas para a porta, virou-se para nós duas, deixando-me com uma visão privilegiada de tudo que não deveria admirar em seu corpo. Estava apenas de cueca, e todo aquele conjunto poderia ser facilmente uma propaganda de roupa íntima masculina de alguma marca famosa.

Só não deixei o quarto na mesma hora porque seria estranho sentir vergonha de vê-lo assim, já que estávamos supostamente envolvidos, mas pude sentir o rosto corando. Por sorte, minha pele não era tão clara a ponto de evidenciar o rubor, e eu esperava que ele não tivesse notado.

— Vovó — gritou Thomas, que veio correndo, ainda pelado, abraçar a mulher, enquanto Matteo resmungava que precisava colocar uma roupa primeiro, mas era ignorado pelo filho.

A forma com que Thomas a chamou ecoou em minha cabeça. Eu a olhei, observando suas feições outra vez. Não parecia ter idade o suficiente para já ser avó. Eu não daria nem quarenta anos para ela. Será que era apenas genética ou havia muitos procedimentos estéticos ali?

Fiquei tanto sem graça quanto com raiva. Ela não podia ter feito um único segundo de pausa para se apresentar? Teria evitado todo o desconforto.

A avó riu e ergueu o menino no colo, enchendo-o de beijos, enquanto ele se contorcia às gargalhadas. A cachorra latiu em desespero para os dois. Então, Thomas a olhou e cedeu:

— Oi, Bella.

Claro que era a cachorrinha de que ele havia falado. Seria ótimo ser confundida com ela durante toda a viagem.

Aquela devia ser a mãe de Marina, apesar de não terem nenhuma semelhança. Até onde eu pesquisara, os pais de Matteo estavam mortos. E, na internet, não se achava muito sobre a mulher dele ou sua família. Nem mesmo a morte dela fora noticiada.

— Oi, meu filho — a mulher falou para Matteo.

Ele não parecia muito animado em encontrá-la, e, como eu não queria aquele olhar direcionado para mim por tê-la deixado entrar, achei melhor dar privacidade aos dois.

— Eu vou esperar no outro quarto — falei, já me virando para a porta. — Se precisar de mim, pode chamar.

Saí o mais rápido possível e torci para que Matteo não tivesse percebido meus olhares nada castos em sua direção. Se tudo desse certo, ele pensaria que havia sido apenas uma belíssima atuação da minha parte.

Entrei no quarto e me joguei na cama. Nada estava saindo como eu tinha imaginado, mas, mesmo se tudo fosse ladeira abaixo, dali para frente, pelo menos eu sofreria em uma ilha paradisíaca.



CAPÍTULO 13

Matteo

Fiquei sem palavras quando a porta do quarto foi escancarada. Não por ver Clara invadi-lo, coisa que já era de se esperar. Ela devia estar possessa por eu não ter comunicado que viríamos e, talvez, por não atender suas ligações nos últimos meses. O que me desconcertou foi perceber o olhar de Isabella descendo pelo meu corpo e analisando tudo que estava à mostra — bastante coisa, considerando que até mesmo minha cueca estava molhada, depois de Thomas decidir que era um bom dia para me dar banho também e eu entrar na brincadeira. Era bom vê-lo sorrir depois de eu ter passado o dia atormentado com a pergunta que ele havia feito sobre a mãe.

O olhar de Isabella em mim não durou por muito tempo. Logo ao perceber o que estava fazendo, ela se virou e abandonou o quarto o mais rápido possível. Fiquei a observando se afastar e pensando no quão confusa estava minha cabeça. Só saí do transe quando Clara me estalou um beijo na bochecha.

Ela tomou a toalha das minhas mãos e começou a enxugar meu filho, falando que estava morrendo de saudades dele e que iria me matar da próxima

vez que o escondesse embaixo das asas por tanto tempo.

— Você poderia ter evitado tudo isso me falando a verdade — disse.

Não era como se ela não soubesse o motivo de eu ter me afastado. Havia avisado aos dois que, se não me contassem o que estavam escondendo, podiam me esquecer. Só estava lá porque, depois de colocar um detetive para cavar a vida de cada um deles, eu finalmente tinha algo que poderia usar ao meu favor.

Ela terminou de enfiar a blusa na cabeça de Thomas e me olhou.

— Eu não sei qual é essa verdade que você quer, meu filho — respondeu.

— Não tem nada além do que você já sabe. Não esconderia de você algo tão importante. Por favor, esqueça isso e vamos seguir em frente, deixa eu te ajudar. Você não merece viver à sombra de um fantasma.

Clara deu um passo em minha direção e estendeu a mão para acariciar meu rosto, mas não deixei que me tocasse. Ela não ganharia tão fácil assim. Disposto a descobrir tudo, eu não iria ceder a qualquer amostra de carinho.

— Não estou vivendo à sombra de nenhum fantasma, só quero a verdade sobre o acidente.

Aquele havia sido um dos poucos casos em que meu dinheiro não importava, pois, assim como eu tinha muito para subornar os outros, eles tinham mais ainda para garantir o silêncio de quem fosse.

— Onde tem fantasma? — Thomas gritou, agarrando as pernas de Clara, que acariciou seu cabelo e abaixou-se para sussurrar algo em seu ouvido, que o fez sorrir de orelha a orelha.

Depois disso, ele saiu correndo do quarto e nos deixou sozinhos.

Cocei a garganta e me aproximei dela, sem nenhuma intenção de tocá-la. Poderia descobrir tudo ali mesmo — era só jogar na mesa as cartas que eu tinha —, mas a ameaça ficou presa na minha garganta.

— Não tem nenhum fantasma, Clara — falei, em vez do que queria. — Isabella está aqui como prova disso.

Ela olhou através da porta e depois voltou-se para mim.

— Aquela menina? — perguntou e riu. — Ela não conseguiu nem te encarar sem ficar envergonhada. Você não tem nada com ela. Não duvido que vá levar ela para cama em algum momento, mas isso não é superar, é só você satisfazendo seu corpo. E você sabe disso, por isso a trouxe. Só nesses dois minutos que passei aqui, posso dizer que ela é o completo oposto de Marina e por isso a escolheu. Ela não apresenta nenhum risco que não seja de um bom sexo. Nunca entrará aqui.

Clara colocou o dedo no meu peito, apontando exatamente para o local onde não entraria mais ninguém. Eu estava puto por saber que me conhecia tão bem, mas não era de se estranhar — ela costumava ser a pessoa para quem eu corria e desabafava todos os meus problemas, quem me dava conselhos e puxões de orelha, quem me incentivava ao ouvir que eu estava apaixonado e queria me casar, mesmo sendo novo demais. Porém também fora ela quem mentira no momento em que eu mais precisava de ajuda. Isso, para mim, invalidava tudo de bom que havia feito.

Afastei seu dedo com delicadeza do meu peito.

— Parece que mudei nesses meses sem nos vermos — respondi e forcei um sorriso no rosto, tentando fingir que nada daquilo me abalava, mesmo

sabendo que ela estava certa em cada vírgula. Isabella nunca entraria onde Marina morava. Nenhuma outra teria aquele lugar.

— Eu acho que não.

Ela deu dois tapinhas leves no meu rosto e saiu do quarto.

Pelo jeito, as coisas não seriam tão fáceis como imaginava. Meus sentimentos eram traiçoeiros. Eu amava aquelas pessoas, mesmo que tivessem sido malditos filhos da puta comigo. Havia sido quase criado por eles. Se não os tivesse, provavelmente seria um zé-ninguém que torrara toda a fortuna do pai em bobagens e, agora, já estaria quebrado em algum canto do Brasil.

Francisco e Clara foram as pessoas que me tiraram da sarjeta. Quando eu estava no fundo do poço, enlutado, eles me estenderam a mão e mostraram o caminho certo. Na época, eu só sabia ficar puto com tudo e sentir raiva do mundo por ter me arrancado as duas pessoas que deveriam cuidar de mim. Minha mãe se fora quando eu era tão novo que mal conseguia me lembrar de seu rosto, e meu pai passara os últimos anos sofrendo em uma cama, até receber descanso de todo o sofrimento. Durante todo o tempo, quem estivera lá para me abraçar quando eu chorava, ou para me segurar forte quando eu queria socar alguma coisa, foram os dois. Por isso, tudo naquela traição doía tanto.

Eu era como um filho para eles, mas nunca seria o verdadeiro. Nunca seria como o desgraçado que a tirara de mim. Mesmo que ele fosse o errado da história, o sangue de Francisco corria em suas veias, e não nas minhas. Quando tiveram que escolher um lado, não haviam escolhido o meu.

— Matteo, Thomas quer saber se pode ir com a avó.

Olhei para a porta e encontrei Isabella evitando me olhar.

— Pode.

Clara podia estar mentindo para mim para proteger Arthur, mas eu sabia que cuidaria do meu filho melhor do que eu mesmo, e o menino parecia tão feliz com ela. Eu não queria ser o pai babaca, que cortaria a relação dele com pessoas que amava só para se satisfazer.

— Tudo bem — respondeu, virando-se para sair, mas então parou no meio do caminho e voltou. Daquela vez, olhava em meus olhos, sem se deixar distrair pelo restante. — E você, coloque uma roupa. Ficar andando pela casa desse jeito não está no contrato.

Tive que morder a língua para não perguntar se ela tinha certeza e, depois, me repreendi por deixar um pensamento do tipo rondar minha cabeça. Sentei-me na cama e afundei o rosto nas mãos, ponderando que talvez fosse melhor esperar alguns dias antes de seguir com o plano.



CAPÍTULO 14

Isabella

Pela primeira vez desde que havíamos assinado o contrato, Matteo me deixou cumprir o papel pelo qual estava me pagando. Ele teria uma reunião online, naquela manhã, e pediu para que eu levasse Thomas até a piscina. Parecia ansioso para nos despachar para fora do bangalô, após me dar uma ordem direta — não perguntara se eu poderia ou não sair com o filho, o que, para mim, era mais confortável do que sua versão anterior, com a qual eu não estava acostumada a lidar.

— Vem, Bella! — Thomas me puxou, pulando de empolgação, quando a piscina surgiu em nosso campo de vista.

Estava um pouco nervosa. Não conhecia ninguém além dos dois e da avó do menino, que pretendia não reencontrar tão cedo. Matteo havia avisado que a maioria das pessoas ainda chegaria, ao longo do próximo dia, mas que eu não deveria me preocupar com isso.

Fui até uma das áreas elevadas, no meio da piscina, e sentei-me em uma cadeira reclinável que o sol atingia quase por completo. Queria voltar de lá

desfilando meu bronzado para que todo mundo viesse me perguntar para onde eu havia viajado. Minha mão estava coçando para postar tudo no Instagram, mas tinha me esquecido de questionar Matteo sobre aquilo.

Thomas não esperou nem que eu terminasse de espalhar o protetor solar em suas costas direito, antes de sair correndo e pular na piscina. Tive vontade de fazer o mesmo — a água parecia deliciosa, e o sol estava me matando —, mas, diferente dele, eu não tinha boias nos braços e não sabia nadar. Não estava a fim de passar vergonha, me afogando no primeiro dia ali.

Me contentei em pedir uma limonada bem gelada a um moço simpático, que me ofereceu o cardápio, e torrar no sol enquanto observava o menino brincar com todas as pessoas que cruzavam seu caminho.

O celular vibrou ao meu lado, e o peguei. Era Matteo, e eu não saberia dizer por que um sorriso me brotou no rosto ao ver seu nome na tela, visto que estava apenas perguntando se precisávamos de alguma coisa. Meu primeiro pensamento foi “você”, mas era óbvio o porquê de não poder mandar aquilo como resposta. Se ele soubesse o que andava passando pela minha cabeça, eu já estaria voando de volta para casa.

Alguém se aproximou, fazendo uma sombra em mim. E, quando ergui os olhos, me deparei com o sorriso do pôster que eu tinha colado ao lado da cama me encarando.

— Meu Jesus Cristinho. — Ergui a mão até tapar o sol e ter certeza de que não estava alucinando. — Arthur Martino? Eu acho que esse sol está bagunçando minha visão!

Ele franziu o cenho por um segundo e virou a cabeça de lado.

— Você me conhece?

Meu querido, quem não te conhece? Você é só o melhor cantor sertanejo que o Brasil já viu.

Concordei com a cabeça, tentando me recompor para não surtar. Não queria parecer uma fã louca, apesar de ser exatamente isso. Eu havia acompanhado cada música dele, desde que aparecera na mídia pelo menos dez anos atrás.

Ele sorriu outra vez, e então eu tive certeza de que era mesmo ele. Impossível existir outra pessoa no mundo com aquele sorriso. Era único, só dele — a maneira com que os olhos se tornavam apenas dois riscos finos e a covinha aparecia logo abaixo do olho direito era quase uma assinatura.

— Não costumo encontrar pessoas que não conheço por aqui, nesse período. — Sua voz estava com uma rouquidão leve, como se tivesse passado o dia inteiro gritando ou cantando. — Posso sentar?

Ele apontou para a cadeira ao meu lado, e concordei com a cabeça, sabendo que devia ser a única coisa que conseguiria fazer, independente do que saísse daqueles lábios. Era como ter uma fantasia ganhando vida. Não ficaria surpresa se eu estivesse sonhando, mas não ousaria me beliscar para ter certeza, porque, se fosse o caso, eu não queria acordar.

— Parece que deu sorte dessa vez, então — respondi, esticando minha mão para cumprimentá-lo. — Isabella, e claro que o prazer é todo seu.

Ele envolveu minha mão em um aperto, e uma risada saiu de seus lábios. Apesar do som dela não ter ressoado em mim como a de Matteo, senti que eu poderia morrer feliz.

Por que você está comparando a risada dos dois?

Arthur cantava todas as músicas que me acompanhavam desde uma crise de choro até as mais loucas bebedeiras. Era como se já fôssemos íntimos.

— Acredito que não preciso falar quem eu sou. — Ele sentou-se ao meu lado.

— Eu tenho minhas suspeitas. Você não fez aquela novela... — Estalei os dedos, tentando lembrar o nome da produção em que ele fizera uma participação especial.

— Eu odeio essa novela — resmungou.

Eu já sabia. Não era coincidência que exatamente por aquele motivo a citava em vez de suas músicas. Tudo que ele tinha de bom como cantor, tinha de péssimo como ator. Mas, pelas entrevistas a que assistira, ele havia sido obrigado a aceitar um papel para, em troca, a emissora ajudar a alavancar sua carreira. Claro que ele tinha a opção de não fazer, mas uma oportunidade como aquela poderia ser única — e, hoje, ele era quem era por tê-la agarrado.

— Eu sei — admiti.

— Então, você queria apenas me provocar?

Ele ergueu a mão para chamar o garçom, que passava por lá, e pediu duas bebidas, mas recusei a minha e falei que ficaria no suco.

— Queria saber qual seria sua reação. Não mereço ser fã de alguém que não aceita as merdas do passado.

— Então, você é uma fã?

Ele inclinou mais o corpo para frente, à espera da minha resposta.

— Depende — respondi e coloquei o canudo na boca, sugando o líquido.

— Qual sua política sobre se envolver com uma fã?

O sorriso dele se alargou mais ainda, e sua língua passou pelos lábios.

— Nunca me interessei por uma fã para precisar de uma política, mas desde... — O sorriso sumiu de seu rosto por alguns segundos, quando o pensamento pareceu voar para longe.

— Você está bem? — perguntei.

Coloquei a mão em cima da dele. Arthur olhou para mim e pareceu sair do transe em que tinha entrado.

— Sim, estou bem — respondeu e voltou a sorrir, como se aquilo nunca tivesse acontecido. — Eu não ficaria com uma fã. Elas me têm em um pedestal, e minha queda seria grande.

Poderia dizer que ele estava correto sobre o ter em um pedestal. Com todas aquelas músicas, eu com certeza o colocaria como o homem perfeito para mim. Ele parecia entender minha alma como mais ninguém entendia.

E, por Deus, eu estava ali fingindo compromisso com outro homem. Se aquilo chegasse até o ouvido de Matteo, tinha certeza de que ele não ficaria muito feliz. Então, era melhor consertar, antes que fosse tarde demais.

— Eu sou sua fã — respondi. — Pode não parecer, mas estou morrendo por dentro, de tão nervosa.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Você me joga na armadilha e depois me dá um fora desses. — Ele colocou a mão no peito. — Quem diria, minha própria fã quebrando meu coração.

— Agora você pode escrever uma música sobre isso e dedicar pra mim — respondi, sem conseguir acreditar que estava perdendo a oportunidade única de enfiar minha língua naquela boca. O mais estranho era me dar conta de que eu

não queria fazer isso; nem era sobre não poder. — Eu meio que estou envolvida com outra pessoa, por quem estou disposta a recusar até mesmo você.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

— Parece que alguém está apaixonada.

— Ainda não sei sobre isso. — Tentei ser o mais vaga possível. — Acho que preciso que você cante alguma coisa, só para ter certeza de que não é só um sósia querendo se aproveitar das fãs do Arthur.

— Qual a sua preferida?

— “Não faz assim, menina” — falei sem pensar duas vezes.

Eu tinha visto cada uma das entrevistas em que tentaram descobrir, das mais diversas formas, sobre quem ele estava falando, mas ele jurava de pés juntos que não fora escrita para ninguém. A internet somava mil teorias sobre quem era a mulher que parecia ter rasgado a alma dele, para que cantasse daquela forma, mas nunca se chegava a lugar nenhum, apesar da certeza de que não era sobre a ex-namorada dele, com quem havia terminado pouco tempo antes de lançar.

— Esqueci a letra dessa.

Eu duvidava, mas não iria insistir. Pelo jeito, ela realmente o machucara tanto quanto todo mundo achava.

— Cantores que esquecem as letras que eles mesmos escrevem. Onde vivem? Como se alimentam? Como enganam seus fãs? Hoje, no Globo Repórter.

O sorriso divertido voltou ao seu rosto.

— Eu tenho mais de cem músicas lançadas, me dá um desconto.

— Eu te dou esse desconto se você fizer uma chamada de vídeo para a minha prima. Eu ligo do meu celular, mas você fica na câmera e dá uma cantada nela.

Ele riu e negou com a cabeça.

— Sou um cara tímido — falou, e eu cerrei os olhos, sabendo que era mentira. — Tudo bem, liga para ela.

Coloquei o celular para chamar e dei na mão dele, logo depois de informar o nome de Alice.

— E aí, já... — minha prima começou a falar, mas parou, provavelmente quando reparou que não era eu.

— Oi, Alice!

— Que filtro é esse, Isa? Meu Deus, parece de verdade. Até a voz. Senhor, se for da tua vontade, sua filha está pronta!

— Parece que Deus atendeu suas preces — ele falou, tentando soar sério, mas comigo gargalhando ao lado parecia difícil.

— Eu estou escutando sua risada, Isabella! — ela gritou, ainda desconfiada do que estava acontecendo.

Ouvi minha tia perguntando ao fundo se ela estava falando comigo e imaginei ter se aproximado dela, pois, logo depois, perguntou se não era o cantor de que nós duas gostávamos.

Apareci do lado de Arthur e dei um tchauzinho para as duas, fazendo a mente de Alice bugar, pois, até o momento, ela parecia mesmo achar que ele não era real.

— Olha quem eu encontrei! — falei, minha voz saindo normal, mas, por dentro, eu tentava conter a histeria.

— Você tá de zoeira, né? — perguntou. — Devolve o celular para ele, não quero falar com você.

Arthur voltou a pegar o celular da minha mão.

— Ela falou que, se te contasse, você não acreditaria.

— Meu amor, você ainda não me convenceu. Só acredito vendo o nude.

Gritei o nome dela e roubei o celular da mão dele de novo, enquanto Arthur gargalhava alto. Falei que ligava mais tarde e desliguei o telefone.

— Desculpa por isso. Minha prima é um pouco bocuda.

— Eu gostei dela — falou. — Me passa o número, que depois envio o nude para ela comparar com o que vazou.

— Então era seu mesmo?

Ele confirmou com a cabeça, sem nem um pinga de vergonha, apesar de ter negado em todas as entrevistas em que fora questionado. Era tão bom ser homem, né? Sua parte íntima saía para quem quisesse ver, e você ainda era ovacionado por isso. Devia ser bom não precisar ter medo de tirar fotos para algum parceiro.

— Meus agentes pediram para negar. Sabe como é, a publicidade com as fãs mais jovens não seria muito boa.

Naquele momento, Thomas veio correndo em nossa direção e se jogou no colo de Arthur, o molhando inteiro. O rapaz se assustou, num primeiro instante, mas logo começou a fazer cócegas no menino, que se contorcia em seu colo, pedindo que parasse.

Fiquei em estado de alerta, pois aquilo só podia significar que Arthur conhecia Matteo e, por muito pouco, eu não havia ferrado com tudo.

— Tio, a gente pode jogar videogame? — perguntou Thomas, quando conseguiu voltar a respirar normalmente. — Cansei de nadar.

Arthur coçou a nuca e olhou em volta.

— Onde está seu pai?

— Ele tá trabalhando.

— E com quem você veio?

— Com a Bella.

Thomas apontou para mim, e toda a leveza da conversa que havíamos tido se esvaiu. Ele pediu que o menino fosse pegar uma toalha e se voltou para mim:

— É por ele que está apaixonada? Você está com Matteo?

— Sim? — respondi, mais como uma pergunta do que uma afirmação.

— Eu sou... Eu era primo da mulher dele — falou, olhando de esguelha para o garotinho que já corria em nossa direção. — Toma cuidado, tá bom? Eu não quero que ninguém mais passe pelo que ela passou.

E, simples assim, ele se levantou e saiu, deixando-me lá com aquelas palavras que me apavoraram. O que diabos Matteo fizera para que Arthur falasse assim? Ele não parecia ser abusivo ou nada do tipo, mas não era como se eles fossem identificáveis; caso contrário, ninguém passaria por merdas do gênero.



CAPÍTULO 15

Isabella

Sentei na cama, com o coração saltando para fora da boca após um barulho. Tinha dormido em cima do meu caderninho, anotando cenas para um romance sobre a máfia, e acabara sonhando com tudo aquilo. O que não esperava era ser acordada com barulho de tiro.

A vontade era a de me esconder embaixo da cama, mas levantei-me e tentei escutar alguma coisa. O único som que preenchia o quarto era das ondas quebrando. Peguei meu celular e deixei o 190 discado, para poder apertar rápido, caso fosse algo grave.

Coloquei o ouvido na porta e, dessa vez, escutei xingamentos baixos. Pareciam ser de Matteo. Abri a porta devagar, olhando para o lado da sala e da cozinha, mas tudo estava escuro demais, inclusive o pequeno corredor. A única luz vazava do meu quarto, vindo do abajur e dando-me a visão do homem caído.

Suas duas mãos envolviam o tornozelo. Ele tinha sido atingido ali?

— Desculpa te acordar — falou. — Escorreguei em alguma coisa e acho que torci meu pé. Que ótima maneira de começar as férias.

Ele escorregou. Havia sido aquele barulho que escutara, e não de um tiro — um simples escorregão. Tive que segurar para não rir de alívio e o fazer pensar que estava rindo da desgraça dele, ainda mais porque parecia bem puto.

As palavras de Arthur, que eu passara o dia inteiro matutando, voltaram à minha cabeça. Tentava pensar em todas as interpretações possíveis para seu comentário, e nenhuma delas era boa.

Matteo tentou se erguer, sem sucesso.

— Deixa eu te ajudar a levantar daí — falei, estendendo a mão para ele.

O homem ponderou por um instante, mas acabou cedendo. Segurou minha mão, e eu o puxei para cima. Quando tentou apoiar o pé no chão, foi fácil ver a dor tomando suas feições. Coloquei-me embaixo de seu braço esquerdo.

— Devagar aí, campeão. — Passei o braço pela cintura dele e senti sua pele quente em minha mão. — Parece que você machucou esse pé.

O sono havia me feito deixar passar batido o fato de ele não estar usando uma camisa, e me dar conta de que meu braço agora tocava por completo as costas dele fez com que o calor do cômodo subisse alguns graus em poucos segundos.

— Obrigado pela constatação, Sherlock.

Notei como sua voz já tinha ganhado um tom mais leve.

A sala estava iluminada apenas pelas luzes piscando na árvore de Natal — o que me lembrava tia Raquel, que me obrigava a desligar tudo da tomada antes de deitar, para economizar luz. Ela teria um treco com aquilo ligado dia e noite. Porém eu não podia negar que, além de dar uma visão linda da árvore no

escuro, ainda deixava tudo num clima um pouco romântico. Algo que seria ótimo, se eu não estivesse ali a trabalho.

Eu o ajudei a sentar no sofá e procurei o interruptor mais próximo para afastar o clima nada propício para uma relação entre patrão e funcionária. Agachei no tapete, de frente para ele, e peguei seu pé em minhas mãos. Apertei e girei, observando as caretas de dor em seu rosto, mas não parecia ter sido nada muito grave. Pelo menos, não grave o suficiente a ponto de correremos para o hospital àquela hora da madrugada.

— Vou pegar gelo pra você — falei.

— Qual o veredito, doutora?

Cruzei a ilha da cozinha e me virei para ele, apoiando as mãos espalmadas na bancada. Ele tinha um sorriso leve nos lábios, um que quase nunca aparecia na frente de outras pessoas, mas que vinha se tornando mais fácil de ver quando estávamos sozinhos. Era como se ele se sentisse obrigado a vestir a cara de luto na frente dos outros e, comigo, mostrasse que estava começando a se recuperar. Claro que era apenas uma teoria.

— O último que tratei com esse problema morreu em três dias. — Levei uma das mãos à boca, fingindo segurar um choro que não existia. — Mas prometo dar meu melhor para salvar sua vida.

A gargalhada dele preencheu o cômodo, e a sensação quente latejou no fundo do meu estômago.

Dei as costas para que ele não percebesse que eu também estava sorrindo, peguei algumas pedras de gelo e enrolei em uma toalhinha. Sentei-me novamente em sua frente e coloquei em seu tornozelo.

— Eu torci o tornozelo uma vez e, se a dor de todo mundo for igual quando isso acontece, acho que você não estaria conseguindo me deixar movê-lo com tanta facilidade. — Massageei o local e girei novamente seu pé para mostrar a ele. — Como alguém que costumava ser uma criança muito estabanada e tinha que cuidar dos próprios machucados, aposto que amanhã já estará melhor.

Ele se ajeitou no sofá, levantou a cabeça, que estava jogada para trás, e inclinou o corpo para frente, como se quisesse ver melhor o meu rosto.

— Por que você tinha que cuidar dos seus próprios machucados?

— Minha tia trabalhava o dia inteiro fora, e eu ficava sozinha boa parte do tempo. — Dei de ombros. Aquilo era normal para mim e havia me dado uma independência que a maioria das crianças não desfrutava. Eu não me importava nem um pouco.

— Não tinha ninguém para ficar com você?

Ele parecia estar julgando minha tia como uma pessoa horrível por fazer aquilo, e a ânsia de defendê-la me veio com tudo. Ela era minha única família e me dava tudo de que eu precisava. Passar algumas horas sozinha não era nenhuma tortura. Apesar de agora saber que aquilo era ilegal em relação a menores de doze anos, eu nunca havia me sentido abandonada ou prejudicada.

— Até os oito anos, eu ficava esperando na casa de uma vizinha. Depois que nos mudamos, ela não tinha com quem me deixar e nem como pagar alguém, então me passava uma lista de recomendações e me deixava lá. Não era como se ela tivesse escolha. Precisava do dinheiro para cuidar de mim, e nem todo mundo tem condições de bancar uma babá. Além de que, boa parte do período, eu estava na escola perto de casa.

Uma brisa entrou pelas portas de vidro e jogou meu cabelo no rosto. Minhas mãos estavam ocupadas pressionando o gelo com um paninho no tornozelo de Matteo, então ele se inclinou um pouco mais e afastou as mechas, colocando-as atrás da orelha. Seu rosto estava bem próximo do meu e, por um segundo, achei que ele fosse me beijar, mas só ficou me olhando.

— Eu não estou julgando sua tia, Isabella. Só imagino todo o peso que ficou nas costas dela quando sua mãe foi embora. Não deve ter sido fácil.

Estava tão perdida na profundidade dos seus olhos, quase negros pela falta de luz, que demorei um pouco para sair do transe e perceber que, pelo visto, ele não conhecia a história direito.

— Minha mãe não foi embora, ela morreu no meu parto. Minha tia era a única pessoa que tinha sobrado. Tenho certeza de que foi difícil, mas não era como se tivesse escolha. Por isso, eu devo tudo a ela.

Ele franziu o cenho e coçou a barba, voltando à posição normal no sofá.

— Eu devo ter confundido. Podia jurar que tinha comentado algo assim.

Meu celular apitou, antes que conseguisse responder, e olhei para a tela, encontrando o nome de Alice. Abri a mensagem com pressa e medo de ser algo ruim, porque ninguém mandava mensagens sem necessidade àquela hora da madrugada, ou pelo menos ninguém que não fosse ela.

Percebi o olhar de Matteo em mim, talvez pensando a mesma coisa que eu sobre o horário — mas, em seu caso, ele não sabia quem era o remetente, e fiquei com medo de que pensasse ter atrapalhado minha troca de mensagens com algum outro homem.

— É minha prima.

Sabia que não precisava me explicar para ele, nem mesmo se fosse um cara do lado de lá da conversa, mas eu não queria que ele pensasse que eu estava envolvida com outra pessoa. Parecia, afinal, que eu era louca e queria manter a esperança de que algo pudesse acontecer entre nós dois. Menos profissional impossível.

— É sua tia? — perguntou enquanto eu lia a mensagem. — Ela está bem?

Concordei com a cabeça e soltei um suspiro aliviado, tentando acalmar meu coração, que tinha ido a mil.

— Alice só está com insônia, depois de receber mais uma ameaça do pai da filha dela.

— Ele está ameaçando fazer algum mal a ela ou à criança? — A voz dele soou indignada, e eu entendia por completo, pois, quando ela havia me contado sobre aquilo, a minha reação tinha sido a mesma.

— Não ameaçando bater, nem nada do tipo — respondi. — Ele tem a guarda da menina e vive colocando regras para que elas possam se ver. Como, por exemplo, minha prima nunca se envolver com outro homem.

Matteo ponderou a informação por algum tempo, antes de voltar a falar:

— Ela não pode apresentar ninguém para a filha deles?

— Não, ela não pode ficar com ninguém nem quando está longe da filha. E, quando ele descobre algo, deixa ela semanas sem ver a Yasmin.

— Ele não pode fazer isso.

— A gente sabe que não, mas ele é advogado e sabe encenar bem o papel de pai do ano, já que Alice nunca conseguiu nenhuma prova das ameaças e sempre acaba como a ex louca, que tentou sequestrar a própria filha.

— Tentou sequestrar a própria filha?

— Ela não fez isso, mas foi o que ele fez parecer no tribunal. Por isso, ela perdeu a guarda.

— Ela já tentou recuperar?

Concordei com a cabeça.

— O único advogado que falou para ela que topa pegar o caso pediu dez mil só para dar entrada no processo.

— E deixa eu adivinhar: você vai usar parte do dinheiro que receber aqui para isso.

— Foi um dos motivos que me levaram a aceitar a proposta.

Ele deixou o olhar vagar por um momento e se inclinou até tocar minha mão, que repousava em cima da toalha, dizendo achar que já estava melhor. Levantei o gelo, e ele fez círculos com o pé, testando a articulação sem parecer sentir dores.

Fui até a cozinha, descartei o restante do gelo na pia e peguei um copo para beber água. Ele se levantou do sofá e forçou o pé no chão algumas vezes, para ter certeza de que conseguiria andar sem problemas. Então veio até a ilha e apoiou uma das mãos nela, me observando lavar o copo.

— Eu vou conversar com Henrique. Apesar de não ser a área dele, talvez conheça alguém que possa ajudar.

Aquela frase foi quase como um abraço. Só eu sabia as noites que Alice virava chorando de saudades da filha, ou a forma como seu coração se tornara duro para evitar que se aproximasse de alguém, pois aquilo faria com que perdesse seu mundo. Ela amava a menina com tudo que tinha, e não poder tê-la por perto a destruí.

Dei um passo em direção a Matteo e, sem pensar muito na ação, estalei um beijo em sua bochecha. Ele fechou os olhos, respirou fundo e colocou a mão em minha cintura, me mantendo ali por mais tempo do que um beijo daqueles deveria durar. Depois virou um pouco o rosto, e pude sentir sua respiração perto demais. Fechei os olhos ao passo que sua barba arranhou minha pele. Seus dedos afundaram em meu pijama, quando ele me puxou mais para perto.

Meu coração sofreu uma queda de vinte andares com a sensação de seu corpo mais próximo do que deveria. E minha força de vontade foi grande para dar um passo para trás e me afastar.

— Obrigada.

Virei-me, em seguida, e saí de lá com a cabeça explodindo. Minhas mãos estavam tremendo por conta de um beijo na bochecha — um beijo sem qualquer conotação sexual, um beijo de agradecimento. Como era possível que somente sentir sua pele em meus lábios, de uma forma tão inocente, pudesse deixar minhas pernas tão bambas, como se ele tivesse acabado de me dar a pegada mais forte que eu já havia experimentado?



CAPÍTULO 16

Matteo

— Isso é sério? — Isabella perguntou. — Posso pedir uns cinquenta mil?

— Eu valho tão pouco assim? — Tentei soar o mais ofendido possível.

— Pouco? — Ela se virou para mim, com os olhos arregalados. — Você está mesmo falando que cinquenta mil reais é pouco dinheiro?

— É pouco em relação ao que eles poderiam se dispor a pagar.

Estávamos andando de mãos dadas até o local, na praia principal da ilha, onde Clara pedira que encontrássemos com ela e Francisco para um almoço. Era perto do salão em que aconteciam as festas.

No caminho, resolvi explicar para ela que os dois tinham uma mania muito feia de testar os namorados dos filhos, oferecendo dinheiro para que largassem o namoro. Era a forma que haviam encontrado de saber se as pessoas realmente os amavam ou se estavam ali só pelo dinheiro. Eu e Verônica entramos para a lista de protegidos deles depois da morte dos nossos pais e, para a minha infelicidade, todas as minhas namoradas cederam à barganha. A única que nunca passara pelo teste fora Marina, porque a família dela

provavelmente tinha tanto ou mais dinheiro do que a minha, portanto, não havia por que existir interesse na relação.

Também tive que esclarecer que Thomas chamava Clara de “vovó” por minha parte, já que ela não era mãe da Marina. A mãe dela era irmã de Francisco, mas nunca aparecia nos eventos da família — era brigada com quase todos os irmãos.

Claro que aquilo deixou Isabella ainda mais confusa, porque, pelo jeito, havia pesquisado sobre minha vida e achava Clara jovem demais para ser minha mãe. Era verdade. Ela precisaria ter engravidado com doze ou treze anos para as idades baterem, mas também não era tão nova quanto Isabella supunha; afinal, já tinha uma filha de vinte e dois anos. Ela só se cuidava bastante e tivera ajuda de alguns procedimentos estéticos.

Nossa estrutura familiar era bem confusa para quem via de fora, mas não era tão complicada assim. Arthur era filho do primeiro casamento de Francisco, Cecília, dos dois e, por fim, eu e Verônica, os agregados.

— E quanto você acha que eu deveria pedir? — Isabella perguntou. Tinha um sorriso nos lábios, e o cabelo ricocheteava em suas bochechas.

— Um milhão, no mínimo.

— Parece que alguém está supervalorizado.

— Modelo único do mercado.

Ela não conseguiu conter a risada.

— E eles já pagaram esse valor de verdade para alguém?

— Não, mas porque ninguém nunca pediu.

— Se pedisse, eles teriam tudo isso para pagar só para que alguém se afastasse dos filhos deles?

— Isabella, olha em volta. — Levantei nossas mãos entrelaçadas e a girei lentamente para observar cada detalhe. — Eles são donos de uma ilha, claro que teriam.

Talvez eu tivesse esquecido de dar aquela informação para ela, pois parecia desacreditada. Eu entendia bem. Não era qualquer pessoa que podia se dar ao luxo de dizer que possuía uma ilha só sua, em um paraíso como Angra dos Reis.

Ela tirou as sandálias quando chegamos à praia, e o vento soprou forte a saia do vestido, fazendo-a contornar suas curvas. Eu não deveria reparar naquilo, mas, ao que ela soltou minha mão e correu, foi impossível impedir meu olhar de descer por suas costas até a bunda e imaginá-la no biquíni que havia deixado sobre a cama antes de sairmos.

Quando meus tutores apareceram em nosso campo de visão, ela voltou a me dar a mão e caminhou comigo, acalmando um pouco a confusão que acontecia dentro de mim, todas as vezes que os via e lembrava o que estavam escondendo. Era conflitante ver pessoas que costumavam ser minha família e só conseguir enxergar a mentira que me contaram.

Francisco, sempre com seu olhar analítico, passou boa parte do café estudando Isabella. Mesmo por trás da conversa leve e dos elogios, eu sabia que ele estava tentando entender a moça, e talvez tivesse mais sorte do que eu naquilo. Não que ela fosse uma pessoa complexa. Na verdade, era exatamente por não ser que me deixava tão confuso — parecia irreal que alguém pudesse ser daquela forma.

Eles perguntaram por Verônica, e falei que ainda estava tentando convencê-la a comparecer; só não expliquei que o motivo de ela não querer ir

era a briga que tivéramos na última festa. Ela havia me ignorado por dias.

Depois de terminar de comer, coloquei meu celular em cima da mesa, com um aplicativo de áudio aberto e conectado aos fones que tinha no meu ouvido, e pedi licença para ir ao banheiro. Estava curioso para saber como o casal ofereceria dinheiro a Isabella, e não demorou muito para Francisco começar.

— Você o ama?

Eu observava por trás de uma das pilastras do salão. Isabella parou o garfo no ar e o devolveu ao prato.

— Amar é uma palavra bem forte — respondeu, com uma leve risada —, mas eu gosto bastante dele.

— Bastante o suficiente para recusar isso aqui? — Foi a voz de Clara que ouvi pelo fone. Não consegui ver a mesa direito, mas a mulher pareceu empurrar algo em direção a Isabella, que levou a mão à boca no mesmo instante.

— Eu acho que não estou entendendo aonde vocês querem chegar.

— Eu acho que você entendeu — Francisco falou.

— Vocês estão me oferecendo isso aqui para que eu termine com ele?

— Bingo — Clara respondeu. — Dez mil reais agora, mas, assim que terminar com ele, transferimos mais noventa para sua conta.

— Isso é sério? Cem mil reais para quebrar o coração dele?

— Como você disse, amar é uma palavra forte. Quanto antes, menos ele vai sofrer.

Bufei ao ouvir aquilo. Ser trocado por dinheiro era uma merda, independente de já estar envolvido ou não com a pessoa. Isso era algo que eles

nunca entenderiam. Conhecendo seu passado, chegava a ser uma tremenda hipocrisia que achassem que todo mundo só estava interessado em dinheiro.

Clara tinha vindo de uma família muito pobre e trabalhava no hotel em que Francisco costumava se hospedar. Seus caminhos se cruzaram pela primeira vez quando ele ainda estava com a ex-mulher, mas eles sempre juravam de pés juntos que só se envolveram depois do divórcio milionário de Francisco. Clara achava que ele nunca mais voltaria, mas, um dia, ele reaparecera no hotel para contar a novidade e ela não pensara duas vezes antes de acompanhá-lo, sem nem passar em casa para buscar as malas. Pouco tempo depois, os dois se casaram e não demoraram muito para ter Cecília.

Por culpa dessa história, Cecília era a primeira a ficar revoltada com as intromissões dos dois. Sempre jogava na cara da mãe que talvez até ela tivesse pegado o dinheiro e metido o pé na bunda do pai, se houvesse tido a oportunidade.

— Então? — Francisco perguntou, depois de um longo período de silêncio.

— Eu só acho que vocês não devem amar tanto ele, para oferecer só isso. Sabem que, se o que nós dois temos for para frente, isso aí vai ser trocado, não é mesmo?

Francisco se ajeitou na cadeira e cruzou os braços. Eu não conseguia ver Clara dali, mas poderia apostar que seu olhar capaz de matar qualquer um estava sendo direcionado a Isabella. Tive que me segurar para não rir alto. Ela era mais corajosa do que eu imaginava, para enfrentar os dois.

— Ele é bonito e tem muito dinheiro, eu entendo o que você viu nele — Clara falou com o tom de voz que qualquer um que convivesse com ela por mais tempo conheceria bem, quase como uma cobra pronta para dar o bote. —

Porém ele está de luto, está sofrendo, e você está se aproveitando da fragilidade dele.

Eu podia estar muitas coisas durante meu período de luto, mas frágil não era uma delas. Meus muros haviam se erguido no momento em que eu percebera que até mesmo as pessoas em quem achava poder confiar estavam contra mim.

— Posso concordar em parte com você. Ele está de luto e está sofrendo, mas, diferente do que você pensa, não estou me aproveitando de nada, só estou tentando proporcionar a ele pequenos momentos nos quais a lembrança dela não doa tanto. Se você prefere a versão miserável dele, acho que sou eu quem deveria questionar você sobre amá-lo.

Senti uma pontada no peito ao ouvir aquilo. Sabia que as palavras não eram verdadeiras para Isabella, mas percebi que haviam se tornado verdadeiras para mim. Era apenas um fingimento, mas, ao lado dela, eu conseguia não ser o homem que perdera a mulher, conseguia rir de brincadeiras idiotas e sentir coisas que achava que não sentiria mais. Eu vinha a usando como venda para meus problemas.

Clara se levantou da cadeira e apoiou as mãos na mesa.

— Quanto você quer para deixar ele em paz?

— Talvez dois milhões possam me fazer começar a pensar no caso.

— Pegue isso como entrada.

Clara apontou para o que havia oferecido anteriormente, e Isabella franziu o cenho, encarando o que eu suspeitava ser alguma bolsa com dinheiro.

— Você está falando sério? — perguntou. — Vai me pagar dois milhões de reais para que eu saia da vida de Matteo?

Naquele momento, senti o controle fugir de minhas mãos. Não tinha pensado na possibilidade de ela aceitar o dinheiro, mas a quantia era muito maior do que eu estava pagando para que viajasse comigo. Ela não podia ir embora, pelo menos, não ainda. Eu precisava dela ali. Todos que faltavam chegariam nas próximas horas para a primeira festa de final de ano.

— Eu posso transferir para sua conta agora mesmo. Basta você terminar qualquer coisa que tenha com ele — Francisco respondeu.

Eu não podia deixar aquilo acontecer. Corri até eles e, ao me ver, Isabella se levantou da própria cadeira.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei, como se não tivesse escutado tudo.

Isabella pegou a bolsa preta em cima da mesa e caminhou até mim.

— Eles acabaram de me oferecer dois milhões de reais para terminar com você. — Ela parou em minha frente.

— Isabella... — comecei a falar, mas ela encostou um dedo em minha boca, impedindo que continuasse.

— Eu só quero te pedir desculpas... — falou e deixou a mão escorregar para o meu peito.

— Por favor, não faz isso...

Ela me olhou nos olhos e ajustou a postura. Iria fazer aquilo.

— Eu quero te pedir desculpas...

Em um impulso, agarrei sua cintura e a puxei para mim, afundando o rosto em seu pescoço e sussurrando que cobria a oferta, para cortar o pé na bunda que ela estava prestes a encenar.

— Matteo, escuta o que tenho a dizer, por favor — ela pediu, dando um passo para trás e colocando uma distância segura entre nós dois. — Eu quero te pedir desculpas por mandar sua família para a puta que pariu.

Ela se virou para os dois e jogou a bolsa no chão, bem aos pés deles.

Não consegui conter um suspiro de alívio quando as palavras saíram de sua boca. E, ao contrário do que imaginei que aconteceria, Clara sorriu e Francisco falou:

— Pelo menos, já sabemos que ela não está com você por interesse, meu filho. — Então, ele voltou o olhar para a moça e continuou: — Seja bem-vinda à ilha, Isabella.



CAPÍTULO 17

Isabella

— Vou pedir para Henrique arrumar o valor do contrato — comentou Matteo quando voltamos ao bangalô.

Ele estava digitando algo no celular, e eu o observei por um segundo, perdida no assunto. Sua personalidade havia mudado da água para o vinho durante o café; enquanto, na ida, estava sorridente e conversador, na volta, permanecia sério e silencioso. Não dava para entender o que se passava dentro da cabeça dele, e isso era bem frustrante. Eu estava morrendo de medo de ter feito algo errado.

— Do que você está falando?

— Dos dois milhões — respondeu, sem me olhar. — A oferta que falei que iria cobrir.

Cruzei os braços sobre o peito.

Ele achava mesmo que eu estava prestes a aceitar a proposta, depois de tudo que havíamos conversado? Claro que tinha sido tentadora, mas minha

palavra valia muito mais do que aquele tanto de dinheiro que eu nem conseguiria contabilizar.

— Eu já falei que não quero seu dinheiro, Matteo. Não recusei a oferta porque você cobriu o valor, e sim porque era o que tínhamos combinado. Foi você quem pediu que eu jogasse alto.

Meu coração estava batendo forte no peito, e eu não saberia explicar por que aquilo me deixava tão brava. Matteo levantou os olhos do celular pela primeira vez desde que ficamos sozinhos.

— Você... — Ele cruzou os braços também. — Você não quer os dois milhões?

Era possível ver a confusão tomando conta de seu rosto.

Não querer era uma afirmação muito forte. Quem, em sã consciência, recusaria tanto dinheiro? Bom, parecia que eu. Por que tinha que ser tão correta?

— Eu só quero o que combinamos.

— Por quê?

Ele me encarou com tanta intensidade, que minha língua enrolou na boca e a garganta secou. Não sabia dizer como ele fazia aquilo comigo. Nem eu tinha resposta para a pergunta; deveria ter aceitado, mas, por algum motivo que desconhecia, eu me importava com ele. Tinha visto em suas feições a dor de me contar sobre as vezes que havia sido trocado pelo dinheiro. Meu coração poderia ter se partido ao vê-lo vindo em minha direção, implorando para que não fizesse aquilo, mas eu já tinha planejado meu pequeno teatrinho. Só não achava que ele também cairia.

— Eu não troco minha palavra por dinheiro nenhum. — Dei três passos até estar frente a frente com ele. — Assim como eu nunca trocaria alguém que amo por qualquer valor. Eu estaria quebrando dois dos meus princípios se aceitasse esse dinheiro.

Matteo sorriu e arqueou uma das sobrancelhas. Foi quando percebi que eu tinha me exaltado um pouquinho além da conta.

Coloquei a mão na boca e murmurei um pedido de desculpas, envergonhada por ter alterado a voz. Ele, por sua vez, começou a rir da minha cara.

— Essa foi nossa primeira briga de casal? — perguntou, ainda com o sorriso no rosto. — Eu nunca imaginei que, um dia, brigaria com alguém porque essa pessoa não quer dinheiro. Tem a primeira vez para tudo.



Dizer que eu estava um pouco nervosa seria eufemismo. Eu nem sabia como havia sobrevivido a um café da manhã e, no momento, teria que suportar não apenas dois olhares julgadores, mas o de uma festa inteira, inclusive os dos irmãos de Marina, que eram sobrinhos de Francisco e também estariam por lá. O salão, que estivera vazio mais cedo, se iluminava com decorações natalinas em tons de vermelho e dourado.

— Todas essas pessoas estão hospedadas na ilha? — perguntei, sem saber de onde havia surgido tanta gente, sendo que, à tarde, pouquíssimas pessoas cruzaram nosso caminho, quando Thomas e Matteo me levaram para um tour na ilha, que era bem maior do que eu imaginara.

— Sim, todos temos nossos próprios bangalôs — explicou. — Os convidados que não são da família ficam hospedados na casa principal, com Clara e Francisco.

Eu ainda não tinha absorvido a quantia de dinheiro que aquelas pessoas possuíam.

Matteo colocou a mão em minha cintura e me conduziu para dentro do espaço cheio de gente que eu não conhecia. Clara e Francisco nos receberam, tão felizes que eu nunca diria serem a mesma dupla que me fizera aquela oferta, mais cedo. Eles formavam um belo casal. Apesar de Francisco ser muito mais velho, era bem conservado e bonitão. Seria mais ou menos como eu e Matteo em sua idade.

Por que você está comparando os dois com vocês, que nunca chegarão nessa idade juntos?

O que me deixara chocada fora a descoberta de que Clara era apenas dois anos mais nova do que tia Raquel. Minha tia não tivera a mesma sorte que ela para evitar as rugas e os castigos do tempo em sua pele.

Fui conduzida por uma série de apresentações e conversas que nem entendia para tentar opinar. Eu era extrovertida, mas era difícil interagir quando a maioria das pessoas não se esforçava em me inserir na conversa. Matteo até tentava, mas, sempre que conseguia, alguém vinha com outro assunto ou trazia o tema “Marina” para a roda, como se todos quisessem esfregar na minha cara que eu não era ninguém.

Sabia que ela devia ter sido uma pessoa importante para todos ali e, se estivesse de verdade em um relacionamento com ele, a última coisa que iria querer seria que ele apagasse tudo que tivera com ela. Porém achava um pouco

indelicado que as pessoas continuassem perguntando ou resgatando lembranças, depois de ele me apresentar como namorada e dizer que não queria tocar no assunto.

— Essa festa tá um saco, né? — uma voz feminina falou ao meu lado, baixo o suficiente para que apenas eu escutasse.

Os demais estavam tão distraídos na conversa que nem a notaram.

Virei-me para encontrar uma moça vestida com um uniforme quase idêntico ao que eu havia usado no aniversário de Verônica. Fiquei chocada ao ver uma funcionária falando daquela forma sobre a festa em que estava trabalhando.

— Não está tão ruim. — Tentei remediar.

— Fala sério, estou observando sua cara de tédio faz horas.

Fiz uma careta. Parecia que eu não vinha sendo tão boa atriz quanto achava. Ela riu, e o gesto fez com que me lembrasse de alguém. Só não consegui decifrar quem, com exatidão.

Matteo se despediu do casal com que estivera conversando e colocou a mão em minha cintura, prestes a me conduzir para a próxima tortura, quando seu olhar recaiu sobre a mulher ao meu lado.

— Você está entediando sua namorada — ela falou.

Arregalei os olhos, tendo a plena certeza de que ela estava pedindo para ser demitida. Em vez disso, Matteo sorriu para ela e agarrou mais forte minha cintura, fazendo-me imaginar se ele teria uma pegada tão firme como o aperto.

Droga, imaginação, não vá por esse caminho!

— Pelo menos, eu tenho uma namorada para entediar — respondeu.

Ela revirou os olhos.

— Quando eles me contaram que ela recusou, achei que estavam tirando uma com a minha cara. — Ela segurou minha mão, do lado oposto ao que Matteo estava, e me puxou para longe dos braços dele, fazendo-me girar. — Bonita e a primeira a recusar o dinheiro deles.

— Eu fui a primeira? — Olhei para ele com uma sobrancelha arqueada.

Meu acompanhante concordou com a cabeça.

— Você falou que eles faziam isso com todos com quem se relacionavam, mas você se casou, e sua irmã também. Como fizeram isso, se eles não passaram no teste?

— Marina era sobrinha deles e mais rica do que eu. Logo, era impossível estar comigo por dinheiro — explicou. — E, bom, Verônica se casou escondido de todo mundo quando tinha dezesseis anos. Ela morava comigo e com Marina, num dia, e, no outro, apareceu com uma certidão de casamento. Eles não tiveram nem tempo de tentar arruinar tudo.

— Mas como ela se casou com essa idade?

— Ela tinha sido emancipada.

Com dezesseis anos, eu mal tinha beijado na boca. Era assustador pensar que, naquela idade, alguém já estava dando um passo tão grande na vida. Pelo menos, Verônica parecia ter ganhado na loteria, pois ela e o marido pareciam se dar muito bem. Eu havia *stalkeado* a conta dela no Instagram por mais alguns dias, depois do fatídico acidente com as taças.

— Será que você não tem uma irmã pra me apresentar, não? — a moça do bufê me perguntou. — Um irmão também serve, mas, no momento, minha preferência é por mulheres. O último homem já me deixou traumatizada o suficiente pra não querer pensar em pau por um bom tempo.

— Cecília! — Matteo chamou atenção, com uma cara de nojo.

O nome combinava com ela. Era um dos meus preferidos, um dos que guardava para o caso de uma hipotética filha, que eu nem queria ter. Amava crianças, mas o sonho de ser mãe não me pertencia. Trabalhar com elas por quase sete dos meus vinte e dois anos havia servido para confirmar aquilo.

— Desculpa, senhor Puritano. — Ela mostrou-lhe a língua e depois se voltou para mim. — Aliás, sou Cecília, irmã de mentirinha dele.

— Não tem nada de mentirinha, sua insuportável.

— Preciso deixar claro que não temos nenhum vínculo sanguíneo, para que, caso não dê certo com você, ela possa ter total liberdade de me procurar.

Não consegui conter a risada, e Matteo me olhou com uma carranca fingida.

— Já vi que vão se unir contra mim. — Ele envolveu minha cintura em um abraço por trás e apoiou o queixo em meu ombro. — Mas tira o olho.

Uma mulher chegou ao lado de Cecília e perguntou quanto tempo mais ela esperava ficar conversando; acrescentou que, se quisesse, poderia pedir para outra pessoa vir servi-la. A moça olhou para a chefe, totalmente séria, pediu desculpas e falou que já voltaria ao trabalho.

Matteo esperou a desconhecida sair para perguntar se aquilo tinha sido algum tipo de punição de Clara por alguma coisa que Cecília aprontara, mas ela confessou que os funcionários daquele ano eram lindos e que descobrira sobre uma festa clandestina que aconteceria nos dormitórios deles. Então, decidira passar alguns dias disfarçada, já que ninguém nunca dava moral para ela depois de descobrir quem era e como muitos haviam perdido o emprego por lhe fazer gracinhas. Mesmo que aquilo houvesse acontecido em outra época,

quando era nova demais para impedir que os pais demitissem alguém por sua causa.

Ela se despediu de nós e foi para uma entrada, onde eu imaginava ficar a cozinha. Matteo pediu que eu pegasse uma bebida para nós enquanto ele ia ao banheiro, então fui até o bar de drinques. Fiquei um pouco perdida com a variedade de nomes que nunca ouvira falar na vida. Talvez devesse pedir uma caipirinha mesmo, para não correr o risco.

— Acho que você pode gostar do *Sex on the beach* — falou Arthur, bem perto de mim. Eu reconheceria sua voz em qualquer lugar do mundo, de tanto que o havia escutado cantando ao pé do meu ouvido.

Eu não sabia inglês, mas tinha identificado a bebida no cardápio e a tradução “Sexo na praia” logo abaixo. Ela existia. Só não saberia dizer se ele estava realmente a recomendando ou insinuando alguma outra coisa nada apropriada.

— É boa mesmo ou você só falou pelo nome?

O moço do bar disse que seu pedido estava pronto e estendeu uma taça para ele.

— Que mente poluída, Isabella. — Ele bebericou o líquido alaranjado. — É minha bebida preferida. Você já deixou claro, no outro dia, que está comprometida. Apesar de ser com um babaca, ainda é um compromisso.

Então ele se virou para o barman e pediu que fizesse mais uma daquelas para mim. Eu corriji, dizendo que queria duas.

Ouvi-lo falar de Matteo daquela forma me deixava desconfortável e com uma vontade tremenda de defendê-lo, mas isso conflitava diretamente com a admiração que nutria havia tantos anos pelo meu ídolo.

Estava prestes a contestar quando fui puxada e logo me vi encarando as costas de Matteo, que gritava para Arthur ficar longe de mim.

— Se ela fosse esperta, era de você que ficaria longe — respondeu, parecendo inabalável. — Se Marina tivesse feito isso, talvez ainda estivesse aqui. Não teria fugido no meio da noite porque te pegou com outra.

Eu não tive sequer tempo de pensar sobre o que acabara de descobrir, porque, no segundo seguinte, Arthur estava caído no chão com a mão no rosto, depois de receber um soco de Matteo.

— Olha o bom-moço finalmente mostrando as garrinhas — Arthur debochou, mas, da segunda vez, Matteo não reagiu. Apenas caminhou para fora do salão, enquanto todos observavam os dois em total choque. Até mesmo Clara e Francisco pareciam sem reação.

Estava me virando para ir atrás dele, quando ouvi Arthur afirmar para as minhas costas:

— Não diga que não te avisei.

Saí do salão e vi que Matteo já estava bem afastado. Tive que apressar o passo para alcançá-lo, mas só consegui quando ele parou de andar e sentou na areia da praia.

Sentei-me ao seu lado, sem dizer uma palavra. Não sabia muito bem por onde começar: se deveria consolá-lo ou confrontá-lo. Ao mesmo tempo em que queria saber o que havia acontecido, eu sabia que não tinha direito nenhum de perguntar. Então, só fiquei em silêncio, oferecendo minha companhia como conforto.

Ele massageava a mão que usara para dar o soco em Arthur.

— Acho que quebrei alguma coisa — falou e levantou a mão no ar para tentar mover, sem muito sucesso. — Nunca bati em ninguém, e logo na primeira vez isso acontece.

— Acho que você só está dizendo isso para ganhar mais uma massagem — respondi e puxei a mão dele para o meu colo. Não tinha nada quebrado ali.

Ele riu, aquela risada gostosa que parecia reservada só para quando estávamos sozinhos, o que me fazia questionar sobre o porquê de ele não fazer igual na frente dos outros.

— Eu nunca traí a Marina — esclareceu, depois de um tempo.

— Não tenho nada a ver com isso, Matteo — respondi, mesmo que a curiosidade estivesse a mil.

Quando Arthur mandava que eu tivesse cuidado, entendia que ele não falava de machucados físicos, e sim dos mais difíceis de curar, aqueles que ninguém consegue ver e só quem os carrega sente as dores, todos os dias. Como a minha ferida aberta por não saber mais sobre meus pais. Algo que eu tinha deixado de tentar buscar desde que tia Raquel me pedira para parar, pois era muito doloroso para ela se lembrar da irmã.

— Eu sei que não — ele olhou para mim, só não sustentou o olhar por muito tempo e logo desviou para o mar —, mas sinto que te devo essa explicação depois de ter te colocado no meio daquela cena.

Concordei com a cabeça, sem saber o que dizer. Apesar de ser a palavra de um contra a do outro, queria acreditar que ele estava falando a verdade. Tinha pavor de traições e não sabia se conseguiria olhá-lo com o mesmo respeito, se tivesse feito algo assim.

— Marina não gostava dele, talvez tivesse até certo medo — Matteo contou, deixando-me confusa em tentar ligar a informação ao cantor fofo e gentil que havia acompanhado por toda a minha vida. — Ela sempre me pedia para confirmar que ele não estaria no lugar, antes de aceitar qualquer convite de Clara e Francisco. As coisas pioraram quando nos casamos. Era ele aparecer e ela pedir para ir embora, apesar de nunca ter me contado o que acontecia entre eles. Eu tinha minhas suspeitas, porém ela nunca permitiu que eu o confrontasse.

Ele parou de falar e olhou para mim. Parecia perdido. Aquele homem tinha tudo que muita gente queria — era bem-sucedido, possuía mais dinheiro do que a maioria das pessoas e poderia comprar quase tudo que desejasse —, mas lá estava ele, quebrado, mostrando que nada daquilo importava no final.

— Ver você com ele... — a frase morreu, e então Matteo colocou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha — foi como voltar ao passado. Eu não podia permitir que ele fizesse com você o mesmo que fez com ela.

Sua mão continuou segurando meu queixo ao contornar meus lábios com o dedo e aproximar nossos rostos. Senti a respiração dele em minha boca e fechei os olhos, sem controle. Se fosse outra pessoa, em outro momento, eu já teria tomado a iniciativa, mas sabia que não deveria.

— Nós não podemos — sussurrei, mas não me movi. Não tinha forças para obrigar meu corpo a se afastar dele.

Matteo encostou a boca na minha, sem me beijar, apenas deixando nossos lábios se tocarem.

Eu o queria tanto que chegava a doer. Por que aquele sentimento tinha que vir logo pela única pessoa que eu não poderia ter? Coloquei minha mão em

seu peito e senti que a agitação não acontecia apenas dentro de mim.

Com uma força que não sabia de onde tirava, levantei-me de lá e fui embora, enquanto sentia meus cacos serem deixados pela areia por recusar aquele beijo, aquelas mãos, aquele homem.



CAPÍTULO 18

Matteo

Afundi o rosto nas mãos, tentando entender onde eu estava com a cabeça para quase beijar Isabella. Sempre que a olhava, que a desejava, que queria mais do que deveria, minha mente me punia com as lembranças daquela noite. Era como viver, dia após dia, a reprise do pior momento da minha vida.

— Está absolutamente certa, Marina. Só estava esperando você virar as costas pra comer minha secretária, bem ali, em cima da porra da mesa — respondi, cansado das brigas que ela sempre arrumava por ciúmes.

Eu fazia tudo que podia para que ela confiasse em mim, desde o maldito início do nosso namoro, mas nada nunca parecia ser o suficiente. A desconfiança estava sempre nos rondando, mesmo que eu nunca tivesse dado nenhum motivo para alimentá-la.

Naquele dia, o secretário que eu contratara, depois de Marina pedir que demitisse a mulher que trabalhara comigo por anos, não pôde ir. Precisei arrumar alguém para substituí-lo em cima da hora e, para aquilo, nada melhor do que uma pessoa que já estava acostumada com a função. Então pedi que a

antiga secretária, que havia sido transferida para outra parte da empresa, reassumisse seu papel.

Estávamos fazendo o fechamento do mês, e tudo parecia dar errado. Cada hora, chegava um problema diferente em minhas mãos, e eu só queria poder ir para casa, deitar com minha mulher e dormir uma noite inteira de sono, algo que não conseguia fazer havia alguns dias.

Era uma sexta-feira, e eu mal podia esperar pelo sábado em que não precisaria ir ao escritório. Porém o relógio marcava quase nove horas da noite, e eu ainda estava atolado de serviços que não podiam ser adiados. Todos já haviam ido embora e só sobrâramos eu e minha secretária. Estava falando que ela podia ir para casa, quando escutei o barulho do elevador.

Estranhei, pois tinha certeza de que não deveria ter mais ninguém no prédio, além de nós dois e o segurança, lá embaixo, e não haviam me informado sobre a chegada de ninguém.

Não era para menos. Marina subornara o vigia para me fazer uma surpresa, já que eu estava trabalhando demais. Trazia uma cesta com nosso jantar e um vinho. Teria sido uma noite agradável, se eu tivesse liberado a secretária cinco minutos antes, ou até mesmo se tivesse passado o dia me virando sozinho, mas não foi assim que as coisas aconteceram.

Ela entrou na sala, com um sorriso que se desfez assim que pousou os olhos na mulher que me acompanhava.

— Obrigada, então — falou a secretária, antes de fugir de lá o mais rápido possível sob o olhar de Marina. Ela não sabia o real motivo de ter sido transferida, mas, da maneira que corria, devia suspeitar ou ter descoberto de

alguma forma. Mesmo que eu não tivesse contado para ninguém, as fofocas sempre estavam por lá.

Marina a observou, calada, até a porta do elevador se fechar. Antes mesmo de abrir a boca, eu sabia que aquilo não terminaria bem, pois sua pele clara demais logo denunciava sua raiva, tingida de tons vermelhos.

— O que ela estava fazendo aqui, sozinha com você, a essa hora da noite?

Levantei-me da cadeira, andei até ela e a puxei para mim.

— Também estava com saudades.

Marina soltou a cesta no chão, e um barulho alto se fez, de algo de vidro se quebrando. Logo percebi ser a garrafa de vinho, quando a bebida começou a se espalhar pelo chão.

— Que merda essa mulher estava fazendo no seu escritório, quando já tinha te falado que não me sentia bem com ela aqui? — Empurrou meus braços e se afastou de mim. — Você está tendo um caso com ela? Por isso tem chegado tarde, toda noite, enquanto eu passo horas cuidando do nosso filho?

— Você está brincando, né? — Fui mais grosso do que pretendia, mas a atitude dela de jogar aquilo para cima de mim era baixa.

— Estou? — Cruzou os braços e fechou a cara. — Pelo meu rosto, deve estar vendo que estou morrendo de rir, né? Há há há.

— Marina, nós estávamos trabalhando.

— Curioso que só vocês dois precisam trabalhar até tarde, né? Muito conveniente. Por que será que ela saiu correndo, igual a uma louca, assim que me viu? O trabalho acabou, ou eu cheguei para interromper?

Encostei na mesa e cruzei os braços. Depois de todo estresse do dia, aquela era a última discussão que eu esperava ter, mas conhecia bem minha mulher para saber que, depois de ela colocar algumas neuras na cabeça, era difícil fazê-la voltar a si. Já não sabia o que fazer para que ela tivesse mais confiança em mim. Talvez devesse me inscrever para ser testado no teste de fidelidade do João Kleber. Não fazia sentido o ciúme que tinha até da minha sombra.

— Marina — falei sério —, nós só estávamos trabalhando. Eu tinha acabado de falar para ela que podia ir embora, que eu terminaria sozinho.

Seu nariz começou a ficar vermelho, e eu soube que ela estava prestes a chorar. Queria só a abraçar e pedir que esquecesse aquilo, dizer que, se fosse importante, daria a ela até as imagens das câmeras de segurança para que confirmasse com os próprios olhos, apenas para acabar logo com a briga.

— Você é tranquilo assim porque sabe que eu nunca te trairia, mas com você não consigo sentir isso. Parece sempre estar olhando para outra. — Uma lágrima escorreu por seu rosto, e ela limpou com força. — Eu não sou o suficiente para você? Por que faz isso comigo? Eu te amo tanto.

Tentei me aproximar novamente, mas ela deu um passo para trás e negou com a cabeça. Eu me senti péssimo por despertar nela tanta insegurança, mesmo que já não soubesse o que fazer para melhorar.

— Em casa, a gente conversa. — Ela se virou e saiu da sala.

Corri atrás dela, passei por cima da poça de vinho que se formara no chão e a puxei para mim. Abracei sua cintura, mas, quando tentei beijá-la, ela desviou o rosto. Mesmo sabendo que ela estava errada, vê-la correr de mim fazia meu peito doer.

— Me solta, Matteo. Eu não quero.

A voz dela, ao dizer aquelas palavras, era tão triste que eu me senti um merda. Saber que eu não tinha feito nada não mudava o fato de que havia, sim, passado o dia trabalhando com uma mulher, coisa que ela já me avisara que não a deixava confortável. Sabia como ela se sentia e, mesmo assim, fizera aquilo e não lhe avisara.

Quando a soltei, ela entrou no elevador e foi embora sem me olhar. Eu ainda precisava terminar várias coisas, mas não conseguiria fazer nada enquanto não tivesse acertado tudo com ela. Desliguei o computador e acelerei para casa, embora soubesse que aquilo me custaria o fim de semana tão esperado.

Ao entrar em nosso quarto, dei de cara com ela arrumando as malas.

— O que você está fazendo?

— Vou visitar meus padrinhos — respondeu, ainda sem me olhar. — Você fica com Thomas nos próximos dias, é o mínimo. Até parece que eu fiz ele com o dedo.

Aquele foi o fim da linha para mim.

Conseguia lidar com as inseguranças que ela tinha na nossa relação, mesmo que isso me deixasse puto, na maioria das vezes, mas não merecia escutar aquilo. Eu fazia o possível e o impossível para estar com nosso filho. Trabalhava de segunda a sexta, mas também preparava seu café da manhã quando levantávamos e lia uma história para ele dormir, sempre que saía do trabalho em um horário adequado.

Quando ele era apenas um bebê, eu e Marina passávamos madrugadas revezando para fazê-lo dormir. Eu ia acabado para o trabalho, pensava no que

estava fazendo da vida, sentia-me exausto, mas continuava firme, porque aquele menino dependia de mim. Era muito injusto que ela insinuasse aquilo só porque eu não estava em casa, vinte e quatro horas por dia.

Se, em algum momento, eu quisesse estar à frente da empresa do meu pai, do legado que ele deixara para mim, precisava trabalhar. Não podia ser apenas o herdeiro que esbanjava dinheiro. Ele havia deixado regras muito rígidas com Francisco, para que eu e Verônica herdássemos seu império.

— Tudo bem. Eu e Thomas vamos nos divertir — falei, abrindo mão da parte de me acertar com ela pela noite.

— Ótimo — Marina respondeu, jogando com força uma blusa dentro da mala. — Só não chame sua secretária pra brincar de casinha, enquanto eu estiver fora. Porque eu sei que ela prefere ser comida na mesa do escritório, como você estava prestes a fazer.

Foi quando falei que ela estava absolutamente certa.

Ela fechou a mala, mandou eu me foder e bateu a porta do quarto.

Foram as últimas palavras que escutei de sua boca, porque fui orgulhoso demais para correr atrás e pedir desculpas. Deixei que fosse embora, não mandei uma mensagem e não liguei. Queria que ela viesse atrás, pelo menos uma vez. Eu também estava magoado, mas ela nunca mais voltou.

Na manhã seguinte, quando meu celular tocou, era Clara do outro lado, me informando que Marina tinha sofrido um acidente de carro durante a madrugada e que eu deveria ir até lá. Cheguei pronto para me desculpar por tudo, mas era tarde demais. Eu nunca teria a oportunidade. O pedido de perdão ficaria, para sempre, agarrado na garganta.

Alguém se sentou ao meu lado, arrancando-me das memórias, mas não levantei o rosto para ver quem era. Senti um braço me contornar e, logo depois, um cafuné na cabeça. Não precisava abrir os olhos para saber quem estava comigo, porque, no final, era sempre assim: nós dois. Não importava quantas brigas tivéssemos, que gritássemos e disséssemos que nunca mais queríamos nos ver, sempre que um dos dois estivesse na merda, o outro estaria ao lado para consolar.

— Você veio — falei.

— Já estava no meio do caminho quando Cecília me ligou, contando o que tinha acontecido. — Verônica puxou minha mão machucada, fazendo com que eu me sentisse obrigado a olhar para ela. — Eu não acredito que você deu um soco nele.

Ela tentava conter uma risada, mas não teve sucesso.

— Cuidado, que está doendo.

— Tadinho dele. — Ela levou minha mão à boca e deixou alguns beijinhos em meus dedos. — Depois vou te ensinar a dar um soco direito, para isso não voltar a acontecer.

— E onde você aprendeu a fazer isso?

— Nas aulas de defesa pessoal que a Clara insistiu que eu e Cecília fizéssemos.

Aquilo fazia tanto tempo, que havia me esquecido. Clara morria de medo de alguma coisa acontecer com as duas e queria garantir que, se algo saísse do controle, elas conseguiriam se defender sozinhas, mas todos esperávamos que nunca precisassem usar o que aprenderam.

Verônica deitou no meu ombro e respirou fundo.

Olhei para a mão e vi um ponto de sangue que não tinha percebido antes. Aproximei mais do rosto e passei o dedo. Não era meu, era dele. Vermelho igual ao de todo mundo. Nada especial. Podia ser o mais raro do mundo, mas sangrava como qualquer outro.

— Vocês precisam superar essa briga. Marina não está mais aqui, e vocês costumavam ser amigos. Sinto falta de nós quatro juntos.

— Isso não vai acontecer, Nica — respondi. — Eu, você e Cecília, sim, mas Arthur, não.

Nunca conseguiria ser amigo de alguém que tinha assombrado meu casamento, que escrevera músicas de amor para a minha mulher, que a perseguia onde fosse e a havia matado.

Abri a boca para contar a ela sobre a conversa que eu escutara, sem querer, mais ou menos três meses atrás. Eu havia jantado com Clara e Francisco, mas tivera que ir embora mais cedo. Quando já estava no carro, tinha percebido que o celular ficara para trás. Voltara para buscar e escutara os dois falando sobre o acidente: como tudo estava resolvido e eu não desconfiava de nada, como era para deixar daquele jeito, pois eu não cavaria mais.

Tinha sido como levar uma facada no peito. As pessoas em que eu mais confiava foram as primeiras a saber do acidente, as que me seguraram ao me ver desabar no hospital, gritando que ela não podia estar morta, e as que resolveram tudo, porque eu não me encontrava em condição. Não conseguia acreditar que logo elas haviam me traído.

Queria contar tudo para minha irmã, mas não consegui.



CAPÍTULO 19

Isabella

Thomas dormiria na casa principal, naquela noite, para uma festa do pijama com os primos pequenos. Havia passado o dia inteiro empolgado. O sol ainda nem tinha se posto, e ele me fez ajudá-lo com o banho para colocar logo o pijama, mas só o deixamos lá antes de ir para a nossa festa. Eu duvidava muito que ele fosse conseguir virar a noite acordado, como falara, após rodarmos a ilha de ponta a ponta enquanto Matteo trabalhava no quarto. Se eu estava morta, ele não devia estar muito melhor.

Só não esperava que, do nosso lado, as coisas fossem acabar daquela maneira desastrosa. Liguei para Alice, assim que cheguei ao bangalô. Precisava tirar meus pensamentos do que quase havia acontecido e de como estava me sentindo. Eu conhecia aquele homem havia menos de um mês, e ele tinha idade para ser meu pai.

Até parece, Isabella. Quando você nasceu, ele não devia ter mais de dez anos.

Ainda assim, não conseguia entender a intensidade do que estava acontecendo dentro de mim. Era como se já nos conhecêssemos por uma eternidade, o que nem fazia sentido — eu não sabia nada sobre ele, além das poucas coisas que ele decidia revelar e eu nem sabia se eram verdadeiras.

Alice me ajudou a parar de pensar um pouco, enquanto tecia elogios sobre o advogado que Matteo tinha mandado entrar em contato com ela. Aquela era sua forma de fugir dos próprios assuntos: elogiar homens bonitos como disfarce para o fato de que fazia mais de um ano que não se envolvia com ninguém, com medo das ameaças de Rodrigo. Então, durante quase uma hora, fomos a válvula de escape uma da outra, até que tia Raquel reclamou que não conseguia dormir com a falação e nos fez desligar.

Estava tirando a maquiagem quando escutei o barulho da porta da frente. Apaguei a luz, correndo, e me enfiei embaixo das cobertas. A última coisa que queria era discutir com Matteo o que tinha acontecido, ou melhor, o que tinha quase acontecido.

Ainda podia sentir um calor estranho no ventre quando pensava nos lábios dele passeando pelos meus. Como um não beijo conseguia ser mais quente do que todas as pegações que eu já tivera? Eu podia ser virgem, mas estava longe de ser santa.

— Esse quarto? — uma voz feminina perguntou, fazendo meu coração se apertar dentro do peito.

Ele havia trazido outra mulher, depois do que tinha acontecido? Era a forma dele de dizer que aquilo entre nós não era nada? Meu Deus! Eu estava com ciúmes? *Eu não sinto ciúmes. Nunca. De ninguém.* Eu não era nada dele,

não tinha nenhum direito em nutrir aquele sentimento, mas lá estava eu, sentindo.

A maçaneta do quarto girou, e preendi a respiração, mas só uma pequena fresta de luz entrou antes de a porta ser fechada novamente.

— Aqui não — Matteo falou. — Vai lá para o outro quarto, você precisa de um banho.

Revirei os olhos com a imagem que preencheu minha cabeça, dele fazendo sexo com uma estranha num banheiro a um andar de distância.

— Eu quero dormir, não quero tomar banho.

— Então, você pode dormir no sofá.

Tive que segurar a risada. Ele estava dispensando a mulher porque ela não queria tomar banho? Era nojentinho a esse ponto? E eu estava feliz com isso?

Meu Deus! Que confuso!

A mulher concordou e falou que iria tomar banho, então a porta do meu quarto voltou a se abrir e logo foi fechada.

— Por que você não me deixa entrar?

— Você vai dormir no outro quarto.

O silêncio tomou conta do lugar, por um segundo em que me esforcei para escutar se estavam se beijando. Não sabia por que eu fazia aquilo, talvez só para me torturar mais um pouco em saber que alguém estava ganhando o que eu queria pela noite.

— Ela está dormindo aqui? — perguntou a mulher. — Por que ela não está no seu quarto?

Ela estava falando de mim? Quase fui até a porta e coleí minha orelha para escutar melhor a conversa.

— Porque... — ele começou a responder, mas foi cortado por ela.

— Vocês brigaram? Não, não é isso... Vocês não estão dormindo juntos! Vocês ainda não fizeram?

Talvez fosse bom que eu não estivesse no corredor junto com eles, ou já estaria igual a um pimentão e entregaria tudo. Eu era muito tranquila com o assunto, mas, por algum motivo, pensar ou falar sobre sexo com Matteo no cômodo me desconcertava.

— Claro que não, Verônica, mas isso não é da sua conta.

Quando ele respondeu aquilo, me senti uma idiota. Não era uma mulher que Matteo levava para lá com intuito de se satisfazer. Era só a irmã dele, que eu não via a hora de nunca mais ver na vida. Era sério que precisaria aturá-la no mesmo lugar que eu pelo resto da viagem? Será que eu ainda poderia pedir que ele devolvesse aquela e trouxesse uma para fazer sexo selvagem durante toda a noite? Talvez eu o preferisse com outra a ter de aturar a mimada da irmã dele.

— Por quê, então?

— Thomas não dorme sozinho desde a morte da Marina. Ele tem pesadelos, então está dormindo comigo — explicou.

Eu não sabia se era verdade. Torcia para que não fosse. Meu coração quebrava ao pensar em um menino tão pequeno, já perturbado ao ponto de precisar da companhia do pai durante a noite.

— Thomas não está aqui hoje — ela respondeu. — Vai deixar ela dormir sozinha?

— Por que você acha que estou mandando você ir para o meu quarto?

Meu coração disparou tão rápido que uma Ferrari teria perdido para ele. Havia ido de zero a mil em menos de um segundo. Queria me levantar e olhar no espelho, só para ter certeza de que meus olhos não estavam parecendo os de um panda, depois de eu ter tirado a maquiagem correndo, mas não queria correr o risco de que soubessem que estava acordada e escutando tudo aquilo.

— Só façam em silêncio, por favor. Não preciso ter na cabeça as imagens do meu irmão fazendo essas coisas.

— Verônica, nós dois não vamos ter essa conversa. Não quero nem pensar que você sabe o que é isso.

— Você sabe que sou casada, né?

— Por favor, Verônica, eu digo o mesmo para você sobre as imagens.

Ela riu alto e disse que iria dormir. Matteo respondeu que só precisava pegar a toalha para tomar banho, porque não conseguiria deitar com tanta areia agarrada em seu corpo. Depois, tudo ficou em silêncio.

Virei-me para o lado em que a parede de vidro cobria de um canto ao outro do quarto, emoldurando como um quadro vivo aquele mar revolto. A melodia dele impedia que eu ouvisse o restante do local.

Não sabia quanto tempo tinha passado, até que ouvi a porta do quarto ser empurrada lentamente e depois fechada, tão leve que, se eu não estivesse esperando, talvez nem percebesse. Então escutei o sofá dar um rangido fraco, e o silêncio retornou.

Virei-me, em busca dele, e Matteo levou a mão aos lábios em sinal de silêncio, como se receasse que eu comesse a gritar, já que não sabia que eu havia escutado tudo.

— Desculpa te acordar. Verônica está aqui, só por essa noite, porque esqueceu de pedir que preparassem o bangalô dela, e seria estranho se não dormíssemos juntos. Pode voltar a dormir.

— E você vai ficar aí?

O sofá era confortável, porém pequeno demais para alguém do tamanho de Matteo. Ele mal conseguiria colocar os pés para cima. Não poderia deixar que terminasse a noite daquela forma, principalmente depois do que tinha acontecido e o tanto que ele ficara abalado.

— É só por hoje.

— Você pode dormir na cama, ela é grande o suficiente para quatro pessoas deitarem sem se tocar a noite inteira.

Claro que aquilo era um exagero, mas a cama era mesmo enorme. Para quem tinha dividido uma cama de casal bem pequena com a tia, uma vida inteira, era quase o paraíso não ter que se preocupar em virar e dar uma cotovelada em alguém.

— Acho melhor não — respondeu.

Levantei da cama e fui até o baú, logo abaixo. Tirei de lá mais um edredom e dois travesseiros, puxei minhas cobertas para um lado e estendi a nova do outro. Os dois travesseiros coloquei no meio da cama, fazendo um muro que impediria qualquer contato.

— Pronto, pode dormir seguro. Assim eu garanto que não vou te chutar ou esmurrar no meio da noite.

— Não é bem com murros que eu estou preocupado — ele falou tão baixo que eu não soube se era para ter escutado.

Engoli em seco, tentando não deixar minha mente acompanhar os pensamentos dele. Preferi fingir que não havia entendido.

— Agora trate de deitar e dormir.

Ele concordou e veio até a cama, ainda parecendo receoso.

Eu deitei do outro lado e me virei de costas para ele. Fechei meus olhos, mas não consegui desligar a cabeça do fato de tê-lo logo ao lado. Conseguia ouvir sua respiração, seus movimentos, e o cansaço que antes me dominava parecia ter ido embora para nunca mais voltar. A consciência de senti-lo tão perto e não poder tocá-lo me mataria lentamente durante a madrugada.



Acordei com um cheiro delicioso invadindo minhas narinas. Era perfume de homem que tinha bom gosto, nada daqueles cheiros doces que me faziam passar mal. Eu poderia sentir a essência o dia inteiro, sem enjoar. Desci a mão pelo edredom, que estava mais quente que o de costume, e só parei quando cheguei em uma elevação firme no formato de um...

— Isabella. — Ouvi a voz grave dele em meu ouvido.

Ai, meu Deus!

Despertei do estado de sonolência no mesmo instante, mas o choque havia sido tanto que minha mão continuava lá. Abri os olhos, pedindo a Deus que fosse apenas um consolo que alguém tivesse perdido na minha cama, como se essa fosse a coisa mais normal do mundo, mas dei de cara com o peito nu de Matteo, no qual eu estava deitada.

Fiquei de pé em um pulo, já fora da cama, a metros de distância dele e totalmente alerta.

— Eu sinto muito, me desculpa — falei. — Que vergonha. Não sei onde enfio a cara agora...

As palavras começaram a sair da minha boca como um turbilhão. Eu não conseguia parar.

Matteo apareceu do meu lado, agora com a camiseta de volta no corpo, sem toda a pele perfeita à mostra, e segurou meu rosto, forçando para que o olhasse nos olhos.

— Está tudo bem.

— Não está nada bem! Eu peguei no seu... — Olhei para baixo, para indicar o que queria, mas não deveria ter feito aquilo, pois o negócio ainda estava erguido em todo o seu esplendor. Nem mesmo a calça de pijama que ele usava conseguia esconder.

Ele me soltou e caminhou até o banheiro do quarto. Quando voltou, eu ainda estava parada no mesmo lugar, mas sua calça já não estava preenchida como alguns minutos atrás.

— Me desculpa por isso, prometo que não foi nada sexual. Você deve saber que isso é normal, na maioria das manhãs.

Concordei, mesmo sem ter ideia do que ele estava falando. Nunca havia virado a noite com um cara para saber por que aquilo era normal — o que me fez sentir um pouco burra. Eu era bem esclarecida sobre sexo. Como não tinha nenhuma informação sobre aquilo? Pesquisaria assim que ele deixasse o quarto.

— Eu estava dormindo, não tive a intenção.

— Tudo certo — ele respondeu. — Vou pedir um café para a gente.

Então, saiu do quarto e me deixou ali, olhando para a porta e pensando em como faria para sair de lá, depois daquilo.

Para a minha sorte, Matteo disse que iria buscar o filho e passar um tempo com ele. Com a chance de tirar algumas horas de folga, para aproveitar a ilha, pensei em pegar meu bloco de notas e me sentar para começar a escrever as novas ideias que vinham pipocando em minha cabeça, desde que havíamos chegado lá.

Estava saindo, quando ouvi um grito seguido de algo se quebrando. A única outra pessoa no bangalô era Verônica, com quem, por sorte, eu havia conseguido ficar a manhã inteira sem cruzar, mas agora conseguia vê-la na parte externa, completamente diferente da bonequinha montada das outras noites. A maquiagem escorria pelo rosto, e ela usava um pijama soltinho. Pensei em sair de lá, antes que me visse, mas não me movi. Continuei observando a cena pela porta de vidro aberta e ouvi quando uma voz masculina soou no viva-voz do celular, que jazia no chão.

— Não dá pra conversar com você assim. Toda vez é a mesma coisa. Qualquer sugestão que dou, você pira. Precisa se tratar pra aprender a controlar essa raiva.

Ela olhou para o aparelho caído com tanto ódio em suas feições, que pensei que fosse estourar bem ali. Pelo barulho que havia feito, ela o jogara com força o suficiente para que quebrasse, mas, pelo jeito, a carcaça era mais resistente do que esperava.

Verônica pegou o celular na mão e gritou:

— Talvez se meu marido não quisesse enfiar a porra do pau dele em outras pessoas, eu não teria que controlar minha raiva.

Eu, definitivamente, não deveria estar escutando aquela conversa. O casal perfeito que vinha acompanhando nas últimas semanas, na internet, talvez não fosse tão exemplar assim. Na noite anterior, ela postara um vídeo superfofo dos dois. Será que havia descoberto aquilo só pela manhã?

— Foi só uma sugestão, por...

O resto da frase ficou perdido, quando ela arremessou o celular com força, e ele mergulhou dentro do mar.

Eu não sabia se me chocava mais com o que havia escutado ou por ela ter acabado de jogar fora um aparelho que devia custar quase dez mil reais. Por pouco, não pulei atrás para recuperar para mim. O máximo que já tinha feito, num momento de raiva, e porque o sistema travara justo quando eu precisava de algo urgente, fora jogá-lo em cima da cama cheia de travesseiros e cobertores, tendo a plena certeza de que continuaria intacto. Isso porque havia comprado o meu usado e o valor não era nem próximo do dela.

Verônica se virou e encontrou meu olhar, mas, em vez de começar a gritar comigo e xingar, ela apenas desatou a chorar. Seus ombros tremiam, e as lágrimas escorriam sem parar.

— Você está bem? — Logo que as palavras saíram da minha boca, percebi o quão estúpidas haviam sido. — Claro que não está bem.

Dei um passo em sua direção, sem ter muita certeza de que era uma boa ideia, mas eu tinha um fraco por pessoas chorando. Não conseguia passar direto e ignorar.

— Não fala para o Matteo — ela pediu. — Ele vai querer que eu termine tudo e eu... Nós ainda vamos nos ajeitar, é só uma crise.

Não pretendia contar a ninguém, mas não entendia por que ela não queria que o irmão soubesse. Alguém mais próximo poderia ser um bom apoio em momentos assim.

Ela tentou enxugar as lágrimas do rosto e mostrar que já estava bem, mas não conseguiu se recompor, pois, sempre que limpava uma, outra descia contra sua vontade.

— Eu não vou contar nada — respondi —, mas por que quer continuar se esforçando depois de uma traição que, pelo jeito, te machucou tanto?

Verônica mordeu o lábio inferior e desviou o olhar do meu.

— Ele não me traiu.

Fiquei confusa. Não tinha sido o que ela havia gritado antes?

— Ele quer um relacionamento aberto. Disse que está a fim de outra pessoa, que nada aconteceu, que me ama e não quer arriscar nosso relacionamento, mas pensou que talvez pudéssemos nos relacionar com mais gente, sem que isso “configurasse uma traição”. — Ela fez aspas com as mãos e imitou uma voz masculina no final da fala.

— Ah. — Foi tudo que saiu dos meus lábios, porque eu não tinha ideia do que responder.

Conhecia pessoas com relacionamentos abertos que conseguiam fazê-los funcionar muito bem, mas entendia a frustração. Era difícil conseguir ver a pessoa de quem você gostava com outra.

— Se ele quer isso, tudo bem. Hoje vou agarrar o primeiro homem que aparecer na minha frente.

— Eu não acho que seja uma boa ideia.

— Não é boa, é ótima.

Ela entrou no bangalô e começou a caminhar em direção aos quartos, mas parou no meio do caminho e voltou a me olhar:

— Olha, me desculpa, tá bom?

— Pelo quê, exatamente?

Se ela queria se desculpar pelo que me dissera, eu merecia, pelo menos, um pedido decente, não algo tão jogado, como se sua ofensa não tivesse sido nada de mais. Eu nunca me sentira tão pequena e humilhada por alguém.

— Pela noite do meu aniversário. Eu não costumo ser daquele jeito. — Ela coçou a nuca e desviou os olhos. — Isso pode soar como uma mentira, depois de você ter acabado de me ver em outro surto, mas parece que está se tornando mais comum do que eu gostaria. Talvez meu marido esteja certo e eu precise me tratar. Talvez ele tenha até razão em estar distante, querendo outras pessoas. Quem iria querer ficar com alguém como eu? Até meu irmão, que é minha única família, prefere outras pessoas...

— Verônica — chamei, tentando tirá-la do turbilhão de autodepreciação em que estava entrando. — Tudo bem.

Ela não parecia ser uma pessoa fácil de lidar, mas ninguém era tão ruim da forma com que ela se colocava. O pior era perceber que ela realmente acreditava no que dizia. Estava cercada de pessoas que a amavam, mas parecia se sentir sozinha.

— Aquelas taças eram da minha mãe. — Ela brincou com os anéis nos dedos, ainda sem me olhar. — Eu só usava em ocasiões especiais e achei que a primeira vez que Matteo comparecia em alguma festa depois de Marina morrer

era uma delas... Nada disso é desculpa para tudo que te falei, mas eu não estava com a cabeça boa. Aquilo foi só o que fez a bomba estourar dentro de mim, mas o pavio estava queimando por meses.

Eu queria ir até ela e abraçá-la. Não sabia por que, depois de tudo que havia me dito, estava sentindo tanta pena dela. A mulher que parecia indestrutível, outro dia, agora estava com todas as armaduras no chão. Só que não me aproximei.

— Nada disso é desculpa mesmo. Eu me senti um lixo naquele dia — ressalttei —, mas vou te dar uma segunda chance.

Ainda não conseguia dizer que estava tudo perdoado, mas podia ver a sinceridade em suas palavras e como não parecia estar sendo nada fácil para ela admitir. Verônica não parecia ser o tipo de pessoa que pedia perdão pelas merdas que fazia.

Ela concordou com a cabeça:

— Você é alguém bem melhor do que eu, Isabella. Se a situação fosse inversa, eu não conseguiria esquecer. — Ergueu a cabeça e me encarou pela primeira vez durante a conversa. — Espero que Matteo não te deixe escapar. Parece que, pelo menos uma vez, ele fez uma boa escolha.

Ah, se ela soubesse a verdade. Talvez mudasse de ideia.



CAPÍTULO 20

Matteo

— O que aconteceu aqui?

Fechei a porta do bangalô atrás de mim. Um furacão parecia ter passado pela sala, que tinha brinquedos por toda parte e os móveis fora do lugar. O rosto de Thomas surgiu de baixo de um lençol branco, pendurado entre o sofá e as cadeiras da mesa.

— Olha, pai, a Bella fez uma *bacana* pra mim.

Ele sempre trocava as letras, não importavam quantas vezes eu o corrigisse, mas minha função era continuar tentando.

— Cabana, Thomas.

Meu filho saiu de dentro dela e ficou de pé, em seu pijama de dragão. Não me lembrava de ter colocado na mala, tampouco duvidava que ele tivesse o enfiado lá às escondidas. Se deixasse, ele ficaria o dia inteiro com a roupa, mesmo com o calor que estava fazendo. Pelo menos, dentro do bangalô, o ar-condicionado tornava suportável o uso de mangas compridas.

— Onde está Isabella?

Foi só perguntar, que ela falou:

— Socorro, o dragão me sequestrou e me prendeu nessa cabana.

Meu filho fez um som que imaginei ser um rugido e levantou as mãos, como se fosse atacar algo lá dentro. Isabella gritou, pedindo ajuda. Thomas me olhou com expectativa de que eu entrasse na brincadeira e fosse bancar o herói.

Olhei o horário no celular. Ainda tinha alguns minutos antes da ligação que havia marcado.

Uma espada de plástico estava jogada ao lado de fora da cabana, então a peguei e me abaixei com a ponta direcionada para Thomas.

— Sou um príncipe encantado e vim salvar a donzela.

Isabella segurou o riso, enquanto meu filho rugia para mim e soprava o ar, como se estivesse jogando fogo. Eu o golpeei de leve, algumas vezes, com o brinquedo.

— Espada não fura pele de dragão — ele falou, forçando uma voz grave.

— Me salva, príncipe! Ele falou que vai me deixar sem pizza para sempre.

Fiz minha melhor cara de choque, tentando não rir de como, para ele, aquele era o pior tipo de castigo que alguém poderia receber.

Corri para a entrada da cabana, e Thomas pulou em minhas costas na tentativa de impedir. Eu o segurei com um dos braços, e ele se debateu. Estendi a outra mão para Isabella, que a segurou com dificuldade, pois as dela estavam presas em algemas de brinquedo. Porém, antes de puxá-la por completo, fingi perder as forças e o deixei escapar.

Ele soprou de novo em mim e falou que, agora, eu também estava preso. Levantei as mãos em rendição e fui obrigado a entrar embaixo do lençol. Sentei

ao lado de Isabella, sob seu olhar de desprezo fingido e um balançar negativo de cabeça.

— Que príncipe mais mequetrefe que eu fui arrumar. Nem pra trazer soldados junto. — Ela levantou os braços presos. — Será que pode tirar isso aqui? Quando Thomas falou que ia me prender, eu não imaginei que um brinquedo de plástico fosse tão forte.

Não consegui não rir da situação. Se não tivesse chegado lá, como ela se livraria daquilo?

Isabella não estava mentindo ao falar que poderia cuidar dele melhor do que ninguém. Sempre inventava brincadeiras novas para distraí-lo e era a única que conseguia mantê-lo dentro do bangalô durante o período em que o sol estava quente demais para que ficasse na água. O menino parecia ter nascido na espécie errada. Se pudesse, dormiria dentro da piscina.

Meu filho entrou na cabana e proibiu que eu a libertasse. Passamos os próximos minutos obedecendo suas ordens e fingindo medo sempre que rugia para nós dois. Cada vez que Isabella me tocava sem querer, as memórias da mão dela em mim vinham com tudo. Tentava esquecer o que acontecera no outro dia, mas vinha sendo mais difícil do que eu gostaria. Sabia que não fora intencional, mas meu corpo parecia não entender a lógica.



Mal terminamos de arrumar a sala, e Thomas já estava arrastando seu colchão para o lado da árvore de Natal, onde insistia em dormir. Tinha tudo planejado e repetia que precisava conversar com o Papai Noel, mas não me

contava o assunto e se recusara a me deixar escrever sua carta. Então, precisara providenciar uma fantasia do bom velhinho e daria um jeito daquilo funcionar. Não havia planejado exatamente como, mas ainda restavam algumas horas para pensar.

— Já tá na hora de dormir? — perguntou e veio pulando até onde eu estava, para segurar minha mão e puxar-me em direção às escadas.

— Tem a ceia primeiro, Thomas. A vovó está esperando.

— Eu não quero, papai.

Seus olhinhos começaram a encher de água, mas, antes que ele tivesse a oportunidade de falar qualquer coisa, Isabella saiu do quarto usando um vestido que me fez perder um pouco a noção de tempo e espaço. Ela estava linda.

Antes da viagem, eu poderia jurar que a atração que havia sentido por ela na festa era por conta da bebida, mas, desde que pisáramos na ilha, eu não colocara sequer uma gota de álcool na boca, e isso não tinha me impedido de quase beijá-la. Se ela não tivesse me afastado, eu provavelmente teria ido em frente e me arrependido depois.

Chegamos à ceia, e Cecília, que já não estava se fingindo de funcionária, se enfiou em nosso meio, pedindo que a ajudássemos a se esconder.

— O que aconteceu?

— Eu beijei um cara ontem e depois descobri que ele é casado. Agora a mulher dele está querendo me matar.

— Ela tem que matar é o marido — Isabella falou. — Ele quem deveria ser fiel.

Cecília deu um sorriso torto para ela.

— Então, eu concordo com isso na maioria das vezes. — Ela se escondeu atrás da pilastra, quando uma mulher segurando uma bandeja passou por nós. — Mas, nesse caso, talvez ela tenha um pouco de razão, porque eu o beijei e só descobri que era casado quando ele me afastou e mostrou o anel. Eu juro que, se me livrar dessa surra, nunca mais beijo ninguém sem olhar para os dedos antes.

Isabella levou a mão à boca e tentou segurar o riso.

— Meu Deus, Cecília! Isso é a primeira coisa em que você deveria reparar sempre.

Por que minha irmã tinha que ser assim?

— Pessoas da minha idade não costumam ser casadas, nunca tive que me preocupar com isso antes. Foi um erro compreensível.

— Claro, explica isso para a mulher do cara, então.

Ela revirou os olhos.

— Você não está me ajudando em nada. Cadê a Verônica?

Não me esperou responder antes de sair correndo de lá.

— Eu juro que ela não é uma pessoa ruim — falei para Isabella.

— Ruim? Cecília é a melhor pessoa que eu conheci aqui. Se ela falou que não teve maldade, acredito nela. Quem nunca beijou quem não deveria que atire a primeira pedra.

Olhei para ela, com um falso choque estampado no rosto.

— Eu vou atirar a primeira pedra.

Ela cerrou os olhos para mim.

— Nunca?

Neguei novamente.

— Então, sorte a sua que me afastei na outra noite, para essa lista continuar intacta. — Ela piscou para mim.

Naquele momento, eu não quis estar com nenhuma lista perfeita. Queria o beijo que a mancharia, mas não tive muito tempo para pensar sobre aquilo, pois Cecília e Verônica vieram até nós dois para discutir como resolveríamos o problema.



CAPÍTULO 21

Isabella

Os Natais na minha casa eram passados na igreja — era algo de que tia Raquel nunca abria mão, e eu gostava bastante de acompanhá-la. Em casa, fazíamos um jantar um pouco mais elaborado e fechávamos a noite trocando alguma lembrancinha. Seria o primeiro ano que eu não passaria com tia Raquel e estava com a consciência um pouco pesada, principalmente porque Alice havia me contado que minha tia não iria com ela para a casa de Rodrigo, o que eu não poderia julgar. Quem iria querer passar o Natal no inferno? Tinha dó da minha prima por ser obrigada a comparecer, caso quisesse passar as festas com Yasmin. Era triste que nem mesmo os pais e irmãos dela morassem por perto para ir junto e aliviar a tensão.

Tia Raquel iria para a igreja e depois voltaria para casa, como todo ano. Dessa vez, dissera que iria junto com uma das vizinhas e que eu não precisaria me preocupar. Claro que isso não me deixava menos preocupada, e eu já tinha mandado umas dez mensagens desde que ela havia saído de casa. Ela me respondera até com um palavrão, coisa que nunca falava, ou melhor, quase

nunca. Porém aquilo não iria fazer com que eu parasse de checá-la de meia em meia hora.

Thomas estava eufórico. Queria que comêssemos logo para podermos ir embora, apavorado com a possibilidade de o Papai Noel passar enquanto jantávamos. Eu estava tão empolgada quanto ele, mas por motivos bem diferentes. Queria ver Matteo desfilando naquela fantasia, embora fosse ter que me segurar para não rir.

Uma longa mesa decorada se estendia por todo o salão, com pratos variados.

Ao lado dela, uma mesa menor e mais baixa, com cadeirinhas para crianças, estava lotada. Thomas não era o mais velho, mas dava para perceber que liderava a turma. Para além disso, o que mais me chamou atenção foi a quantidade de babás no entorno. Ninguém estava nem aí para elas. Por que ligariam para uma a mais, com Matteo? Aquilo apenas não fazia sentido, mas eu não queria entrar em uma neura logo no Natal. Então, relevei, porque, se a justificativa dele fosse verdade ou mentira, já não faria diferença para mim.

Bebi algumas taças de champanhe e, no final da noite, estava leve e sorridente, voltando para o bangalô muito mais tranquila do que havia saído. Verônica e Cecília nos acompanhavam, porque ambas queriam ver Matteo vestido de Papai Noel.

Chegando lá, Thomas colocou o pijama e fez com que servíssemos cookies e um copo de leite em uma mesinha ao lado da árvore, assim como ele via nos filmes. Verônica e Cecília ficaram encarregadas de vigiá-lo, enquanto eu ajudaria Matteo com a roupa.

As duas haviam insistido que eu fosse, quando ele pedira ajuda, e era estranho vê-las bancando os cupidos, como se ainda precisassem nos unir, sendo que já estávamos ali como um casal.

Subi com ele até o quarto de cima. No outro dia, não tinha prestado muita atenção, já que Matteo quase nu no meio do quarto era a vista mais interessante, mas agora eu conseguia ver tudo melhor. A parte que dava para a praia era toda de vidro, e devia ser a coisa mais relaxante da vida tomar um banho na banheira grande que ficava no canto. A cama parecia ser ainda maior do que a do quarto de baixo, se isso fosse possível. Na parede ao lado, três quadros dividiam em partes uma fotografia preta e branca, com molduras brancas largas, ocupando quase todo o espaço antes da porta do banheiro. Juntos, eles montavam aquela família: Matteo e Marina nas pontas e Thomas no centro, fazendo careta para a câmera.

Só por aquele registro, era possível entender por que Matteo havia sofrido tanto com a perda da esposa. Eles pareciam perfeitos e felizes.

Matteo entrou onde eu achava que devia ser o closet, e eu aproveitei para observar o resto do quarto. Na mesa de cabeceira, ao lado direito da cama, havia uma fotografia que só não voava porque o carregador de celular estava jogado em cima dela. Eu o arrastei para o lado e encontrei a impressão em formato polaroid, com uma inscrição embaixo: “Para se lembrar de mim quando estiver longe. (E também para pensar duas vezes antes de olhar para outra.) Te amo, mon beau”. A fotografia já parecia bem desgastada e Marina, bem mais nova do que nas outras fotos que eu vira.

— Isabella.

Voltei o carregador para cima da foto, com o coração acelerado, e olhei para Matteo, que me encarava da porta do closet. Eu tinha sido pega no flagra, bisbilhotando. Só depois de ler aquilo, percebia que não deveria ter fuxicado. Era pessoal demais, e eu havia invadido sua privacidade.

Ele se aproximou, pegou a fotografia nas mãos e a encarou por um tempo, antes de jogá-la dentro da gaveta e batê-la com mais força do que o necessário.

— Pode descer e avisar que já vou.

— Você não precisa de ajuda para...

— Não, pode ir.

A ordem saiu pesada de seus lábios, como se eu tivesse feito algo muito errado. E, no momento, era também o que eu sentia.



CAPÍTULO 22

Matteo

Sentei na cama e afundei o rosto nas mãos. Eu não sabia o que estava fazendo.

Abri a gaveta e tirei a foto de Marina de lá. Havia encontrado mais cedo, numa bolsa que ficara esquecida no bangalô. Fora uma crise enorme quando eu perdera aquilo — quase o fim do nosso relacionamento, por culpa de uma maldita fotografia que não saía da minha carteira, mas, de alguma forma, havia desaparecido para, anos depois, parar no meio dos pertences dela.

Estava com raiva por ela não estar lá para que eu a confrontasse. Queria saber se estivera ali aquele tempo todo ou se ela havia encontrado e escondido de mim. Queria que gritasse comigo, queria viver todas as piores brigas, de novo e de novo. Só a queria de volta, nem que fosse apenas para as partes ruins.

Olhei para o teto e suspirei.

Quem eu estava querendo enganar? Tentava encher minha cabeça com aquela merda só para me sentir menos culpado por já não sentir tanta dor

quando olhava para as fotos dela. Por estar pensando em outra mulher da mesma forma que havia jurado que ela seria a única em quem pensaria. O problema era que eu não queria esquecer, não queria superar, não queria continuar.

Fiz o possível para me recompor e terminei de arrumar a fantasia. Tinha ficado um Papai Noel bem simpático. Só esperava que meu filho não me reconhecesse.

Avisei que estava descendo, e elas arrastaram Thomas até o quarto de baixo, para que eu saísse da casa sem que ele visse. Tinham falado para ele que eu já estava dormindo. Saí para o deque e esperei escutar o som deles novamente na sala. Abri a porta devagar e fingi surpresa ao dar de cara com o menino me encarando.

— Não era hora de você estar dormindo? — perguntei, forçando uma voz que achava combinar com o personagem, mas que talvez não tivesse sido das melhores, pois escutei risinhos vindo de trás dele.

— Eu precisava conversar com você, Papai Noel — Thomas respondeu, com toda sua autoridade de quatro anos.

— Tudo bem, não vou te colocar como uma criança desobediente. O que você precisa falar comigo?

Ele olhou para as tias e Isabella, e logo entendi que não queria falar na frente delas, então pedi que fossem até a cozinha para que pudéssemos conversar.

Depois que elas se afastaram, eu me abaixei para olhar em seus olhos e perguntei o que ele queria me dizer.

— Eu preciso mudar meu presente.

Mantive o sorriso no rosto, mesmo com o desespero começando a penetrar minha carne. Eram onze horas da noite, de vinte e quatro de dezembro, em uma ilha. Não existia nenhuma possibilidade de trocar o presente. Não queria frustrar meu filho bem naquela data, mas seria simplesmente impossível fazer qualquer coisa.

— Eu não tenho como pedir para os meus duendes fazerem outro brinquedo agora.

— Não quero outro brinquedo, eu... A Bella me falou que você tem mágica.

Senti a dor começar a apertar meu peito. Eu poderia desmoronar bem ali, se ele pedisse a mãe de volta. Porém o que ele falou me destruiu:

— Eu quero que você faça meu pai voltar a brincar comigo.

Tive que colocar a mão no chão para me equilibrar e não cair para trás.

— Eu... Seu pai brinca com você.

Ele lançou um olhar para as três mulheres, que fingiam não tentar escutar nossa conversa, depois negou rápido com a cabeça.

— Ele não brinca igual antes. Ele tá sempre triste e, se ele brincar mais, vai ficar feliz de novo. Igual ele ficou hoje.

Engoli em seco as lágrimas que tentava não derramar. Havia passado a vida falando que não seria como meu pai e estava lá, deixando o luto fazer comigo o mesmo que fizera com ele, sem nem perceber.

Eu o puxei para mim, envolvendo-o em meus braços, mas percebi que o deixei um pouco desconfortável com aquilo e logo o soltei.

— Eu vou fazer essa mágica com seu pai.

O sorriso tomou conta de seu rosto.

— Ele vai ficar muito feliz! A gente vai construir um castelo de areia, e nadar, e brincar de esconde-esconde e pega-pega, e a Bella vai brincar com a gente também. E ela é muito legal, mas ela tem medo de água, porque não sabe nadar. Será que dá pra fazer magia nela também?

Ri da forma como, em segundos, ele passou de um menino de poucas palavras para o tagarela que eu amava.

— Não consigo fazer ninguém aprender a nadar com magia, mas vou mandar seu pai ajudar, pode ser?

Ele concordou com a cabeça e, dessa vez, tomou a iniciativa de me abraçar. Então, levantei e comecei a sair pela porta, mas meu filho voltou a chamar.

— E os presentes das outras pessoas? Você não vai colocar na árvore?

Não tinha pensado naquilo, mas o olhei e sorri:

— Não posso deixar presentes enquanto ainda tiver pessoas acordadas. Quando estiverem todos dormindo, a magia vai acontecer.

Pisquei para ele e saí de lá. Torci para que as meninas o impedissem de me seguir, porque eu não teria resposta também para a falta das renas e do trenó.

Vinte minutos depois, Verônica falou que eu podia entrar. Cecília já não estava lá e, para minha infelicidade, descobri que, na verdade, a mulher do homem que ela havia beijado não a estava procurando para bater nela, e sim para fazer um convite. Não quis saber o resto, porque eu, definitivamente, não precisava da imagem da minha irmã mais nova, meu bebezinho, fazendo aquele tipo de coisa.



Abri os olhos, sentindo o peso de Thomas em cima de mim. Ele pulava sentado em meu estômago, como se eu fosse um pula-pula, e me mandava acordar, porque já era Natal.

— Meu Deus, Thomas, são seis da manhã. Não é hora...

Minha frase ficou perdida no ar quando vi seu rosto murchando. Ele não estava empolgado pelo presente que eu havia colocado sob a árvore, na noite anterior. Estava daquela forma porque achava que eu já acordaria afetado pela magia do Papai Noel.

— Não é hora de dormir mais — repeti a frase, terminando de forma diferente do que planejara a princípio. — É hora de brincar o dia inteiro!

A risada preencheu o quarto quando o joguei para o lado e comecei a fazer cócegas.

Levantei da cama e o chamei para que subisse nos meus ombros. Fomos até o banheiro, e consegui fazer com que ele escovasse os dentes com muito mais facilidade do que nos últimos dias. Ele estava tão empolgado, que parecia querer fazer o mais rápido possível qualquer coisa que nos impedisse de brincar.

Ao que chegamos à sala e ele viu a árvore repleta de presentes, correu até ela, perguntando se podia abrir. Nem se lembrava de que, na noite anterior, havia trocado seu presente por um pedido mágico.

Isabella apareceu em seguida, um pouco descabelada e enrolada em um roupão de seda. Ela não tinha tirado a maquiagem da noite anterior e, por conta disso, havia pontos e riscos pretos distribuídos por todo o seu rosto, mas

principalmente embaixo dos olhos, quase um pandinha. O batom estava borrado em sua boca, e senti inveja do travesseiro que havia feito todo o estrago.

— Eu não sabia que a hora de abrir os presentes era tão cedo. — Ela bocejou.

Olhei para Thomas empolgado, tentando me livrar daqueles pensamentos.

— É impressionante o relógio biológico dessas crianças em datas comemorativas.

Fui até meu filho e comecei a entregar os presentes para que abrisse, um por um. Quando sobrou apenas o último, peguei nas mãos a embalagem e falei:

— Esse aqui está com seu nome, Isabella.

Ela arrumou a postura e juntou mais forte o roupão. Seus olhos se estreitaram por um momento, mas não conseguiu conter o sorriso nos lábios.

— Por quê?

Não respondi, apenas estendi o presente para ela e esperei que pegasse.

Ainda receosa, ela veio em minha direção e sentou-se no chão, ao lado de Thomas. Diferente do meu filho, que picotara cada centímetro dos papéis, ela abriu o seu com delicadeza, para não rasgar nada. Queria que ela gostasse, mas tinha medo de que jogasse na minha cara, depois de falar tantas vezes que não queria nada de mim além do combinado.

— Isso aqui é um notebook — falou, encarando a caixa. — Você me comprou um notebook?

— Claro que não — Thomas respondeu antes de mim. — Foi o Papai Noel. Ela bateu uma mão na cabeça.

— Eu achei que tivesse me comportado mal e não ganharia nada.

Thomas riu e depois me perguntou se podíamos nadar com sua prancha nova. Falei que sim, mas que ele precisava pegar o colete. E, assim, meu filho desapareceu, correndo até o quarto.

Isabella se levantou do chão e me perguntou:

— Por quê?

Dei de ombros.

— Vi você escrevendo coisas em um caderno, sempre que fica sozinha por algum tempo. Acho que o computador talvez possa te ajudar a armazenar tudo isso num só lugar.

Ela concordou, com um sorriso bobo no rosto.

— Eu sempre quis ter um desses. Devia estar brava com você, porque não me comunicou nada disso e, agora, não tenho nada para te dar...

— E nem precisa, Isabella. Não te presenteei pensando em ser retribuído.

— Obrigada. — Ela caminhou até a mesa da cozinha e pegou uma faca para cortar o durex da caixa. — Você conseguiu escolher meu maior sonho de consumo, Matteo. E só por isso não consigo brigar contigo. Posso te contar uma coisa? Você promete não rir?

Prometi a ela que não o faria.

— Eu queria ser escritora, queria contar minhas próprias histórias e ver pessoas se apaixonando por meus personagens. Isso aqui vai me ajudar muito nesse sonho.

Era quase possível tocar aquela vontade. A forma apaixonada como falava daquilo, a maneira como seus olhos brilhavam e o sorriso brotava eram só uma pequena demonstração.

— Eu tenho certeza de que você seria uma ótima escritora. O que você gosta de escrever?

Ela parou de desembalar o notebook e olhou para mim. O sangue começou a subir para o seu rosto, e o tom castanho de sua pele ficou mais vermelho do que o normal. Não precisei de muito tempo para entender o porquê daquilo. Ela queria escrever livros no estilo do que estava lendo, mas, depois de pensar por alguns segundos, respondeu:

— Romance. — Coçou a garganta e continuou. — Você sabe, mocinha se apaixona por mocinho, eles se odeiam, uma cama só...

— Uma cama só?

— Quando o casal precisa viajar ou dormir em algum lugar diferente, por algum motivo, e se dá conta de que só tem uma cama no quarto e vai precisar dividir. Aí, na manhã seguinte, sempre acordam como não deveriam, se é que me entende.

Talvez eu precisasse ler mais romances, porque nunca tinha trombado com aquilo.

— Ah, eu entendo. Aconteceu isso comigo recentemente.

Ela olhou para mim, com o rosto ainda mais vermelho do que antes, e levou a mão à boca. Depois começou a rir.

— Na verdade, não foi só esse clichê.

— Conte-me mais.

Isabella mordeu a bochecha por dentro da boca e olhou para cima, como se não tivesse certeza do que deveria falar, mas logo se rendeu:

— Vamos lá. Começamos com um contrato para um relacionamento de mentira, só isso já seria clichê o suficiente para um livro todo. Eu sou babá e

você, CEO...

— Eu não...

Ela levantou um dedo, me impedindo de continuar.

— Teve o lance da cama, e você ainda tem o filho mais fofo da Terra. O único problema é que você nunca serviria como mocinho para esse tipo de livro.

— E por que não? — perguntei, com uma indignação forçada.

— Você precisaria ser um pouco menos legal e esconder um passado sombrio, que faria com que eu perdoasse toda a sua babaquice.

Não consegui conter a risada. Eu era bonzinho demais? Não sabia se todo mundo que trabalhava para mim concordaria com aquilo, mas eu não poderia negar que gostava do fato de ela não me ver como um idiota. Mesmo que, lá no fundo, eu soubesse que ela ainda mudaria de ideia.

Estava prestes a responder, quando meu filho gritou, falando que não estava alcançando o colete maior, que tinha que pegar para Isabella também, já que eu iria ensiná-la a nadar. Havia esquecido aquela segunda parte do pedido, e, apenas com a menção do assunto, ela pareceu apavorada.



CAPÍTULO 23

Isabella

— Ainda não conseguiu falar com ela? — Matteo perguntou.

Neguei com a cabeça. Já passava das onze horas da manhã, e tia Raquel nunca dormia até tão tarde, mas estava sem me responder desde a noite anterior, quando dissera que iria dormir muito mais cedo do que costumava. Justo no dia em que Alice não estava com ela para me garantir que tudo ia bem.

Tinha falado com minha prima, e ela dissera estar a caminho de lá para descobrir se havia algo errado, mas já fazia horas e não chegava nenhuma resposta. Alice também não vinha atendendo às ligações, o que só complicava ainda mais as coisas.

— Se você quiser, eu posso pedir para alguém ir até lá.

Matteo colocou a mão em cima da minha e me deu um sorriso. Estava sendo tão compreensivo que, se eu não tivesse assinado um contrato algumas semanas atrás sobre fingirmos um relacionamento, poderia acreditar que ele se preocupava mesmo comigo.

Tentei não pensar naquilo para não entrar em um poço ainda mais fundo de autopiedade. Não ficaria sentindo pena de mim mesma. Aqueles pensamentos pessimistas sempre vinham após algo acontecer com minha tia, e não conseguia me livrar deles — do medo de me ver sozinha no mundo.

Eu não queria ficar devendo nada mais a Matteo, mas, no momento, era a última coisa com que eu estava me importando. Só queria saber dela. Concordei com a cabeça, e ele se afastou para fazer uma ligação. Porém, logo que me deixou, meu celular começou a tocar. Era Alice me ligando por chamada de vídeo.

— Meu Deus, que demora. Ela está bem? — atendi, já fazendo mil perguntas.

A imagem focou em tia Raquel, parecendo inteira, e Luiz, sentados na cozinha da nossa casa. Então, Alice voltou a câmera para o próprio rosto.

— Desculpa a demora, prima, mas é que eu não sabia como te contar a cena que assisti, chegando aqui.

— Do que você está falando?

Ela tornou a virar a câmera para tia Raquel.

— Quem conta?

Minha tia cruzou os braços e bufou tão alto, que, mesmo ela estando longe do celular, eu fui capaz de ouvir.

Luiz olhou para ela e balançou a cabeça. Então, levantou e deu um tapa forte na mesa, fazendo tia Raquel arregalar os olhos para ele.

Estava pronta para escutar sobre a nova peripécia que os dois haviam arrumado enquanto eu estava longe e, de certa forma, já sentia o alívio subir

pela coluna ao saber que ela estava bem e que tudo fora causado por alguma de suas brigas, mas não esperava ouvir o que saiu da boca do nosso vizinho.

— Sua tia está apaixonada por mim, isso que aconteceu.

Comecei a rir histericamente, me preparando para ver o escândalo que ela armaria após ele falar um absurdo daqueles, e não deu outra. Ela se levantou da cadeira tão rápido que, por um instante, eu poderia jurar que havia sido curada na força da raiva.

— Eu nunca me apaixonaria por um traste igual você.

— Minha querida, já que você é tão cabeça-dura...

— Eu não sou cabeça-dura! — Ela deu um tapa em sua barriga, e ele se dobrou um pouco para frente até apoiar uma das mãos na mesa.

Então, tia Raquel o deixou para trás e olhou para a câmera, direto para mim. Começou a abrir a boca para dizer alguma coisa, mas Luiz falou antes dela:

— Eu te amo, sua maluca.

O silêncio sepulcral tomou a ligação por quase uma eternidade, ou talvez só dentro da minha cabeça, porque as palavras não faziam sentido nenhum. Eles se odiavam!

Minha tia virou-se para Luiz e perguntou o que ele tinha falado. E, como antes, ele repetiu. Ela não o respondeu, apenas pediu licença para Alice e prometeu que me ligaria em breve. Minha prima saiu da casa e virou a câmera para o rosto.

— Você acredita nisso? — perguntou, descendo a escadaria que dava para a rua. — Desculpa a demora em te ligar, mas cheguei aqui e peguei os dois se beijando na escada. Não soube como te contar isso.

— Engraçadinha... Vocês me pegaram, há há há.

Ela parou de andar e olhou para mim pelo celular.

— Prima, não é brincadeira! Parece que eles se gostam de verdade. Sei que você e a Rebeca não se dão bem, mas tia Raquel parece feliz com ele.

Não. Não. Não. Não. Ela não pode parecer feliz com ele, não pode gostar dele, não pode querer ficar com ele.

Ela nunca havia demonstrado interesse amoroso em ninguém, nem uma vez na vida. Sempre fora o exemplo de mulher casta e santa. Por que, no mundo, tinha que escolher se envolver logo com ele? Na verdade, era péssimo que fosse com ele, mas ela não deveria se envolver com ninguém.

— Ela já passou da idade disso.

— Disso o quê, Isabella? — O timbre de voz era o que Alice usava quando algo a incomodava, e eu conhecia bem. — De se apaixonar? De ser feliz? De conhecer alguém que faz bem pra ela? Você sabe que ela só tem quarenta e quatro anos, né? Desse jeito que você fala, parece que ela já está com o pé na cova.

Revirei os olhos. Não era o que eu queria dizer.

— Não é isso...

— Tem certeza que não? — Ela elevou a voz mais do que eu achava necessário. — Ela abriu a mão da porra da vida dela pra te criar. Deve ter perdido um tanto de oportunidades de viver por conta disso e, agora que você já tá crescadinha e ela encontra alguém, você diz que não tem mais idade pra isso? Bota a mãozinha aí na consciência.

A ligação foi finalizada antes que eu tivesse a oportunidade de tentar me defender. Fiquei olhando, atônita, para a tela do celular, sem entender como a

conversa havia ido de zero a cem tão rápido. Alice não fazia ideia do que estava falando! Minha vontade era a de arremessar o celular longe e descontar nele toda a raiva que sentia. Em vez disso, apenas virei a tela para baixo e deitei a cabeça nos braços dobrados, para impedir que me vissem chorando.

— Isabella — Matteo chamou, e levantei a cabeça, limpando as lágrimas que não consegui segurar. — Aconteceu alguma coisa? Sua tia...

— Ela está bem — respondi, antes que ele terminasse a pergunta. — Eu só... Eu topo aprender a nadar. Talvez buscando a sobrevivência, minha cabeça desligue um pouco dos outros pensamentos.

Ele riu e estendeu a mão para mim, levando-me para onde Thomas nos esperava com o sorriso mais doce no rosto. Estava curiosa para saber o que ele tinha conversado com o Papai Noel, mas, diferente do que imaginávamos, Matteo não quisera dividir com ninguém, e eu me perguntava o porquê.



Matteo e Thomas levaram dois dias para me convencer a tentar nadar sem um colete salva-vidas ou uma boia. Quando enfim consegui atravessar a piscina, de um lado ao outro, após a terceira tarde de treinos, a comemoração foi tanta que parecia que havia acabado de receber ouro nas Olimpíadas.

Tudo estava sendo ótimo para distrair minha cabeça. Tia Raquel havia me ligado, logo depois da minha descoberta, para conversarmos, mas eu mandara uma mensagem falando que não queria falar com ela e ligaria quando estivesse pronta. E, para a minha sorte, pelo menos meu tempo ela estava respeitando.

Fiquei tão empolgada com as novas experiências, que acabei topando até mesmo a ideia assustadora de ficar de pé em uma prancha no meio do oceano. Subi em uma com Matteo, que era mais experiente, e Thomas foi com Verônica, que implorara para ficar com o sobrinho. Eu acabara cedendo a companhia por perceber que ela estava bem para baixo, depois de passar o Natal sem a companhia do marido e tendo que ouvir, a cada cinco segundos, alguém perguntando por ele. Depois de presenciar aquilo, ponderei se o real motivo de Matteo ter pedido para que fingíssemos um relacionamento não era evitar ao máximo aquele tipo de situação.

Fiquei sentada na prancha boa parte do tempo, enquanto Matteo remava atrás de mim. Apesar de ter treinado como ficar em pé, não acreditava que seria tão fácil fazer aquilo na água quanto havia sido na areia.

Naquele horário, uma brisa leve soprava, e o sol não estava tão forte. Traziam uma sensação gostosa.

— Você não quer tentar? — Matteo perguntou, fazendo com que eu percebesse que estávamos em silêncio havia um tempão e eu nem notara.

Neguei a oferta.

— Não vou te deixar cair.

Virei o rosto sobre o ombro para olhar em seus olhos, mas não obtive muito sucesso, pois o sol estava bem em cima dele.

— Se eu tentar levantar daqui e cair, você vai se arrepender muito disso.

Sua risada ecoou em mim, como de costume, e me deu a coragem de que eu precisava para tentar. Era tão bom passar aquele tempo com ele — conversar como se fôssemos realmente amigos ou possíveis interesses

amorosos —, era tão fácil esquecer que não passava de fingimento quando tudo parecia tão real. Eu precisava me lembrar com frequência de que não era.

Nos últimos dias, ele tinha se transformado. Parecia mesmo um milagre de Natal. Talvez tivesse a ver com a forma com que me tratara e estivesse tentando se redimir, ou não. O que quer que fosse, queria que continuasse assim até o final do contrato, mesmo que ele terminasse comigo apaixonada por um homem que nunca iria me ver da mesma forma.

Era engraçado perceber que, agora, eu já nem via mais a diferença de idade entre nós. Na verdade, começava a compará-lo com todos os rapazes com quem eu já tinha me envolvido a fim de entender por que nunca havia dado certo.

— Tudo bem, lá vamos nós...

Cheguei um pouco para trás e, devagar, fiquei de joelhos na prancha. Matteo disse que eu estava indo bem e mandou que eu continuasse. Depois de algumas tentativas, consegui agachar e só precisaria ficar em pé — o que ele havia jurado que era o mais fácil, mas eu não estava achando.

Me ergui um pouco, e a prancha balançou com força. Ele colocou uma mão no meu quadril, para me estabilizar, e só então eu me dei conta da visão que provavelmente estava lhe proporcionando. Vestia apenas um biquíni e tinha a bunda empinada, com as mãos para baixo, devido à quase queda. Pensar naquilo fez meu corpo retomar o equilíbrio e se firmar em um único movimento.

A prancha voltou a balançar, e Matteo espalmou a mão em minha barriga para mantermos juntos o equilíbrio. Consegui sentir a temperatura de sua pele ao encostar em seu peito, e só isso foi o suficiente para minha imaginação começar a rolar. O calor foi subindo, do meu ventre ao meu rosto, e eu só queria

mais. Quando paramos de balançar, fui capaz de perceber que a respiração dele também estava acelerada e que sua mão já poderia ter me deixado, mas continuava ali.

Coloquei meus dedos em cima dos dele, e a respiração começou a ficar mais difícil de sair. Nossos corpos estavam tão colados, que eu conseguia sentir as batidas descontroladas de seu coração — pelo menos era o que eu achava, ou talvez o descontrole estivesse vindo de dentro de mim, mas era impossível diferenciar. Não estávamos fazendo nada de mais, porém meu corpo parecia querer entrar em combustão. Aquilo nunca acontecera comigo. Eu nunca desejara tanto estar com alguém, tudo sempre fora superficial.

— Isabella. — Sua voz estava mais grave do que o normal, mas não fui capaz de escutar o que ele queria me dizer, pois ouvi Thomas gritar que eu havia conseguido ficar de pé.

Foi quando me dei conta do que estava passando pela minha cabeça. Virei-me mais rápido do que deveria para olhar o menino e ter certeza de que ele não havia presenciado nada daquela pouca-vergonha, que, na verdade, nem tinha acontecido, mas esqueci que não estava em terra firme.

Matteo tentou me segurar, nos reequilibrar, mas a prancha virou. E nós dois fomos de encontro à água.



CAPÍTULO 24

Matteo

Eu estava feliz.

Era estranho constatar aquilo. Fazia tanto tempo que não me sentia assim que era quase como se fosse errado. Não deveria ser tão fácil voltar ao normal. Parecia uma traição sofrer por tão pouco tempo pela pessoa que eu jurara ser o amor da minha vida, ainda mais ao perceber que meu avanço não estava ligado apenas à melhora no relacionamento com meu filho, mas também à sensação boa que eu agora me permitia experimentar, sempre que Isabella estava por perto.

O pior de tudo era que aquilo não era mais porque meu corpo queria o dela, apesar de ainda querer de uma forma que eu não estava pronto para admitir. Era simplesmente por me sentir bem em sua companhia. Quanto mais os dias passavam, mais fácil ficava todo o fingimento em público. Nada era mecânico mais. Fazíamos no automático, quase como um casal de verdade.

Isabella me deu um beijo na bochecha e me abraçou. Cecília, Verônica e uma amiga delas sentaram-se conosco nos sofás que formavam um pequeno

lounge na areia da praia. As três haviam se dado tão bem, que andava quase impossível ter algum tempo a sós com Isabella. E eu não deveria reclamar, pois era o que evitava que tivéssemos momentos nos quais eu fizesse algo de que talvez me arrependesse depois.

Era estranho perceber que ela e Verônica tinham desenvolvido algum tipo de amizade. Depois de tudo que minha irmã lhe havia feito, não esperava que conseguissem superar — o que me deixava reflexivo acerca do assunto trazido naquela festa, sobre como eu sempre ficava do lado de Marina. Me fazia questionar se o fato de elas nunca terem se dado bem era minha culpa. Se fosse, era uma merda descobrir aquilo quando já não poderia fazer nada para mudar.

Verônica tentava disfarçar, mas eu conseguia perceber que ela estava um pouco para baixo. Achava ser devido à ausência do meu cunhado, que era insuportável, mas pelo menos a fazia feliz. Saber disso era a única coisa capaz de me fazer aturá-lo contando vantagens sobre a última coisa que comprara, sempre que nos encontrávamos, como se tivesse trabalhado muito para conseguir dinheiro para o que queria, e não somente usado a herança da minha irmã.

Um garçom veio cheio de doses de tequila nas mãos e colocou na mesinha em nosso meio. Cecília agradeceu e convocou todos para jogar “Eu nunca...”. Tentei protestar, mas fui vencido pela maioria.

Isabella perguntou como se brincava daquilo, e estranhei que alguém da idade dela desconhecesse as regras, mas expliquei que, sempre que alguém falasse “eu nunca fiz tal coisa” e ela já tivesse feito, teria que beber.

Não precisei de muitas rodadas para perceber por que Cecília dera aquela sugestão. Ela estava a fim da menina ao seu lado e queria descobrir se ela curtia mulheres. Sua dúvida foi respondida com uma grande golada de tequila e um sorriso sugestivo, após cantarolar no ritmo da música da Katy Perry:

— Eu nunca beijei uma garota e gostei disso.

Fiquei em choque quando apenas Isabella não tocou no copo. Cecília nunca havia escondido aquilo de ninguém, mas Verônica namorava o atual marido desde que começara a beijar na boca, ou pelo menos era o que eu imaginava.

A menina, que eu tinha quase certeza de se chamar Luciana, olhou para Isabella:

— Tem gente que não está bebendo nada, então vamos uma rodada pra todos ficarmos mais alegres. — Pegou seu copinho, já cheio novamente, e ergueu no ar. — Eu nunca fiz sexo.

Os resmungos da roda inteira falando que isso não valia foram unânimes. Todos pegamos os copinhos para virar, exceto Isabella.

— Quando você já fez, tem que beber — falei.

— Eu sei — ela respondeu.

Na hora, o olhar das três recaiu sobre nós dois.

— Vocês nunca... — Cecília deixou a frase morrer no ar.

Nós não havíamos conversado sobre o assunto, e eu não imaginava que Isabella nunca tivesse feito com ninguém, a ponto de termos que combinar qualquer coisa. Ainda mais depois de flagrá-la lendo aquele livro.

— Ainda não tivemos a oportunidade — ela respondeu para Cecília, enquanto eu permanecia calado, processando a informação que acabara de

receber.

— Tiveram, sim — Verônica corrigiu. — O que fizeram na noite em que eu dormi lá?

— Ela já estava dormindo quando entrei no quarto — menti.

— Quem sabe hoje, sem Thomas por lá de novo? — minha irmã falou e piscou para mim.

Thomas iria ficar outra noite com os avós, e eu estava tentando não pensar muito sobre aquilo.

— Você me pediu para não dividir minha intimidade com você, irmãzinha.

Depois da segunda dose de tequila, Isabella falou que não iria dar conta de continuar no jogo, e eu falei que também estava fora, puxando-a para andar comigo até mais perto da água. Quando nos afastamos um pouco, ela me olhou e disse que conseguia enxergar a curiosidade me comendo vivo.

Eu neguei com a cabeça, com medo de ser muito invasivo.

— Se a pergunta que quer fazer for sobre eu ser virgem mesmo, é verdade. Não estou me guardando para o casamento, nem nada do tipo, só que nunca deu certo. Meu primeiro namorado preparou o quarto com velas, pétalas de rosas e música romântica, mas, quando o negócio começou a esquentar, ele não parava de me chamar de puta, vagabunda e outras coisas. Eu cresci com as princesas da Disney, mirei no príncipe que iria fazer amor comigo e caí no ator pornô. Meninos crescem vendo essa merda e acham que é disso que mulher gosta. Spoiler: não é. Bom, pelo menos, não eu. Sei que tem quem goste. — Ela parecia já ter o discurso na ponta da língua, o que me fazia pensar que não era a primeira vez que estava se explicando. — As expectativas de mulheres e de homens no sexo são completamente diferentes, pelo menos

quando somos jovens. No final, saem dois lados frustrados de um sexo mais ou menos. Por isso, nunca fiz. Todas as vezes que tentei, não gostei de algo e não queria ter isso na memória da minha primeira vez.

— Você nunca conversou sobre isso com seus namorados?

Ela negou com a cabeça. Seu cabelo estava voando com o vento forte que soprava, e suas bochechas, mais coradas, porém ela tinha um sorriso leve na boca e não parecia desconfortável com o assunto.

— Ninguém tem bola de cristal. Você precisa dizer do que gosta e do que não gosta.

Isabella ia responder, quando ouvimos alguém gritando que faltava apenas um minuto para a virada do ano. Voltamos até o lounge, onde as meninas já haviam deixado o champanhe e as taças na mesa, para brindarmos.

Quando a contagem regressiva terminou, todos gritaram:

— Feliz ano novo!

Isabella me abraçou e agradeceu pela melhor virada de ano que já tivera. Ela molhou os lábios com a língua ao dizer aquilo e, por um momento, cogitei deixar meu ano-novo melhor também, comemorando com um beijo, mas me contive. Eu não podia tomar a frente naquilo, mesmo que achasse que ela fosse aceitar se eu o fizesse.

Percebi Verônica cutucar Cecília, atrás de Isabella, fazendo-a olhar para nós dois.

— Não vão dar nem uma bitoquinha? — perguntou.

Neguei com a cabeça, e as duas começaram a gritar:

— Beija, beija, beija...

Logo, várias pessoas foram aderindo ao coro. Sem que eu estivesse preparado, Isabella segurou meu rosto e me deu o selinho mais rápido da história, se afastando em seguida.

— Vocês chamam isso aí de beijo? — Cecília perguntou. — Esse foi o pior beijo que já vi na vida, mais frustrante que beijo de filme gringo.

— Agora entendi por que ela ainda é virgem. Meu irmão não sabe nem beijar na boca! — continuou Verônica com as provocações.

Eu abracei Isabella e apoiei meu queixo em seu ombro. Com a garantia de que ela não estava olhando, mostrei o dedo do meio para minhas irmãs. Não cairia nas provocações. Elas poderiam me chamar do que quisessem; eu confiava em mim o suficiente para não precisar fazer teatro em público e provar nada. Porém, para a minha surpresa, senti as mãos de Isabella subirem um pouco por minhas costas, onde ela apertou de leve, puxando meu corpo para mais perto do seu e sussurrando para que ninguém mais escutasse:

— Me beija.

Eu sabia que as palavras estavam alteradas pela bebida, mas meu controle também estava. E, quando a permissão deixou seus lábios, o desejo foi mais forte do que qualquer razão. Eu tinha mil e um motivos para não fazer aquilo, mas todos eles haviam desaparecido da minha cabeça.

Segurei seu rosto com uma das mãos, enquanto a outra terminava de colar seu quadril no meu. Ela arfou antes de a minha boca cobrir a dela em um beijo nada calmo. O desejo acumulado dos últimos dias queria cobrar seu preço, sabendo que seria o único momento em que poderia tê-la para mim. Eu não queria pensar nas consequências, em contratos, em mentiras, em traição ou nada do que havia me levado até a ilha para aquelas férias.

Quando a mão dela entrou por baixo da minha blusa, e senti suas unhas afundando na minha pele, enquanto ela se derretia em meus braços, eu soube que estava me perdendo. E não estava nem ligando.



CAPÍTULO 25

Isabella

Eu gostava de beijar. Já tinha até perdido as contas de quantas línguas havia conhecido. Não me lembrava da maioria, mas os melhores e os piores ainda estavam guardados em um canto do meu cérebro, para que servissem de comparação com os futuros. E, assim que a boca de Matteo desceu sobre a minha, eu soube que estava muito ferrada.

Quando os fogos de artifício começaram a estourar, parecia apenas uma reação ao que estava acontecendo. Era como se cada um deles estivesse explodindo dentro do meu corpo. A corrente elétrica parecia ser conduzida pelos dedos que dedilhavam minhas costas nuas. Era um tipo de conexão que eu nunca havia sentido. Talvez fosse culpa da bebida, mas nem fora tanta, ou da consciência de que eu não deveria fazer aquilo. Porém eu não me importava com o motivo. Só queria sentir tudo.

Os fogos ainda nem haviam terminado, quando segurei a mão de Matteo e o puxei para o caminho que levava até nosso bangalô. Queria ficar sozinha com ele, queria mais.

Quando enfim entramos, ele fechou a porta atrás de si e falou:

— Vamos esquecer que isso aconteceu.

Sua ordem se contradizia completamente, pois, ao mesmo tempo, ele me puxava pela cintura, não parecendo querer que eu me afastasse. E eu concordei, sem dizer uma palavra, pois tinha medo do que poderia acontecer.

Ele deu alguns passos para frente, conduzindo-me enquanto nos encarávamos, como se esperássemos para ver quem cederia primeiro. Senti o vidro gelado da porta que dava para o deque em minhas costas. Um arrepio correu por todo o meu corpo, me fazendo suspirar. Matteo, por sua vez, apertou mais forte minha cintura e aproximou o rosto do meu. Sua barba, que começava a crescer, me arranhou, e eu fechei os olhos para deixar a sensação me preencher.

— Amanhã vamos acordar e fingir que não nos beijamos — falou em meu ouvido.

Concordei novamente, e ele repousou a mão livre ao lado da minha cabeça no vidro. Encostou a testa na minha, fechando os olhos e respirando fundo. Meu coração parecia dançar “Créu” na velocidade cinco. Sentia o corpo inteiro tremer e só não saberia dizer o quanto daquilo era por medo e o quanto era desejo.

Segurei sua camisa com as duas mãos e ergui o rosto, fazendo com que nossos lábios ficassem mais próximos do que deveriam para alguém que acabara de prometer esquecer o que fizéramos.

— Amanhã nada disso terá acontecido — sussurrei —, mas ainda é hoje.

— Ainda é hoje — ele repetiu, e sua boca exigiu a minha sem que precisássemos falar mais nada.

Daquela vez, ele parecia saber que não precisava se apressar, que eu não iria a lugar nenhum, pois resolveu me torturar em uma dança lenta, me atormentando com os dedos e a língua, sem precisar ao menos tocar em qualquer ponto que realmente me faria perder a cabeça. Seu beijo era mais erótico do que tudo que eu já fizera. Minhas pernas já estavam querendo ceder, e nós mal havíamos começado.

Puxei-o pela camisa e escorreguei minha mão por suas costas, fazendo-o gemer em meus lábios. Ele conseguia me tocar com facilidade, graças ao vestido decotado que estava usando, mas eu não tinha muito acesso a ele com toda aquela roupa.

Matteo me prensou mais contra o vidro, e não consegui conter o gemido que saiu de meus lábios quando senti sua ereção. Ele estava tão rendido quanto eu àquela brincadeira, que de brincadeira nós dois sabíamos não ter nada, mas continuaríamos fingindo.

— Tira isso. — Puxei sua camisa, mas ele não me obedeceu.

Comecei a desabotoar, porém ele segurou minhas mãos e parou de me beijar.

— Eu não acredito no que vou dizer agora, porque tudo que mais quero nesse momento é me afundar em você. — A voz estava mais grave que o normal e a respiração, tão descompassada quanto a minha. — Mas nós não deveríamos fazer isso.

Coloquei a mão atrás de sua nuca e puxei seus lábios para mim, beijando-os de leve.

— Isso aqui não está acontecendo, esqueceu? — falei, enquanto continuava a desabotoar sua camisa, que logo encontrou como destino o chão.

— Podemos fazer o que quisermos sem a interferência do amanhã.

Matteo não falou mais nada, apenas deixou que eu o puxasse para cima de mim. Dessa vez, minha mão encontrou sua pele, subindo devagar pela barriga e pelo peito até chegar à nuca, onde a preendi para trazer sua boca de volta até a minha. Ele observava cada um dos meus movimentos, mas, quando encontrei seus olhos, vi o desejo refletir o que eu sentia. Estava queimando, segurando o controle por um fio, que, se dependesse de mim, se romperia em breve.

A aliança estava pendurada em uma corrente em seu pescoço, e desviei a mão durante minha exploração por seu corpo. Não queria que se sentisse culpado ou desistisse do que estávamos prestes a fazer.

Levei a boca até sua orelha e mordisquei. A pele de Matteo arrepiou, e ele apertou seu quadril contra o meu, prensando-me no vidro. Continuei beijando seu pescoço e a mandíbula, enquanto ele me deixava esquadrihar seu corpo, com a respiração ofegante soprando em meus cabelos.

Ele puxou uma das minhas pernas para cima, e eu a firmei em sua cintura. Não consegui conter o gemido, que escapou de meus lábios quando senti sua ereção me tocar bem onde meu corpo clamava por mais. Aquele era o ponto em que eu costumava surtar, mas o único surto do momento era que eu não queria parar. Queria desesperadamente senti-lo por inteiro.

Sua boca desceu até meu pescoço, e inclinei a cabeça para dar livre acesso a ele. Meu corpo arqueou em sua direção, clamando por mais. Quando sua língua brincou com meu mamilo por cima do vestido, pude jurar que as estrelas de todo o universo estavam piscando em minha cabeça.

Eu já tinha feito tudo aquilo, mas, de alguma forma, meu corpo se contorcia como se eu estivesse sendo tocada pela primeira vez.

Matteo afastou as alças do vestido, deixando que caíssem para os lados até ficarem suspensas na cintura. Eu não usava sutiã e senti o sangue subir ao meu rosto, quando sua boca se afastou de mim para que ele me olhasse, porém logo perdi a vergonha, assim que ele apertou um dos meus seios e os olhou como se fossem a perfeição na Terra.

Enquanto me observava, sua outra mão deslizou lenta pela fenda do vestido. Meus sentidos começaram a ficar nublados, conforme ela se aproximava do local que fazia meu corpo pulsar de desejo. Desci os dedos até a parte de trás de suas costas, provocando-o com uma rebolada. Ele fechou os olhos e puxou de leve meu cabelo.

— Nunca te ensinaram que não deve brincar com fogo, Isabella? — perguntou, num tom rouco, que retumbou no fundo do meu ventre.

Eu mantive uma mão nas costas dele para me firmar e trouxe a outra para a frente, brincando no cóis de sua calça.

— Ensinaram, Matteo. — Passei a língua em sua boca. — Mas, nesse caso, quero me queimar. Quero derreter e virar cinzas.

Deslizei a mão para dentro de sua calça, mas ele foi mais rápido, a tirando de lá antes que eu alcançasse meu objetivo. Ele me virou de costas e segurou minhas mãos em cima da minha cabeça. Prensou seu corpo atrás do meu, fazendo-me perder um pouco a sanidade quando senti o contraste do vidro gelado em meus seios e de sua pele quente em minhas costas. Minha respiração ficou presa na garganta por um instante, enquanto a sensação do frio

no local que já estava bem sensível por suas provocações fazia uma bagunça em meus sentidos.

— Você quer me ver perder a cabeça, só pode — ele falou em meu ouvido.

Eu encostei a testa no vidro, embaçando-o com minha respiração pesada.

— Eu quero que você perca tudo em mim, Matteo, não só a cabeça.

Para provar meu ponto, empinei a bunda e repeti o movimento. Ele olhou para baixo e segurou minha cintura com a mão livre, firmando-a para que eu não conseguisse fazer de novo. Respirou fundo e abaixou o rosto, mordendo de leve meu ombro.

Logo em frente, eu conseguia ver o mar quebrando a poucos metros de nós e o céu aberto, iluminado apenas pela lua. Qualquer pessoa poderia passar por ali e me flagrar daquele jeito. Aquilo deveria me assustar, mas o que me consumia era tão forte, que eu não estava ligando para qualquer possibilidade. Tudo que me importava era Matteo e o que ele me fazia sentir. Então, fechei os olhos e me deixei ser levada.

Ele beijou meu pescoço, e eu o joguei para trás para lhe dar mais acesso. Enquanto uma de suas mãos mantinha as minhas presas no alto de minha cabeça, a outra voltou a brincar em minhas coxas, com a promessa de que chegaria em seu destino final, mas sem nenhuma pressa para que isso acontecesse.

— Matteo.

— Oi? — respondeu, parando a mão. — Quer que eu pare?

Neguei com a cabeça, com medo do que sairia, caso abrisse a boca. Então ele continuou a subida dos dedos, em uma doce tortura, até alcançar o ponto exato que estava prestes a explodir, criando um novo big bang.

— Por Deus, não para — respondi.

Ele riu, fazendo meus pelos se arrepiarem quando o ar de seus lábios soprou em minha pele.

— É assim que você ensina a maneira que gosta.

Ele moveu os dedos em uma dança lenta por cima da minha calcinha, como se estivesse curtindo cada segundo, e eu estava tão rendida que, por mim, poderia durar o restante da noite ou do próximo dia.

— Aqui que você quer? — perguntou e mordiscou minha orelha.

Mal consegui sussurrar um “sim”, mas não tive dúvidas de que ele havia entendido, pois deslizou a calcinha para o lado e tocou meu clitóris, sem nada para atrapalhar o caminho.

— Eu quero te tocar também — murmurei, tentando soltar meus braços, mas ele não deixou.

— Hoje não — respondeu e começou a movimentar o dedo no meio das minhas pernas, fazendo-me perder as palavras.

— Amanhã nada disso terá acontecido.

Virei o rosto para ele, e ele me beijou, pressionando sua ereção contra mim enquanto seu dedo aumentava o ritmo lá embaixo. Conseguia sentir aquilo começar a me consumir aos poucos.

— Exatamente por isso, não posso deixar que me toque, Isabella. — Ele abaixou o rosto, desviando o olhar do meu. — Não posso tirar sua virgindade, hoje, e mandar você esquecer, amanhã.

— Eu não ligo.

Ele me virou de frente, mas não soltou minhas mãos, nem me respondeu. Apenas me lançou um sorriso safado e desceu, beijando meu colo até chegar

aonde queria. Arqueei minhas costas quando ele envolveu meu mamilo com os lábios e o mordiscou, aumentando a pressão dos dedos entre as minhas pernas.

Minha boca se abriu involuntariamente, e fechei os olhos com força quando senti a onda de prazer me consumindo. Tentei segurar. Ainda queria convencê-lo a me deixar tocá-lo, porém sua ordem seguinte foi minha perdição:

— Goza para mim, Isabella.

Quando falou aquilo, entendi a sensação estranha que sua voz sempre me fazia sentir. Era meu corpo querendo se entregar, se jogar sem medo de se perder. E foi o que fiz.

Me rendi a ele. Me desmanchei enquanto a sensação tomava cada canto do meu corpo. Tudo estava entregue e, se seus braços não tivessem me envolvido e me segurado no lugar, eu teria desabado no chão.

Ficamos ali por alguns minutos, abraçados, enquanto a respiração normalizava e minha mente, nublada pelo álcool, parecia enfim voltar a funcionar. O surto que eu bem conhecia cresceu em minha cabeça.

O que eu acabei de fazer?

Quando Matteo se afastou, senti meu peito afundar e minhas mãos tremerem. Nunca tinha sido controlada por meu desejo daquela forma. Era surreal o que sentira e como nada mais parecia importar, além de ter suas mãos em mim.

Sua ereção ainda era visível na calça, mas ele não pediu por nada. Recolheu a camisa no chão e me olhou:

— Você está bem?

Concordei com a cabeça, mesmo que não tivesse ideia da verdadeira resposta. Eu havia acabado de ter o primeiro orgasmo da minha vida e, logo

depois, o peso do quão errado tinha sido já caía sobre mim. Saber que, na manhã seguinte, eu precisaria fingir que nada acontecera era uma verdadeira tortura, mas eu escolhera me meter naquilo. Ele não me forçara a nada.

Puxei as alças do vestido, querendo cobrir tudo o mais rápido possível. Toda a vergonha que sumira no início da noite, agora, ganhava forças. Tratei de colocar um sorriso no rosto e fingir que estava mesmo tudo bem:

— Parece que quebramos algumas regras.

Ele sorriu, mas era um sorriso fraco, que não alcançava os olhos.

— Sorte que não nos lembraremos disso amanhã.

— Lembrar de quê?

Matteo voltou a se aproximar e, por um segundo, achei que me daria mais um beijo na boca, mas pareceu mudar de ideia no meio do caminho e tocou os lábios em minha testa.

— Até amanhã.

Ele me deu as costas e subiu as escadas até seu quarto, sem olhar para trás uma única vez.



CAPÍTULO 26

Matteo

Eu conhecia a música que tocava, costumava gostar, mas, agora que era o motivo de me arrancar do sonho que estava tendo, só queria mandar para a puta que pariu a pessoa que um dia a compusera. Bati a mão na mesa de cabeceira, sem abrir os olhos, na esperança de silenciar o alarme e conseguir voltar ao ponto exato onde as imagens haviam parado, mas não tive sucesso. A melodia continuou a tocar, me obrigando a abrir os olhos e desligar com a vista ainda nublada.

Fazer aquilo foi o suficiente para minha consciência perceber o tipo de sonho que estava tendo. Parecia tão real que, por um momento, achara ser alguma lembrança. Eu precisava resolver aquilo. Meu corpo estava parecendo uma criança fazendo birra, desejando a porra da mulher só porque eu havia falado que não podia.

Levantei da cama, e a dor de cabeça que me atingiu quase me derrubou novamente. Massageei as têmporas e fui dando passos pequenos até o banheiro. Com o celular voltando a tocar, percebi que não fora o despertador

que desligara, mas uma chamada de Henrique. Não conseguiria continuar ignorando-o por muito tempo, e ali estava um bom momento para atender suas ligações. Minha cabeça doía tanto que eu não acreditava que qualquer conversa pudesse ser mais incômoda.

— Eu juro que estou me controlando pra não pegar a porra de um avião e socar sua cara pessoalmente — falou do outro lado da linha, com o tom frio que só usava quando estava muito puto com alguma coisa, o que quase nunca acontecia. — Você sabe que, se ela quiser te processar, está assegurada com um valor mais alto do que o que você prometeu pagar, não é mesmo?

Tentei buscar na memória sobre o que ele estava falando, mas não me lembrava de nenhum processo que estivesse rolando com algum tipo de acordo, ou o que eu havia feito de tão grave assim.

— Não tenho ideia de que merda você tá falando. — Coloquei o celular no viva voz ao lado da pia e encarei meus olhos vermelhos. Não havia tirado a lente para dormir e, agora, pagaria o preço do descuido.

— Você vai mesmo se fazer de desentendido?

Tirei as lentes e cocei os olhos, tentando mais uma vez entender sobre o que Henrique estava falando, mas minha cabeça parecia doer mais, cada vez que me esforçava. Seria um dia complicado.

— Eu não tenho a menor ideia do que você quer, Henrique — respondi, enquanto procurava os óculos que já não usava havia um bom tempo nas gavetas. Marina não gostava muito deles, e eu acabara me adaptando às lentes, mas, depois de dormir com elas nos olhos, teria que recorrer aos meus antigos parceiros. — Fala o que eu fiz para poder me redimir, ou só paga o dinheiro que seja lá quem for “ela” pedir.

— Olha os stories da Cecília.

Peguei o celular, que tinha as letras borradas, mas não podia esperar até achar os óculos para saber a merda tão grande que eu fizera a ponto de deixar Henrique daquela forma. Não era todo dia que ele agia como o responsável e eu, como o adolescente fora de controle. A situação costumava ser sempre inversa, apesar de ele ser meu advogado.

Cliquei no ícone colorido de Cecília e comecei a passar os stories. Havia várias fotos nossas, e eu já estava sorrindo com a memória da noite anterior retornando, até que a tela foi preenchida pela imagem de duas pessoas se beijando e o comentário: “Meu casal”. Ao fundo, os fogos brilhavam. A mão bem próxima à bunda dela ainda tinha a sombra da aliança. Era minha mão, e a mulher que eu estava quase engolindo era Isabella.

— Puta que pariu — pronunciei, quase em um sussurro, quando as lembranças preencheram minha mente. Não tinha sido um sonho, e o beijo não estava nem perto de ser o pior que fizéramos.

— Clareei sua memória? — Henrique perguntou.

Coloquei o celular de lado e respirei fundo, enquanto olhava para minha mão, me sentindo a pessoa mais suja que já pisara na Terra. Marina estivera certa o tempo todo. Só precisou que virasse as costas para que eu fosse atrás de outra. Consequia visualizar sua expressão me observando fazer aquilo, fosse lá de onde estivesse.

Eu não era religioso, não acreditava que existisse algo além dessa vida, mas, desde que ela se fora, eu me prendia à ideia de que estaria me esperando em algum lugar, da maneira que ela sempre falava — que nós dois ainda teríamos a eternidade juntos. Na época, eu achava bonitinho e concordava,

mas, depois de perdê-la, passara a acreditar naquilo como a verdade absoluta. No entanto, agora, eu havia provado que não merecia aquela eternidade. Provara que ela estava certa ao me dar as costas pela última vez.

Tirei o colar com a aliança, em um puxão que o arreventou, e arremessei longe. Meu braço bateu no frasco de perfume em cima da pia, e o barulho do vidro espatifando preencheu o banheiro.

— Matteo? — Henrique chamou do outro lado da linha, soando assustado com o barulho.

— Eu acho que bebi demais ontem. — Apoiei as mãos na pia e encarei meu reflexo. — Eu beijei outra mulher... Eu traí...

Tinha feito muito mais do que só beijar, mas essa era uma parte da noite que eu ainda não estava preparado para contar a ele — mesmo que, se desse merda, eu fosse ter que detalhar tudo que conseguisse lembrar. E era muita coisa. Cada detalhe da maneira como ela se contorcera em meu braço e da frustração que eu senti ao me afastar, sem deixar que me tocasse, mesmo que ela estivesse pedindo.

Tentei respirar e pensar em tudo que havia conversado com a terapeuta, mas podia sentir o ataque de pânico crescendo no peito. Minhas mãos tremiam e o coração acelerava, enquanto os pensamentos chegavam a mil por hora.

— Cara, não entra nessa merda. Ela não está mais aqui. Não foi uma traição. Foi errado, mas não por isso.

Eu queria acreditar. Tentava me convencer de que as palavras eram verdadeiras, mas a imagem de Marina saindo do quarto, as coisas que falara, como eu a deixara ir embora acreditando que eu queria outra pessoa. Nada me

deixava sentir que estava certo. Ela ainda poderia estar lá comigo, se eu não tivesse deixado que partisse.

— Eu preciso desligar — falei.

— Estou indo praí.

A chamada se encerrou antes que conseguisse pedir para que não viesse. Eu podia lidar com aquilo, não precisava dele comigo. Isabella e eu havíamos combinado de não tocar mais no assunto e, se ela mantivesse o lado dela, não achava que seria um problema para mim.

Pensar em tudo isso, antes, havia parecido tão simples e feito tanta lógica, que, agora, eu parecia estar vivendo em uma realidade alternativa, pois nada vinha funcionando como esperava que funcionasse. Não havia imaginado que seria tão difícil estar ao lado de Isabella, nem cogitado a ideia de que seria um problema para mim, mas lá estava eu: fodido, depois de uma noite de descontrole, uma noite que iria me atormentar por um bom tempo, porque parecia tatuada em cada canto não tocado da minha pele.

Se já não bastasse, não conseguia lidar com o sentimento que me atormentava, dizendo que aquilo tinha sido, sim, uma traição. Na manhã em que chegara ao hospital e me comunicaram a verdade que não haviam contado por telefone, vê-la deitada naquela cama, totalmente pálida e sem vida, partira meu peito ao meio. Eu segurara sua mão e prometera que nunca mais me envolveria com outra pessoa, que meu corpo e coração seriam sempre dela. Achara que seria a promessa mais fácil de cumprir, mas vinha entendendo que não funcionava dessa forma.

— Você não a traiu — falei para meu reflexo. — Marina não está mais aqui.

A noite anterior fora boa, na verdade, muito mais do que boa. Pela primeira vez em muito tempo, eu sentira algo que não fosse apenas uma angústia incessante no peito. Não podia transformá-la num pesadelo, porque não tinha sido. Porém fazer aquilo entrar na minha cabeça era mais difícil do que parecia.

Eu precisava de ajuda e sabia para quem deveria ligar. Alguém que estaria sempre disponível, não importasse o dia ou o horário.



CAPÍTULO 27

Isabella

Acordei com uma risada, abri os olhos, levantei a cabeça deitada nos braços doloridos e encontrei Verônica, sentada à mesa ao meu lado, lendo alguma coisa. Demorei alguns segundos para me dar conta de que havia dormido ali e provavelmente sofreria as consequências daquilo a semana inteira, a contar pela dor que irradiou por toda minha coluna quando me estiquei.

Eu havia perdido por completo o sono na noite anterior, mas minha mente estava a mil, então decidira escrever. Pensara em estrear o notebook, mas as palavras estavam vindo muito mais rápido do que eu seria capaz de digitar, então acabara ficando com meu bom e velho caderno. Não sabia quando o sono me vencera, mas devia ter sido tarde demais, pois sentia como se ainda pudesse dormir por horas.

— Isso aqui é incrível, Isabella — Verônica falou.

Só então me dei conta do que ela tinha nas mãos. Estiquei o braço e puxei para mim.

— Quem deixou você ler isso?

— Estava em cima da mesa, não achei que fosse algo privado.

Fechei o caderno e o abracei.

— É privado.

— Mas não deveria ser — ela rebateu. — Isso é muito bom, Isabella, muito bom mesmo. Você já pensou em mostrar para outras pessoas?

Neguei com a cabeça, mesmo que não fosse de tudo verdade. Eu tinha um pseudônimo pelo qual publicava meus livros, e Alice também já havia lido alguns, mas aquele continuava sendo meu maior segredo, minha fuga da realidade, o lugar no qual poderia ser quem quisesse e fazer loucuras para as quais a verdadeira eu nunca juntaria coragem.

— Você deveria pensar em publicar isso, em algum lugar. Você tem talento.

— Obrigada.

Era difícil conversar com as pessoas sobre o assunto, quando eu ainda tinha uma ferida aberta no peito, desde a vez que pensara que poderia ajudar minha tia com a escrita.

Quando era mais nova, eu odiava ler. Começara a gostar depois de me tornar babá e as crianças pedirem para que eu lesse para elas. No início, era horrível. Eu gaguejava, trocava as palavras, pronunciava errado; e, pelo pânico de fazer algo do tipo na frente dos pais, começara a levar os livros para casa, para poder ler sozinha primeiro e depois ler com os pequenos, como se fosse a primeira vez. A cada dia, ia melhorando um pouquinho e tomando gosto, até ter vontade de começar a contar minhas próprias histórias.

A princípio, eu escrevia coisas curtas e infantis e lia para as crianças, que adoravam. Ao pensar que tivesse um talento, resolvera me desafiar a algo

maior. Via tantos escritores famosos e ricos, que acreditara ser algo bem fácil, achara que seria a oportunidade que faltava para ajudar tia Raquel.

Depois de terminar de escrever, voltei ao colégio, que havia abandonado para começar a trabalhar, e mostrei ao professor de literatura. Na minha cabeça, ele poderia me ajudar a levar minha grande obra até uma editora. Entreguei a ele, empolgada, e, na semana seguinte, quando voltei para buscar, ele nem me recebeu. Tinha deixado o caderno na secretaria com uma nota: “Seu texto tem muitos erros, ninguém vai publicá-lo. Antes de querer ser escritora, você deveria se preocupar em terminar o ensino básico”. Abri o caderno para encontrá-lo todo riscado. Era tanta coisa que eu já nem conseguia ler a história.

Por muito tempo, pensara que nunca mais teria coragem de dividir minhas histórias com o mundo. Usava apenas como um refúgio, até Alice aparecer e mudar tudo. Por isso, eu tinha a sensação de que Verônica só estava falando aquilo para me agradar — o que era muito gentil da parte dela, mas não faria com que eu me iludisse novamente.

E, no momento em que Matteo apareceu no corredor, todos os pensamentos sobre escrita foram empurrados para a pasta “não importante” dentro do meu cérebro. Eu só pude observar o homem caminhando, apenas com a calça do pijama e óculos. Um traje muito normal, mas que, para mim, parecia a própria visão do paraíso, como se ele tivesse se vestido daquela forma com a única intenção de me provocar. Os óculos haviam dado um toque sexy, que eu nunca imaginara que um acessório pudesse dar. Eu não sabia como agir, o que falar, o que fazer, então fiquei apenas o admirando.

Ele cumprimentou nós duas de longe e perguntou se eu poderia buscar Thomas com Clara, pois teria uma reunião pela manhã. Verônica questionou

sobre um compromisso em pleno primeiro de janeiro, mas ele disse que havia surgido um assunto urgente.

Para mim, o assunto urgente era me evitar a todo custo, e eu nem poderia reclamar. Havia concordado que fingiríamos que nada tinha acontecido, e era o que ele estava fazendo. Porém me vi prendendo o ar nos pulmões ao me dar conta de que ele tirara a corrente com a aliança do pescoço. No lugar em que ela estivera até a noite anterior, só tinha uma marca vermelha.

Frustrada por não receber um bom-dia especial, saí na companhia de Verônica para buscar Thomas. Desde o pedido do irmão, ela andava calada demais e olhava para mim a todo instante. Depois de passar vários dias com ela por perto, sabia que aquele não era um comportamento nada comum. As irmãs de Matteo não calavam a boca um único segundo. Algo estava muito errado, mas não tive tempo de descobrir, porque, no meio do caminho, encontramos Cecília trazendo Thomas em prantos no colo.

Corri até eles, apavorada com a possibilidade de algo ter acontecido ao menino, que na mesma hora estendeu os bracinhos para mim e afundou o rosto no meu pescoço. Ele parecia inteiro, mas o choro magoado tinha que ter um motivo.

— O que aconteceu? — perguntei.

— Ele trancou minha mãe dentro do armário.

— Putz — Verônica falou.

As duas se entreolharam como se aquilo fizesse todo o sentido, mas não fazia. Eu não conseguia entender a ligação.

— Ela brigou com ele por uma brincadeira de criança? — Talvez eu tivesse soado um pouco mais revoltada do que deveria, pois as duas me olharam como

se eu fosse a própria leoa defendendo a cria.

— Ela tem claustrofobia, ficou desesperada, começou a gritar. Thomas não sabia como abrir a porta, e o desespero passou para ele. Quando cheguei no quarto, os dois estavam histéricos — Cecília explicou.

— Pode parecer exagero, mas, pra você ter noção, ela não entra nem em elevadores. Conta que isso começou quando ficou presa em um, no hotel em que trabalhava — completou Verônica.

Acaricieei os cabelos de Thomas, que começou a se acalmar. Meu coração ficava pequenininho de vê-lo assim. Era irreal a forma como eu havia me apegado àquele garoto, ou o quanto ficava triste em saber que não duraria muito tempo. Aquele era o motivo de eu preferir pegar serviços de, no máximo, uma semana. Eu era mole demais, me apegava às crianças e depois sofria quando tinha que dizer adeus e fingir que fora apenas mais um trabalho.

Depois que Thomas se acalmou e foi brincar com os primos, Verônica se sentou ao meu lado e enfim perguntou o que devia estar a incomodando desde cedo:

— O que rolou entre vocês dois ontem?

Pensei em me fazer de desentendida, mas era claro que ela reparara que algo estava diferente. Matteo mal havia me olhado.

— Ontem foi maravilhoso e, bem, hoje, você viu o que rolou — respondi, ainda em dúvida se deveria ou não conversar com ela sobre aquilo.

Como estávamos fingindo um relacionamento, achei que talvez não tivesse problema discutir com a irmã dele coisas que qualquer casal normal poderia passar. Não precisava dizer que fora nosso primeiro contato de verdade.

Verônica mordeu a bochecha por dentro da boca e fixou o olhar no horizonte. Achei que não faria nenhum comentário, mas começou a falar:

— Ontem meu irmão foi ele de novo. Ele não sorria e se enturmava desde... — Ela deixou as palavras morrerem. — Vocês nunca tinham se beijado antes, né?

— Claro que já — rebati mais rápido do que deveria, e ela arqueou uma sobrancelha para mim.

— Mentira, mas, se não quer me contar como acabou nesse fingimento com meu irmão, não vou insistir. Vocês podem achar que estão abalando nas atuações, mas não enganaram ninguém. O ponto é que, fingimento ou não, eu não via Matteo feliz fazia muito tempo. Ele parecia não querer mais ser feliz, o que acabava comigo.

— Deve ser muito difícil perder alguém que a gente ama tanto.

Eu esperava nunca descobrir como era.

— Você não faz ideia — Verônica respondeu, quase tão baixo que eu não soube se queria que eu escutasse —, mas perder Marina foi diferente pro meu irmão. Matteo se culpa pela morte dela e simplesmente parou de viver. Marina controlou ele durante todo o relacionamento deles e continua controlando, mesmo morta. Eu não entendo como mais ninguém conseguia ver o óbvio, o quanto ela o manipulava. Tentei fazer ele procurar ajuda, mas é um tremendo cabeça-dura que não acredita em terapia.

— Por que ele se culpa? — Talvez eu estivesse sendo mais curiosa do que deveria, mas queria entender Matteo e nunca conseguiria, sem compreender a situação. Ele falara que nunca a traía, mas por que, então, se culpava tanto? Era bem contraditório.

— Eles tiveram uma briga feia na noite do acidente. Ela contou pro Arthur que Matteo estava a traindo com a secretária, mas Matteo jurou que nunca faria isso e, bom, entre a palavra dela e a dele, eu acredito na do meu irmão. Porém, independente de ele ter traído ou não, ele não a impediu de sair de casa, naquela noite, e se sente culpado por não ter tentado mais.

Era mais pesado do que eu imaginava.

— Você conseguiu fazer, em um mês, o que eu não consegui em quase um ano — completou.

Precisei de um momento para absorver a informação. Matteo havia comentado que Verônica e Marina não se davam muito bem, então não sabia se podia acreditar no que dizia. Estávamos nos dando melhor do que imaginara, mas ainda pisava em ovos, com medo de falar ou fazer a coisa errada. Ela não era a pessoa mais fácil de lidar e talvez falasse coisas horríveis de mim também, antes da nossa convivência nas últimas semanas.

— Eu não sou a cura dele, Verônica — falei, com medo de atribuir aquilo a mim, até porque não acreditava que havia feito parte da mudança. Nós não tínhamos a conexão que ela acreditava. Se ele estava voltando à vida normal, era só por ele. Não tinha nada a ver comigo.

— Não diria a cura, mas talvez tenha aberto a porta para mostrar que a vida dele ainda não acabou e que não é saudável viver às sombras de alguém que já não está mais aqui.

Comecei a responder, mas meu celular me interrompeu. Era Alice, e pedi licença para atender. Não havíamos nos falado desde a briga, e achava que estava na hora de resolvermos tudo — além de eu estar precisando desabafar urgentemente sobre a noite anterior com alguém e ela ser o único alguém com

quem poderia fazer aquilo. Porém, assim que escutei a voz da minha prima, do outro lado, soube que algo estava errado.

Pedi para Verônica ficar de olho em Thomas e expliquei de forma rápida que era uma emergência. Afastei-me da mesa e comecei a ditar ordens para Alice sobre como proceder. Quando tive certeza de que havia passado todas as instruções, encerrei a chamada e sentei-me numa escada fora da vista das pessoas. Era a primeira vez que eu não estava lá para dar suporte. Afundei as mãos no cabelo e fiquei assim, olhando para o chão, à espera de que o nó em minha garganta se dissipasse.

Era apenas uma crise, mas e se fosse algo mais grave? E se ela tivesse caído e se machucado feio? E se ela fosse tirada de mim e, assim como Matteo, eu não ganhasse a oportunidade de pedir perdão?

Escutei passos se aproximando, mas estava concentrada demais na minha respiração para conseguir me mover e, sem querer, acabei ouvindo algo que não deveria. Clara estava conversando com alguém e parecia revoltada. Sua voz saía até um pouco embargada, talvez por conta do choro.

— Depois de tudo, ele está me traindo. Eu não consigo acreditar nisso.

Eu me levantei, querendo sair de lá antes que ela me visse, mas, assim que fiz aquilo, seus olhos recaíram em mim. Ela se apressou em dizer para a pessoa ao telefone que precisava desligar, mas, antes que conseguisse me falar qualquer coisa, Matteo também apareceu. E o desespero no olhar da mulher foi a última coisa que notei antes de ela me dar as costas e se afastar.

— Você está bem?

Ele parou bem em minha frente e limpou com os dedos as lágrimas que eu nem havia visto escorrer, segurando meu rosto para que não conseguisse

desviar o olhar do seu. Era um gesto tão natural e íntimo, que um pedaço de mim quebrou ao lembrar que era apenas fingimento.

Concordei com a cabeça.

— Sua tia vai ficar bem.

Verônica devia ter contado a ele o que tinha acontecido.

— Eu sei que sim. Não é isso que está me incomodando.

Eu me sentia uma pessoa horrível, mas o gesto de Matteo fazia com que eu me sentisse segura o suficiente para desabafar com ele.

— O que foi, então?

— Fiquei desesperada quando percebi o que estava acontecendo e que não tinha como estar lá, mas, logo em seguida, fiquei aliviada pelo mesmo motivo — falei baixo, com medo de mais alguém escutar. — Eu estou aliviada, Matteo. Ela é minha tia, dedicou a vida pra mim, me deu tudo que conseguiu, e agora eu estou aliviada por ter outra pessoa para cuidar dela, por não precisar lidar com aquela doença maldita. Eu nem consigo...

— Isabella — ele chamou, e eu me calei. — Você cuidou da sua tia todos os dias desde nova. Sentir alívio por ter alguém para fazer isso por você não significa que a ame menos. Só significa que você está esgotada.

— Mas...

— Por que você aceitou minha proposta?

— O que isso tem...

— Por quê?

— Pra poder pagar a cirurgia que ela precisa e ajudar Alice.

— Você literalmente está aqui para cuidar dela. Sentir alívio por não precisar passar por mais um dia do sofrimento dela não te torna uma pessoa

ingrata, só te torna humana. Ninguém quer ver a pessoa que ama sofrendo.

Concordei com a cabeça, tentando me convencer de que ele estava certo, mas, no próximo segundo, estava agarrada a ele. Enquanto ensopava sua blusa com minhas lágrimas, que agora desciam sem parar, seus braços me rodearam.

— Às vezes você precisa deixar que cuidem de você — ele continuou —, deixar que ajudem. Não precisa carregar o mundo inteiro nas costas.

Era difícil dividir o peso, quando a cruz já tinha se tornado parte de mim.



CAPÍTULO 28

Matteo

Eu mal terminara de falar o “era uma vez”, e Thomas já estava capotado. Depois de passar diversas noites pedindo que Isabella o colocasse para dormir, ele cederia e perguntara se eu não podia lhe contar uma história. Dei um beijo em sua testa e levantei da cama, deixando apenas o abajur do quarto aceso, para o caso de ele acordar.

Fechei a porta e fui até a sala, em busca de Isabella. Não podia mais evitar a conversa que precisávamos ter. Contudo não a encontrei em nenhum lugar lá dentro. Fui até a parte externa e a vi caminhando na pequena praia particular. Eu amava aquilo. Era o único bangalô da ilha com aquele presente da natureza. Fora ela, a única outra praia era a principal, que todos frequentavam.

Desci até a areia e observei a mulher. Mesmo depois da nossa conversa, mais cedo, ela ainda estava ansiosa por notícias da tia. Apesar de dizer que se sentia aliviada, passara o dia olhando para o celular, de cinco em cinco segundos, à espera de atualizações.

Quando ela se virou, encontrou-me e sorriu, parecendo sem graça por não ter esperado me ver ali. Sua pele estava bronzeada do sol das últimas semanas, e a marca do biquíni se destacava, formando uma linha fina que descia em direção... ao lugar em que eu não deveria estar pensando.

— Oi — ela falou.

— Isabella, noite passada...

— O que aconteceu, noite passada? — Ela se aproximou de mim em passos lentos e cruzou os braços.

Engoli em seco. Seus seios espremidos no próprio abraço faziam meu corpo quase grunhir de frustração por não ter dado a ele o alívio de que precisava. Havia sido frustrante, mas, depois de descobrir que ela era virgem e tivera tantos problemas em suas tentativas anteriores, eu percebera que a questão era que ela tentava não dar importância para algo que, para ela, era, sim, significativo.

Dei um passo para frente também, e ficamos a poucos centímetros de distância. Se me inclinasse um pouco, poderia beijá-la, mas eu não o faria. Não podia fazer.

— Henrique está vindo para cá e quer que assinemos um novo contrato.

Não existia forma fácil de tocar no assunto, então apenas coloquei na mesa.

— Você contou para ele?

Neguei com a cabeça. Se tivesse dependido de mim, ele nunca ficaria sabendo.

— Cecília postou uma foto nossa. Henrique só quer garantir que você não vá me processar, nem nada do tipo. — Sabia como aquilo poderia soar, então fiz

questão de complementar: — Eu sei que você não faria isso...

— Quem disse que não? — Ela inclinou a cabeça para o lado. — Pelo menos, agora tenho uma prova para te processar por beijar tão mal.

Eu quase tive uma parada cardíaca, antes de ela terminar a frase. Já estava, inclusive, pensando nas flores e na faixa escrita “eu te avisei”, que Henrique colocaria ao lado do meu caixão.

De todas as formas que eu imaginara aquela conversa acontecendo, a realidade não estava nem perto de nenhuma delas. Isabella estava flertando comigo, e senti o sorriso tomar meu rosto ao me dar conta daquilo. Era fácil esquecer o porquê de não andar sorrindo tanto, quando ela me olhava assim. Era tão linda. O fato de estar apenas com uma saída de praia, quase transparente, por cima do biquíni sem alças também não contribuía em nada para minha concentração.

Como houve um dia em que pensei que essa mulher não tinha nada que mexeria comigo?

Minha cabeça gritou para que não deixasse o corpo assumir o comando, mas eu não a ouvi. Sorri e coloquei a mão na cintura de Isabella. Inclinei-me até ficar com a boca na altura de seu ouvido:

— Sua calcinha molhada mostrou mesmo o quanto você odiou.

O vento estava forte, e seu cabelo chicoteou o meu rosto.

— Era xixi — ela falou, então deu um passo para trás e tapou a boca com a mão. — Ah, merda, isso tinha soado bem menos nojento na minha cabeça.

Não consegui conter a gargalhada.

— Cada um com seus fetiches, Isabella. Nada contra quem gosta de chuva dourada.

Ela escondeu o rosto entre as mãos e falou que nunca mais iria me olhar. Dei alguns passos até ela e puxei suas mãos, que não se moveram. Ao que fiz o movimento de novo, ela escorregou. Fui tentar segurá-la e acabei tombando para trás, puxando-a para cima de mim no processo.

Para a minha sorte, a areia era bem macia, e eu achava que estávamos inteiros. Nada doía, mas isso poderia ser devido à adrenalina de ter o corpo dela em cima do meu — só não da forma que eu imaginara.

Isabella apoiou os braços, um de cada lado de minha cabeça, para se levantar, uma cortina de ondas castanhas fez uma cabana em volta de nossos rostos. Seu olhar caiu para o meu lábio, e aquilo foi o sinal para a minha perdição. Nada mais importava.

Meu braço ainda rodeava sua cintura e, em um movimento quase involuntário do meu corpo, eu a girei, colocando-a embaixo de mim. Suas pernas rodearam meu quadril, e eu a beijei, ou ela me beijou — não soube ao certo quem começara, pois o movimento parecera ensaiado, como se nós dois tivéssemos certeza do que deveria ser feito.

Assim que seu corpo se moldou ao meu, nossos toques se tornaram novamente de urgência, de necessidade. Não precisava olhar em seu rosto ou perguntar se ela estava gostando, pois cada movimento que fazia e todo gemido que saía de sua boca não me deixavam nenhuma dúvida.

Até que escutamos alguém coçar a garganta, bem perto de nós, e senti Isabella travar embaixo de mim. Ela soltou as pernas da minha cintura tão rápido, que fiquei em dúvida sobre já terem estado lá. Ergui o rosto e dei de cara com Henrique, ainda de terno e braços cruzados.

Como ele entrou? Eu tinha certeza de que deixara tudo trancado.

Levantei e estendi a mão para ajudar Isabella, que tossiu e colocou a mão no peito, respirando fundo. Por um momento, achei que estivesse passando mal, mas então ela falou:

— Obrigada pela respiração boca a boca, eu jurei que ia encontrar minha mãe. É melhor não tentar me aventurar novamente no mar. — Ela deu dois tapinhas em meu ombro. — Acho que preciso de um banho, agora. Estou parecendo um frango empanado.

Fui obrigado a morder o lábio para não rir da péssima encenação. Henrique parecia em choque. Talvez não estivesse esperando por uma mentira tão descarada, e eu nem poderia julgá-lo, pois, na minha cabeça, o flagra que ele tinha dado em nós dois estava claro. Precisava bater palmas para a criatividade da mulher. Ele não acreditaria, mas ela merecia uma estrela pelo esforço.

Ela cumprimentou Henrique e, sem dizer mais nada, andou em direção à escada com a bunda empanada de areia, da forma que dissera que estaria. Percebi meu amigo a acompanhar com os olhos, da mesma forma que eu fazia, e bati de leve em seu ombro para chamar sua atenção.

— Perdeu alguma coisa na bunda dela? — perguntei, um pouco irritado.

Ele arqueou a sobrancelha quando voltou o rosto para mim, com um sorriso que eu conhecia bem estampado lá. Ele havia feito de propósito. Estava só esperando a minha reação. *Desgraçado*.

— Não lembro de você ligar que eu checasse os atributos das suas funcionárias. — Fez um sinal em direção à casa, onde Isabella acabara de entrar. — Perdi alguma coisa?

— Não estou ligando — respondi —, mas essa é supostamente minha namorada e você é supostamente meu melhor amigo. Logo, não deveria estar olhando para a porra da bunda dela.

Tentei soar tranquilo, mas aquilo tinha me deixado mais puto do que eu queria e estava sendo bem difícil não deixar transparecer.

— E que bunda supostamente deliciosa, por sinal — retrucou.

Respirei fundo e apertei minha mão em punhos para não tirar o sorriso presunçoso da cara dele. Henrique estava tentando me provocar, mas eu não cairia, mesmo que meu sangue tivesse fervido sem que eu entendesse por que estava me sentindo assim em relação a Isabella. Ele me estudou, procurando brechas, mas eu não deixaria que visse nenhuma, mesmo que estivesse ficando cada vez mais difícil escondê-las.

Se ele percebesse, por um milésimo de segundo, que, de alguma forma, Isabella estava mexendo com a minha cabeça, iria se infiltrar no pensamento até destruir toda a minha persistência. Não era por acaso que meu amigo era tão bom no que fazia, e esse era o motivo de eu não o querer lá, mas, para minha infelicidade, Clara estendia todos os convites a ele. Eu não teria como expulsá-lo sem que desconfiassem que algo errado estava acontecendo.

— Eu falei que você não precisava vir.

— Tem certeza? Porque eu acho que, se tivesse chegado cinco minutos depois, seu pau estaria dentro dela. — Ele se aproximou de mim e ficou quase tão próximo quanto Isabella estivera alguns minutos antes. — Já não basta todo inferno pelo qual ela vai passar para você conseguir seja lá o que pretende com isso, ainda precisa sair dessa merda com o coração destruído por ter se apaixonado por você no processo? Acha isso justo?

Apaixonado.

A palavra ecoou em minha mente. Ele só podia estar louco. Éramos apenas dois adultos com um puta tesão, um pelo outro. Não havia sentimentos. Meu corpo a queria, mas meu coração saíra de campo um ano atrás e não pretendia voltar. Toda a vontade de estar com ela, escutar sua risada, sentir seu toque, era tudo culpa do desejo que, de alguma forma, ela havia me despertado.

— Não rola nenhum sentimento entre nós dois — falei para ele. — Eu sei que não deveria, mesmo assim, é só que... é difícil, Henrique. Depois de um ano, por que eu tinha que querer logo aquela garota?

Ele coçou o queixo e olhou para a porta, como se confirmasse que ela não estava por perto para poder nos ouvir.

— Você se colocou nessa situação, Matteo. O que achou que aconteceria ao fingir estar namorando uma mulher gostosa para caralho? Que seu pau ia ficar quieto dentro das suas calças, só porque você tá pagando de viúvo sofrido? Eu sabia que isso ia acontecer, desde o início, e por isso te ajudei. Só não esperava que sua verdadeira motivação fosse tão idiota.

— Vai se foder, Henrique.

— Mais? Só se eu ficar de quatro aqui e deixar você terminar de enfiar — respondeu, mais puto do que imaginei que estaria com a situação. — Velho, essa garota não merecia essa merda.

— E você acha que eu não sei?

Aquelas semanas haviam sido o suficiente para perceber a pessoa incrível que ela era — alguém que eu adoraria ter por perto —, mas, mesmo que eu desistisse de tudo, não havia mais a possibilidade de voltar atrás. Eu não poderia tê-la em minha vida sem correr o risco de a verdade vir à tona.

— Então, por que caralho você não esquece essa merda?

Sentei na areia e afundei o rosto nas mãos, frustrado comigo mesmo. Eu sabia de tudo aquilo, mas, quando estava com ela, meus pensamentos eram traiçoeiros: faziam de tudo para conseguir o que meu corpo queria, conseguiam criar desculpas e mais desculpas para continuar conversando, para tocá-la vez ou outra “sem querer”, para agradá-la.

— Eu não imaginei que seria tão difícil.

Era fácil fazer planos com a vida de uma desconhecida. Não imaginava que, durante o tempo que passaríamos juntos, ela não conquistaria apenas as pessoas que eu queria, mas a mim também. Não romanticamente, como Henrique vinha pensando. Apesar de toda a vontade de ter seu corpo, ela havia me conquistado como pessoa. Isabella não era alguém que merecia sofrer mais, e esse era meu maior conflito.

— Você não precisa continuar com isso, Matteo. — Ele colocou a mão em meu ombro. — Mesmo se estiver certo e existir algo a mais nessa história, que diferença vai fazer? Nada vai trazer Marina de volta.

E lá estava minha motivação. Marina.

Levantei-me, tirando a mão dele de mim, e dei alguns passos até a água.

— Imagina se fosse sua mãe, Henrique — falei, sabendo que ela era a mulher que ele mais amava. — Se você tivesse certeza de que o que aconteceu não foi um acidente, você deixaria para lá? Deixaria o culpado impune só porque isso não a traria de volta?

Ele não falou nada e nem precisava. Eu sabia que sua resposta era “não”. Ele não deixaria — iria ao inferno, se fosse preciso, para fazer com que o culpado pagasse. E era a única coisa que eu queria: ver o culpado apodrecer na

cadeia pelo que fizera com ela. Eu não entendia por que ele a odiava, mas Marina tinha medo dele. E, desde o momento em que havia descoberto que ele estivera com ela, tinha a certeza de que a conta não estava batendo. Faltavam números na soma. O dois mais dois só daria quatro quando descobrisse o que ele fazia dentro do carro. A conversa de Clara e Francisco só provava que havia mais do que tinham me contado.

— Eu preciso da verdade.

— Depois não diga que eu não te avisei.



CAPÍTULO 29

Isabella

Clara estendeu uma canga na areia da praia e sentou ao meu lado, com Bella no colo. Estranhei, porque, até então, ela nunca havia se aproximado de mim quando estava sozinha. Adoraria que tivesse continuado assim, mas não iria destratar a pessoa que estava me proporcionando aquelas férias, que não eram bem férias, mas estava sendo incrível.

Ela perguntou para Thomas se podia ajudar na construção de seu castelo, que parecia mais uma montanha, mas, se ele falava que era um castelo, então era um castelo.

Eu estava fugindo de Matteo depois da bronca que leváramos de Henrique. Senti-me de volta à escola, mandada para a diretoria. Havíamos assinado outro contrato, para garantir que eu não o processaria depois de termos quebrado o primeiro. Também estava me sentindo culpada depois da forma com que atacara Matteo na praia e falara para que me beijasse no Réveillon. Achava melhor me manter distante para não cometer outra loucura.

Porque, depois do que ele havia me proporcionado, era quase uma tortura saber que não aconteceria de novo.

Meu estômago, traidor, revirava sempre que ele se dirigia a mim, minha pele se arrepiava até quando me tocava sem querer, e minha cabeça não conseguia parar de pensar nele. Eu estaria ferrada para me desintoxicar ao voltar para casa, mas sabia que a culpa tinha sido minha.

Por isso, naquela manhã, eu chamara Thomas para ir à praia comigo e fugir do constrangimento. Porém, para o meu azar, Matteo e Henrique decidiram nos acompanhar, mas jogavam vôlei a uma distância segura de nós. Só perto o suficiente para que eu pudesse dar umas checadas discretas, vez ou outra — algo que não poderia fazer, agora que Clara se sentava bem em frente à vista.

— Isabella, eu queria conversar sobre o que você ouviu no outro dia.

Ah, droga.

— Você não precisa... Eu não vou contar para ninguém.

Ela olhou para o mar e pareceu se perder em pensamentos por um instante, então pediu para Thomas buscar uma conchinha para a gente.

— Nós nos casamos aqui. Alugamos a ilha para isso — falou, ainda com o olhar distante. — Eu tinha passado por uma situação complicada, e Francisco me salvou, me mostrou que ainda tinha muito o que viver. Ele me estendeu a mão e me ensinou a andar novamente com minhas próprias pernas. Um ano depois do casamento, ele me presenteou com a ilha no nosso aniversário. Eu acreditava que tinha encontrado meu conto de fadas, mas agora já não tenho certeza se era isso ou se só estava cega depois de tudo que tinha acontecido.

— Não vale a pena sujar os momentos bons com coisas ruins. Quando aconteceu, era isso, independente do que veio depois.

Não sabia se as palavras eram para ela ou para mim. Queria acreditar que, apesar de ter sido errado o que eu e Matteo fizéramos, eu ainda poderia guardar tudo como uma boa memória, algo que manteria como o segredo mais bem guardado por toda a vida.

— É difícil enxergar dessa forma quando você descobre uma traição. Agora já não sei se foi a única vez, se ele não me traiu tantas outras e só deu o azar de ser pego nessa. Não sei se o sentimento que eu tinha era recíproco ou só uma ilusão. Os momentos bons podem ter sido bons só porque eu não conhecia a verdade. E o pior de tudo é que eu só quero perdoar o desgraçado e esquecer. — Ela olhou para o horizonte e balançou a cabeça, em negativa. — Sempre falei que nunca perdoaria uma traição, mas nunca tinha estado nessa situação antes e, agora, eu entendo quem perdoa. Dos meus quarenta anos, nós estamos juntos há vinte e dois, mais da metade de tudo que vivi. Como posso abrir mão de tudo isso por algo que ele jura que foi um erro terrível? Quem nunca cometeu erros?

Era chocante perceber que eles estavam juntos pelo mesmo tempo que eu tinha de vida. Nem imaginava como seria ficar com alguém por tantos anos.

Clara me encarou, e eu fiquei sem saber o que responder. Dava para ver o conflito interno que estava enfrentando, já que atacava tudo que viveram e, logo em seguida, defendia que a falha tinha ocorrido apenas uma vez. Eu não sabia o que faria no lugar dela — também era do time que não perdoaria —, mas nunca passara por algo assim para ter certeza. Era sempre fácil falar e tomar decisões sem os nossos sentimentos em jogo.

Eu mesma sempre era a primeira a julgar todas as mulheres que se envolviam com os patrões e ficavam desempregadas depois, mas lá estava eu,

correndo o mesmo risco. Nenhuma história era apenas preta e branca, como gostávamos de acreditar. Havia cores e nuances que só quem estava no meio poderia explicar.

— Eu nem sei por que estou te falando tudo isso. Acho que precisava desabafar com alguém e já que você acabou ouvindo tudo... — Ela deu de ombros. — Queria só pedir para que não conte para ninguém. Meus filhos não merecem ter essa preocupação; se eles precisarem saber disso, vão saber no tempo certo. Isso inclui Verônica e Matteo. Eles podem me chamar pelo nome, mas ainda são meus meninos.

Clara não parecia nem ter idade para ser mãe deles, ainda mais de Matteo, que poderia facilmente se passar por seu irmão mais novo. Chegava a ser estranho chamá-los daquela forma.

— Não vou falar nada, pode ficar tranquila.

Thomas voltou, segurando algumas conchinhas nas mãos. Entregou uma para ela e deu uma para mim.

— Pra você levar para sua mãe ficar boa logo.

Meu Deus! Por que esse menino tinha que ser tão doce?

Tive que me esforçar para não o agarrar e morder as bochechas. Peguei a concha e agradei, me contentando com um beijinho.

— Sua mãe está doente? — Clara perguntou, assim que Thomas voltou a se concentrar no castelo.

— Minha tia, que é quase mãe.

— Qual o nome dela? Vou colocar em minhas orações.

— Raquel da Silva — respondi por completo, para que, se fosse falar com Deus sobre ela, Ele entendesse direitinho de qual Raquel estava falando. Era

uma mania que eu tinha pegado com minha tia. Ela dizia que não podíamos rezar pela metade. Se fosse pedir por alguém, precisava fazer direito.

Clara franziu o cenho e piscou os olhos algumas vezes, antes de se levantar e ir embora sem falar mais nada. Olhei para ela se afastando da praia, com Bella correndo em seu encalço, e estranhei a reação.



CAPÍTULO 30

Matteo

Olhei para trás, onde Henrique parecia distraído ao conversar com Cecília na piscina. Meu amigo tinha um interesse além do amigável nela, mas já tinha deixado claro que, se ele se aproximasse de qualquer uma das minhas irmãs, não teria lealdade que me impedisse de quebrar sua cara. E eu sabia que precisava deixar o aviso claro para ele, pois não podia confiar em Cecília, que era do tipo “deu mole é vapo”. Porém, por ora, eu usaria aquilo ao meu favor. Estava me sentindo uma criança sendo vigiada pela babá. Com ele no meu pé o dia inteiro, nem parecia que eu era o patrão.

Entrei pelo corredor onde vi Isabella se enfiar, depois de me lançar um olhar bem sugestivo, e a encontrei saindo do banheiro. Ela parou ao me ver e ajeitou o corpo, ficando mais ereta.

Minha intenção ao ir atrás dela era a de me desculpar pelo que tinha acontecido, sem parecer fazer isso só porque Henrique mandara. Estava realmente arrependido de tê-la colocado naquela situação, embora ela ainda não soubesse o que eu precisaria fazer para descobrir a verdade. Porém o

modo como ela me olhou e como meu corpo respondeu fez com que eu esquecesse o que pretendia a princípio.

Falei “oi”, ela respondeu e, no segundo seguinte, estávamos nos agarrando como adolescentes que não conseguiam manter as mãos longe, um do outro.

Eu não tinha pedido permissão, como das primeiras vezes. Não esperei que ela tomasse a iniciativa, apenas agi fazendo a única coisa em que conseguia pensar nos últimos dias, por achar que não a teria nunca mais.

Segurei seu rosto com as duas mãos e juntei nossas bocas. Ela não pensou duas vezes antes de colocar as mãos na minha pele e me puxar para mais perto. Era toda a permissão de que eu precisava — ela também queria tanto quanto eu, e isso era uma merda na mesma proporção que era incrível.

Escutamos alguns passos se aproximando, e então suas mãos fizeram a força oposta e me empurraram para longe.

— Tudo certo, Matteo, não vai voltar a acontecer — ela falou, depois de colocar uma distância segura entre nós.

Henrique tinha acabado de aparecer no corredor, então dei continuidade ao teatro, mesmo que estivesse me segurando para não rir da atuação terrível dela.

— Eu só queria ter certeza de que estávamos bem.

— Vocês querem mesmo que eu acredite que não estavam se pegando até meio segundo antes de eu chegar? — Henrique perguntou, parando ao nosso lado. — Olha a cor da boca de vocês e o cabelo da Isabella.

O cabelo dela não estava bagunçado e nossas bocas não estavam vermelhas, mas Henrique sabia bem jogar um verde, e Isabella nos entregou

quando correu ao banheiro para se olhar no espelho. Porém, daquela vez, não teve sermão. Ele só olhou para mim, com a decepção traduzida no rosto, e voltou pelo caminho de onde viera.

O que eu estava fazendo?

Ao contratar Isabella, quase um mês antes, tudo fazia o maior sentido. O plano era perfeito, mas agora nada nele tinha cabimento. Eu não podia, e nem queria, usá-la.

Voltei para a área externa e sentei no sofá ao canto, sem olhar para Henrique. Ele estava certo, o tempo inteiro, e eu ainda não estava pronto para ouvir um “eu te avisei”. Então, fiquei ignorando todos eles até que Verônica veio se deitar em meu colo. Acariciei seus cabelos, mas não disse nada. Minha cabeça estava muito agitada para conseguir jogar conversa fora.

— Eu não quero que você fique todo estranho, depois do que eu vou te falar — Verônica olhou para mim —, mas eu fico feliz de te ver sorrindo de novo. Eu nunca me dei bem com Marina, mas você não imagina a quantidade de vezes que me peguei querendo ela de volta, só pra te ver leve dessa forma de novo.

— Qual era seu problema com a Marina?

Não fiz a pergunta como um ataque. Estava tentando entender a relação delas. Pelo jeito com que Verônica falava, parecia que todos sabiam sobre seu ódio, menos eu, como se eu tivesse sido um irmão relapso por tanto tempo. Para mim, elas apenas não eram amigas, mas conviviam entre si numa boa, até porque nunca presenciara nenhuma briga que justificasse o rancor que ela parecia ter de Marina.

— Eu não sei se você só se faz de desentendido ou era muito cego — ela respondeu —, mas eu não quero falar sobre isso. Ela não está aqui para se defender e, mesmo achando que sempre foi uma filha da puta, não vou sujar a memória que você tem dela.

Verônica não me olhou enquanto falava, o que me fez pensar que era um assunto delicado para ela, mas eu não iria ceder. Precisava entender a questão para que não acontecesse outra vez. A última coisa que queria era perder a conexão que nós havíamos reestabelecido durante as férias.

— Por favor, me conte.

Ela levantou do meu colo e se sentou no sofá, virada para mim.

— Ela te manipulava, Matteo. Ela fazia você comer na mão dela e da forma que ela queria.

— Isso não é verdade. Eu podia ceder em algumas coisas, mas ela cedia em outras. É assim que um relacionamento funciona.

— Você parou de sair com seus amigos por ela, enquanto ela continuava indo para festinhas.

— Marina não se sentia confortável comigo saindo com vários homens solteiros, que só saíam para pegar mulher. Você pode culpá-la? Eu nem mesmo gostava de ir. — Era mentira. Eu gostava, sim, mas me senti um pouco na defensiva e não acreditava que fosse um problema do tamanho que Verônica sugeria. — E ela ia para festinhas na casa das amigas, o que nunca me incomodou. Eu confiava nela.

Verônica sorriu e concordou com a cabeça.

— É exatamente esse o ponto. Você confiava nela, mas ela não confiava em você.

— Não era assim.

Mas será que não?

De quantas coisas das quais eu gostava, tinha aberto mão por ela, durante tantos anos de relacionamento? E quantas vezes ela fizera o mesmo?

Tentei pensar nas coisas que ela deixara de fazer por mim, mas nada vinha em mente. Devia ser apenas pelo nervoso de tentar relembrar algo tão rápido. Era óbvio que ela também abria mão de várias coisas por mim.

— Você ainda não está pronto para essa conversa.

Ela levantou do sofá, mas segurei seu pulso para que voltasse a se sentar.

— Calma, Verônica. Eu só estou tentando assimilar. Não vejo minha relação com ela dessa forma, mas quero entender por que você achava isso.

— Esse é o ponto, Matteo! Eu não achava, era isso! — Ela voltou a se levantar, agora sem brechas para que eu a segurasse. — Ela queria você só para ela e mais ninguém.

Neguei com a cabeça. Verônica estava exagerando. Sabia que Marina era ciumenta, e nossas maiores brigas no relacionamento foram relacionadas a isso, inclusive a última. Porém não era da forma que minha irmã dava a entender.

— Não era assim.

Ela colocou a mão na cintura e me olhou da forma que eu conhecia como “você tá zoando com a minha cara”.

— Ela tinha ciúmes de mim.

Soltei uma risada forçada, porque não fazia sentido nenhum.

— Você é minha irmã, eu praticamente criei você.

— Era a mesma coisa que eu pensava, mas isso não impedia ela de jogar todos os meus shorts curtos fora e falar que eu não devia andar na sua frente daquele jeito, porque eu podia ser sua irmã, mas você era homem.

Aquilo era nojento em tantos níveis que eu só conseguia acreditar que ela estava inventando, até porque me lembrava vagamente daquela briga, pouco antes de Verônica se casar e sair de casa. Ela estava revoltada, porque Marina havia jogado suas roupas fora e comprado novas. Eu apoiara Verônica, dizendo que ela não deveria ter feito aquilo, mas não dera muita importância para a briga. Sabia bem que minha irmã implicava com tudo e confiava que Marina entendesse mais sobre moda e comportamento feminino do que eu.

— Por que você não me contou isso na época? — Levantei, ficando de frente para ela.

Ela riu e negou com a cabeça.

— Eu contei, Matteo, mais de uma vez.

Tentei buscar na memória, mas não veio nada. Não me lembrava de já termos tido qualquer conversa parecida.

Verônica engoliu em seco e continuou:

— Por que você acha que eu me casei tão cedo? — Ela me olhou, mas eu não respondi. Não queria saber a resposta. — Eu só queria sair daquela casa!

Minha irmã começou a chorar, e eu a puxei para os meus braços, sentindo-me ainda mais culpado, mesmo que minha cabeça ainda estivesse uma confusão, tentando relacionar minhas memórias com tudo que ela estava dizendo. Era estranho enxergar uma pessoa que eu considerava quase perfeita pelos olhos de alguém que a odiara por tanto tempo em silêncio. Era minha obrigação ter percebido e feito algo.

— Agora estou sentindo que devo um pedido de desculpas até para o seu marido, por ter cuidado de você quando eu não fiz — falei, acariciando seus cabelos. — Talvez ele não seja tão desprezível.

Foi quando eu percebi que tinha falado merda, pois seu corpo começou a se sacudir e as lágrimas aumentaram. Então, ela abriu a boca e despejou tudo que vinha acontecendo em seu relacionamento. Eu quis voar até aquele otário no mesmo segundo, para socar a cara dele, mas minha irmã me impediu. Fiquei apenas com um gosto amargo na boca, o de saber que ela só estava passando por aquilo porque eu não havia cumprido meu papel. Eu não havia a protegido, nem mesmo dentro de casa, e ela sentira que precisava buscar ajuda fora de lá.

Em seu abraço, percebi que não queria ser o culpado por quebrar Isabella também. Talvez a verdade sobre o acidente de Marina fosse me assombrar para sempre, se eu não usasse aquela cartada, mas não conseguiria seguir o plano. Eu poderia encontrar outra forma de descobrir.

Isabella havia me mostrado que eu ainda estava vivo, que ainda havia pessoas que dependiam de mim e, o mais importante, que eu queria continuar vivendo, que eu podia fazer aquilo sem ferir a memória do que tivera com Marina.

O segredo morreria comigo.

Isabella olhou para mim e sorriu. Tinha um sorriso lindo. Eu não cansava de observá-la.

Senti um aperto no peito após tomar a decisão, pois, para seguir adiante, eu não poderia ter contato nenhum com Isabella quando voltássemos para casa — ou, em algum momento, aquilo viria à tona. Nossos dias estavam contados, e era melhor que eu não me aproximasse mais se não quisesse me tornar o

babaca que Henrique tinha cantado desde o início, ou, pelo menos, mais babaca do que já havia sido.



Não tinha nem conseguido dormir direito, à noite, pensando em como poderia descobrir a verdade sobre o acidente, agora que não estava disposto a arriscar o segredo de Isabella. Resolvi tentar confrontar Clara e Francisco mais uma vez. Mesmo que continuasse sem provas de que Arthur estivera no acidente, eu sentia, no fundo da minha alma, que não estava errado. Então, peguei um envelope com as fotos que havia revelado de Thomas e fui até a casa principal para falar com eles.

Fui informado de que estavam tomando café, na varanda, e segui até lá.

— Matteo. — Clara se ajeitou na cadeira e olhou para Arthur de relance, como se desse uma ordem para que ficasse calado.

Tínhamos conseguido nos evitar bem durante as férias, mas a raiva das coisas que ele dissera, no dia da briga, ainda não tinha passado — estava embaixo da minha pele, só esperando para ser libertada. Eu apenas não queria perder a razão novamente.

— Eu acho que vou tomar um banho — Arthur falou, já se preparando para se levantar da mesa.

— Não, pode ficar aí — respondi. — Quero que escute também.

Ele olhou para mim e cruzou os braços. Ia falar alguma coisa, mas foi impedido por Clara:

— O que foi, Matteo?

— O que aconteceu de verdade no acidente?

Francisco respirou fundo, Arthur retesou na cadeira, e Clara afundou o rosto nas mãos.

— Meu filho, você está ficando paranoico. Colocou na cabeça que estamos te escondendo algo, e nada que façamos para provar a verdade faz com que mude de ideia. A conversa que você ouviu não era sobre o acidente, mas também não vou te contar no que estávamos acobertando seu irmão...

— Ele não é meu irmão — falei, tentando não deixar a raiva transparecer na voz.

Arthur riu, parecendo gostar de me ver perder a paciência.

— Não mesmo. Parem de tentar forçar isso. — Ele se levantou da mesa, apontou um dedo para mim e veio andando em minha direção. — Você pede a verdade, mas, quando te contam, você tenta inventar coisas para diminuir a culpa que carrega aí dentro. Quer encontrar alguém para dividir o peso dela, mas adivinha? Se você não tivesse feito o que fez, Marina nunca teria fugido.

Ele apertou o dedo em meu peito.

— Eu nunca traí minha mulher, se é isso que está querendo insinuar. — Bati a mão dele para longe.

Clara levantou num pulo e se colocou entre nós dois. Segurou meu rosto com as mãos, para que olhasse bem em seus olhos.

— Matteo, eu sei que você nunca faria isso com ela. Todos nós conhecíamos a personalidade da Marina, e não seria a primeira vez que ela teria surtado por uma imagem que criou na cabeça dela. Ninguém gostaria que tivesse terminado como terminou, mas aconteceu. Não temos como voltar atrás. A culpa não foi sua, não tinha nada que você pudesse ter feito...

— Claro que a culpa não foi minha, a culpa foi dele. Eu sei que ele estava no carro com ela, só preciso saber por que vocês esconderam isso de mim. — Então, joguei o envelope em cima da mesa. — Talvez as fotos que eu consegui daquele dia consigam refrescar a memória de vocês.

Os três se entreolharam, e Arthur foi o primeiro a tentar pegar o pacote, mas coloquei a mão em cima e olhei nos olhos dele.

— Se prepara, porque a imprensa vai fazer uma festa.

Aquele era o blefe da minha vida e percebi que havia colado, no momento em que Arthur abriu a boca.

— Foi exatamente por essa merda que ninguém te contou! — Ele jogou o corpo de volta na cadeira. — Eu sou a porra de um artista, e ter meu nome envolvido em um acidente com morte ia foder minha carreira. É isso que você queria ouvir?

— Arthur! — Clara gritou.

— Vamos nos acalmar...

Antes de Francisco terminar a frase, eu já estava em cima de seu filho, o segurando pelo colarinho. Arthur segurou meu pulso, mas não o soltei. Eu estava certo o tempo todo. *Ele estava lá. Ele fez aquilo com ela.*

— Ela nunca entraria num carro com você!

Daquela vez, quem foi remediar a briga foi Francisco. Ele apertou perto do meu pescoço, num ponto que fez a dor irradiar por todo o meu braço, me obrigando a soltar Arthur, que, por sua vez, recebeu um pisão no pé ao tentar se levantar e vir para cima de mim. Francisco havia sido lutador quando mais novo e, mesmo com seus sessenta anos, poderia bater em nós dois juntos.

— Eu pedi para ele ir buscar Marina, mas, justamente por não confiar nele, ela falou que só iria se fosse dirigindo. — Ele colocou a mão em meu ombro e me olhou nos meus olhos. — E, sim, eu menti sobre isso para você, porque vejam vocês dois. Não queria ver essa briga na mídia, e eu não duvidava que você fosse abrir a boca, caso esse aqui te irritasse.

Eu estava me sentindo frustrado, enganado. Neguei com a cabeça. Aquilo ainda não fazia sentido.

— Não. Ele a odiava, ele fez algo proposital para causar o acidente.

— Claro, porque eu tenho controle de um carro capotando, para ter certeza de que sairia ileso, enquanto ela... — Sua voz falhou, e ele respirou fundo antes de retomar: — Eu trocaria de lugar com ela sem pensar duas vezes.

Arthur virou as costas e saiu de lá, sem falar mais nada. Sua postura havia mudado. Ele já não tinha o ar de superioridade e terminara a frase com a voz quebrada. Por um segundo, reconheci o garoto que, um dia, havia sido meu amigo. O mesmo que me acolhera depois de meu pai morrer e dividira seus próprios pais comigo e minha irmã.

— O carro capotou, Matteo. Foi um acidente. — Francisco apertou meu ombro. — Ele não odiava Marina, e você sabe disso.

Eu sabia. O problema sempre fora aquele. Ele gostava dela da maneira que não deveria gostar e, por isso, ela tinha problemas com ele. Porque ele não respeitava nosso relacionamento.

— Vocês deviam ter me contado a verdade desde o início — falei, sabendo que, se não fosse Arthur, eles nunca teriam me contado. Eles o protegeriam com tudo que tinham. Nunca imaginei que o elo mais fraco seria o próprio acusado.

Soltei-me da mão de Francisco e comecei a me retirar, sem falar mais nada. No entanto, Clara veio atrás de mim e segurou meu pulso, fazendo com que me virasse para ela.

— Eu sinto muito, meu filho. — Ela beijou minha bochecha e a acariciou.
— Nunca foi nossa intenção te machucar.

— Mas machucaram — respondi, me afastando. — Eu... Nós podemos ter nossas diferenças, mas eu nunca contaria nada, se tivessem me pedido. Só que vocês preferiram decidir por mim.



CAPÍTULO 31

Isabella

— Você está apaixonada por ele — Alice falou do outro lado da linha.

— Não fala besteira — rebati, mesmo com o coração acelerado dizendo o contrário. Porém nunca admitiria para ninguém que havia sido burra àquele ponto.

Eu e Matteo tínhamos conversado depois do último lapso na porta do banheiro. Ele deixara bem claro que era melhor não nos envolvermos, e eu havia concordado, porque o que mais eu poderia fazer? Me jogar no colo dele e falar: “Vamos, sim, cala a boca”?

Bom, não poderia dizer que a ideia não tinha passado pela minha cabeça.

— Não é besteira, e você sabe muito bem disso. Eu te conheço, Isabella. Pode até enganar a si mesma, mas a mim você não engana, não. E fico mais feliz ainda que isso tenha rolado com um milionário...

— Alice! — Coloquei a mão no celular, como se, de alguma forma, Matteo pudesse escutar, mesmo sabendo que ele nem estava no bangalô.

Ela gargalhou e, pela primeira vez desde a nossa briga por conta de tia Raquel, eu senti que ficaríamos bem. Passáramos dias sem nos falar direito, apenas trocando mensagens sobre o necessário, e aquilo fora como ter um pedaço de mim sendo cortado lentamente. Eu não sabia quem era sem as duas na minha vida e precisava consertar as coisas.

Achava que seria necessário ralar um pouco com Alice, mas ela já atendera dizendo que era melhor eu nunca mais a tratar com indiferença, nem uma única vez, e aceitara de boa todos os meus pedidos de desculpas. Já com minha tia, eu sabia que teria uma conversa um pouco mais complicada e havia resolvido deixar para quando estivéssemos cara a cara, dali a dois dias.

— Eu estou falando sério, Isabella. Eu sei que vocês assinaram um contrato e tudo mais, só estou dizendo que você deveria parar um pouco e pensar em como se sentirá se, daqui a um ano, não tiver sequer tentado. Claro que pode não dar certo...

Escutei um barulho na porta de entrada e cortei minha prima, falando que precisava desligar. Não era o tipo de conversa que eu poderia correr o risco de que qualquer pessoa escutasse. Coloquei o celular na mesinha de cabeceira e esperei escutar a vozinha de Thomas me chamando, mas não aconteceu.

Saí do quarto e fui até a sala para encontrar Matteo sozinho, abrindo uma embalagem de pizza, que era o que Thomas tinha pedido e feito com que os dois saíssem para ver se conseguiam.

— Quer um pedaço? — perguntou.

Eu me aproximei dele, um pouco receosa. Não havíamos ficado sozinhos desde a última conversa, e eu precisava agir com naturalidade.

— Cadê o Thomas?

— Esqueceu da pizza quando os primos apareceram. Vai dormir no bangalô da tia com eles.

Concordei com a cabeça, sem olhar para ele, e tirei um pedaço de pizza para mim. As palavras de Alice, agora, ressoavam mais forte do que o brado retumbante da nossa pátria. Meu coração foi à boca, e tentei controlar o tremor nas mãos.

Comemos a pizza, em silêncio, e depois limpamos o que havíamos sujado. Eu comecei a lavar as louças, e Matteo se colocou ao meu lado para secar e guardar. Quando tudo estava em seu devido lugar, ele apoiou o quadril na bancada e cruzou os braços. Eu fiz o mesmo, mas encostada na ilha, de frente para ele.

Ele sorriu para mim e balançou a cabeça, em negativa.

— Você não deveria me olhar desse jeito — falou com a voz rouca, a mesma voz que havia me mandado gozar alguns dias antes. Só aquela memória me invadindo já foi o suficiente para fazer meu ventre se contrair.

— De que jeito?

— Como se quisesse que eu fizesse o que combinamos de não fazer.

Dei um passo para frente, até metade do caminho entre nós dois.

— Eu não estou olhando de jeito nenhum, Matteo. Nós combinamos que não iríamos mais fazer isso. — Passei um dedo por meu lábio inferior. — Eu não quero que você me beije, porque seu beijo é horrível. — Desci um pouco mais a mão, até meu pescoço. — Eu odiei a sua barba me arranhando bem aqui. — Continuei a descida até meu seio, observando sua respiração ficar cada vez mais curta. — Sua boca aqui não fez meu corpo estremecer... Então, por que eu te olharia da forma que está falando?

Ele deu um passo para frente também, preenchendo o espaço vazio entre nós, mas não me tocou.

— Fico feliz em saber que tudo foi recíproco, porque, quando eu te beijei aqui — ele passou o dedo por minha boca, e as borboletas reviraram em meu estômago —, meu pau não ganhou vida no mesmo instante.

Pela primeira vez, uma indecência sussurrada em meu ouvido não tinha causado uma crise de risos, pelo contrário. Havia me deixado com vontade de tocá-lo e descobrir se era verdade com minhas próprias mãos. Porém ainda não estava pronta para ceder naquele jogo e continuei imóvel, enquanto seu dedo deslizava até meu pescoço.

— Quando minha barba te arranhou aqui, eu não estava me controlando para ir mais devagar.

Eu já não sabia o que era a minha respiração e o que era a dele. Sua mão descia por meu corpo, mas seus olhos continuavam fixos nos meus, como se quisessem assistir a cada uma das minhas reações. Porém, por mais que estivesse explodindo por dentro, eu ainda fingia estar inteira por fora. Pelo menos, até ele chegar no meu seio, que, mesmo através do sutiã, foi capaz de sentir seu dedo contornar o lugar exato onde sua boca estivera, no outro dia.

— E, quando te mordi aqui e pedi que gozasse para mim, eu não queria estar com a boca em outro lugar, sentindo seu gosto.

Foi a minha vez de engolir em seco, para evitar que o gemido que estava em minha garganta escapasse. Ele mal me tocara, e eu já estava pronta para o que quisesse fazer comigo. Contudo ainda não entregaria os pontos. Eu não seria a primeira. Achei que ele tinha acabado o movimento, mas então sua mão começou a descer, até tocar o ponto que poderia fazer meu corpo explodir.

— E, por último, quando você fez o que eu mandei enquanto te tocava aqui, eu não queria estar com meu pau afundado em você, sentindo cada um dos seus espasmos.

Ele fechou os olhos e encostou os lábios nos meus.

— Esse é um jogo muito perigoso, Isabella. — Sua mão foi até a minha bunda, e ele me puxou para mais perto, o suficiente para que eu sentisse o que nossa conversa fizera com ele.

Era bom saber que eu não era a única que estava me perdendo.

Movimentei o quadril em sua direção, e o ar escapou dos meus lábios quando senti todo o seu comprimento me tocando. Matteo, por sua vez, agarrou-me ainda mais forte e continuou a provocação que eu começara ao perceber o que o contato fizera comigo.

— Espero que você faça valer a pena o risco, então — falei, tentando não demonstrar o quanto estava afetada.

Senti sua risada em minha boca, poucos segundos antes de uma de suas mãos segurar meu rosto e seus lábios exigirem os meus de uma forma indecente. Sem a pressa do último beijo, era sensual e me dizia que ele faria valer cada pedacinho do risco em que estávamos nos colocando.

Ele me puxou para cima e me sentou na bancada. De forma rápida, desabotoou minha calça e a arrancou com pouco esforço, sem que precisasse soltar meus lábios para isso. Eu puxei sua blusa para cima e a joguei no chão, sobre o monte de roupas que começava a se formar aos nossos pés.

— Eu quero te provar com a minha boca — falou, com a voz falhando pela respiração acelerada.

Eu não queria aquilo, e talvez ele tivesse percebido, pois perguntou:

— O que foi?

Não queria acabar com o clima, mas, se ele fizesse o que queria, eu talvez desistisse, como acontecera com o único cara que tinha tentado. Eu devia ter algum problema, porque, diferente da maioria das mulheres, não havia gostado. Além de que um amigo me contara que os homens nem curtiam fazer aquilo.

— Você não precisa fazer isso — falei.

Ele franziu o cenho e então pegou minha mão, conduzindo-a até o meio de suas pernas, onde consegui sentir sua ereção quase estourando o botão da bermuda que usava.

— Eu sei que não preciso, Isabella, mas isso aqui é como eu fiquei só de me imaginar no meio das suas pernas. — Ele segurou meu rosto, obrigando-me a olhar para ele. — Lembra quando te falei que você precisava conversar com seus parceiros? Então, essa é a hora. Por que não quer que eu faça isso?

— Eu não gosto — confessei, de olhos fechados.

— Abra os olhos. — Ele acariciou minha bochecha, e fiz o que pediu, para encontrar descrença em seu semblante. — Alguém já fez isso antes e você não gostou, ou acha que não vai gostar?

Eu não queria falar sobre a pegação que tive com outra pessoa, mas não encontrei alternativa.

— A primeira opção.

Matteo concordou com a cabeça.

— Quero que me prometa algo, Isabella. Você não vai se negar a tentar coisas só porque não teve experiências muito boas, mas, se não gostar de novo, vai pedir para parar.

Sua respiração em minha boca me fazia perder qualquer raciocínio. Só consegui concordar, antes de puxar seus lábios para cima dos meus. Era engraçado como cada um de seus beijos era único; todos traziam sensações diferentes, que eu nem sabia existir.

Ele abandonou meus lábios, mas continuou me provocando. Arrastou vagarosamente a boca por meu colo, enquanto brincava com as alças do sutiã, como se ainda não tivesse decidido se o tiraria ou não. Quando tentei levar a mão até as costas e abrir por ele, fui detida.

— Está com pressa? — O sorriso malicioso em seu rosto parecia ser capaz de trazer o próprio inferno à Terra, e eu era o alvo de todas as chamadas.

Sua mão escorregou por minhas costas e, sem muito esforço, ele conseguiu soltar o fecho do sutiã. Então, puxou uma das alças e depois a outra, observando-me como se eu fosse uma obra de arte. E, no momento, era como eu me sentia. Ele largou a peça no chão e voltou para mim, me beijando mais forte. Então, mordeu de leve meu queixo, meu pescoço e foi descendo, até ficar de frente para meus seios.

Estava com vergonha e desviei os olhos, mas ele puxou meu rosto, querendo que eu o observasse enquanto fazia aquilo. Era indecente vê-lo rodear meu peito com a boca. Quando sua respiração tocou meu mamilo, eu arqueei o corpo em um ato desesperado, clamando por seus lábios. Sua língua passou por um deles, enquanto seus olhos continuavam fixos nos meus, e senti a combustão começar dentro de mim. Ele sugou um dos mamilos e brincou com o dedo no outro, não deixando nenhum deles sem atenção. Todas as minhas terminações nervosas pareciam existir apenas para obedecer aos seus toques.

Não havia uma parte do meu corpo que não estivesse ciente de seus movimentos.

Após decidir que a área já havia recebido atenção suficiente, seus beijos continuaram a descer em uma doce tortura, até chegar em minha calcinha, mas, quando achei que ele a tiraria, passou direto por ela e foi para a coxa. Só percebi que resmunguei quando ele riu. Estava se divertindo às minhas custas.

Ainda vendo os olhos dele nos meus, senti sua boca cada vez mais perto.

— Afaste mais as pernas, Isabella.

Sua voz firme, como uma ordem, fez meu corpo inteiro formigar. Obedeci sem falar nada.

Ele enganchou os dedos na calcinha e a puxou para baixo, enquanto assistia a cada uma das minhas reações. Como se eu fosse um instrumento que ele estivesse descobrindo os sons que poderia fazer a cada toque. Lançou a peça junto com o resto das roupas e subiu beijando minha perna, em um jogo em que eu estava ansiando para ser derrotada.

Quando senti sua respiração soprar lá embaixo, um fio de eletricidade me percorreu. Sua língua me provocou, rodeando-me sem tocar onde meu corpo pedia por alívio. Ao passar por meu clitóris, respirei fundo, esperando a sensação horrível da outra vez, mas, em vez dela, quando lambeu aquele ponto, um milhão de estrelas preencheram minha visão. Meu quadril levantou, buscando por sua boca.

— Meu Deus... — falei, sem sentir as palavras saírem direito. — Droga, acho que não deveria dizer o nome de Deus nessa hora...

Escutei a risada de Matteo e, por um momento, achei que houvesse estragado o clima, mas então ele voltou a me chupar, e todos os pensamentos

foram deletados da minha mente. Afundei os dedos em seu cabelo e arqueei as costas, deixando um gemido escapar.

— Muito ruim? — perguntou.

Ele tinha levantado o olhar para mim, e um sorriso convencido estava em seu rosto. Tentei me controlar para responder da maneira mais indiferente possível, só para baixar um pouquinho o ego inflado.

— É, não é tão ruim.

Ele concordou com a cabeça:

— Tudo bem, então eu paro.

Só a perspectiva de ele não voltar com a boca para onde estivera alguns segundos antes fez com que eu morresse por dentro.

— Não. — Interrompi seu movimento. — Eu amei, tá bom?

Não precisei falar mais nada para que me desse o olhar mais safado que eu já havia recebido. Ele voltou para onde eu o queria. Matteo sabia exatamente o que fazer, onde apertar, chupar, colocar mais pressão. Não era uma boca desgovernada, achando que qualquer coisa que fizesse seria boa. Era alguém que entendia como cada parte funcionava e como usá-la para me deixar à beira do precipício.

Ele colocou um dedo dentro de mim, encontrando caminhos que nem eu mesma conhecia, movimentando devagar e pressionando os pontos certos para fazer a sensação crescer cada vez mais. Aquilo, unido ao que já fazia com a língua, fez o mundo desmoronar à minha volta. Eu caía, enquanto o frio que subia pela minha espinha se tornava mais forte a cada instante.

— Ma... — comecei a falar seu nome, mas ele ficou perdido em algum lugar entre o infinito de sensações que tomaram conta do meu corpo.

Fechei os olhos e tentei controlar os tremores que consumiam todos os meus músculos, deixando-me sem controle.

Quando enfim me recuperei, encontrei Matteo me observando. Queria beijá-lo, queria vê-lo se perder da mesma forma por mim. Porém, assim como da outra vez, ele se levantou, pegou a blusa no chão e me deu boa-noite, mas eu não aceitaria aquilo.

Pulei da bancada e parei bem em sua frente, contendo a vergonha que começava a tomar conta de mim, depois de perceber que estava completamente nua, enquanto ele ainda se apresentava bem decente.

— Eu também quero te tocar, Matteo.

Ele respirou fundo e desceu o olhar por meu corpo.

— Isabella, quando voltarmos, isso não vai mais acontecer. Eu não sou...

Empurrei-o até ele estar contra a ilha da cozinha e segurei seu rosto, para que olhasse para mim.

— Eu não quero um romance, Matteo. Não tenho tempo ou lugar na minha vida para isso. — Escorreguei a mão entre nós dois, até tocá-lo por cima da bermuda. — Quero a mesma coisa que você. Só temos mais alguns dias e, depois, quando voltarmos, podemos fingir que nada aconteceu.

Ele fechou os olhos, e um gemido escapou por sua boca quando o apertei. Mordi seus lábios, engolindo cada pedaço do som. Me perder em suas mãos fora incrível, mas ver aquele homem se entregar ao meu toque seria minha maior perdição.

— Isabella, você pode ter certeza de que, se fizermos tudo que está na minha cabeça, a última coisa que essa noite será é esquecível.

— Isso deveria fazer com que eu falasse que, então, seria melhor pararmos por aqui?

— Você não deveria se contentar com o pouco que eu posso te dar — respondeu, com os lábios tocando os meus.

Eu passei os braços por seu pescoço e o beijei. Nós dois gememos quando nossos corpos se encontraram no meio do caminho, sem nada entre eles. Sua pele estava quente, mesmo com o ar-condicionado deixando a temperatura bem baixa ali dentro.

— Eu não me importo de só ter pedaços de você, Matteo.

E não me importava mesmo, mas, no momento, eu queria o máximo de pedaços que pudesse conseguir.

Abri sua bermuda e deixei que ela caísse. Beijei sua boca, engolindo cada uma de suas reações, enquanto descia a mão por seu abdômen até a beirada da cueca. Era a única peça de roupa que ele ainda vestia, e eu estava me sentindo uma verdadeira safada de ter as mãos ali. Em um movimento lento, afastei o elástico e escorreguei a mão para dentro, agarrando todo seu comprimento que pulsou entre meus dedos no mesmo instante que um som rouco deixou seus lábios. Parei de beijá-lo só para poder observar. Eu queria levá-lo ao precipício como ele havia feito comigo.

Imitando suas ações, beijei seu pescoço, sua clavícula, seu peito, sua barriga e cada pedacinho de pele até estar ajoelhada em sua frente com apenas um pedaço de pano me separando do destino final. Ele me observava com puro fogo nos olhos, eu conseguia ver as labaredas subindo e queimando.

— Você não precisa fazer isso.

Senti a revolta que ele devia ter sentido quando eu falei a mesma coisa, então, devolvi na mesma moeda:

— Eu sei que não, mas eu quero.

Peguei sua cueca com as duas mãos e as deslizei para baixo. Não era minha primeira vez fazendo aquilo, mas era a primeira vez que eu queria fazer. Primeiro, o toquei com as mãos, deslizando por todo o seu comprimento de leve. Seus músculos se contraíram, e era a minha vez de provocá-lo. Se ele havia achado que não teria troco, estava bem enganado.

Com a língua para fora e olhando em seus olhos, a passei na ponta do seu pau, rodeando-o lentamente. Vi o momento em que o ar escapou de sua boca, e ele agarrou a beirada da ilha com força, com as duas mãos. Sem querer dar tempo para que se recuperasse, coloquei-o em minha boca devagar, segurando-o nas mãos para que ele não conseguisse apressar o movimento.

— Porra, Isabella, você vai me matar.

Foi minha vez de dar a ele um sorriso dos mais safados que consegui.

— Se depender de mim... — passei a língua por toda sua extensão — vai ser uma morte bem lenta.

Assim que terminei de falar, o coloquei na boca de uma vez, e um outro xingamento escapou de seus lábios. A cada investida que eu dava, um som diferente preenchia o ambiente. Observá-lo se perder assim havia se tornado a coisa mais quente que eu já tinha visto na vida.

— Isabella, eu vou gozar. — Sua voz saiu rouca, e sua mão afundou em meu cabelo.

Parei os movimentos no segundo em que as palavras deixaram seus lábios. Pela primeira vez, eu queria sentir o gosto de alguém na minha boca,

mas ainda não tinha acabado com ele. Não sabia qual Matteo eu encontraria depois que o tesão passasse e ainda não queria descobrir.

Levantei-me e enlacei seu pescoço.

— Eu quero você dentro de mim.

— Isabella, eu não posso fazer isso com você.

— Por quê?

— Eu não quero ser o babaca que vai fazer isso e depois sumir da sua vida.

Droga. Alice estava certa: eu estava apaixonada pelo homem. De alguma forma louca, meu coração havia caído e afundado inteiro no sentimento que, com certeza, seria motivo de muitas lágrimas, no futuro. Mas eu não queria pensar sobre o que ainda viria. Queria o presente e, no presente, deixaria meu peito se afogar de todas as maneiras possíveis no que estava sentindo.

— Você seria, se eu não soubesse disso. Eu não estou pedindo um futuro, Matteo, só quero aproveitar o agora.

Ele concordou e me beijou, puxando-me para cima dele. Eu o rodeei com as pernas, e ele me segurou pela bunda. Gemi em sua boca, quando seu pau friccionou contra meu clitóris. Eu já estava pronta para ele novamente.

Matteo caminhou comigo até as escadas, descendo-me apenas para que subíssemos os degraus. Entrou no quarto e foi até o celular. Poucos segundos depois, uma música suave preencheu o ambiente.

Ele olhou para mim, sorriu, e eu comecei a ficar nervosa, perdendo toda a pose de mulher que sabia o que queria. E se doesse muito? E se eu odiasse?

— Eu não sou o príncipe encantado com que você sonhou — falou, se aproximando, e me puxou para dentro do quarto, em direção à imensa cama —,

mas vou tentar, pelo menos, fazer dessa noite o que você imaginou. Só preciso da sua ajuda, tá bom?

Concordei com a cabeça, com a voz presa na garganta.

Ele se sentou na cama e me puxou para seu colo, colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e me beijou sem pressa, acariciando-me e desfazendo os nós que eu fizera ao me dar conta do que estava prestes a acontecer. Colocou meu cabelo de lado e beijou meus ombros, agradando minha pele com seus lábios.

— Você tem certeza disso?

Se houvesse qualquer dúvida em mim, antes, ela não estava mais lá. Aquilo era melhor do que qualquer expectativa que a Disney me colocara. Era perfeito ter o corpo dele no meu e a forma com que meu coração se desmanchava, sempre que sua boca me tocava.

— Nunca tive tanta certeza de nada.

Eu nunca havia esperado estar apaixonada para fazer sexo. Queria apenas me livrar do rótulo, mas agora entendia por que não tinha dado certo com mais ninguém. Eu só achava que não queria romance, mas, depois de ler tantos livros falando sobre uma conexão mágica, parecia que, no fundo, vinha esperando por ele durante todo o tempo.

Era assustador me dar conta daquelas duas coisas. Eu o conhecia havia menos de dois meses e não sabia nem como aquilo estava acontecendo, mas não podia existir outra explicação para tudo que eu sentia. Meu peito estava inflamado com uma sensação que eu não conseguia descrever. Era felicidade pura transbordando por cada pedaço de mim.

Matteo me deitou no colchão, ficando ao meu lado, sem parar de me beijar nem por um segundo. Sua mão desceu até o meio de minhas pernas, e deixei que me tocasse. Deixei que conduzisse a dança.

Então ele se levantou e pegou algo na gaveta da mesinha de cabeceira. Só quando abriu a embalagem, percebi que era uma camisinha. Ele a encaixou e se colocou entre as minhas pernas, mas não fez nenhum movimento. Voltou a me beijar e me acariciar, deixando que eu guiasse os passos seguintes. Me movimenteí devagar, acostumando-me com ele, e Matteo não apressou, esperando até perceber que eu estava mesmo pronta. Arqueei o quadril mais uma vez, em busca do dele, e nós gememos na boca um do outro quando o senti deslizar para dentro de mim.

Ele ergueu o rosto, apenas o suficiente para me olhar nos olhos, talvez esperando que eu fosse pirar ou mandá-lo parar, mas, em vez disso, afundei os dedos em seu quadril, puxando-o mais para mim. Ele entendeu a mensagem e, aos poucos, foi entrando mais fundo, bem devagar e sem parar de me estimular. Mordi seu ombro enquanto a sensação estranha e um pouco incômoda me preenchia, mas não doía como eu imaginava que aconteceria. Meu corpo o desejava tanto que a dor era bem suportável, parecia quase irrelevante.

— Está doendo? — Ele acariciou meu rosto.

Neguei com a cabeça.

— Vou começar a me mover. Se doer, você me avisa.

Fiz que sim.

Ele começou com movimentos lentos de vaivém, e a sensação continuou estranha, mas ver Matteo se perdendo estava servindo como a melhor distração

que eu poderia ter. Engoli cada um de seus gemidos e enfiei minhas unhas em suas costas quando ele foi fundo demais.

Fechei os olhos, me deixando ser consumida por seu toque, seus beijos, seus sons.

Quando percebi que já estava quase lá, falei:

— Goza para mim, Matteo.

Da mesma forma que ele havia feito comigo, na outra noite, as palavras foram sua ruína. Ele aumentou a pressão de seus dedos entre minhas pernas, querendo me levar junto na queda, e mordeu meu lábio. Os tremores tomaram conta de seu corpo em cima de mim.

Assistir-lhe daquela forma, enquanto ele me conduzia ao precipício pela segunda vez durante a noite, fez com que eu abrisse os braços e caísse sem rumo.



CAPÍTULO 32

Matteo

Antes mesmo de acordar, o perfume de Isabella me atingiu. Abri os olhos devagar para a encontrar dormindo em meus braços. Acariciei sua pele nua embaixo das cobertas, deixando as lembranças da noite anterior me atingirem.

Beijei seu cabelo e levantei da cama com cuidado para não a acordar. Peguei o celular e mandei uma mensagem para Verônica, perguntando se poderia ficar com Thomas pela manhã. Queria repetir, pelo menos, mais uma ou duas vezes a performance da noite. Meu corpo tinha ficado em abstinência por tanto tempo que parecia um adolescente clamando por mais.

Só de pensar, meu pau começava a ganhar vida. Forcei a mente a ir em outra direção, porque eu estava tentando ser romântico, como ela merecia que fosse, e chegar com uma bandeja de café. Uma ereção para acompanhar não era o tipo de coisa que eu consideraria romântica.

Liguei para a cozinha, escolhendo a dedo cada opção do menu, e tomei uma ducha enquanto esperava chegar. Talvez ainda conseguíssemos aproveitar um pouco a banheira do quarto.

Achava que seria estranho ter em minha cama outra mulher que não fosse Marina, mas não havia sido. Parecia que o tempo estava finalmente fazendo seu trabalho e parando de se tornar um peso. Eu ainda acreditava que ela fora o amor da minha vida, mas a promessa de que nunca mais ficaria com ninguém, caso algo acontecesse com ela, já não me pesava tanto, apesar de, às vezes, me pegar pensando que ela estaria em algum lugar reprovando tudo que eu fazia.

Se existisse alguma coisa depois da vida, nós nos reencontraríamos, mas eu não podia passar todos os dias esperando a morte para reencontrá-la. As pessoas à minha volta não mereciam ter uma casca vazia de mim: Thomas dependia de mim, Verônica precisava de mim, e eu queria ser mais do que aquilo. A dor sempre seria minha companheira, mas não podia deixar que ela fosse tudo o que eu sentia.

A verdade sobre o acidente também havia ajudado a me libertar um pouco de toda a raiva. Eu tinha criado tantas teorias acerca do porquê de terem me escondido aquilo, que a verdade tão simples vindo à tona era quase como um sopro de alívio. Depois de pensar um pouco, aceitei que talvez tivessem razão: eu poderia ter soltado o nome de Arthur na mídia só pela raiva de descobrir que ele estivera com Marina.

A campainha tocou, e corri para pegar tudo antes que o barulho acordasse Isabella e ela saísse da cama. Abri a porta, esperando encontrar alguém trazendo o café da manhã, mas, em vez disso, dei de cara com Clara. Porém não era a mulher que parecia indestrutível, era só a sombra dela.

Seu cabelo, que costumava sempre estar milimetricamente arrumado, estava amarrado em um coque bagunçado no topo da cabeça. Ela não usava

maquiagem, e seus olhos inchados entregavam que havia chorado bastante, antes de aparecer ali. Nem mesmo ao perdermos Marina, eu a vira assim. Era sempre a pessoa que permanecia forte, para que todos os outros pudessem se deixar quebrar.

Senti um buraco abrir no coração, com medo do baque que viria. Eu não tinha estruturas para perder outra pessoa e sabia que existiam poucas que a deixariam como estava no momento. Uma delas era...

— Onde está Thomas? — Minha voz saiu rachada da garganta, quase que com medo de saber a resposta.

— Eu não vi Thomas hoje. — E, ao perceber o que estava acontecendo, completou: — Todos estão bem, Matteo. Não é isso.

O ar pareceu levar horas para voltar aos meus pulmões. Concordei, absorvendo as palavras, enquanto meu pulso ainda se recusava a voltar ao normal. Depois de perder tanta gente, era difícil fazer com que o medo de que acontecesse novamente, em breve, me abandonasse. Sentia-me sempre preso em uma bomba-relógio que, quando eu menos esperasse, voltaria a explodir e a tirar minha vida do eixo.

Me afastei para que Clara entrasse e fui até a cozinha atrás de um copo de água. Ela fechou a porta e olhou por todos os lados, como se procurasse alguma coisa. Recusou a água que ofereci e, então, perguntou:

— Onde Isabella está?

Não. Por favor, não. Implorei para qualquer força que estivesse disposta a me ouvir.

Fechei os olhos e respirei fundo.

— Ela está dormindo. Do que você precisa?

— Preciso...

Clara começou a caminhar em direção aos quartos, sem terminar a frase. Parecia um pouco desorientada, como se não conhecesse o lugar e precisasse que alguém apontasse o caminho que deveria seguir.

— Ela dormiu tarde, ontem. Posso pedir para te procurar quando acordar.

— Minha voz soou menos controlada do que eu queria.

Clara me olhou, e percebi que seus lábios tremiam um pouco. Ela se abraçou antes de insistir:

— Eu preciso conversar com ela, Matteo. — A dor que transmitia na voz era quase palpável, e eu sabia o motivo.

— Por favor, não converse com ela — implorei.

Virei-a para mim e coloquei as mãos em seus ombros. Não deveria ter feito aquilo, mas não consegui raciocinar direito. Só queria que ela fosse embora e levasse junto tudo que precisava falar, até se esquecer do que havia descoberto. Eu sabia que a verdade poderia aparecer, mas não esperava que isso acontecesse antes de voltarmos.

Ela ergueu os olhos para os meus, e consegui ver a confusão tomando suas feições, até que tudo clareou.

— Você sabe.

Neguei com a cabeça, como se fosse adiantar alguma coisa.

— Como? — ela confirmou.

Neguei novamente.

Faltavam poucos dias para irmos embora. Por que aquilo não podia ficar embaixo do tapete por só mais alguns deles? Se eu tivesse qualquer pretensão de manter contato com Isabella, isso acabaria no momento em que ela

escutasse o que Clara tinha a dizer. Ela nunca me perdoaria. Eu mesmo já não me perdoava. Não sabia onde estivera com a cabeça ao pensar que poderia ser frio o suficiente para colocar a vida de outras pessoas em jogo.

— Por quê, Matteo?

— Eu... — A angústia foi tomando espaço dentro do meu estômago, do meu peito, da minha garganta. E então saiu em forma de palavras afiadas como facas. — Vocês mentiram para mim.

Ela levou a mão ao peito e deu dois passos para trás.

— Você trouxe ela de propósito? Sabia desde o início?

— Eu só queria a verdade, Clara. Estava chateado com vocês e acreditava que o que estavam escondendo de mim era algo muito mais podre do que o simples fato de que Arthur estava lá. Eu não estava pensando direito e acabei fazendo essa merda gigantesca.

Queria explicar mais, porém as palavras pareciam agarradas no nó que havia se formado em minha garganta. Clara havia sido uma mãe para mim e para minha irmã, e a forma com que eu fizera tudo aquilo por suas costas era suja a ponto de eu nunca poder me perdoar.

Porém nada mudava o fato de que, se eles tivessem me contado a verdade desde o início, eu não teria precisado fazer nada.

Lágrimas escorreram por seus olhos, e ela passou a mão, limpando com força. Como se não devesse estar chorando. Como se eu não merecesse nem mesmo aquilo dela. E talvez não merecesse mesmo.

— Como você descobriu? — Ela lançou um olhar frio, que nunca havia dirigido a mim antes. — Como?

Eu não queria admitir, mas as palavras escapuliram da minha boca quando sua voz saiu alta o suficiente para acordar Isabella.

— Contratei um detetive para descobrir algo sobre o acidente. Quando ele não conseguiu nada, mandei investigar vocês.

Lembrava bem o dia que ele chegara para mim com um relatório sobre os irmãos de Clara, sendo que ela sempre contara que não tinha nenhum parente vivo. Sabia que devia ter algo errado para que ela escondesse a família e pedira que continuasse investigando. Queria descobrir o que havia acontecido para que nunca mais se falassem. E ali estava seu segredo.

— Sabe, Matteo, talvez você não mereça o cuidado que tivemos em não te contar a verdade.

— O único cuidado que vocês tiveram foi com Arthur. — Foi a minha vez de falar mais alto do que deveria.

Eu não queria atacá-la, porque a merda que eu tinha feito era muito maior do que qualquer mentira que houvessem me contado, mas não aceitaria que ela falasse como se tivesse pensado no meu bem, quando, na verdade, havia feito tudo para proteger o filho.

Clara negou com a cabeça.

— Não, Matteo. Foi para te proteger da verdade. Foi o último pedido de Marina: não deixar que você descobrisse o que ela tinha feito.

— Do que você está falando?

Senti uma pequena vertigem com a possibilidade de ter mais coisas, de eu estar certo sobre haver mais sujeira do que eu imaginava embaixo do tapete.

— Ela estava te traindo com Arthur, Matteo. Eles fizeram isso durante anos, bem embaixo de nossos narizes, e por isso ele estava naquele carro.

Porque, depois que vocês brigaram, ela foi correndo para os braços dele.

Marina não faria aquilo comigo. Eu não conseguia acreditar que ela seria capaz — que a mesma mulher que dizia me amar teria me traído não uma ou duas vezes, mas por anos, como Clara deixava bem claro.

— Ela tinha medo dele. Eles eram primos — falei, quase no automático, tentando encontrar motivos para provar que ela não sabia do que estava falando.

— Marina tinha medo de vocês dois juntos, porque você poderia desconfiar, por isso não gostava de ir com você aonde ele estava. Não tinha nada a ver com medo dele.

Sentei no sofá e afundei os dedos no cabelo. Minha cabeça era preenchida com memórias das brigas dos dois, das brigas que ela tinha comigo por achar que eu pudesse traí-la, de como eu e Arthur deixáramos de ser amigos depois de eu começar a namorar com ela. Agora fazia sentido que ela sempre corresse para a casa dos tios, e não para a dos pais, quando brigávamos. Ela sempre corria para ele. Por que não havia ficado com ele, então? Por que me enganara por tanto tempo?

— Ela me acusou de estar traindo, mas era ela quem estava fazendo isso?

— Era para ser uma afirmação, mas saiu quase como uma pergunta.

Queria que alguém negasse.

As batidas dentro do meu peito pareciam que, a qualquer momento, poderiam quebrar minha costela, e meu coração cairia bem ali no chão. Eu preferiria nunca ter descoberto a verdade. A ignorância era mesmo uma bênção. E o pior de tudo era que aquilo só serviria para me atormentar para o resto da vida. Eu não tinha como gritar com ela, xingar, exigir uma explicação ou fazer

qualquer coisa para que entendesse o tanto que havia me machucado, pois ela não estava mais lá. Seria obrigado a guardar todos os questionamentos dentro de mim para sempre.

— Está satisfeito com a verdade? — Clara falou com a voz partida em pedaços. — Vocês brigaram, e ela correu para os braços dele. Até hoje, eu não tinha conseguido perdoar os dois pelo que fizeram com você, mas talvez devesse, já que você se mostrou ser ainda mais baixo, a ponto de trazer minha filha para me chantagear.

Ela era uma hipócrita por me julgar, quando tinha abandonado a própria filha recém-nascida para ficar com um homem.

— Do que você está falando? — A voz de Isabella fez com que um frio percorresse toda a minha espinha.

Ela estava vestida em uma blusa minha. Seu cabelo estava cheio e sua boca, aberta em uma expressão confusa. Queria me levantar do sofá e correr com ela para o quarto, impedir a realidade de nos alcançar. Meu peito doeu ao saber que ela nunca mais iria me olhar da mesma forma, que nunca mais iria se entregar para mim, que talvez fosse se arrepender amargamente do que havíamos feito e que aquele seria mais um ponto para o meu placar de babaca.

— Isabella — Clara falou com a voz bem mais controlada do que um minuto atrás.

— O Matteo está usando Cecília para te chantagear? Ou é Verônica? — perguntou para Clara, mas estava olhando para mim.

Eu neguei com a cabeça, e ela franziu o cenho e virou-se para Clara, que estava com os olhos cheios de água. Estudava cada pedaço de Isabella como se a estivesse vendo pela primeira vez.

— Nós podemos conversar, Isabella? — perguntou ao se aproximar.

Dando dois passos para trás, ela se afastou, ainda parecendo confusa. Só então riu e perguntou:

— Vocês estão falando sobre mim?

Clara afirmou com a cabeça, e Isabella voltou a me olhar:

— Fala para ela. — Sinalizou com a mão, apontando para Clara. — Minha mãe morreu.

Sem conseguir ver aquela expressão no rosto dela, levantei-me do sofá e a abracei. Ela estremeceu e continuou pedindo que eu falasse a verdade para Clara.

— Isa. — Eu nunca a chamara por qualquer apelido, mas seu nome não saiu. Minha voz estava presa. — Eu sinto muito, mas ela está falando a verdade.

Ela me empurrou para longe e contestou com um “não!”, que pareceu partir sua alma ao meio. Era um sentimento que eu nunca entenderia. Ela não estava descobrindo apenas que a mãe estava viva, mas também que a abandonara, que fizera escolhas que a deixaram na miséria enquanto se dava uma vida de luxo.

— Vocês não sabem do que estão falando. — Isabella engoliu em seco e balançou a cabeça, em negativa. — Matteo, por favor, eu não estou gostando dessa brincadeira.

Sua voz estava tão esganiçada que parecia a ponto de começar a chorar. Queria envolvê-la em meus braços e protegê-la, mas eu não podia. Ela já não me aceitaria naquela posição.

Quando nenhum de nós dois respondeu, Isabella deu mais um passo para trás.

— Eu preciso ir embora. — Virou-se em direção aos quartos, mas logo voltou a nos encarar. — Minha tia nunca mentiria assim para mim.

— Isabella — Clara avançou em sua direção —, me deixa explicar.

Dessa vez, a garota se virou com um grito:

— Fiquem longe de mim, vocês dois!

Escutar suas palavras foi como ser atingido por uma faca, bem no meio do peito. Eu sabia que aquilo aconteceria, em algum momento, e era para ser fácil, mas ver Isabella ir embora não estava sendo em nada como eu imaginara, ou planejara. Ela havia entrado em um lugar do qual eu não permitia que ninguém se aproximasse, e agora eu seria obrigado a assistir enquanto ela saía da minha vida, sem poder fazer nada.



CAPÍTULO 33

Isabella

Acordei com um sorriso bobo no rosto, lembrando o quanto Matteo havia sido perfeito, e, depois de me arrumar para parecer que tinha acabado de acordar, fui procurá-lo. Tinha a esperança de ainda estarmos sozinhos, mas não estávamos, e eu ouvi toda a conversa. Sabia que não deveria ficar escutando, mas, depois de ouvir meu nome, queria entender o que eu tinha a ver com aquela confusão.

Senti meu coração se apertar quando Clara confessou sobre Marina. Matteo havia sofrido tanto por ela, para descobrir aquilo no final. Porém a pena só durou até eu descobrir que ele vinha apenas me usando.

Eu achava que ele havia gostado de mim, desde o início, e por isso insistia para que eu aceitasse sua proposta, quando, na verdade, a insistência era porque só poderia ser eu. Ele precisava de mim para usar como moeda de troca, não porque acreditava no meu trabalho ou achava que eu não me apaixonaria.

Ainda assim, nada fazia sentido! Eles só podiam estar confusos, mas eu precisava sair de lá e conversar com minha tia. Ela me explicaria tudo. Quando conversássemos, as coisas ficariam mais claras. Ela não teria mentido minha vida inteira sobre algo tão importante.

Abri a mala em cima da cama e comecei a jogar tudo dentro. Todas as roupas caras e bonitas, que tinham feito parte de um sonho que acabara de se tornar um pesadelo.

— Isabella.

Virei-me para encontrar Matteo à porta e forcei um sorriso.

— Parece que você conseguiu me transformar naquilo que eu falei que não seria, no início de tudo isso.

Ele cerrou os olhos e apoiou o corpo no batente.

— Do que você está falando?

— Eu fiz sexo com você e, agora, vou embora pedindo o dinheiro que você prometeu me pagar. É bem óbvio o que isso me torna, não?

Eu queria não precisar de um centavo. Queria poder manter meu orgulho intacto e mandá-lo enfiar a ilha e tudo que ele possuía no meio do seu orifício, mas não podia. Depois de ser usada, o mínimo que eu deveria fazer era cobrar o que ele me devia, para não precisar me rebaixar de tal forma nunca mais na vida.

— Eu vou pagar pelo seu trabalho, não pelo que fizemos.

Virei-me para ele, parado ainda ali perto:

— Mas não é assim que eu me sinto, Matteo.

Meus ombros caíram, e tive que me segurar para não começar a chorar. Não iria fazer aquilo na frente dele. Não iria me permitir desabar pelas ideias

que tinha criado em relação a ele. Na noite anterior, eu havia acreditado que poderíamos dar certo, que, de algum jeito, quando voltássemos, perceberíamos que não queríamos ficar separados e teríamos o nosso final feliz. Era tão fácil acreditar naquela mentira.

E a culpa era toda minha.

Ele tinha dito que não era o cara certo.

Ele tinha dito que não era meu príncipe encantado.

Ele tinha dito que não poderíamos ficar juntos.

E lá estava eu, desmoronando por ilusões que havia alimentado. Expectativas irreais de uma idiota que ainda acreditava em finais felizes. Alice estava certa, todo o tempo: eu deveria viver um pouco menos em meus mundos fictícios, porque a realidade estava longe de ver romances como os da literatura acontecendo.

Como me deixara saltar, sem olhar para onde cairia? Eu não era o tipo de pessoa que me jogava de cabeça em nada, mas, com ele, havia feito isso. Tinha fechado os olhos e pulado, achando que o frio na barriga seria o suficiente, mas sem perceber que, lá embaixo, as pedras me esperavam.

Senti uma mão em meu ombro e me encolhi, afastando-me dela.

— Deixa eu terminar de arrumar minhas coisas sozinha — pedi com a voz parecendo a de uma criança. — Eu não quero te ver, nunca mais.

Escutei os passos dele seguindo para fora do quarto e a porta se fechando. Só então deixei as lágrimas escaparem, nem um segundo antes.

Quando fechei a última mala, escutei a voz de Thomas chamar por mim. Passei a mão pelo rosto e corri para o banheiro, jogando água para tentar disfarçar que estivera chorando.

A mãozinha bateu à minha porta, e ela abriu. Ele colocou o rostinho para dentro, e logo Matteo veio atrás, falando que eu estava ocupada, mas que ele iria levá-lo para a piscina.

Eu me abaixei e abri os braços, para mostrar que ele era bem-vindo, mesmo assim. Aquele anjinho não tinha culpa nenhuma das coisas que os pais haviam feito. Esperava que ele crescesse e se tornasse alguém melhor do que eles. Meu coração doeu de pensar que provavelmente seria a última vez que eu o veria. Tinha me apegado tanto a ele que queria poder levá-lo escondido na mala.

Thomas sorriu, deixando as covinhas à mostra, e correu para os meus braços, então me chamou para brincar com ele. As lágrimas voltaram a escapar dos meus olhos, e limpei rápido para que ele não percebesse, mas Matteo observava de longe. Ele tinha visto, e me odiei por ter deixado.

— Eu preciso voltar para a minha casa, meu amor — falei, acariciando suas bochechas —, mas seu pai me prometeu que vai brincar com você de todos os jogos que quiser.

— Eu quero você. — Ele fez biquinho.

— Vamos fazer assim: quando você voltar para a cidade, a gente combina, pode ser?

Eu me sentia horrível em mentir para ele, mas não conseguia me despedir de outra forma. Não pensava que uma despedida pudesse traumatizá-lo de alguma forma — em breve, ele me esqueceria, e eu não faria mais falta na vida dele. Por outro lado, eu sempre o levaria com carinho em mim.

Escutei a voz de Cecília na sala, dei um beijo em Thomas e peguei as malas. Matteo tomou o filho no colo e me deu passagem.

— Mande Henrique transferir seu dinheiro — ele disse quando passei.

Eu concordei, abri a bolsa e tirei dela o recibo do hospital, que já estava um pouco amassado e com a impressão sumindo, mas ainda era possível ver o valor final. Estendi para Matteo, que pegou de cenho franzido, sem ter noção do que era.

— Eu falei que pagaria cada centavo. Desconta esse valor do que me deve, por favor.

— Isabella, eu não vou fazer...

— Eu não quero te dever nada, Matteo — falei, olhando em seus olhos, tão lindos, mas tão falsos.

Não esperei por uma resposta, apenas segui meu caminho para a sala, até me deparar com Verônica e Cecília consolando Clara, que estava em prantos.

— O helicóptero já chegou? — perguntei para Cecília.

Queria tanto sair de lá que voar nem parecia tão assustador quanto da primeira vez.

Ela disse que não, e Verônica veio em minha direção. Olhou de mim para o irmão e me perguntou o que tinha acontecido. Desviei o olhar para o chão, e então ela fez a mesma pergunta para Matteo, que também não respondeu. Em seguida, foi a vez de Cecília tentar:

— Pelo amor de Deus, alguém diz alguma coisa... O que rolou?

Olhei para ela, sentada ao lado da mãe no sofá. Para a minha decepção, percebi como era óbvio de onde eu conhecia seus traços, por que me pareciam tão familiares. Suas feições lembravam as da minha tia, só que bem mais nova e muito mais cuidada. As respostas estiveram ali o tempo todo. Eu só estava encantada e cega demais com tudo aquilo para perceber.

Encarei Clara por um segundo, e ela balançou a cabeça para mim. Um pedido de silêncio, que me machucou tanto. Ela era uma mãe incrível para todos eles, mas nunca fora para mim. Cecília não devia ser mais do que um ou dois anos mais nova do que eu. Senti uma pontada de inveja, porque, enquanto ela recebia todo amor e luxo que o dinheiro poderia comprar, eu achava que minha tia era a única pessoa que eu tinha. Fora obrigada a me tornar adulta, quando tudo que eu queria era ser uma adolescente normal. Mas Clara havia me negado aquela normalidade, e isso eu não poderia perdoar.

— Pergunta para a nossa mãe — respondi para Cecília.

Ela me encarou como se eu não estivesse fazendo sentido nenhum, mas foi Verônica quem questionou:

— Do que você está falando?

— Eu tive uma filha antes de me casar com Francisco — Clara respondeu à pergunta, entre lágrimas que não me comoviam nem um pouco.

— Isso não tem graça, mãe.

— E me abandonou — completei. — Além de me fazer acreditar que ela estava morta.

Clara se levantou do sofá.

— Eu não fiz isso, Isabella. Nunca pedi para Raquel falar que eu havia morrido. Não sei por que ela fez isso.

O nome da minha tia em sua boca parecia errado, ainda mais quando tentava jogar a culpa da mentira em cima dela. Eu soltei uma risada forçada.

— Acho que você vai ter que me perdoar por não acreditar nisso, né?

— Isabella, eu tentei te procurar, tentei mandar dinheiro para vocês, mas a Raquel nunca me perdoou. Ela era orgulhosa demais, e eu...

Levantei a mão para que não falasse mais nada.

— Por favor, pode inventar a desculpa que quiser para quem for se importar. Eu não sou uma dessas pessoas. Não me interessa se está arrependida, ou seja lá o que aconteceu para você tomar a decisão de me contar. Eu não quero contato com você, nunca.

O som do helicóptero preencheu o lugar, e eu só queria sair de lá o mais rápido possível. Queria Alice e minha tia. Ela me explicaria aquilo direito. Puxei a mala e saí de lá, deixando para trás todas as explicações e os pedidos de desculpas que eu não queria ouvir.



CAPÍTULO 34

Isabella

Segurei firme nas mãos o cartão que estava com todo o dinheiro que fora transferido para a minha conta. Checara pelo celular logo que o avião pousara e nunca havia visto tantos zeros em um só lugar. Se meu orgulho fosse um pouco maior, não tocara naquilo para fazer nada além do necessário, que era pagar a cirurgia de tia Raquel e ajudar Alice com a guarda da filha. Porém, depois da humilhação que passara, eu só queria gastar cada centavo com coisas que me trariam um mínimo de felicidade.

Tinha alugado um quarto em um hotel de luxo e deixado minhas malas nele antes de ir confrontar minha tia. Precisava entender o que acontecera e por que ela nunca me contara a verdade, mas não estava pronta para voltar para casa, pelo menos não ainda.

Não queria acreditar que ela tivesse dedo naquilo, porém, durante todo o trajeto, só o que conseguia pensar era que não havia como ela não saber que a irmã estava viva.

Pensei até em ligar para casa e fazer tudo por telefone, mas eu precisava olhar em seus olhos, precisava ver como reagiria. Eu a conhecia melhor do que qualquer outra pessoa e saberia se estivesse mentindo para mim. Precisava saber.

Subi os degraus que davam para a porta devagar. Enfiei a chave na fechadura e girei. Alice estava na cozinha, lavando as louças, e, quando me viu, enxugou as mãos depressa no pano de prato e falou:

— Você voltou mais cedo. Tia, a Isabella voltou.

Ela se pendurou em meu pescoço, e eu a abracei de volta, segurando-me para não começar a chorar. Queria me encolher em seu colo e contar tudo que acontecera. Ela me entenderia. Se minha tia também estivesse metida naquilo, Alice seria a única pessoa que me sobraria, a única em quem eu poderia confiar.

Então ela me soltou do abraço e me olhou direito, percebendo que algo não estava certo.

— O que aconteceu?

Tia Raquel atravessou a divisória que separava o quarto da cozinha e sorriu para mim, vindo com dificuldade em minha direção, mas, quando estava prestes a me abraçar, eu dei um passo para trás, a impedindo de me alcançar.

— Por que você mentiu para mim?

Minha tia colocou as mãos na cintura.

— Porque eu estava com medo, minha filha. Você nunca gostou dele, e eu também não sabia o que estava acontecendo entre nós dois. Eu costumava odiar...

— Não é disso que estou falando.

Já a tinha desculpado por me esconder o relacionamento com Luiz fazia tempo, mas esquecera que não havíamos conversado sobre o assunto ainda. Para mim, estava perdido no fundo da memória.

— Do que você está falando, então?

— Minha mãe não está morta.

Ela cambaleou para trás, e Alice a segurou. Depois de se firmar no chão, tia Raquel voltou a olhar para mim:

— Quem te falou isso, Isabella?

— Minha mãe biológica. Ou, pelo menos, é o que ela diz ser.

— Como assim? — minha prima perguntou. — Você está falando sério?

Minha tia se soltou dos braços de Alice e caminhou até a pia, seguiu até a mesa e voltou para a pia, perambulando como se tentasse montar um quebra-cabeça que não tinha todas as peças.

— Eu... eu só fiz o que era melhor para você — ela falou.

— O que era melhor para mim? — Minha voz se elevou um pouco. Eu não acreditava no que estava ouvindo. — Melhor seria saber a verdade, para que eu pudesse escolher o que fazer com ela.

— Então você acha que seria melhor, para uma criança, crescer sabendo que foi abandonada? Que a mãe dela largou ela porque preferiu correr atrás de homem do que cuidar dela? Ela nem merecia ser chamada de “mãe”.

Não merecia mesmo, mas aquilo não dava a ninguém o direito de me esconder a verdade.

— Não era escolha sua para fazer — gritei, sem conseguir controlar meus nervos, que estavam à flor da pele. — Era minha escolha, sobre a minha vida, sobre a minha mãe.

— É fácil falar isso agora, que você já é adulta, mas, se esse sentimento aí dentro está te consumindo agora, imagina como seria quando era criança? Eu não queria que você crescesse com esse questionamento de que ela não te amava o suficiente, porque eu amava, eu estava aqui. E ela nunca olhou para trás.

Minha tia começou a chorar e, por um momento, me vi fraquejando. No entanto, se o que dizia fosse verdade, Clara havia mentido sobre ter me procurado e mandado dinheiro. As duas histórias não podiam coexistir.

— Ela falou que tentou me ver e você não deixou.

Minha tia avançou para cima de mim e apontou o dedo para o meu rosto.

— Ela tentou te ver, sim, mas te falou também que não voltou para te levar embora, porque ninguém podia saber sobre você? Falou que só veio aqui para te ver e depois ir embora para a família de verdade dela? Lógico que eu não deixaria ela chegar perto de você. E, pelo visto, sua mãe continua a mesma cobra manipuladora que sempre foi. Tenho pena da outra filha que ela teve!

Cecília veio em minha cabeça no mesmo instante. Ela podia ter muitos problemas com Clara, mas as duas tinham uma boa relação e se amavam — o amor que ela nunca tivera comigo —, mas eu não podia ficar pensando nisso ou iria me afundar. Então, fiz a última pergunta que estava engasgada:

— Por que você nunca aceitou o dinheiro que ela te ofereceu? Nós podíamos estar bem.

Tia Raquel virou as costas para mim. Caminhou até uma cadeira e se sentou.

— Se eu aceitasse o dinheiro, era a mesma coisa que falar que estava tudo bem ela te trocar por uma vida de luxo, e não estava tudo bem. Nunca

estive e nem nunca vai estar.

Eu não conseguia aceitar aquele orgulho, sabendo que, por pouco, não havíamos passado fome algumas vezes. As coisas estavam melhores do que antes, mas, logo no início da doença, eu ainda estudava. Tivemos dias bem ruins.

Deixei os ombros caírem e respirei fundo. Eu não queria mais discutir. Estava cansada e só queria uma cama para dormir.

Joguei o cartão em cima da mesa:

— Tá aí o dinheiro que precisa para a cirurgia.

— Ela te deu isso? — minha tia perguntou.

— Não, eu trabalhei para isso.

Mas eu não havia só trabalhado. Havia me apaixonado, me entregado, achado que a vida finalmente estava sendo boa comigo, até perceber a pegadinha e ver que estava era entregando minha alma por dinheiro.

Virei-me sem me despedir.

— Aonde você vai?

— Pra algum lugar onde as pessoas não mintam para mim e digam que é para me proteger, quando, na verdade, é só para proteger elas mesmas.

Alice veio atrás de mim, mas pedi para deixar a conversa para depois. Eu queria ir embora, e ela não iria comigo. Não queria ficar mais nem um segundo naquele lugar.



CAPÍTULO 35

Isabella

Abri o notebook e olhei para a cena que tinha acabado de escrever. No início, demorava quase um dia inteiro para escrever uma página, pois precisava ficar caçando cada uma das letras no teclado, mas parecia estar pegando o jeito.

Escutei uma batida à porta do quarto, e minha barriga roncou, faminta. Estava tão entretida com a escrita do livro que me esquecera de almoçar, mas, pelo menos, o hotel tinha um serviço de quarto impecável.

Sabia que deveria procurar um lugar para alugar e não ficar jogando dinheiro fora com as diárias ali, mas não conseguia juntar forças para sair. Desde que voltara da ilha e confrontara minha tia, não saía de lá para nada. Meus dias eram resumidos em acordar, tomar um banho, me enrolar no roupão fofinho e escrever até pegar no sono de novo. Não queria ver ninguém, só queria um tempo para ficar sozinha com meus pensamentos.

Colocar no papel toda a história que tinha vivido nos últimos meses estava me ajudando a lidar com os sentimentos confusos que me consumiam.

Abri a porta, mas, em vez da minha comida, era Alice.

Olhei para os lados e a puxei para dentro do quarto. Fechei a porta atrás dela.

— Eu falei para você não vir até aqui. Tem um monte de gente querendo saber onde eu estou.

Havia desligado o celular para não precisar escutá-lo tocar a cada cinco minutos. Alice era a única pessoa que tinha notícias do meu paradeiro. Eu ameaçara não lhe dar o dinheiro de que precisava para o processo, caso me dedurasse — o que tinha sido um tiro no pé, porque Henrique estava fazendo tudo para ela, sem cobrar nada. Os dois tinham se tornado amigos, e saber que minha prima estava ligada a alguém que fazia parte da vida de Matteo era muito estranho, mas eu não podia pedir que ela largasse aquilo para lá quando ele estava ajudando de bom grado. E, convenhamos, se eu tivesse seguido o que Henrique aconselhara, não estaria sofrendo. Eles podiam ser amigos, mas eram pessoas diferentes.

Alice riu de mim.

— Você está ficando paranoica, Isabella. Não tem ninguém me seguindo.
— Ela se sentou na cama e jogou o corpo para trás. — E nem é a polícia que está atrás de você, são só pessoas preocupadas, querendo saber se está bem.

— Se fossem mesmo preocupadas comigo, não teriam deixado a situação chegar aonde chegou.

Sentei de frente para ela, na poltrona que estava usando para escrever. Alice ergueu o corpo, apoiando-se nos cotovelos.

— Cecília e Verônica fazem parte desse pacote?

— O que tem elas?

Um frio preencheu meu estômago ao ouvir seus nomes. As duas haviam sido boas amigas, e eu senti um vazio tremendo ao perceber que, mais uma vez, perderia companhias de que eu gostava. Minha vida era feita de amizades passageiras. Após começar a trabalhar, todas as amigas que achava que seriam para sempre foram desaparecendo aos poucos, até se tornarem meras conhecidas. Elas queriam falar de garotos, beijos e festas. Eu tinha uma tia doente, contas para pagar e muito sono acumulado. Ninguém queria ser amiga da garota que não sabia se divertir. Ou, pelo menos, foi assim até Alice aparecer em minha vida.

— Elas apareceram lá na casa da tia Raquel, te procurando. Conversei um bom tempo com elas e, apesar de uma delas parecer uma patricinha e a outra, uma hippie endinheirada, são gente boa e pareciam estar sendo sinceras na preocupação. Falei para elas que não sabia onde você tinha se enfiado, mas...

Se eu queria me manter firme, era melhor que não tivéssemos contato. As duas podiam ter gostado de mim, mas ainda eram da família de Matteo. Não existia nenhuma forma de tê-las em minha vida sem que ele acabasse surgindo, em algum momento. Ele fizera algo horrível comigo, mas eu sabia que meu coração estava balançado com tudo que acontecera entre nós. E eu era trouxa demais para me manter com raiva por tanto tempo; por isso, era melhor ficar longe. Só a distância garantiria que eu não cairia novamente na armadilha que era seu corpo.

— Fez bem em não falar, mas podemos não conversar sobre isso? Ainda não estou pronta pra colocar pra fora. Foi pra isso que veio até aqui?

Ela negou.

— Vim porque precisava falar algo com você e queria sair de casa pra parar de pensar na Yasmin e todo o processo. Rodrigo é um filho da puta, e eu não sei como já consegui chamar aquele escroto do caralho de “amor da minha vida”. Como é possível que não enxerguei tudo isso antes?

— O coração deixa a gente burra, e eles sabem disfarçar bem para impressionar, mas o que o babaca fez agora?

— Ele fica jogando ela contra mim a todo momento. No último fim de semana, ela me disse que, quando o juiz perguntasse com quem ela queria morar, elaalaria que queria ficar só com o pai. — Alice voltou a se deitar na cama e colocou o antebraço sobre os olhos. — Ela tem cinco anos, Isabella. Ela não entende de juízes, tribunais e nem nada disso. Para me falar algo assim, é porque ele está colocando isso na cabecinha dela.

Levantei da poltrona, deitei-me ao seu lado e a abracei. Conseguia sentir a dor de suas palavras, como se sentisse sua filha escapando pelos dedos.

— Yasmin te ama. Ela é só uma criança e não tem esse ódio todo no coração. Conta isso para o Henrique e vê o que ele te aconselha a fazer. Talvez essas coisas ajudem no caso. Não é possível que o juiz vai optar por um cara como o Rodrigo, em vez da melhor mãe que ela pode ter. Você vai ter sua filha de volta.

Ela me abraçou e chorou como uma criança que precisava de colo. Vê-la assim me mostrava que, por mais forte que qualquer pessoa fosse, às vezes, tudo que precisávamos era de um abraço, para chorar até não termos mais lágrimas, arrancar a angústia que nos preenchia e recarregar as forças para a próxima pancada.

Quando ela se recuperou, respirou fundo:

— Obrigada. Acho que estava precisando disso, mas também não foi por isso que vim aqui.

— O que foi, então?

— Tia Raquel vai operar amanhã.

Respirei fundo e me levantei da cama. Não queria deixar meu coração mole ficar balançado.

— Eu sei.

— Ela quer te ver, Isa. — Alice se sentou. — Disse que está com uma sensação ruim e não quer entrar para a cirurgia sem falar com você primeiro. Não quer correr o risco de alguma coisa acontecer e ela não ter resolvido a briga de vocês.

Eu era a definição perfeita do ditado “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, e aquela havia sido apenas a primeira batida da água na pedra em que meu coração se transformara durante as últimas semanas. Ainda não fora o suficiente.

— Ela está fazendo drama. A cirurgia vai correr bem.

— Não tem como você saber.

Claro que eu não poderia afirmar. Toda cirurgia tinha seus riscos, mas ela sairia daquela e ainda iríamos brigar muito pelo que fizera.

— Eu não vou, Alice. Por favor, não insiste.

Minha prima concordou.

— Tudo bem — falou e levantou as mãos em sinal de rendição —, mas ela pediu para te entregar essa carta.

Olhei para o papel na mão dela e depois para o seu rosto.

— Você escreveu isso para ela?

Alice negou com a cabeça.

— Eu não sei o que tem aí. Ela escreveu sozinha. Estudou todos os dias desde que você viajou, Isa. Falou que seria uma surpresa para quando voltasse. Você é a primeira a receber uma carta escrita pelas mãos dela.

A segunda batida da água em meu coração fez uma lágrima escapar — uma lágrima de orgulho, mesmo com toda a raiva que sentia dela. Escrever sempre fora um sonho da pequena Raquel, que ainda habitava nela, e ela tinha conseguido.

Limpei rápido o rosto, mas não peguei a carta. Não consegui. Não estava pronta para ler o que quer que ela quisesse falar comigo. Queria sentir raiva por mais tempo e sabia que era bem provável que não conseguisse, se descobrisse o conteúdo.

Percebendo que eu não iria pegar, Alice pôs a carta em cima da mesa e me deixou sozinha no quarto, com um fantasma em forma de papel me assombrando.



CAPÍTULO 36

Isabella

Apaguei pela milésima vez o que estava escrito no computador e encarei o papel dobrado em cima da mesa. Não havia nem tocado nele. Minha tia ficaria bem, eu sabia disso. Não precisava me preocupar com ela. Em breve, Alice me ligaria para avisar que a cirurgia tinha sido um sucesso.

O celular tocou, e eu levei um susto, pegando-o com pressa e medo de algo ter acontecido, mas não foi o nome da minha prima que apareceu na tela, e sim o de Matteo. Fiquei encarando até parar de chamar, com o coração martelando dentro do peito. Ele não tinha tentado falar comigo, muito menos Clara, nem sequer uma vez. Por que estaria ligando agora?

Levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro, ignorando a ligação perdida e tentando acalmar o desespero que me batera ao pensar que fosse algo com minha tia. Eu não conseguiria seguir daquele jeito.

Peguei a carta e me sentei na cama. Minhas mãos tremiam quando desdobrei o papel e comecei a ler.

Minha Bella,

Eu to morreno de medo, eu não sentia isso desde o dia que sua mãe te procuro. Eu falei que era pra te protege, mas era pra me protege. Eu te amava tanto que o coração ficava doeno, eu achava que só isso tava bom pra você. Pra mim alguém que tinha deixado você pra trás sem pensa duas vezes nunca ia pode te cuida igual eu que te amava mais que tudo na minha vida. Me desculpa deixa você sem essas coisas que queria por conta disso. Eu achei que ia dá conta, que ia trabalha e coloca você nessas escola de ingles pra eu dize pra todo mundo que você ia pros Estados Unidos igual a filha da Ivone, mas ai eu fiquei ruim, você trabalho pra ajuda e isso nunca aconteceu. Você não sabe o tanto que eu to triste por percebe o tanto que tirei de você. Só quero que você encontre um pedacinho nesse coração pra me perdoa, a gente nunca ficou tanto tempo sem si fala e eu to com medo dessa cirurgia dá errado e eu não consegui escuta que você me perdoa.

Vo espera você. Te amo.

Obrigada por realiza meu sonho de le e escreve.

Enxuguei as lágrimas que haviam escapado, coloquei a primeira roupa que encontrei na frente e corri para o hospital, implorando ao meu Paizinho do céu que conseguisse vê-la antes da cirurgia.



O hospital não ficava muito longe do hotel em que eu estava, então achei que a melhor opção fosse ir andando. Só não contava com o sol de quase quarenta graus, mas não iria desistir tão fácil. Cinco minutos depois, entrei pelo

saguão e, para a minha surpresa, encontrei Francisco e Cecília sentados lá dentro. Ele estava sério e ela, com os olhos fechados e a cabeça deitada em seu ombro. Fiquei me perguntando por que eles estavam lá, mas minha curiosidade não era maior do que minha vontade de passar despercebida.

Virei-me para o lado contrário e passei rápido, torcendo para que não me vissem. Havia saído de casa com um único propósito e ainda não estava pronta para conversar com mais ninguém. Nem sabia se, um dia, estaria.

Perguntei sobre minha tia na recepção e corri até os elevadores para sair de lá o mais cedo possível. Olhei o horário no celular, torcendo para que a cirurgia tivesse atrasado um pouco, e não foi muito difícil encontrar o quarto dela ao sair no andar que haviam me informado, pois Alice estava do lado de fora, com os braços cruzados e olhando para cima.

Ela olhou para o meu lado, assim que a porta do elevador fechou atrás de mim, e ajustou a postura.

— Você veio.

— Por favor, fala que eu cheguei a tempo.

Alice mordeu o lábio inferior e negou com a cabeça.

— Eu sinto muito.

Deixei os ombros caírem e tentei controlar a dor que senti no peito. Se alguma coisa acontecesse, eu nunca iria me perdoar. Precisava que ela saísse bem da cirurgia. Segurei o escapulário em meu pescoço e implorei para que Deus não a tirasse de mim. Murmurei seu nome completo para que não tivesse dúvidas sobre quem eu me referia.

— Isabella.

Clara saiu do quarto, bem-vestida, como sempre, mas seus olhos estavam vermelhos e a maquiagem escorrera em alguns pontos.

— O que você está fazendo aqui? — As palavras pularam para fora da minha boca, antes que eu tivesse a oportunidade de pensar.

Ela não deveria estar lá. Era para ser um momento em família, e ela não fazia parte da família. Podia até dividir sangue comigo e com minha tia, mas nunca seria alguém para nós. Eu queria sentir raiva, culpá-la por várias coisas ruins que havíamos passado, mas nem para isso eu tinha forças mais. Só conseguia ter pena dela. Alguém que trocava a própria filha por um homem rico não fazia ideia do que era amor, e isso tia Raquel me dera em dobro.

— A gente pode conversar? — perguntou com a voz trêmula.

— Não. — Cruzei meus braços.

Virei-me de volta para o elevador e apertei várias vezes o botão, como se fosse fazer com que ele viesse mais rápido. Cogitei até descer correndo pelas escadas, só para sair o mais rápido possível dali, mas uma placa de aviso estava pendurada na porta, mandando usar os elevadores.

— Será que, algum dia, você vai conseguir me perdoar?

— Clara, por que você se importa com isso? Por que não continua vivendo a sua vida como se eu não existisse, da forma que fez desde que eu nasci?

Olhei para trás, à procura de Alice para me ajudar a fugir da mulher, mas ela havia desaparecido. Que bela amiga ela era. Apertei novamente o botão do elevador, que, para a minha eterna gratidão, parou no andar.

Entrei nele, mas Clara segurou a porta, impedindo que eu fosse embora.

— Eu nunca vivi fingindo que você não existia. — Ela tomou uma grande lufada de ar e olhou para o chão. — Eu só não podia ser sua mãe, Isabella.

Teria sido péssima nesse papel.

Quase ri da desculpa. Ela não podia ser minha mãe, mas Cecília, que tinha menos de dois anos de diferença para mim, já merecera um tratamento diferente. Será que isso tinha a ver com quem eram nossos pais? O meu devia ser só algum pobre ferrado, igual a ela, alguém cuja pensão não valia a pena em troca de criar a filha. Já Francisco era diferente, né? Alguém que podia comprar uma ilha, com certeza, valeria o investimento. Valeria até o perdão de uma traição, pelo que parecia.

— Nesse caso, muito obrigada por ter me abandonado. Você me fez um favor. Minha tia foi a melhor mãe que eu poderia pedir.

Ela tinha seus defeitos e estava longe de ser perfeita, mas sempre estivera lá. Tia Raquel nunca me deixaria.

— Eu sei disso.

— Você pode soltar o elevador, agora?

Clara olhou para os quatro cantos do elevador e deu um passo para dentro. Quase bufei de frustração, mas, pelo menos, quando chegássemos lá embaixo, eu teria como fugir.

Ela agarrou forte a bolsa e ficou observando a porta do elevador fechar. Então, começou a respirar de forma curta e rápida. Eu me encostei no canto mais distante dela e implorei para descer mais rápido.

— Eu não quero dar desculpas para o que fiz e respeito sua raiva. Só quero que você entenda que eu não estava em um bom momento e fiz o que achei que seria melhor para nós duas. Não vou mentir e dizer que foi só por você, porque não foi. Eu fui egoísta e machuquei você e minha irmã no processo.

— Clara — falei, esperando que olhasse para mim. — Foda-se. Eu não me importo. Continue sendo egoísta, eu não te quero na minha vida.

Ela balançou a cabeça e ficou calada. Seus dedos estavam apertando tanto a bolsa que as pontas começavam a ficar brancas. Quando fechou os olhos com força, começou a me assustar. Ainda mais por pensar que eu havia a deixado assim. Eu não era aquele tipo de pessoa, por que respondera daquele jeito? A culpa tomou caminhos por dentro de mim, então perguntei a primeira coisa que me veio à cabeça, só para que ela tivesse algo mais em que pensar:

— Quem é meu pai?

Seus olhos se abriram, mas, diferente do que eu imaginava, ela não voltou ao normal. Se encolheu no canto contrário do elevador e começou a falar:

— Por favor, por favor, não faz isso.

— Clara. — Tentei colocar a mão em seu ombro, para acalmá-la, mas ela gritou como se eu estivesse com uma faca prestes a enfiar nela.

— Não me toca, por favor. Eu não vou contar pra ninguém. Só me deixa ir.

Eu me afastei, e ela começou a bater a mão na porta, pedindo ajuda. Quando o elevador finalmente chegou ao saguão, foi ela quem saiu correndo. E eu fiquei um tempo parada, ali dentro, enquanto todas as pessoas em volta me encaravam com os olhos arregalados.

Ignorei todas elas e segui para a porta de saída. Clara estava com o rosto afundado na blusa de Francisco, e Cecília se virou assustada para mim, assim que eu coloquei os pés no lugar onde ficavam as cadeiras de espera.

— Eu juro que não fiz nada. Ela surtou dentro do elevador — falei para Cecília, tentando me explicar.

— Ela desceu de elevador? — Ela e Francisco perguntaram juntos.

Concordei com a cabeça. Me lembrava de terem comentado que ela tinha medo, mas não imaginava que pudesse ser tão apavorante. Senti-me um pouco mal por tê-la forçado a fazer aquilo para que eu a ouvisse.

— Ela não anda de elevador, Isabella, tipo, nunca — Cecília falou.

— As escadas estavam interditadas — expliquei.

Cecília balançou a cabeça, em negativa.

— Você não está entendendo. Ela não te contou a verdade, não é?

— Que verdade?

Clara se soltou do marido e chamou a atenção da filha.

— Cecília, não!

Ela olhou para a mãe e apontou em minha direção.

— Você quer mesmo que ela passe a vida te odiando?

— Ela saber não vai mudar o fato de que eu a abandonei. Essa culpa é minha.

— Não, mãe! — Cecília fez um gesto grande com o braço e quase bateu no senhor que passava ao seu lado. — Essa culpa é do desgraçado que abusou de você.

O tempo pareceu perder velocidade, enquanto as peças começavam a se encaixar. Clara me encarou, com os olhos cheios de água. Cecília tapou a boca com as mãos ao perceber o que havia feito, e Francisco agarrou mais forte os ombros da mulher.

Eu senti o chão se abrindo embaixo de mim. Então, tudo escureceu.



CAPÍTULO 37

Matteo

— Pelo jeito, ninguém se preparou para essa reunião. — Sentei na cadeira e encarei as quase vinte pessoas dentro da sala. — Saíam. Já que não vão me ajudar em nada, é melhor que eu tente encontrar a solução sozinho.

Com exceção de Henrique, que continuou a se balançar na cadeira, como se a empresa fosse um maldito parque de diversões para ele, todos os outros não pensaram duas vezes antes de acatar a ordem e quase se atropelaram para deixar o local.

— Você estava incluso quando mandei todos saírem.

Apontei para a porta, porém ele apenas deu de ombros e continuou ignorando a ordem.

— Quer ser demitido?

Ele parou de se balançar, colocou os braços sobre a mesa e apoiou o queixo nas mãos unidas.

— Se eu for demitido, quem vai tirar daí o pau que tá enfiado no teu cu? — Ele levantou da cadeira e se espreguiçou, fazendo tudo com a maior calma do

mundo, como se eu estivesse na sala apenas para assistir-lhe. — Se você pretende continuar a trabalhar desse jeito, pode ir se preparando para perder toda essa galera qualificada demais para o salário que você paga. Daqui a pouco, todos estarão procurando um lugar melhor e, posso te garantir, propostas não vão faltar para nenhum deles.

Eu deveria mesmo estar preocupado com aquilo, mas, quando percebia, as coisas já haviam saído da minha boca e não tinha mais como voltar atrás. Sempre fora uma pessoa paciente, porém toda a calma que habitava em mim desaparecera mais ou menos um ano antes. Achei que voltaria ao normal durante os dias na ilha, mas parecia que não.

— Se quiser ser o primeiro a procurar um lugar melhor, eu posso até te ajudar a redigir o currículo. Dou boas recomendações, mesmo você sendo um pé no meu saco.

Henrique riu e cruzou os braços.

— Eu gostaria de te ver tentar, já que você nunca precisou redigir nenhum para chegar aonde chegou.

Fechei as mãos em punhos e respirei fundo. Eu não queria que meu melhor amigo fosse a segunda pessoa em que eu bateria na vida, mas ele estava conseguindo me tirar do sério — algo que ficava cada dia mais fácil. Eu estava constantemente puto com o mundo, inclusive comigo mesmo. Não conseguia me perdoar pelo que fizera, ainda mais depois de descobrir as motivações de Clara para todo seu segredo. Sentia-me um completo babaca, em especial por ter feito aquilo para encontrar uma verdade que só servira para piorar tudo.

— Henrique, por favor, só vai embora. Não quero brigar com você.

— Até quando você vai ficar bancando o papel sofrido do homem traído pela esposa morta?

Olhei para ele e relaxei as mãos. Girei a cadeira até ficar de costas para meu amigo e encarei a janela, que mostrava um tempo bonito demais para um dia que estava sendo tão ruim.

— Não estou bancando nada, Henrique. Diferente do que você acha, só estou seguindo minha vida. Não tem nada que eu possa fazer agora.

Ele andou até parar em minha frente, tampando a vista, e se abaixou. Colocou as mãos nos braços da cadeira em que eu estava sentado e me encarou.

— Para de guardar toda essa merda aí dentro. — Ele cutucou meu peito com um dedo. — Grita comigo, quebra alguma coisa, porra, soca a cara do seu meio-irmão metido a cantor, que te meteu um chifre e ainda te deixou se sentir culpado pela morte dela durante todo esse tempo. Só reage de alguma forma, mas reage com as pessoas certas, não com quem rala a bunda, todo dia, pra sustentar a bosta da empresa que seu pai te deixou.

Fechei os olhos e respirei fundo. Eu odiava Henrique por tentar fazer com que eu voltasse à razão, porque eu não queria fazer nada daquilo, não queria me mover e correr o risco de piorar ainda mais as coisas. Não queria quebrar a cara de ninguém, apesar do que Arthur fizera. Por mais incrível que pudesse parecer, eu nem estava com raiva dele, só de mim. E, por azar, a minha cara não era algo que meu senso de autopreservação me deixaria quebrar. Por isso, acabava descontando em qualquer pessoa que estivesse próxima. Sabia bem que era uma babaquice tremenda, mas, quando me dava conta, já era tarde demais.

— Eu não sou esse tipo de pessoa. — Empurrei seus braços para longe da cadeira e me levantei. — Socar a cara dele não vai fazer com que doa menos a traição de Marina, gritar não vai mudar o fato de que eu perdi minha família nessa estupidez e quebrar alguma coisa não vai...

Deixei a frase morrer ao perceber para onde ela estava indo. Nada que eu fizesse faria Isabella me perdoar ou sofrer menos com o que eu fizera, e eu nem sabia se queria que ela cedesse. Eu não perdoaria, se a situação fosse contrária.

— Não vai fazer o quê, Matteo?

Neguei com a cabeça.

Não sabia se conseguiria voltar a confiar nas pessoas, depois de Marina. Eu era louco por ela, passara mais de um ano sofrendo e me culpando pela maneira como tudo tinha acabado entre nós, me culpara por não a ter obrigado a me escutar ou insistido para que ficasse em casa, mas ela já havia feito as próprias escolhas muito antes. Sua desconfiança e suas crises de ciúmes nunca tiveram a ver comigo ou, como sempre dizia, minha incapacidade de passar para ela a segurança de que precisava — vinham apenas dela. Ela escondia tudo tão bem de mim que achava que eu tinha a mesma habilidade, quando eu nunca nem quisera estar com outra pessoa além dela.

Era engraçado pensar que me culpava ao admirar alguma mulher bonita, como se isso já fosse o fim do mundo, um desrespeito sem tamanho, mas ela estava fazendo mil vezes pior.

— Você devia procurar por ela.

Henrique não precisou falar o nome para eu saber a quem se referia.

— Ela deixou bem claro que não quer me ver nunca mais — respondi, mesmo que tudo que eu mais quisesse fosse ignorar o pedido. Tínhamos passado tão pouco tempo juntos, mas fora tão intenso que eu sentia mais do que uma simples atração. Até mesmo Thomas não parava de me perguntar quando ela iria lá em casa. Eu nunca deveria ter colocado meu filho no meio daquilo, só para tirar dele mais uma pessoa.

— Claro! Você tinha acabado de levar a garota pra cama, e ela descobriu que você só a estava usando o tempo todo.

— Você sabe que não foi assim.

Senti as palavras falsas saindo da minha boca. No momento, não havia sido mesmo, mas o olhar que ela me lançara antes de deixar a ilha ainda fazia com que eu sentisse que fora exatamente aquilo.

— Então, como foi, Matteo? Por que você levou a garota para a cama, mesmo sabendo o que poderia acontecer quando alguém descobrisse?

Não tive uma resposta boa o suficiente para dar a ele. Não sabia explicar por que tinha feito o que fiz, sabendo de todas as consequências. Eu apenas tinha sido burro o bastante para acreditar que talvez as coisas pudessem ser diferentes, que o segredo estaria seguro e nunca a atingiria.

— Você queria a mulher, independente de que a verdade fosse aparecer ou não. — Henrique quebrou o silêncio. — Você nunca foi o tipo de cara que sai por aí pegando qualquer uma que aparece pela frente, ficou mais de um ano sem sexo por conta disso. Eu te conheço quase a vida inteira, Matteo, conheço seu padrão. Sexo pra você nunca foi apenas uma foda. Você é romântico demais até para o tesão momentâneo dos meros mortais, que fazem loucuras

por uma boa transa. Você só se envolve sexualmente com alguém quando existe algum sentimento.

— Não seja ridículo, Henrique. Conheci ela ontem.

Nem eu sabia se acreditava no que dizia, porque, se não existia sentimento, por que não estava sendo mais fácil ficar longe dela e aceitar que não a teria nunca mais?

— Eu não acredito no que vou dizer agora, mas vamos lá. — Ele tomou uma longa respiração e colocou as mãos na cintura. — Não existe tempo para se apaixonar. Não é um botão que você liga e desliga a hora que quiser, você apenas sente. Não era você que falava que tinha se apaixonado por Marina à primeira vista?

Ele usara mesmo aquilo como exemplo? Depois de tudo que eu tinha descoberto sobre ela, era o pior exemplo de todos. Foi tão ruim que não consegui evitar uma risada.

— A mesma mulher que estava me traindo desde o início do nosso relacionamento? Parece que meus sentimentos não são tão bons em avaliar as pessoas.

Descobrir a traição de Marina era a situação mais conflitante que eu já tinha enfrentado. Eu queria odiá-la, mas sua ausência fazia com que eu sentisse um enorme eco de uma briga que nunca poderia ter. De perguntas para as quais eu nunca teria resposta. Nunca conseguiria perguntar a ela “por quê?”. Era tudo que eu queria saber. Ela poderia ter terminado comigo, dizendo que o sentimento não era mais recíproco, mas, em vez disso, preferira me enganar.

— Você está com medo de passar pela mesma coisa e, por isso, não vai atrás da Isabella, não é mesmo? — Henrique sentou-se e puxou a cadeira ao

lado para que eu fizesse a mesma coisa. — As pessoas não são iguais, Matteo. Eu não posso te prometer que você nunca mais vai passar por isso, porque o mundo é cheio de gente filha da puta, mas se trancar para tudo só por conta de uma experiência ruim não vai tornar a tua vida melhor. Você não deve depositar isso nas costas de ninguém. Qualquer um pode te trair, inclusive eu.

— Você está querendo confessar alguma coisa?

— O que estou querendo dizer é que você não deve esperar que nunca será traído. Você deve se preparar e ser capaz de lidar com isso, caso aconteça.

Suas palavras vieram como um soco no meu estômago. Meu amigo parecia ser muito melhor resolvido emocionalmente do que eu, para ver tudo com tanta facilidade. Na prática, parecia bem fácil, mas, quando sentimentos estavam envolvidos, era mais difícil pensar com tanta lógica. Era fácil acreditar que a pessoa retribuiria sua entrega na mesma intensidade. Apesar de fazer total sentido, olhei para ele e coloquei a mão em seu ombro.

— Diz o cara que nunca teve um relacionamento sério.

Ele me lançou um dos sorrisos que usava na maioria das vezes com mulheres e respondeu:

— Olha bem pra mim, Matteo. — Fez um sinal com a mão, mostrando o próprio corpo. — Eu não posso cometer a injustiça de guardar tudo isso aqui pra uma mulher só. Seria cruel.

Foi impossível conter a gargalhada. Como nós dois acabáramos nos tornando amigos, com personalidades tão diferentes, era algo que eu nunca iria entender. Enquanto eu era do time pipoca e Netflix, ele achava uma blasfêmia ficar em casa numa sexta-feira à noite.

— Vai atrás dela.

Meu pulso disparou. Era tudo que eu mais queria, porém lembrei por que ainda não a havia procurado.

— A terapeuta recomendou que eu ficasse um tempo sozinho. — Dei de ombros. — Falou que tudo isso aconteceu porque eu tinha uma dependência emocional muito grande na Marina, que eu tenho que aprender a andar com minhas próprias pernas, antes de me envolver com outra pessoa.

Henrique abriu um sorriso largo e apertou meu ombro.

— Olha ele falando sobre a terapia sem nenhuma vergonha. Eu tô emocionado.

— Não enche. — Estapeei a mão dele para longe de mim.

Meu celular apitou, e o nome de Verônica apareceu na tela. Ela estava me atualizando sobre Isabella e a cirurgia de Raquel. Eu sabia que não poderia ir até lá, se não quisesse ser expulso a pauladas, mas precisava de notícias — saber que eu talvez não tivesse ferrado tanto assim as coisas e que, pelo menos, garantiria uma vida melhor para a tia dela, como ela queria antes.

Tinha tentado falar com Isabella mais cedo, mas minha chamada havia tocado até cair na caixa postal. Só não admitiria o que fizera para Henrique. Assim como não admitiria que ele e minha irmã estavam certos sobre eu precisar de terapia. Mas, se não houvesse conseguido uma sessão depois da primeira noite com Isabella, provavelmente eu teria tido uma grande crise de pânico.



CAPÍTULO 38

Isabella

Tentei abrir os olhos, mas a luz forte no teto me impediu. Eu estava deitada, e alguém segurava minhas mãos. Forcei os pensamentos para minha última lembrança, tentando descobrir onde eu estava. Não me lembrava de ter ido dormir.

Testei os olhos novamente e enfim consegui abrir uma frestinha. Aos poucos, o quarto de hospital foi tomando forma à minha volta, assim como as duas pessoas que seguravam minhas mãos e uma terceira, que me olhava apreensiva do pé da cama.

— Graças a Deus! — Verônica foi a primeira a falar.

— Desculpa ter soltado aquilo daquele jeito — Cecília disse quando virei meu olhar em sua direção. — Eu só... Merda, nem sei o que me passou pela cabeça. Só queria ajudar minha mãe... nossa mãe a mostrar pra você que ela não é uma pessoa tão ruim quanto você estava achando.

Percebi o olhar carinhoso que Clara lançou para a filha. Diferente do que Cecília havia falado, ela nunca seria nossa mãe — era mãe dela, de Arthur,

Verônica, Matteo e mais qualquer pessoa de quem decidisse cuidar, mas não minha. Mesmo que eu superasse tudo, ela sempre seria apenas a pessoa que havia me gerado. A palavra “mãe” carregava um significado muito maior do que uma simples questão biológica e, para mim, já existia outra pessoa que ocupava a posição. Alguém que eu pularia na frente de uma bala para defender, assim como ela faria comigo.

Clara perguntou se poderia conversar comigo a sós, e minha primeira intenção foi dizer que não. Eu tinha medo do que ela poderia me contar, não queria saber a história completa. No caso, a ignorância parecia mesmo ser uma bênção. Eu poderia ter vivido uma vida completa e feliz sem aquela informação.

Porém, indo contra todas as minhas vontades, sinalizei que sim com a cabeça, mesmo que meu corpo negasse ao segurar firme as mãos das minhas amigas. Verônica, ao perceber, perguntou se eu tinha certeza. E, da segunda vez, falei que sim e libertei-as. Elas deixaram o quarto, e Clara fechou a porta atrás de si.

— Eu não pretendia te contar isso, Isabella. — Ela se aproximou da maca, ficando ao meu lado. — Conte para eles porque, se não soubessem a verdade, nunca me perdoariam por ter te abandonado. Não que isso seja desculpa...

— Não é? — perguntei. — Eu mesma estou com nojo de mim. Saber que nas minhas veias corre o sangue de alguém que fez isso com você.

Ela apertou os olhos com força e balançou a cabeça. Quando abriu novamente, eles estavam vermelhos, assim como a ponta de seu nariz.

— Por favor, não fala assim. Você não tem nenhuma culpa do que ele fez, e eu demorei muitos anos para entender que eu também não tinha.

Segurei sua mão e sorri para ela, encontrando forças que eu nem sabia ter para fazer isso. Eu não queria chorar, mas vê-la tão fragilizada, depois de ter conhecido a leoa que era Clara, lá na ilha, era estranho.

— Diz para mim que você ao menos o denunciou?

Ela negou assim que uma lágrima escapou de seus olhos.

— Eu era uma menina, faxineira, vinda da comunidade, e ele era dono de um hotel. Em quem você acha que as pessoas acreditariam? Naquela época, era ainda mais difícil do que hoje para provar essas coisas. Então, eu parei de ir trabalhar, porque, sempre que tentava entrar no hotel, tinha ataques de pânico. Comecei a beber para tentar me desligar das lembranças, mas os meses foram passando, e eu percebi que aquela noite nunca ficaria no passado, pois tinha uma criança dele crescendo dentro de mim...

— Eu não quero saber o resto, por favor.

Clara acariciou minha mão e fungou, olhando para baixo.

— Eu só não podia ser sua mãe.

Senti as lágrimas dela pingarem em mim e não consegui mais controlar as minhas. Agora eu entendia o porquê de ela ter falado aquilo, mais cedo. Não havia sido uma simples escolha a de me trocar pelo milionário; a escolha fora entre mim e sua saúde mental. Como alguém poderia exigir que uma mulher cuidasse de um bebê que viera ao mundo de forma tão brutal? Claro que eu não tinha culpa de nada, mas ela também não tinha e, mesmo assim, fora obrigada a me carregar no ventre por nove meses.

— Tia Raquel achava que você tinha que me criar, mesmo com tudo isso? Por isso brigaram?

— Nunca contei isso a ninguém, Isabella. Eu tinha vergonha, achava que, se não tivesse o cumprimentado com um sorriso ou se talvez estivesse com uma roupa mais comportada, nada teria acontecido. Se falasse qualquer coisa, eu sairia como a funcionária que seduziu o patrão rico para dar o golpe da barriga. Raquel achou, por todos esses anos, que eu te abandonei para curtir a vida, por isso me odiava.

— Não odeia mais?

Clara me deu um sorriso fraco.

— Acho que estamos no caminho para a paz, mas ainda existem muitas mágoas.

Mesmo comigo falando que ela não precisava se explicar, Clara pediu que eu ouvisse toda a história. Contou sobre não conseguir se conectar comigo, sobre se sentir uma péssima mãe e como achava que ir embora seria a melhor coisa que poderia fazer por mim. Depois falou sobre como Francisco a fazia se sentir segura da maneira que ela queria ser amada e tocada, como estava cansada de sentir culpa.

Quase dois anos depois, ao descobrir a segunda gravidez, mesmo com todos os cuidados necessários, ela entrara em pânico, certa de que nunca conseguiria ser mãe, porém fora diferente com Cecília. Ela se sentira ainda mais culpada quando a conexão com a segunda filha fora instantânea e, então, havia me procurado. Queria tentar de novo, mas tia Raquel a proibira de me ver. E ela acabara aceitando a situação pelo medo que tinha de enfrentar a verdade.

Por fim, Clara chorou e pediu desculpas.

Eu não poderia dizer que era fácil ouvir que minha própria mãe não conseguia me amar, mas sua dor era palpável, a decisão de me deixar ainda a

atormetava e, mesmo que fosse difícil aceitar uma rejeição, lá no fundo, eu sabia que ela nunca teria conseguido ser uma mãe para mim. Não como minha tia fora, não como ela era para Cecília.

— Eu sinto muito pelo que passou e por como tudo isso aconteceu. Matteo foi um belo filho da puta de tentar te chantagear com isso.

Ela ficou em silêncio e acariciou meus cabelos, fazendo um cafuné. Era estranho sentir seu toque em mim, em uma intimidade que ainda não tínhamos, mas, depois do que ela acabara de confessar, não pude me afastar. Não conseguia parar de pensar que, em vez de ter me abandonado, ela poderia nunca ter me deixado ver a luz do dia, mas passara por todo o inferno que devia ter sido a gravidez, e eu havia nascido.

— Matteo estava num momento terrível e fez uma péssima escolha — falou com a voz calma —, mas ele não é uma pessoa ruim. Mesmo que eu ainda esteja dando um gelo nele, assim como fiz com Arthur, sei que ele está muito arrependido, principalmente por você, Isabella. Eu não via meu menino tão leve e feliz fazia um bom tempo. Ele estava gostando de verdade de você.

Forcei um sorriso no rosto, incerta sobre como responder. Ela não fazia ideia de que nada havia sido real. Tudo fora apenas parte do plano delicado dele, mas eu não poderia contar os detalhes sem revelar as informações do contrato.

Saber que nada fora de verdade me doía, porque, na noite em que nos perdêramos um no outro, olhando em seus olhos, pensava ter visto algo mais, mas qualquer coisa daquele nível que eu enxergara tinha sido uma grande invenção da minha cabeça. Se o que ele sentisse fosse próximo do que eu

sentia, não teria me deixado ir tão fácil. Porém não era como se eu quisesse que ele houvesse tentado algo.

Meu Deus! Como pode ser tão confuso tudo que sinto em relação a esse homem?

Um médico nos interrompeu e perguntou quem era a acompanhante de Raquel. Sentei-me na cama e respondi que era eu.

Ele não estava com uma cara muito boa, e meus pensamentos aceleraram em direção a todas as possibilidades ruins. Ele precisava me dar uma boa notícia. Eu não tinha conseguido conversar com ela antes, não podia perdê-la sem que ela ouvisse tudo que precisava ouvir de mim.

— Você está bem? — perguntou o médico. — Acho melhor você se deitar novamente.

Por que ele estava me mandando deitar? Ele iria me dar uma notícia ruim, era a única explicação. Devia estar com medo de me contar e eu cair para o lado.

— Ela morreu? — Minha voz saiu quase inaudível, mas pareciam me faltar forças no corpo inteiro. Todas haviam ido direto para o meu coração, que estava quase quebrando minhas costelas de tão forte que batia.

Por favor, Paizinho, não tira ela de mim, ainda não.

Pareceram se passar anos até ele me responder, como se sua voz nunca fosse chegar aos meus ouvidos.

— Não, ela está estável.

Estável. Eu não gostava da palavra. Não significava que ela estava bem, nem que iria ficar, apenas que não corria um risco iminente, por ora, mas poderia correr no segundo seguinte.

— Por favor, doutor, eu não posso ficar sem ela.

Senti as lágrimas começarem a vir até meus olhos, e Clara segurou firme minha mão.

— Nós tivemos uma pequena complicação na cirurgia, mas conseguimos estabilizar. Só vim avisar que demorará um pouco mais que o previsto.

Apenas concordei com a cabeça, porque não sabia se minha voz sairia. Havia passado vinte e dois anos sem perder uma única pessoa importante. A primeira não poderia ser ela. Só de imaginar aquilo acontecendo, a dor começava a partir meu coração ao meio. Era como se alguém tivesse cravado as unhas nele e o esticasse para rasgá-lo.

— Ela vai ficar bem — Clara disse quando o médico se foi, mas eu conseguia ver em seu semblante que estava tão preocupada quanto eu. Só queria me acalmar.

As lágrimas começaram a escapar de meus olhos, e Clara me abraçou. Deixei-me ser envolvida, porque, ali, aquilo era tudo que eu queria: alguém para me segurar e falar que tudo iria ficar bem, até as coisas ficarem bem de verdade.

Eu não conseguia e nem queria me imaginar num mundo onde eu não teria minha tia, sempre que precisasse. A culpa do alívio que havia sentido na viagem veio como um soco na boca do estômago. Eu daria tudo para ter estado com ela, para ter segurado sua mão e enfrentado mais uma crise juntas, a última delas. Doía tudo de pensar que a briga poderia se tornar nosso último encontro, que ela poderia partir sem nunca saber que eu a perdoava, que nem tinha conseguido guardar a mágoa por muito tempo.

Se existia uma sensação pior do que ficar esperando notícias para saber se alguém que você amava viveria um dia a mais ou não, eu desconhecia. Era como carregar toda a tensão do mundo nas costas. Não soube quanto tempo passamos abraçadas, mas devia ter sido bastante, porque, quando Clara me soltou, o sol já não brilhava mais do lado de fora.

Não demorou muito para as pessoas começarem a se amontoar no quarto. Eu já tinha deixado a cama para tia Raquel quando voltasse e estava sentada no sofá, com Alice de um lado e Verônica de outro. Alice deitava a cabeça no meu ombro e parecia tentar ser firme por mim, mesmo que também estivesse morrendo aos poucos por dentro.

Já Clara não disfarçava mais a preocupação, agora que havia outras pessoas para me apoiar. Estava abraçada com Cecília, que acariciava seu braço e dizia em seu ouvido coisas que eu não conseguia escutar.

Até mesmo Luiz estava lá, andando de um lado para o outro. Minha tia nunca me apresentara um namorado; chegava a ser estranho imaginá-la como uma pessoa normal, que também tinha aquele tipo de necessidade. Às vezes, era fácil esquecer que ela era apenas humana e estava suscetível a se apaixonar.

No início, eu havia ficado com ciúmes, um medo esquisito. Achava que poderia ser trocada por ele, mas não era nada daquilo. Eram amores diferentes, assim como o que eu tinha sentido por Matteo, e esperava que Luiz desse a ela o mesmo frio na barriga que meu namorado de mentirinha me dera.

Droga. Por que eu estava pensando nele? Por que meu coração não podia passar a odiá-lo, como eu queria? Por que Clara precisava ter falado aquelas

coisas sobre ele não ser uma pessoa ruim? Por que pensar nele tinha que mexer tanto comigo?

Ele havia falado que nossa noite seria tudo, menos esquecível. E, bom, ele estava certo. Não existia noite em que eu não fosse dormir pensando em como seria repetir tudo, de novo e de novo.

Escutei o barulho de uma maca saindo do elevador, e todos se ajeitaram de olho na porta, esperando que finalmente fosse ela. Quando entraram no quarto foi como se todo o peso do mundo tivesse sido tirado de meus ombros, e eu desabei. Eles a colocaram na cama e passaram algumas recomendações, que não ouvi.

Fui até ela e a beijei. Seus olhos se abriram, e ela sorriu para mim.

Ninguém mais se aproximou. Todos sabiam que eu precisava chegar até ela primeiro.

— Mãe, me perdoa — falei, pegando sua mão e plantando um beijo na palma. — Eu amei cada segundo da vida que você me deu, não importam as dificuldades que passamos. Minha vida não seria minha vida se não tivesse você nela. Não queria ter crescido de nenhuma outra forma. Eu te amo. Muito.

Queria abraçá-la, mas tive medo de machucá-la.

Ela acariciou meu rosto com a mão que eu segurava junto de mim e falou:

— Minha boca tá com gosto de pum.

Comecei a rir e, logo, todo mundo no quarto me acompanhou. Ela ainda estava chapada da anestesia e provavelmente nem se lembraria do que eu falara, mas eu não me importaria de ter que repetir mais cem vezes. Repetiria todos os dias, se ela quisesse.

Quando todos foram embora, um entregador foi até o quarto e me deixou uma rosa. Achei que era para a minha tia, mas ele falou “Isabella”. Meu coração errou uma batida quando abri o pequeno cartão que a acompanhava. Lá estava escrito:

Eu não queria te abraçar agora, muito menos dizer que estou feliz por vocês terem se acertado. – Matteo

E lá estava a primeira água batendo em meu coração. Porém me forcei a conter o sorriso, porque ainda não estava pronta para perdoar. Precisava ser um pouquinho mais firme nas minhas decisões.



CAPÍTULO 39

Matteo

— No endereço de sempre? — perguntou a moça da floricultura, que já era quase uma amiga íntima, de tanto que eu vinha frequentando o lugar, e eu confirmei.

Fazia quase um mês que mandava, todos os dias, uma rosa com um bilhete para Isabella. Nenhum deles continha meu pedido de desculpas, pois isso só aconteceria se, algum dia, ela me permitisse oferecê-lo pessoalmente. Por enquanto, continuava me ignorando, mas o menino que fazia as entregas confessara que ela sempre ficava feliz quando ele chegava e, um dia, a vira guardar a mensagem em um potinho. Só a confirmação de que ela não estava jogando tudo no lixo já era um bom sinal.

Estava quase na hora de pegar meu filho no colégio e não queria me atrasar. Tinha prometido que o levaria para comer a pizza que vinha me pedindo por algumas semanas.

Entrei no carro, mas, antes de sair da vaga, meu celular começou a tocar. Era um número desconhecido, que pensei em ignorar, mas acabei atendendo.

Era da escola de Thomas e, naquele momento, senti o mundo abrir sob meus pés.



— Matteo — alguém me chamou.

Virei para procurar a dona da voz e dei de cara com Isabella. Eu já sabia que era ela antes de olhar, mas, de alguma forma, meu cérebro parecia não conseguir assimilar nada. Tudo estava fora do lugar, desconexo. Tentava colocar os pensamentos em ordem, me recompor, mas não conseguia.

Ela estava com o sorriso lindo de sempre no rosto, mas sumiu quando a olhei.

— O que aconteceu? — ela perguntou. — Você está bem?

Ela se aproximou, e eu neguei.

— Thomas. — Foi tudo que eu consegui falar.

— O que aconteceu com ele, Matteo? — Sua voz soou tremula.

— Eu não sei. — Coloquei as mãos na bancada da recepção e olhei para o lugar em que a atendente havia entrado, logo após eu perguntar sobre ele. — Ele caiu de algum brinquedo no parquinho do colégio e se machucou grave o suficiente para precisar vir às pressas para o hospital.

Estava tentando manter os pensamentos positivos, mas minha cabeça não permitia. Quanto mais tempo passava, mais eu tinha certeza de que perderia meu filho.

Isabella colocou a mão em cima da minha e piscou os olhos, que lacrimejavam.

— Thomas vai ficar bem, precisa ficar bem!

Respirei fundo e a encarei, sem saber se podia acreditar em sua promessa.

Meu filho estava em algum lugar, no hospital, e eu não sabia onde encontrá-lo. A mulher na recepção falou que verificaria, mas pareciam ter passado horas desde que me pedira para aguardar. A professora que o acompanhara não atendia às ligações, e minha cabeça não conseguia parar de pensar que ela não estava atendendo porque não queria me dar a notícia de que algo ruim acontecera.

Eles haviam falado que ele estava desacordado e tinha um corte em algum lugar que eu já não lembrava. Caíra de um dos escorregas de alguma forma que ninguém soubera me explicar, tampouco me importava. Só queria que alguém falasse que ele estava bem. Na verdade, só queria segurá-lo em meus braços e não deixar que saísse deles nunca mais.

A recepcionista voltou, nos deu algumas direções, e fomos por onde indicou. A cada passo que eu dava, minhas pernas ficavam mais e mais pesadas, como se para me impedir de chegar aonde deveria, como se estivessem cientes do que aconteceria e não quisessem presenciar aquilo.

A mão de Isabella estava entrelaçada na minha, e era ela quem me forçava a continuar. A todo momento, falava que ele ficaria bem. Não sabia se queria convencer a mim ou a si mesma.

Quando estávamos chegando ao lugar que nos informaram, reconheci a professora chorando ao lado da porta. Engoli em seco e apertei mais forte a mão de Isabella. Aquilo não podia estar acontecendo novamente; eu poderia

suportar muita coisa na vida, mas perder meu filho não era uma delas. Não estava pronto para ouvir nada que não fosse positivo sobre o estado dele.

Escutei um grito vindo do quarto e soube que era de Thomas. Eu reconheceria sua voz em qualquer lugar. Soltei a mão de Isabella e corri até lá, mas a porta estava fechada. A professora falou que haviam pedido para ninguém entrar, porém eu não deixaria meu filho sozinho e com medo, no meio de pessoas que nem conhecia.

Entrei e vi meu menino deitado na maca coberta de sangue. Seus olhos estavam fechados, e ele parecia desacordado, mas eu poderia jurar que o grito viera de lá. Era sinal de que ainda estava vivo, eu sabia que sim, mesmo que no momento não parecesse.

— Thomas — chamei, e a equipe que o atendia se virou para mim, logo antes de o médico pedir que me tirassem de lá.

Um enfermeiro me acompanhou para fora e fechou a porta novamente, mesmo depois de eu explicar que Thomas ficaria com medo se acordasse sozinho, que ele precisava de mim.

Apoiei as mãos nas coxas e abaixei a cabeça. A náusea começava a tomar meu estômago.

Isabella acariciou minhas costas. Olhei para ela e falei:

— Eu não consigo, Isabella, não posso perder meu filho.

Ela me puxou para cima e me abraçou. Não apenas um abraço para acalmar alguém, mas um abraço forte o suficiente para não me deixar despedaçar, para me manter inteiro, pois era aquilo que Thomas precisava de mim.

O cheiro dela me invadiu, tão bom quanto me lembrava. Imaginara tantas vezes como seria tê-la de volta em meus braços, mas não queria que fosse assim. Porém, quanto mais tempo ficávamos abraçados, mais eu percebia que a queria em minha vida, em meus dias, nos melhores e até mesmo nos piores.

Quando o médico saiu, perguntando quem eram os pais do menino, voltei a segurar a mão de Isabella e me apresentei.

— Ele sofreu um corte na artéria umeral, mas o colégio fez o procedimento correto, e nós conseguimos controlar o sangramento. O problema é que ele perdeu muito sangue, e precisamos fazer uma transfusão com urgência...

— E por que isso já não está sendo feito? — perguntei, indignado.

— Seu filho tem uma condição genética raríssima. O Rh do sangue dele é nulo. Essa condição é conhecida como sangue dourado, e, infelizmente, não temos esse tipo sanguíneo aqui. Precisamos encontrar alguém que possa fazer essa doação. Você ou sua esposa sabem se possuem esse mesmo sangue?

Neguei com a cabeça e busquei na memória o dia em que Marina fizera o teste do pezinho nele. Eu me lembrava de ter brincado com a situação, perguntando qual sangue fora mais forte, o meu ou o dela, e ela respondera: “Ele tem o sangue do papai”.

Eu não tinha nenhuma condição genética rara. Era doador universal, mais comum impossível.

Aquilo não podia estar acontecendo. Tive que firmar as mãos na parede para não ser tomado por inteiro pela mesma vertigem que me cegou por alguns segundos.

— Matteo? — Isabella me segurou.

— Eu conheço uma pessoa com esse tipo sanguíneo — falei.

Meu corpo inteiro começou a tremer, como se eu estivesse com frio, enquanto eu juntava todas as peças.

— Quem?

Olhei para Isabella, que parecia já saber a resposta.

— Arthur.

Não tive tempo de deixar aquilo me abalar. Eu podia odiá-lo, mas tudo que me importava ali era Thomas. Não pensei duas vezes antes de ligar e implorar que Arthur fosse até lá.

Ele chegou ao hospital em menos de uma hora, tinha vindo voando. Não me olhou ao entrar, nem depois de doar o sangue, muito menos ao sair — o que para mim foi ótimo, porque não tinha forças para confrontá-lo. Não queria a confirmação de nada. Não queria a verdade. Só precisava que Thomas ficasse bem.

Se eu sentira uma faca ser enfiada em meu peito ao descobrir sobre a traição de Marina, agora eu tinha dez, vinte, cem delas rasgando cada pedaço de mim.

Depois de Thomas receber o sangue, o médico finalmente nos liberou para vê-lo. Ele estava pálido e parecendo pequeno demais, mas sorriu quando entrei pela porta, e eu soube que não importava o que o sangue dele dizia. Thomas era meu filho.

— Papai — ele falou com a vozinha fraca. Estivera medicado para dormir e tinha acabado de acordar, ainda um pouco grogue. — Por que você tá chorando?

Passei a mão em meu rosto. Não tinha percebido que estava, mas as lágrimas não eram de tristeza, eram pura e simples gratidão por saber que ele

ficaria bem.

Fui até o seu lado na maca e o abracei, beijando-o até que reclamasse. Quando o soltei, ele percebeu Isabella parada à porta do quarto e ficou ainda mais animado. Ela se juntou a nós, e ele narrou toda sua aventura. Não demorou muito para minha família inteira lotar o espaço e encher Thomas de presentes. Ele estava achando um máximo toda atenção.

Isabella falou que precisava ir embora, que havia ido até lá para buscar alguns exames da mãe, e ela já devia estar louca à sua espera. Eu a acompanhei apenas até a porta do hospital. Thomas teria que passar a noite em observação, por conta do desmaio, mas os médicos me deixaram bem tranquilo após a tomografia. Então, aproveitei que ele estava cercado de pessoas para tomar um ar e conseguir assimilar o que tinha descoberto.

Não queria nem pensar no quanto fora burro. Estava na minha cara o tempo todo. Thomas não se parecia em nada comigo, era uma cópia escarrada de Arthur, mas, para mim, era apenas a genética de Marina. Fazia sentido, já que os dois eram primos e todos eles, bem parecidos.

— Você está bem? — Isabella perguntou quando chegamos à saída do hospital.

Falei que sim, porque já era costumeiro fingir. Porém, de alguma forma, no pouco tempo que tivéramos juntos, ela aprendera a me ler e sabia que nada estava bem. Assim que me abraçou, eu respirei fundo para me segurar, mas não fui forte o suficiente. Estava me sentindo sozinho. Thomas sempre seria meu filho, mas, mesmo que nada mudasse entre nós dois, sentia como se pudesse perdê-lo a qualquer momento, como se agora eu precisasse lutar mais ainda para provar que ele era meu.

A cena da primeira vez que o segurara me preencheu. Seu rostinho estava inchado e vermelho. Antes dele, eu sempre dizia que toda criança nascia feia, mas, ao colocar os olhos em meu filho pela primeira vez, eu o achara a coisinha mais perfeita do mundo. Jurara que nada na minha vida seria mais importante do que ele.

— Thomas é meu filho — falei quase em um sussurro.

Isabella me afastou e segurou pelos ombros.

— Sim, ele é. E não deixe ninguém te falar o contrário.

Eu não tinha contado para ninguém ainda, e Arthur tampouco ficara para dar com a língua nos dentes.

— Obrigado por ter me acompanhado.

— Eu amo aquele garoto também, Matteo. — Ela me deu um sorriso triste, e seus olhos se encheram.

Limpei em sua bochecha a lágrima que escorreu.

— Será que, um dia, você vai conseguir me perdoar?

— Não sei.

Concordei com a cabeça e a puxei para outro abraço. Queria aproveitar qualquer coisa que estivesse disposta a me dar e, se meus braços ao redor dela fossem tudo que pudesse oferecer, eu aceitaria de bom grado.

Aproximei o rosto do dela e falei em um sussurro:

— Mas posso tentar te reconquistar?

Senti sua risada entrar em meu ouvido e se aconchegar dentro de mim.

— Quem disse que tinha me conquistado?

Um sorriso bobo apareceu em seu rosto quando se afastou de mim. Sem dizer mais nada, ela se virou e foi embora. Fiquei a observando até que sumisse

no horizonte.

Eu também sorria para o nada, diante da possibilidade de algo bom voltar a acontecer em minha vida. Achava que, depois daquele tempo todo longe dela, o sentimento poderia mudar, mas tê-la tão perto causava tudo de novo, como se ela não tivesse se afastado nem por um segundo. Talvez eu tivesse que aceitar que Henrique estivesse certo. Eu não me envolvia com qualquer pessoa, mas, quando fazia, era porque ela se tornara importante para mim.

— Matteo. — Arthur apareceu do meu lado com o corpo encolhido.

Toda a felicidade que eu estava sentindo foi por água abaixo quando escutei sua voz. Ele usava óculos, boné e tinha até um bigode falso.

Virei-me para ele e falei:

— Thomas é meu filho, e eu não quero que você se aproxime dele, nunca mais.

Passei ao seu lado sem falar mais nada, mas ele veio atrás de mim.

— Eu não sabia — admitiu, puxando-me para um canto da entrada do hospital. — Vocês estavam tentando engravidar fazia anos, nós sempre nos protegemos. Eu nunca a deixaria seguir com isso se soubesse, Matteo.

Ele queria mesmo que eu acreditasse? Era bem fácil jogar a responsabilidade no colo de quem não estava mais lá para se defender. Não que Marina fosse santa — descobrira da pior maneira que não era —, mas não acreditava que tivesse feito tudo sozinha.

— Você quer mesmo que eu acredite nisso? Deve achar que tenho cara de otário para vir com isso para cima de mim, mas eu estou pouco me fodendo para o que você sabia ou não sabia. O que eu sei é que Thomas é meu filho e você não vai tirá-lo de mim.

Ele deu um passo para trás quando fui em sua direção com os punhos cerrados.

— Eu nunca faria isso.

Arthur tinha baixado por completo a guarda. Toda sua pose se esvaíra. Ao que tirou os óculos para me olhar nos olhos, percebi que os dele estavam vermelhos e um pouco inchados. Porém, depois do que ele fizera, poderia chorar a vida inteira que eu não me importaria.

— Claro que não faria, porque eu não vou permitir. Fique longe de nós.

Passei por ele mais uma vez.

— Matteo, por favor, não faz isso. Eu não o quero como filho, mas não me corte da vida dele.

Eu não respondi, apenas segui meu caminho até o quarto onde Thomas estava, tentando não carregar a raiva que sentia de Arthur até lá. Meu filho só existia por conta da traição deles, mas eu nunca os perdoaria por terem feito aquilo pelas minhas costas.



CAPÍTULO 40

Matteo

Henrique, que até então não estava me levando a sério, sentou-se na poltrona em minha frente e leu novamente o papel que entreguei a ele. Tinha o cenho franzido e batucava com o pé no chão.

— Isso é algum tipo de brincadeira?

— Você acha mesmo que eu brincaria com uma merda dessas, Henrique?

— Joguei a cabeça para trás e encarei o teto.

Ele não respondeu. Continuou em silêncio, lendo e relendo o que tinha nas mãos.

Fazia dias que pesadelos de Thomas sendo levado de mim preenchiam minhas noites mal dormidas.

Relutara em fazer o teste de DNA. Por semanas depois do acidente de Thomas, pensara em apenas esquecer e fingir que nunca tinha acontecido, mas, no final, eu precisava da comprovação. Mesmo que a tipagem sanguínea já fosse indicativo suficiente, ainda existia um resto de esperança de que tudo não passasse de uma grande coincidência — embora estivesse apenas

tentando me enganar, pois a verdade estava em cada fio de cabelo dourado do meu filho.

Não me sentia apenas traído, mas também envergonhado por nunca ter sequer desconfiado. Não conseguia tirar de mim o sentimento de que fora ingênuo e burro. Por isso, não queria compartilhar sobre Thomas com mais ninguém. Porém não poderia correr o risco de deixar para lá e, um dia, Arthur aparecer à minha porta dizendo que viera buscá-lo. Por mais que tivesse dito que nunca faria aquilo, se eu acreditasse em sua palavra depois de tudo que fizera, poderia tatuar a palavra “estúpido” em letras garrafais no meio da testa.

Para garantir não ser passado para trás mais uma vez, precisava de um advogado. Pensara até em procurar outra pessoa para não ser obrigado a contar para Henrique, porém não poderia confiar o destino do meu filho a mais ninguém. Mesmo não sendo a área dele, sabia que faria de tudo que estivesse ao seu alcance para me ajudar.

— Ele pode pedir a guarda de Thomas? — perguntei, depois de não aguentar mais seu silêncio.

Henrique levantou o olhar do papel e piscou algumas vezes.

— Pedir ele pode, mas não acho provável que consiga. — Ele levantou, colocou o papel na mesa e virou-se de costas para mim, observando o jardim.
— Por que você acha que ele faria isso agora?

— Eu não sei, só não quero ser pego de surpresa, caso aconteça.

Estava com raiva, mas o pior de tudo era que, sempre que imaginava como seria se tivesse descoberto antes, pegava-me querendo ser enganado de novo. Se fosse diferente, eu não teria Thomas. E, apesar de qualquer traição e do sangue que corria em suas veias, eu o amava mais que tudo. A ideia de

perdê-lo para o último acidente me causara uma dor física e insuportável. Não existia lugar no mundo para mim, se ele não estivesse por perto.

Não precisava de nada que comprovasse nosso vínculo. Eu era pai dele, independente do que aquele pedaço de papel dizia.

Henrique virou-se para mim.

— Se ele tentar, eu acabo com ele, Matteo.

Meu amigo sempre exalava tranquilidade, mesmo quando algo o corroía por dentro. Aprendera bem como suas emoções poderiam ser usadas contra ele, no meio que trabalhava. Porém, diante do assunto, não conseguia disfarçar o desprezo na voz. Suas mãos estavam apertadas em punhos, e uma veia saltava em sua testa.

Antes que conseguisse agradecer a ele, a porta do escritório se abriu, e Henrique voltou a se controlar para que ninguém mais notasse sua raiva.

Era Cecília, e levantei-me rápido para esconder o papel em cima da mesa. Guardei-o dentro da gaveta e tranquei com a chave.

— Sério que vocês dois vão passar a festa inteira trancados aqui? — Sua voz já estava começando a ficar embargada, e talvez estivesse na hora de suspender o álcool.

— Nós estamos um pouco ocupados — falei.

— Tudo bem. — Ela deu de ombros. — Vou falar pra Isabella que você não quer ir receber os parabéns.

— Isabella está aqui? — perguntei.

Henrique olhou para mim e acenou com a cabeça, em uma ordem silenciosa para que eu fosse logo. Não a via desde o dia no hospital, quase um mês atrás. Mesmo tendo falado que não sabia se conseguiria me perdoar, ela

passara a responder cada um dos meus bilhetes. Devolvia ao entregador, e ele deixava na floricultura para mim. Apesar de meu número continuar bloqueado em seu celular, as respostas me davam esperança de que nossa situação ainda pudesse ser resolvida.

Vinha me sentindo em um romance da década passada, com aquela troca, e, por incrível que parecesse, estava gostando. Receber os cartões costumava ser um dos pontos altos do meu dia.

Na semana anterior, no lugar do bilhete, havia colocado o convite para o meu aniversário em uma das rosas — o único que não fora respondido. Não estava com vontade nenhuma de uma comemoração, mas achava que seria a oportunidade perfeita para encontrá-la, sem que parecesse ter segundas intenções envolvidas, apesar de ter, sim.

Só chamara alguns amigos para o que deveria ser uma reunião bem íntima, porém minhas irmãs não sabiam o significado de “festa pequena”, e a casa estava mais cheia do que eu gostaria.

Visualizei Isabella assim que coloquei os pés na escada. Ela estava agachada, conversando com Thomas, e, pelo que parecia, o apresentava para uma menina um pouco menor do que ele. Depois de um longo abraço e vários beijos, as crianças saíram correndo, e Isabella falou alguma coisa com a mulher ao seu lado. Eu a reconheci de algumas fotos como sendo a prima dela, Alice. Ainda não havíamos sido oficialmente apresentados.

Depois de quase três horas de festa, já não havia em mim nenhuma expectativa de que ela fosse aparecer, mas lá estava. Não usava as roupas ou a maquiagem que ganhara para nossas férias — estava de jeans e *All Star*, uma

mochila nas costas e o cabelo preso em um rabo de cavalo — e, mesmo assim, continuava sendo a mulher mais bonita de todo o local.

— Vocês vão ficar só aí babando ou vão recepcionar as convidadas? — Cecília perguntou, e me dei conta de que Henrique estava ao meu lado, encarando na mesma direção.

— Ah, vai se foder — falei. — Tira o olho.

Ele riu e balançou a cabeça, em negativa.

— Eu não estou olhando para ela, senhor Possessivo.

Alice nos viu primeiro e acenou para ele, que me deu um sorriso a fim de mostrar que seu alvo era outro.

Isabella seguiu o olhar da prima e me viu descendo as escadas. Ela sorriu, mas não era seu sorriso leve de sempre. Veio em minha direção e me encontrou no meio do caminho.

Pareceu não saber como me cumprimentar, e eu não gostei da estranheza. A puxei para um abraço e, assim que ela desejou feliz aniversário ao pé do meu ouvido e sua boca tocou minha bochecha, tive que me segurar para não virar um pouco mais e sentir seus lábios nos meus.

— Achei que você não viesse mais — falei, tentando me recompor.

— Quase não vim mesmo, estava na aula. — Girou um pouco e apontou para a mochila. — Quem dá uma festa no meio da semana?

— Aula?

Verônica e Cecília não me contaram nada sobre ela estar estudando. Na verdade, nem mesmo Henrique. Ele estava tão próximo de Alice que, com certeza, sabia também.

— Tô fazendo supletivo junto com a minha mãe — confessou, com o sorriso que eu adorava tomando conta de seu rosto. Por um momento, pensei em Clara fazendo supletivo, mas depois entendi que ela estava se referindo a Raquel. — Acho que, até o ano que vem, consigo entrar para a faculdade.

— Isso é incrível.

Isabella concordou.

— Olha, eu não posso ficar muito tempo. Amanhã preciso acordar cedo — ela abriu a mochila, tirou de lá uma caixa preta com um laço vermelho e a estendeu para mim —, mas queria te dar isso aqui.

Peguei para mim e puxei o laço, porém fui impedido de continuar. Ela colocou a mão sobre a minha e falou:

— Depois que eu for embora, você abre.

A curiosidade começou a me corroer, mas concordei e pedi que me acompanhasse para que eu guardasse no escritório. Ela subiu as escadas comigo, e coloquei o presente na mesa. Então, virei-me e a encontrei me observando da porta, assim como fizera quase quatro meses antes.

O Matteo do passado não fazia ideia da forma como aquela mulher iria virar sua vida de cabeça para baixo em tão pouco tempo.

— Está querendo me fazer outra proposta, senhor Não Posso Dizer Meu Nome? — Isabella fechou a porta atrás de si.

Segurei a vontade de sorrir e tentei ficar sério.

— Não sei se as propostas que estão passando pela minha cabeça seriam apropriadas. Talvez precisássemos de um contrato para definir algumas regras.

Ela mordeu o lábio inferior e andou em minha direção, até estar próxima o suficiente para que eu conseguisse alcançá-la.

— Regra número um: é proibido tocar.

Isabella estava flertando comigo. Eu não estava imaginando coisas, estava?

Levei a mão ao seu quadril, quase em um movimento involuntário. Com ela tão próxima, não consegui evitar. Passava tanto tempo imaginando como seria poder tê-la em meus braços outra vez, que a ideia disso acontecer me deixava em êxtase.

— Eu falei que é proibido tocar.

Deslizei a mão até sua cintura, e ela fechou os olhos com uma respiração profunda antes de segurar meu pulso e afastar de si. Logo depois, segurou minha outra mão e as colocou nas minhas costas, fazendo com que seu corpo se unisse ao meu para conseguir segurá-las atrás de mim. Sabia que, se fizesse um pouco mais de força, conseguiria escapar de seu aperto, mas eu não queria escapar.

— Não acho que seja justo só você poder me tocar.

Ela levantou o rosto, e agora nossas bocas estavam a centímetros de distância. Conseguia sentir sua respiração e, se me inclinasse um pouco, poderia beijá-la.

— Quando só você podia me tocar, era justo, né?

Não respondi, porque seus lábios se aproximaram mais e encostaram nos meus.

— O que estamos fazendo, Matteo? — perguntou com um sussurro em minha boca. — Entrei aqui planejando ter uma conversa e estou quase pulando em cima de você. Deve ter a ver com meu ciclo menstrual, eu não sou assim.

Comecei a rir, e ela me olhou com indignação. Soltei as mãos das costas e usei uma delas para puxá-la pela cintura. Com a outra, segurei seu rosto, para que olhasse em meus olhos.

— Por acaso, você tentou agarrar todo homem que passou pela sua frente, hoje?

— Claro que não! — Sua voz saiu esganiçada, e percebi que devia ter entendido errado a intenção da pergunta.

Resolvi completar rápido minha lógica, antes que ela decidisse que não queria saber:

— Então talvez você deva considerar que não é o seu ciclo menstrual, e sim eu, quem te deixa assim.

Ela estava pronta para retrucar, mas a puxei para mim e beijei seu pescoço, depois sua mandíbula e o canto de sua boca. Senti seu corpo se entregando. Ela segurou minha camisa e levantou o rosto, mas, no momento em que a beijaria, se afastou. Deu um pulo para trás.

— É meu ciclo menstrual, eu tenho certeza. Devo estar ovulando.

Neguei com a cabeça e segurei a risada, mas o sorriso forçou passagem e não consegui contê-lo. Eu estava sentindo falta de seu humor, da maneira fácil com que me fazia rir, a forma como tornava o mundo mais leve e bonito. Mesmo com todos os motivos para me odiar e se revoltar com a vida, lá estava ela, sorrindo e correndo atrás de seus sonhos.

Meu peito se apertou ao me dar conta do que estava sentindo.

— Nós não podemos fazer isso antes de esclarecer tudo, Matteo. Meu cora... — Ela parou a frase pela metade e olhou para mim. — Meu coração não aguenta passar por mais uma queda.

— Isabella, eu fui um idiota. Não só com você, mas com a minha família. Você não imagina o quanto me senti um merda por tudo que fiz. — Dei um passo para frente e acariciei seu rosto. — Me perdoa.

Ela fez que sim.

— Nem consegui te odiar por tanto tempo. — Revirou os olhos. — Você me magoou, e juro que tentei ficar com raiva, mas não sou assim. Não consigo guardar esse ódio aqui dentro.

Consegui sentir o pulsar do meu coração quase na boca. O alívio tomou todo meu corpo ao escutar suas palavras.

— Fica comigo aqui, hoje. — A frase deixou minha boca antes que eu conseguisse pensar direito nela.

Sua mão cobriu a minha em seu rosto, e ela negou.

— Não quero só uma noite, Matteo. — Um sorriso triste mudou sua expressão. — Esse é o problema. Você deixou bem claro que eu merecia mais do que o pouco que podia me dar, e eu concordo. Não posso deixar você voltar para a minha vida se não for para te ter por inteiro.

Queria gritar que eu daria tudo. Nada do que eu sentia por ela era pela metade. Sentia sua falta em cada um dos dias que ficávamos separados, me pegava sorrindo para bilhetinhos como um adolescente, estava completamente entregue. Porém as palavras não saíram dos meus lábios.

Tudo que passava em minha cabeça era um filme das vezes que dissera “eu te amo” para Marina, dos momentos em que o sentimento havia me preenchido e eu achara ter encontrado a mulher da minha vida. Em seguida, vinham suas mentiras, mostrando o que acontecia quando eu me entregava.

Isabella acenou com a cabeça quando fiquei em silêncio por tempo demais. Muito mais do que ela merecia.

— Feliz aniversário, Matteo.

Ela virou as costas e saiu correndo de lá, enquanto eu encarava a porta, ainda perdido em pensamentos. Quando me dei conta da merda que fizera, corri atrás dela, só para encontrar Verônica, no meio do caminho, me chamando de babaca. E eu não tirava sua razão.

— Eu vou atrás dela — falei.

Minha irmã me segurou.

— Eu acho que você deveria ver seu presente primeiro.

Voltei ao escritório e abri a caixa. Dentro dela, havia um bilhete:

Se você ainda quiser meu perdão, venha até o lançamento do meu livro amanhã.

P.S.: Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência (ou não).

Logo abaixo, estava um livro. Tirei o bilhete da frente para ver o nome dela em destaque na capa. Ela tinha mesmo conseguido.

Virei para a contracapa e li a primeira linha da sinopse:

Um contrato. Um mês em uma ilha. Um namoro falso. Eles juram que não vão se apaixonar.

Ela havia escrito uma história sobre nós dois — páginas e mais páginas —, e eu não fora capaz de dizer uma palavra. Verônica não estava errada em me chamar de babaca.



CAPÍTULO 41

Isabella

— Eu estou tão orgulhosa de você — minha mãe falou depois de receber um exemplar autografado. Obviamente eu a impediria de ler meu livro, mas era incrível poder mostrar para ela que, independente de qualquer coisa que tivéssemos passado, ela conseguira me proporcionar a realização de um sonho.

Ela ainda estava se recuperando da cirurgia, fazendo fisioterapia e voltando à vida normal aos poucos, mas não reclamava mais de dores e tinha um brilho nos olhos que eu nunca vira antes. Irradiava ainda mais quando Luiz estava por perto.

Eu conseguia até relevar a presença de Rebeca, só por saber que os dois estavam felizes. Eles até haviam tentado fazer com que nos tornássemos amigas, mas, embora aceitássemos que isso nunca iria acontecer, convivíamos melhor do que eu esperava. Conseguíamos até nos cumprimentar na rua, quando nos cruzávamos, e eu já nem revirava os olhos depois.

O lugar estava lotado, e passei a noite inteira autografando e tirando fotos com todos que chegavam lá. Estava me sentindo quase uma celebridade — era

a minha noite, minha estreia, mas as coisas ainda não pareciam certas. Ainda faltava uma pessoa.

Cada um que entrava no salão recebia meu olhar esperançoso de ser ele, mas nunca era. Quanto mais as horas iam passando, menor ficava minha expectativa de que viesse. Mesmo que, na noite anterior, tivesse ficado bem claro que ele não se sentia da mesma forma que eu, a esperança ainda fazia morada em mim.

E pensar que, no início de tudo, achava que seria uma exceção à regra. Sempre me sentindo tão durona, a garota que não se apaixonava, coração gelado, havia caído logo em um buraco cheio de complicações e tormentos.

Verônica se aproximou da mesa e falou que batemos todas as metas de vendas. Ela fora a pessoa a mergulhar de cabeça comigo no lançamento, implorando que eu a deixasse organizar tudo só para manter a mente ocupada. Consequira convencer uma amiga, dona de editora, a ler meu texto e agora era quase uma agente para mim, só que sem a parte da remuneração.

Eu permitia que ela me ajudasse porque era visível o quanto estava esgotada. Ela queria o divórcio do marido, mas ele insistia em continuar tentando. Enquanto a crise rolava por debaixo dos panos, os dois posavam como o casal apaixonado que não eram mais. Na verdade, depois de tudo que eu tinha visto, nem sabia se já haviam sido.

— Essa sinopse — Henrique falou quando chegou a vez dele. — Eu acho que vi isso em algum lugar. Aposto que tem um advogado bonitão no meio disso tudo.

— Como você sabe? Ele é maravilhoso mesmo, é o melhor amigo do meu protagonista.

— Ele deveria ser o protagonista.

— Aí teríamos um romance gay — Alice falou, passando na frente dele e me estendendo o próprio livro.

Henrique franziu o cenho e me perguntou:

— Ela está mentindo, né?

Neguei com a cabeça, tentando segurar o riso. Todos sabiam que eu tinha baseado a história no que acontecera comigo e Matteo, mas era um livro de ficção — eu não tinha seguido ao pé da letra todos os acontecimentos. Até porque, se tivesse, o final não seria feliz.

— E como você vai escrever, agora, a continuação, quando a prima da protagonista não aguenta mais segurar o tesão por ele e acaba o agarrando no meio de uma livraria?

— Nem nos seus sonhos mais loucos, bebê — Alice respondeu e deu dois tapinhas em seu ombro.

Os dois viviam se provocando, mas eu sabia que nunca passaria daquilo; pelo menos, não enquanto ela ainda não tivesse a guarda de Yasmin.

— Já sei — Henrique falou quando devolvi seu livro autografado. — A prima vai atacar o advogado, e ele vai perceber que, na verdade, gosta das duas frutas. Problema resolvido.

Eu gargalhei, e os dois saíram discutindo, pois Henrique estava agindo como se fosse um problema real que precisasse resolver.

Clara logo chegou com Francisco e Thomas. Parecia que estavam resolvendo o problema da traição. Minha mãe não me dera muitos detalhes, mas eu sabia que ela era contra os dois continuarem juntos, porém sua irmã não era conhecida por seguir seus conselhos, certo?

Minha relação com Clara ainda era um pouco estranha, mas eu não sentia raiva por ela ter feito o que fez. Não tinha como julgá-la depois do que havia passado.

Thomas correu em minha direção. Era um alívio vê-lo bem. O dia no hospital fora assustador. A possibilidade de nunca mais o ver me destruíra de uma forma que eu não esperava. Nem mesmo sabia de onde tinha tirado forças para ajudar Matteo, quando estava despedaçando junto com ele.

O menino parou ao meu lado:

— O papai mandou te entregar isso aqui. — Ele estendeu uma rosa, mas, pela primeira vez, ela não estava acompanhada de nenhum bilhete. Meu coração apertou no peito. Ele não viria. Caso contrário, não teria mandado a flor por Thomas. — Vocês vão beijar na boca hoje?

A próxima pessoa que estava na fila, esperando para ter o livro autografado, segurou uma risada, e eu não soube onde enfiar minha cara.

— Quem te falou isso?

— Porque, quando namora, beija na boca. Por isso que eu não vou namorar nunca. — Ele fez uma careta de nojo, e todos riram.

Eu não sabia de onde ele havia tirado aquelas coisas, mas preferi não questionar mais, enquanto outras pessoas assistiam. E, bom, não poderia dizer que não ficava um pouco aliviada de ouvi-lo falar que nunca faria aquilo; era só uma pena que ele fosse crescer e provavelmente mudar de ideia. Seria tão bom se preservasse sua inocência.

Peguei a rosa para mim e o puxei para beijá-lo. Thomas se esquivou quando falei que não o soltaria mais e depois saiu correndo, quando Yasmin o chamou. Os dois eram bem opostos, mas tinham se dado muito bem.

Os minutos foram passando, e a maioria das pessoas já tinha ido embora. Quando Cecília me informou que faltava apenas meia hora para fechar a livraria, senti esvair o restante da esperança que ainda tentava se segurar. Ele não viria.

Meu pedido fora demais. Era óbvio. Onde eu estivera com a cabeça de falar que precisava dele inteiro? Claro que Matteo fugiria correndo para as montanhas. Ele tinha acabado de perder a mulher, um relacionamento de anos, e provavelmente o que mais queria era curtir ao máximo a vida de solteiro, não se amarrar a uma louca que se apaixonara por ele. Era melhor eu me conformar que não estávamos em um conto de fadas. Ele não apareceria no cavalo branco.

Cecília estava doida para sair de lá acompanhada pelo dono da livraria, e eu só estava atrapalhando tudo. Os dois falaram que levariam as caixas até o carro, mas, pela forma com que se olharam, eu tive certeza de que iriam demorar mais tempo do que o serviço pedia.

Coloquei os últimos livros dentro de uma caixa e escutei o barulho na porta, de novo. Até que não tinham demorado tanto quanto eu imaginava.

— Eu cheguei um pouco atrasado, mas será que ainda posso pegar meu autógrafo?

Ouvi-lo foi como descer a queda de uma montanha-russa: um frio na barriga tão intenso, que tive vontade de gritar e dar pulinhos com tanta adrenalina correndo em minhas veias. Porém, em vez disso, virei-me e tentei me manter séria.

Ele estava lindo. Usava óculos novos, ou, pelo menos, diferentes dos que eu já conhecia. Eu não sabia por que usava lentes de contato a maior parte do

tempo, quando ficava malditamente sexy daquela forma. E sorriu para mim com seu exemplar de *O contrato do CEO* nas mãos.

— Sinto muito, mas a sessão já acabou.

Matteo se aproximou e me estendeu o livro.

— Tenho certeza de que você pode abrir uma exceção para a pessoa que serviu de inspiração para o seu protagonista.

Peguei a brochura nas mãos e percebi que estava toda marcada. Folheei para encontrar comentários como “Fala sério! Ela já estava me querendo desde esse dia, e eu não percebi?” logo no início, “Isso não aconteceu desse jeito” sobre ele ser indeciso e eu não entender seus sinais e “Eu sabia que era muito bom nisso” nas partes mais quentes. Ele tinha lido tudo. Nem um comentário havia passado despercebido e, pela primeira vez, me arrependi de ter dado a ele um exemplar.

Lá estavam todos os meus pensamentos, abertos para que lesse, relesse e visse quão tola eu fora de me apaixonar, mesmo quando ele havia dito que não poderia ser quem eu precisava.

Procurei pela página em que confessava tudo, no final do capítulo trinta e um. “E foi assim que percebi que meu coração estava caindo, sem rumo, de encontro ao dele” e, logo abaixo, tinha mais um comentário: “O meu também caiu. Eu só não estava pronto para admitir ainda”.

Foi quando achei que meu coração havia se desfeito dentro do peito e dado lugar a um bumbo, que batia tão alto que eu era capaz de escutar cada pulsar.

Matteo tirou o livro da minha mão e o colocou em cima da mesa. Então ajeitou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e levantou meu queixo para

que eu olhasse para ele.

— Eu odiaria te beijar agora — falou, e a conversa com Thomas veio à minha cabeça.

— Você, por acaso, falou para Thomas que ia me beijar?

Ele riu. Não importava quanto tempo passasse, o som ainda ecoava dentro de mim.

— Por que eu falaria isso para o meu filho?

— Eu não sei, mas ele me perguntou se nos beijaríamos, porque era o que os namorados faziam.

— Ah, isso. — Ele olhou para o lado e respirou fundo. — Talvez tenha conversado com ele sobre namorar alguém, para saber como ele se sentiria. Precisava saber se meu filho estava de acordo, mas acho que ele deduziu sobre quem eu estava falando.

O sorriso preencheu meus lábios. Era fofo da parte dele querer deixar Thomas a par de tudo; afinal, o filho sempre seria a prioridade na vida de Matteo. Saber que eu era importante a ponto de merecer uma conversa fez com que algo aquecesse dentro do meu peito.

Ele não falaria com Thomas a não ser que quisesse algo sério comigo. Eu podia duvidar dos seus sentimentos, mas sabia que ele nunca colocaria o filho no meio, se não estivesse disposto a aceitar o que eu propusera.

Talvez devêssemos conversar e colocar todos os pingos nos “is”, mas conversar não era uma das urgências na minha cabeça. Eu só queria fazer coisas que não eram permitidas em uma livraria, então peguei a última caixa e segurei sua mão.

— Vamos dar o fora daqui.

Ele não saiu do lugar, fazendo com que eu me virasse para saber por que não se movia.

— Antes, eu preciso revelar uma coisa.

Matteo estava sério, e meu coração começou a vacilar.

Ele pegou seu livro na mesa e o levantou para que eu visse a capa, então apontou para o título.

— Eu não sou CEO, sou só o diretor de operações — falou baixo, como se estivesse me contando um grande segredo. — Sinto muito te desapontar, mas ainda não sou o cara que manda em tudo dentro da empresa. Você acha mesmo que eu conseguiria tirar um mês de férias, se fosse?

— As pessoas gostam de CEOs na ficção, então vamos manter isso só entre nós dois.

Ele concordou e me puxou pela cintura, fazendo com que eu deixasse a caixa cheia de livros cair no chão, mas não estava me importando em ter que ficar com alguns livros amassados.

— E você, do que gosta? — Seu tom era rouco e baixo.

— Eu gosto de você.

Matteo sorriu e acariciou meu rosto.

— Que bom, porque eu estou pronto para te dar mais do que apenas alguns pedaços de mim, Isabella.

Foi a última coisa que falou antes de eu não conseguir mais me segurar. Joguei meus braços em torno dele e o puxei para mim. Nossas bocas se encontraram no meio do caminho, matando toda a saudade que sentiam, uma da outra. Ele me abraçou com força, e eu soube que não queria sair dali, nunca mais. Era o tipo de beijo dos finais felizes dos livros que eu tanto amava. O beijo

que colocaria um ponto-final naquela etapa da história, mas que era só o começo de todas as aventuras que ainda viveríamos juntos.



EPÍLOGO

Isabella

Acordei com algo pesado sobre minha barriga e abri os olhos para encontrar uma das pernas de Thomas jogada em cima de mim. O quarto estava escuro e a televisão, ligada no jornal. Nós dois devíamos ter pegado no sono em algum momento. A caixa de pizza ainda estava aberta no outro canto da cama. Levantei rápido, buscando por meu celular, e já passava das oito horas da noite. Minha cabeça latejou com o movimento abrupto e levei a mão até ela.

— Merda, merda, merda — xinguei baixo.

Eu tinha que ter ido para a faculdade duas horas atrás. Como havia apagado por tanto tempo, e onde Matteo se enfiara que não tinha me acordado?

— Arthur Martino foi conduzido até a delegacia, nesta noite, após se envolver em uma briga — falou a âncora do jornal, chamando minha atenção. — Acompanhem a reportagem.

Olhei para a televisão e observei a repórter narrar a briga que outras pessoas presenciaram dentro de um bar, no Rio de Janeiro. Os escândalos só

se acumulavam em cima dele. O artista que já fora o queridinho do Brasil, agora, se afundava cada dia mais.

Era triste ver alguém de quem eu costumava ser fã se provar tão ruim. Ele parecia ter simplesmente desistido da figura de bom-moço e não ligar mais para a constante mídia negativa ligada ao seu nome.

Escutei passos no corredor e desliguei a televisão. Não queria que Matteo visse aquilo. Arthur ainda era um assunto delicado, e eu não queria ter outra discussão sobre contar ou não a verdade para Thomas. Mesmo que tocasse em um ponto bem pessoal para mim, eu nem imaginava como seria estar no lugar dele, além de concordar que talvez o menino ainda não tivesse idade suficiente para compreender.

Ele abriu a porta com um copo de água nas mãos.

— Você deveria ter me acordado. Eu te falei que não podia perder essa prova.

Matteo respirou fundo, mas não me respondeu. Veio em minha direção e estendeu as mãos, uma com o copo e outra com um comprimido. Eu peguei tudo e tomei.

— Isabella — ele me puxou pela cintura e me envolveu com os braços —, você estava ardendo em febre, não vai a lugar nenhum hoje. Eu não estou nem aí para a sua prova.

— Mas...

Ele colocou o dedo em minha boca.

— Não adianta insistir. — Virou-me para a cama. — Deita aí e me deixa cuidar de você.

— É só uma febre sem motivo — resmunguei, mesmo que meu corpo inteiro parecesse ter sido atropelado por um caminhão.

Passei por ele e fui em direção ao closet, em busca de uma roupa para me trocar, mas não consegui chegar nem perto do meu destino. Matteo me pegou no colo, e eu gritei. Levei a mão à boca, em seguida, com medo de acordar Thomas. Se ele acordasse àquela hora, só dormiria de novo com o dia quase amanhecendo.

— Por que eu tinha que me apaixonar por uma mulher tão teimosa, meu Deus?

— Por que eu tinha que me apaixonar por um homem tão mandão?

Ele me colocou na cama e deu um beijo rápido em minha boca.

— Se você tentar levantar de novo, vou te amarrar aí.

Mordi o lábio para tentar provocá-lo, mesmo sabendo que não devia estar tão bem aparentada.

— Vai me amarrar e fazer mais o que comigo, Matteo?

Ele cerrou os olhos para mim e passou a língua pela boca. Depois me lançou um sorriso que fez meu coração acelerar e meu ventre aquecer com a expectativa do que prometia.

A Isabella de um ano atrás provavelmente estaria horrorizada com o quão safada havia me tornado, mas o que eu podia fazer se meu namorado despertava o pior em mim? Ou talvez o melhor. Não tinha nada de ruim no que fazíamos.

— Acho que preciso levar Thomas para o quarto dele. — Matteo foi até o outro lado da cama. — Segura esse pensamento por um minuto, eu já volto.

Pegou com cuidado o filho apagado no colo, beijou o rostinho dele e saiu pela porta. O carinho que Matteo tinha com Thomas às vezes fazia meu útero pedir por uma criança, mas depois eu voltava a mim e me perguntava de onde estavam vindo aqueles pensamentos. Era incrível como o homem estava mudando meu modo de ver várias coisas que eu dizia não querer, antes dele.

Joguei os pensamentos para longe, quando ele voltou e levantou uma algema de brinquedo nas mãos — a qual eu já sabia ser bem mais forte do que deveria. Mesmo com o corpo parecendo que desmontaria a qualquer segundo, fiz sinal para que se aproximasse mais.

Matteo subiu na cama, apoiando-se com um joelho de cada lado do meu corpo, mas sem descansar seu peso em mim. Colocou a algema na boca, segurou minhas mãos e as ergueu até ficarem em cima da minha cabeça. Tentei levantar o quadril para provocá-lo, mas não tive forças.

Ele prendeu a algema em uma das minhas mãos, mas, antes de prender a outra, acariciou toda a lateral do meu corpo, até parar em meu rosto. Abaixou-se e me deu um beijo. Enquanto fazia isso, subiu a mão até a algema, mas, em vez de fechá-la em meu outro pulso, colocou-a em outro lugar.

Virei-me para cima, a tempo de ver que o outro lado estava preso nele mesmo.

— Agora você não vai a lugar nenhum — falou e saiu de cima de mim, sentando-se ao meu lado.

Olhei para ele, sem acreditar que estava fazendo aquilo.

— Você está negando o sexo selvagem que estou te oferecendo?

— Isa, você mal está conseguindo abrir os olhos — respondeu numa risada.

— Isso não é verdade. — Forcei minhas pálpebras a abrirem mais, porém a luz forte fez com que a dor de cabeça aumentasse e eles voltassem a se cerrar. — Tudo bem, talvez eu esteja com enxaqueca.

Ele deitou de lado e virou meu rosto para olhar em seus olhos.

— Quando você vai deixar de ser teimosa e permitir que eu cuide de você?

Meu coração errou uma batida, enquanto seus dedos acariciavam meu rosto. Estava acostumada a ir trabalhar em qualquer condição. Não podia me dar ao luxo de ficar um dia em casa porque estava gripada ou com dores no corpo. Era como eu fora programada para ser. Depois de tanto tempo agindo assim, era difícil me permitir sentir as dores e o cansaço e dar tempo ao meu corpo para se recuperar.

Aproximei um pouco mais meu rosto do dele e o beijei. Era a forma que eu tinha de agradecer por tudo que me dava. Pela primeira vez em tantos anos, eu não precisava ter o controle do mundo nas mãos, e era tão bom ser cuidada, sentir que o que palpitava dentro do meu peito era recíproco.

Aconcheguei-me em seu abraço e deixei meus olhos se fecharem.

Acordei escutando sua voz sussurrar ao meu ouvido. Não me movi e tentei fingir que ainda estava dormindo. Ele desabafou sobre os medos que tivera depois de falar na livraria que iria se dar por inteiro e que, em alguns momentos, ainda batia uma insegurança terrível, que dizia que ele não era o suficiente e que a história se repetiria, mas ele sabia que eu não era ela. Quase me entreguei nessa hora, mas me contive para não atrapalhar seu desabafo. Até que ele falou:

— Será que, um dia, você vai aceitar casar comigo? — Seus dedos se entrelaçaram com os meus, e ele levantou nossas mãos unidas.

— Sim — respondi de olhos ainda fechados.

Lá estava a pergunta que estava na minha cabeça havia meses.

Senti Matteo se mover e acreditei que tentava olhar meu rosto para ter certeza de que eu acordara, mas, pelo jeito, não teve sucesso, pois perguntou se eu estava acordada.

Olhei para ele e sorri.

— Você acabou de dizer que aceita se casar comigo?

Não respondi. Tentei levantar da cama, mas acabei sendo puxada de volta, pois nossos pulsos ainda estavam presos. Apertei o botão para me soltar enquanto observava seu olhar de pavor pela falta de resposta.

Fui até a bolsa, tirei de lá a caixinha com as alianças que comprara pouco mais de um mês antes e sentei-me novamente ao seu lado.

Abri-a e mostrei para ele.

— Eu estava planejando um jantar romântico, em um dia que eu estivesse bem o suficiente para deixar a música do Luan Santana no chinelo e, em vez de acordar todo o prédio, acordar todo o bairro para fazer inveja no povo, mas, se o plano tivesse dado certo, não seríamos nós dois, né? É bom que assim você já sabe onde estará se metendo, porque, se você me ama descabelada, sem maquiagem e quase morrendo, como estou, é provável que isso tenha futuro. — Respirei fundo, parando de enrolar, e fiz o pedido: — Aceita se casar comigo, Matteo?

Ele parecia um computador atualizando o sistema depois de uma grande pane. Olhou de mim para as alianças várias vezes, até que sorriu e puxou meus lábios para o seu. Só não estava pirando pela falta do “sim” porque ele fizera o pedido primeiro, e o beijo capaz de deixar minhas pernas bambas devia ser

indicativo de que ele gostava da ideia, ou pelo menos era nisso que eu queria acreditar.

— Não tem nada que eu queira mais, nesse mundo, do que acordar com você descabelada e sem maquiagem, todos os dias. Você continua linda, mesmo que ache que não, mas sua beleza não tem nada a ver com isso. O que me conquistou fica guardado aí dentro. — Ele me puxou para seu colo e afundou o rosto no meu pescoço, deixando alguns beijos. — Há quanto tempo isso está na sua bolsa? Achei que você não tivesse vontade de se casar.

Dei de ombros, fingindo que não estava derretendo por dentro, depois do que ele havia dito.

— Não tinha, até você aparecer e bagunçar tudo aqui. — Apontei para minha cabeça e depois para o peito. — E aqui. Você me trouxe sonhos e desejos que antes não existiam, porque eu não tinha ninguém que me fizesse acreditar que uma aventura dessas poderia ser incrível, mas agora acredito. Eu quero tudo com você, Matteo.

— Então vamos ter tudo.

Durante os beijos que demos a seguir, a vida pareceu ser perfeita. E eu consegui acreditar que tudo daria certo.

NOTA DA AUTORA

Primeiro, eu estou nervosa para saber sua opinião. Você gostou? Se puder deixar uma avaliação na Amazon com a resposta, vai me ajudar demais. Não precisa fazer uma superanálise da leitura, apenas deixar as estrelinhas e falar se gostou ou não já está de bom tamanho. Pode parecer pouca coisa, mas isso ajuda muito!

Segundo, se você já está pensando em me mandar mensagem para perguntar se vai ter o livro da Alice com o Henrique, deixa eu economizar seu tempo.

Não sei se você gostou mais de outros personagens, mas esses dois foram os campeões de questionamentos das minhas betas. Então, imagino que é o que deixará a maioria mais curiosa também.

Tenho uma notícia boa e outra não tão boa — para vocês, porque para mim as duas são ótimas.

A boa é que: SIM, teremos o livro dos dois.

A não tão boa é que: o livro deles não é o próximo. Tem outra história primeiro. Será que vocês adivinham de quem é? Podem me mandar as teorias! (Só não garanto falar se estão certas ou não.)

Este é o primeiro livro de uma série. Teremos mais quatro sobre personagens diferentes.

AGRADECIMENTOS

Eu sempre travo nessa parte, pois, apesar de ganhar a vida escrevendo, todas as palavras somem quando o assunto não é uma história de ficção e envolve minhas próprias emoções — sou péssima em colocá-las para fora. Porém não posso deixar de agradecer a todos que me ajudaram para que este livro existisse.

Vou começar pela pessoa que está sempre exigindo mais de mim e me inspirando a acreditar em finais felizes. Michell Loogan, você está longe da perfeição dos meus mocinhos, mas, sem você, não sei se conseguiria escrevê-los. Obrigada por ouvir todas as minhas ideias malucas e não me deixar desistir.

Minhas irmãs, Stella e Leandra, e minha cunhada, Julia, que sempre são as pessoas mais empolgadas nos feedbacks dos meus livros. Obrigada por vibrarem comigo a cada livro e por todo apoio. (Mas não fui eu quem escreveu as cenas hots deste livro, sou pura demais para isso. É verdade esse *bilete*.)

Para minhas salvadoras, minhas betas. Se não fosse por vocês, não conseguiria entregar esta história tão redondinha para as leitoras. Então, Cilla, Tay, Fabi, Virgínia, Elaine, Ellen, Alline, Carol,

Cleane, Noh, Pri, Binha e Jhen, obrigada por toparem essa loucura e serem incríveis em todo o processo. Um agradecimento especial à mais safada delas, que não vou expor, por me ajudar nas cenas hots — que ela achou leve demais e já está pedindo mais pimenta nos próximos livros. Será que devo?

Não posso deixar de agradecer também à minha revisora, Cínthia Zagatto, obrigada por deixar o texto todo lindo e fluido e, principalmente, por não me deixar parecer louca nos momentos em que eu fiz surgir objetos do nada nas mãos dos personagens. Tentarei prestar atenção nos meus vícios de escrita para te dar menos trabalho da próxima vez.

E, claro, não posso esquecer dos leitores. Você que acabou de me conhecer com este livro, ou que já está comigo desde “Nem o tempo”, muito obrigada por acreditar nas minhas histórias e fazer parte desse sonho.